

Uma explicação do

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS



EIS AQUI O VOSSO REI

Ger de Koning



O Evangelho segundo Mateus

Uma explicação do
**Evangelho segundo
Mateus**

Eis aqui o vosso rei

Ger de Koning

Eis! série #1

Traduzido do alemão por Werner Klaes (wklaes@yahoo.com.br): abril de 2023

Edição original holandesa :

Uitgeverij Daniel, Zwolle, Países Baixos

Loja online: www.uitgeverijdaniel.nl

Encomendas: info@uitgeverijdaniel.nl

Desenho da capa: Jan Paul Spoor

Paginação: Jan Noordhoek

Este comentário também pode ser lido no meu sítio Web www.kingcomments.com. Também pode ser lido em holandês, alemão e inglês no mesmo sítio.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida e/ou publicada – exceto para uso pessoal – por impressão, fotocópia, microfilme ou qualquer outro meio sem autorização prévia por escrito do autor.

Conteúdo

Utilização do texto	13
Traduções	13
Abreviação de Livros Bíblicos	14
Velho Testamento	14
Novo Testamento	15
O Evangelho de acordo com Mateus	16
Introdução	16
Mateus 1	18
Mat 1:1-17 A genealogia de Jesus Cristo	18
Mat 1:18-25 O nascimento de Jesus Cristo	19
Mateus 2	22
Mat 2:1-2 Os sábios do oriente	22
Mat 2:3-8 Reação de Herodes	22
Mat 2:9-12 Os magos com a criança	24
Mat 2:13-18 A Fuga para o Egito	25
Mat 2:19-23 De volta a Israel	26
Mateus 3	28
Mat 3:1-4 João Batista	28
Mat 3:5-6 O batismo de João	29
Mat 3:7-10 O sermão de João	30
Mat 3:11-12 João anuncia Cristo	31
Mat 3:13-17 O batismo do Senhor Jesus	32
Mateus 4	34
Mat 4:1-2 Tentação pelo diabo	34
Mat 4:3-4 A primeira tentação	35
Mat 4:5-7 A segunda tentação	36
Mat 4:8-10 A terceira tentação	37
Mat 4:11 O diabo foi vencido	38

Mat 4:12-17 Início do ministério na Galiléia	38
Mat 4:18-22 Chamando os primeiros discípulos	39
Mat 4:23-25 O Senhor ensina, prega e cura	40
Mateus 5	41
Mat 5:1-2 Na Montanha	41
Mat 5:3-6 Bem-aventurados-O primeiro grupo	42
Mat 5:7-9 Bem-aventurados-o segundo grupo	44
Mat 5:10-12 Resumo de ambos os grupos	44
Mat 5:13-16 Sal e Luz	45
Mat 5:17-20 A Lei e os Profetas	46
Mat 5:21-26 Homicídio e Ira	47
Mat 5:27-32 Adultério e Divórcio	49
Mat 5:33-37 O juramento	50
Mat 5:38-42 Vingança	51
Mat 5:43-48 Amor pelos inimigos	52
Mateus 6	54
Mat 6:1 Justiça Prática	54
Mat 6:2-4 Caridade	54
Mat 6:5-8 Orações	55
Mat 6:9-15 O Pai nosso	56
Mat 6:16-18 O jejum	58
Mat 6:19-21 Tesouros no céu	59
Mat 6:22-23 A lâmpada do corpo	59
Mat 6:24 Deus ou Mamom	60
Mat 6:25-34 Não seja ansioso	60
Mateus 7	63
Mat 7:1-6 Juízo temerário	63
Mat 7:7-12 Pedi, buscai, batei	64
Mat 7:13-14 Duas portas, dois caminhos	65
Mat 7:15-20 Falsos profetas	66
Mat 7:21-23 O Julgamento do Senhor sobre Falsos profetas	67
Mat 7:24-27 Dois tipos de fundamento	68
Mat 7:28-29 As multidões estão maravilhadas	70
Mateus 8	71
Mat 8:1 Grande multidão o segue	71

Mat 8:2-4 Purificação do leproso	71
Mat 8:5-13 O centurião de Cafarnaum	72
Mat 8:14-15 Cura da sogra de Pedro	74
Mat 8:16-17 Muitos são curados	75
Mat 8:18-22 Seguir ao Senhor	76
Mat 8:23-27 A tempestade no mar	77
Mat 8:28-34 Cura de dois endemoniados	78
Mateus 9	81
Mat 9:1-8 Cura de um homem paralítico	81
Mat 9:9-13 O chamado de Mateus	83
Mat 9:14-15 Jejum	85
Mat 9:16-17 O novo e o velho	86
Mat 9:18-19 Um chefe da sinagoga vem ao Senhor	87
Mat 9:20-22 A mulher com fluxo de sangue	88
Mat 9:23-26 A ressurreição da menina	88
Mat 9:27-31 Cura de dois cegos	89
Mat 9:32-34 Curando um mudo que está obcecado	90
Mat 9:35-38 O Senhor é comovido interiormente	91
Mateus 10	93
Mat 10:1-4 Os doze discípulos	93
Mat 10:5-10 O envio dos doze	94
Mat 10:11-15 O campo de trabalho dos discípulos	95
Mat 10:16-20 Entregues para testemunhar	96
Mat 10:21-23 Perseverança até o fim	97
Mat 10:24-25 Discípulo-Mestre; Escravo-Senhor	99
Mat 10:26-31 Encorajamento	99
Mat 10:32-33 Confessar ou negar	101
Mat 10:34-39 Não a paz, mas a espada	101
Mat 10:40-42 Recompensas para Seguidores	102
Mateus 11	104
Mat 11:1 O Senhor continua ensinando e pregando	104
Mat 11:2-6 Pergunta de João e a resposta do Senhor	104
Mat 11:7-11 Testemunho de João Batista	105
Mat 11:12-15 Os dias de João Batista	107
Mat 11:16-19 tocando flauta e lamentações	108

Mat 11:20-24 Ai das cidades da Galiléia	108
Mat 11:25-27 Sim, ó Pai	110
Mat 11:28-30 Vinde a mim	111
Mateus 12	113
Mat 12:1-8 Colheita de espigas no sábado	113
Mat 12:9-14 Curando a mão mirrada	115
Mat 12:15-21 Eis aqui, meu servo	117
Mat 12:22-27 O Senhor Jesus e Belzebu	118
Mat 12:28-32 A blasfêmia do espírito	120
Mat 12:33-37 A árvore e seus frutos	121
Mat 12:38-42 O pedido de um sinal	123
Mat 12:43-45 A volta do espírito imundo	124
Mat 12:46-50 A mãe e os irmãos de Jesus	125
Mateus 13	127
Mat 13:1-2 Saindo de casa para o mar	127
Mat 13:3-9 A parábola do semeador	128
Mat 13:10-17 Por que parábolas?	129
Mat 13:18-23 Interpretação da parábola do semeador	131
Mat 13:24-30 A parábola do joio no trigo	134
Mat 13:31-32 A parábola do grão de mostarda	136
Mat 13:33 A parábola do fermento	137
Mat 13:34-35 O Uso de Parábolas	138
Mat 13:36-39 Interpretação da parábola do joio	139
Mat 13:40-43 Consumação deste século	140
Mat 13:44 O tesouro no campo	142
Mat 13:45-46 A pérola muito preciosa	143
Mat 13:47-50 A rede de arrasto	144
Mat 13:51-52 Parábola do Senhor da Casa	145
Mat 13:53-58 Rejeição do Senhor Jesus em Nazaré	146
Mateus 14	148
Mat 14:1-12 A morte de João Batista	148
Mat 14:13-14 O Senhor busca a solidão	150
Mat 14:15-21 Alimentando cinco mil	151
Mat 14:22-27 Os discípulos na tempestade	153
Mat 14:28-33 Pedro caminha sobre a água	155

Mat 14:34-36 Curas na Galiléia	157
Mateus 15	158
Mat 15:1-6 Tradição humana versus mandamento de Deus	158
Mat 15:7-9 O julgamento do Senhor sobre a hipocrisia dos fariseus	160
Mat 15:10-11 O Senhor adverte contra a hipocrisia dos fariseus	160
Mat 15:12-14 Os discípulos não entendem o ensino	161
Mat 15:15-20 O Senhor explica a parábola	161
Mat 15:21-28 A Mulher Cananéia	162
Mat 15:29-31 O Senhor cura muitos	165
Mat 15:32-39 Alimentando os quatro mil	165
Mateus 16	168
Mat 16:1-4 O pedido de um sinal	168
Mat 16:5-12 O fermento dos fariseus e saduceus	169
Mat 16:13-14 Quem as pessoas dizem que eu sou?	171
Mat 16:15-16 E vós, quem dizeis que eu sou?	171
Mat 16:17-20 A Igreja e o Reino	172
Mat 16:21-23 O primeiro anúncio de sofrimento	173
Mat 16:24-28 Seguindo o Cristo rejeitado	174
Mateus 17	177
Mat 17:1-3 A glorificação na montanha	177
Mat 17:4-5 A proposta e a resposta	178
Mat 17:6-8 A ninguém viram, senão a Jesus	179
Mat 17:9-13 A vinda de Elias	180
Mat 17:14-18 Cura de um menino lunático	181
Mat 17:19-21 Causa da falha	182
Mat 17:22-23 Segundo anúncio da morte e ressurreição	183
Mat 17:24-27 O imposto do templo	183
Mateus 18	185
Mat 18:1-5 Tornar-se como uma criança	185
Mat 18:6-9 Os escândalos	186
Mat 18:10-14 Parábola da ovelha perdida	187
Mat 18:15-20 Disciplina na Igreja	189
Mat 18:21-22 A questão sobre o perdão	192
Mat 18:23-35 Parábola do Perdão	192

Mateus 19	196
Mat 19:1-2 O Senhor vai da Galiléia através do Jordão para a Judéia	196
Mat 19:3-9 Casamento, uma unidade inseparável	196
Mat 19:10-12 Os solteiros	198
Mat 19:13-15 O Senhor abençoa as crianças	199
Mat 19:16-22 Pergunta sobre a vida eterna	200
Mat 19:23-26 Com Deus tudo é possível	202
Mat 19:27-30 A parte dos discípulos	203
Mateus 20	205
Mat 20:1-7 Trabalhadores para a vinha	205
Mat 20:8-15 O pagamento	206
Mat 20:16 A lição	208
Mat 20:17-19 Terceiro anúncio de sofrimento	208
Mat 20:20-24 Um lugar no reino	209
Mat 20:25-28 Não governar, mas servir	210
Mat 20:29-34 Cura de dois cegos	211
Mateus 21	213
Mat 21:1-11 Entrada em Jerusalém	213
Mat 21:12-17 A limpeza do templo	215
Mat 21:18-22 A figueira é amaldiçoada	216
Mat 21:23-27 Pergunta sobre o direito do Senhor Jesus	217
Mat 21:28-32 Parábola dos dois filhos	219
Mat 21:33-39 Parábola dos lavradores injustos	220
Mat 21:40-46 As consequências da rejeição do herdeiro	222
Mateus 22	224
Mat 22:1-7 O convite para as bodas	224
Mat 22:8-10 A festa nupcial fica cheia	225
Mat 22:11-14 O homem sem veste nupcial	226
Mat 22:15-22 Pergunta sobre o tributo de César	227
Mat 22:23-33 Pergunta sobre a ressurreição	229
Mat 22:34-40 O grande mandamento	231
Mat 22:41-46 Pergunta sobre o filho de Davi	232
Mateus 23	235
Mat 23:1-4 Advertência contra as práticas dos líderes	235

Mat 23:5-7 Para serem vistos pelos homens	236
Mat 23:8-12 Um só é o vosso Mestre	237
Mat 23:13-14 Primeiro ai	238
Mat 23:15 Segundo ai	238
Mat 23:16-22 Terceiro ai	238
Mat 23:23-24 Quarto ai	240
Mat 23:25-26 Quinto ai	240
Mat 23:27-28 Sexto ai	241
Mat 23:29-32 Sétimo ai	241
Mat 23:33-36 O Senhor faz o julgamento	242
Mat 23:37-39 O juízo de Jerusalém até ...	243
Mateus 24	245
Mat 24:1-2 O que acontecerá com o templo	245
Mat 24:3-8 O princípio das dores	246
Mat 24:9-14 Perseverar até o fim	247
Mat 24:15-28 A grande tribulação	248
Mat 24:29-31 A Vinda do Filho do Homem	250
Mat 24:32-35 A parábola da figueira	251
Mat 24:36-44 dias e horas são desconhecidos	252
Mat 24:45-51 Parábola do servo bom e mau	253
Mateus 25	256
Mat 25:1-13 Parábola das Dez Virgens	256
Mat 25:14-23 Parábola dos Talentos	258
Mat 25:24-30 O servo mau e negligente	260
Mat 25:31-33 O Filho do Homem em Seu Trono	262
Mat 25:34-40 O julgamento das ovelhas	262
Mat 25:41-46 A sentença sobre os bodes	264
Mateus 26	266
Mat 26:1-2 A traição anunciada	266
Mat 26:3-5 O plano para matar o Senhor Jesus	266
Mat 26:6-13 O Senhor é ungido em Betânia	267
Mat 26:14-16 A traição de Judas	269
Mat 26:17-19 Prepare-se para a Páscoa	270
Mat 26:20-25 A Páscoa	271
Mat 26:26-30 A Instituição da Ceia do Senhor	272

Mat 26:31-35 A negação de Pedro predita	274
Mat 26:36-46 Getsêmani	275
Mat 26:47-50 Judas entrega o Senhor Jesus	278
Mat 26:51-56 O Senhor se entrega	279
Mat 26:57-61 Acusado por muitas testemunhas falsas	280
Mat 26:62-68 Condenou o testemunho da verdade	282
Mat 26:69-75 Pedro nega o Senhor	283
Mateus 27	286
Mat 27:1-2 Entregue a Pilatos	286
Mat 27:3-10 A morte de Judas	286
Mat 27:11-14 O interrogatório de Pilatos	288
Mat 27:15-21 A escolha: Jesus ou Barrabás	289
Mat 27:22-26 A sentença de morte	290
Mat 27:27-31 Escarnecendo	291
Mat 27:32-38 A crucificação	293
Mat 27:39-44 Escarnecido na cruz	294
Mat 27:45-50 Abandonado por Deus	295
Mat 27:51-56 Consequências da morte do Senhor	298
Mat 27:57-61 O sepultamento do Senhor	299
Mat 27:62-66 O guarda no túmulo	300
Mateus 28	303
Mat 28:1-8 O Senhor ressuscitou!	303
Mat 28:9-10 O Senhor aparece para as mulheres	304
Mat 28:11-15 O engano dos sumos sacerdotes	305
Mat 28:16-20 A ordem missionária	306
Outras publicações	308

Utilização do texto

Traduções

Todas as citações de texto são da Bíblia, versão João Ferreira de Almeida Corrigida, salvo indicação em contrário.

Abreviação de Livros Bíblicos

Velho Testamento

Gên – Gênesis

Êxo – Êxodo

Lev – Levítico

Núm – Números

Deu – Deuteronômio

Jos – Josué

Juí – Juízes

Rut – Rute

1Sam – 1 Samuel

2Sam – 2 Samuel

1Rei – 1 Reis

2Rei – 2 Reis

1Crô – 1 Crônicas

2Crô – 2 Crônicas

Esd – Esdras

Nee – Neemias

Est – Ester

Jó – Jó

Slm – Salmos

Pro – Provérbios

Ecl – Eclesiastes

Cân – Cânticos

Isa – Isaías

Jer – Jeremias

Lam – Lamentações

Eze – Ezequiel

Dan – Daniel

Osé – Oséias

Joel – Joel

Amós – Amós

Oba – Obadias

Jon – Jonas

Miq – Miquéias
Naum – Naum
Hab – Habacuque
Sof – Sofonias
Age – Ageu
Zac – Zacarias
Mal – Malaquias

Novo Testamento

Mat – Mateus
Mar – Marcos
Luc – Lucas
Joã – João
Atos – Atos dos Apóstolos
Rom – Romanos
1Cor – 1 Coríntios
2Cor – 2 Coríntios
Gál – Gálatas
Efé – Efésios
Flp – Filipenses
Col – Colossenses
1Tes – 1 Tessalonicenses
2Tes – 2 Tessalonicenses
1Tim – 1 Timóteo
2Tim – 2 Timóteo
Tit – Tito
Flm – Filemom
Heb – Hebreus
Tia – Tiago
1Ped – 1 Pedro
2Ped – 2 Pedro
1Joã – 1 João
2Joã – 2 João
3Joã – 3 João
Jud – Judas
Apo – Apocalipse

O Evangelho de acordo com Mateus

Introdução

Ao descrever uma pessoa, podemos fazer isso de diferentes ângulos. Por exemplo, podemos descrever alguém como pai de família. Depois disso, podemos descrever a mesma pessoa como um colega ou vizinho. Vemos desta forma quatro evangelistas – sob a inspiração do Espírito Santo – relatando a vida do Senhor Jesus enquanto ele estava aqui na terra. Nas quatro descrições de vida que temos na Bíblia como resultado, Mateus relata em seu Evangelho sobre o Senhor Jesus como Rei, Marcos o apresenta como um servo, Lucas o descreve como o verdadeiro homem e João finalmente escreve sobre Ele como o eterno Filho de Deus.

Os quatro seres viventes no livro do Apocalipse (Apo 4:7) representam cada um dos quatro Evangelhos. O primeiro dos quatro seres vivos é como um leão. Este símbolo se encaixa no evangelho que apresenta o Senhor Jesus como Rei. Uma comparação também pode ser feita entre as cores do tabernáculo e os quatro Evangelhos. A cor que se encaixa neste evangelho é o escarlate (Mat 27:28).

O objetivo deste evangelho é olharmos para o Senhor Jesus como Rei. Daí o pedido “Eis aqui o vosso rei” (João 19:14). Aqueles que lêem este Evangelho com o desejo de vê-lo como Rei, “verão o Rei na sua formosura” (Isa 33:17).

A intenção do evangelho de acordo com Mateus

O propósito deste evangelho é apresentar o Senhor Jesus como o Messias, como o Rei ungido por Deus que vem ao seu povo Israel. Este evangelho corretamente ocupa o seu lugar como o primeiro livro da Bíblia após o Antigo Testamento. No Antigo Testamento, um rei é anunciado repetidas vezes, que libertará seu povo e fará dele o cabeça de todos os povos. Mateus deixa claro que com a vinda de Cristo, esse Rei veio. Isso é sublinhado pelo fato de que há mais citações do Antigo Testamento sobre a vida e a morte de Cristo neste Evangelho do que nos outros três Evangelhos combinados. Por tudo isso, pode-se ver a quem este evangelho se destina principalmente: os judeus.

O autor

O autor é Mateus – um judeu e um judeu desprezado porque era cobrador de impostos. Como judeu, ele é o instrumento apropriado que o Espírito de Deus poderia usar para fazê-lo escrever o que é importante para os judeus. Mas, visto que este Evangelho trata do reino dos céus além do Senhor Jesus como Rei dos judeus, ele também é de grande importância atual para os cristãos. Veremos isso claramente.

Mateus 1

Mat 1:1-17 | A genealogia de Jesus Cristo

1 Livro da geração de Jesus Cristo, Filho de Davi, Filho de Abraão. 2 Abraão gerou a Isaque, e Isaque gerou a Jacó, e Jacó gerou a Judá e a seus irmãos, 3 e Judá gerou de Tamar a Perez e a Zerá, e Perez gerou a Esrom, e Esrom gerou a Arão. 4 Arão gerou a Aminadabe, e Aminadabe gerou a Naassom, e Naassom gerou a Salmom, 5 e Salmom gerou de Raabe a Boaz, e Boaz gerou de Rute a Obede, e Obede gerou a Jessé. 6 Jessé gerou ao rei Davi, e o rei Davi gerou a Salomão da que foi mulher de Urias. 7 Salomão gerou a Roboão, e Roboão gerou a Abias, e Abias gerou a Asa, 8 e Asa gerou a Josafá, e Josafá gerou a Jorão, e Jorão gerou a Uzias, 9 e Uzias gerou a Jotão, e Jotão gerou a Acaz, e Acaz gerou a Ezequias. 10 Ezequias gerou a Manassés, e Manassés gerou a Amom, e Amom gerou a Josias, 11 e Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos na deportação para a Babilônia. 12 E, depois da deportação para a Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel, e Salatiel gerou a Zorobabel, 13 e Zorobabel gerou a Abiúde, e Abiúde gerou a Eliaquim, e Eliaquim gerou a Azor, 14 e Azor gerou a Sadoque, e Sadoque gerou a Aquim, e Aquim gerou a Eliúde, 15 e Eliúde gerou a Eleazar, e Eleazar gerou a Matã, e Matã gerou a Jacó, 16 e Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama o Cristo. 17 De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze gerações; e, desde Davi até a deportação para a Babilônia, catorze gerações; e, desde a deportação para a Babilônia até Cristo, catorze gerações.

Mateus começa seu Evangelho com a genealogia “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”. Por meio desse registro genealógico, o Espírito de Deus indica que Ele deseja apresentar Jesus Cristo neste Evangelho como o cumprimento das promessas a Israel e também das profecias a respeito do Messias. Ao mesmo tempo, Ele responde à questão dos judeus sobre se Jesus é realmente o Messias.

O registro da genealogia é o de José, o que significa que temos a genealogia legal diante de nós. Assim apresenta José, e com ele Jesus, como o herdeiro legítimo. Isso nunca foi questionado pelos judeus.

No verso 1, Davi e Abraão são mencionados juntos pela primeira vez, porque toda esperança de Israel contém o que foi revelado a esses dois. Portanto, aqui o Senhor Jesus é antes de tudo o “Filho de Davi” (cf. 1Crô 17:11), o Rei escolhido de Deus. Portanto, a coroa real pertence a ele. Além disso, Ele é o “filho de Abraão” (Gên 22:18), o escolhido portador das promessas de Deus. Portanto, Ele tem direito à terra prometida e suas bênçãos. O Senhor Jesus como Rei é o cumprimento de todas as promessas feitas a Abraão (2Cor 1:20).

A partir do verso 2 segue-se a linha de gênero, começando com Abraão. Qualquer israelita começaria com isso. Dos filhos de Jacó, apenas Judá é mencionado pelo nome. Isso nos mostra que, de todos os descendentes de Abraão, a tribo real prevalece (Gên 49:10). Ao adicionar “e a seus irmãos”, no entanto, Deus indica que Ele de forma alguma os esquece – mesmo agora que a vinda do Messias é iminente.

Neste registro genealógico do Senhor Jesus há quatro mulheres: Tamar (verso 3), Raabe (verso 5), Rute (verso 5) e esposa de Urias (verso 6). Há algo de humilhante em cada uma dessas mulheres, mas é nisso que Deus revela Sua graça. Se Deus condescender em permitir que seu Filho nasça de um genealogia que inclui essas quatro mulheres, então há esperança para o maior pecador também.

A genealogia termina com José (verso 16). É dele que se trata, porque é ele quem tem direito ao trono. Como filho legítimo de José, o Senhor Jesus também tem direito ao trono. Em José, vemos que a família real degenerou em um simples carpinteiro.

É muito importante ver que o Senhor Jesus não foi gerado por José, mas nasceu de Maria. O Senhor Jesus foi gerado pelo Espírito Santo (Luc 1:35) e, portanto, por natureza, verdadeiramente o Filho de Deus. Portanto, perante a lei, Ele é filho de José e, na verdade, filho de Maria.

Mat 1:18-25 | O nascimento de Jesus Cristo

18 Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. 19 Então, José, seu marido, como era justo e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. 20 E, projetando ele isso, eis que, em sonho, lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua

mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo. 21 E ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. 22 Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: 23 Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de EMANUEL. (EMANUEL traduzido é: Deus conosco). 24 E José, despertando do sonho, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher, 25 e não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe o nome de JESUS.

Chama a atenção que o Espírito Santo é a origem do nascimento do Senhor Jesus, (verso 18) e que Ele atua de acordo com a Palavra (versos 22-23). Espírito e Palavra sempre atuam juntos, em concordância e harmonia um com o outro, nunca separados um do outro ou mesmo em oposição um ao outro.

Embora José esteja noivo de Maria, ele é descrito como “seu marido” (verso 19; veja também “tua mulher” no verso 20). Isso nos mostra que o noivado é praticamente o mesmo que o casamento em termos de conexão pessoal. Falta apenas o casamento oficial, o que deixa claro que nenhuma comunhão sexual pode ocorrer durante o período de noivado. Quando José fica sabendo da gravidez de Maria, isso não pode significar mais nada para ele do que de ela ter fornicado. E então ele tem o direito de repudiá-la (Mat 5:32; 19:9). José não age impulsivamente, mas reconsidera a situação (verso 20). Isso combina com a característica que é dada a ele, de ele ser “justo”. Isso dá ao Senhor a oportunidade de esclarecer a verdade a José. Por meio de um anjo enviado por Ele, o Senhor explica a José em um sonho o que aconteceu e o que acontecerá a seguir.

Porque José é a pessoa decisiva aqui no que diz respeito à lei, o anjo lhe aparece aqui, enquanto Lucas relata em seu Evangelho que o anjo aparece a Maria (Luc 1:28). Também aqui o anjo vem a ele em um sonho e não como com Maria durante o dia e visivelmente.

José é explicitamente chamado pelo anjo como “filho de Davi”. Isso reforça a reivindicação legal que o Senhor Jesus tem ao trono de Davi, porque de acordo com a lei Ele é o herdeiro de José. Ao mesmo tempo, o anjo anuncia a ele que o filho gerado em Maria é do Espírito Santo e, portanto, o Filho de Deus.

Então José recebe a instrução de chamar o filho de Maria de “Jesus”. Este nome significa “Yahweh o Salvador” ou “Yahweh é a salvação”. Este nome revela quem Ele é: Yahweh, o Deus da aliança, e também o que Ele é: salvação ou redenção. Disto segue o que Ele fará: Ele redimirá Seu povo de seus pecados. Quão perfeitamente o Senhor Jesus respondeu a este grande e glorioso nome!

Isto é seguido pelas primeiras citações do Antigo Testamento (Isa 7:14; 8:8,10), introduzidas com as palavras “para que se cumprisse”. Pelas palavras de Mateus, pode-se ver que não foi Isaías que proferiu essa profecia, mas o próprio Senhor por meio da boca de Isaías. A primeira citação aponta para o fato extraordinário de que uma virgem fica grávida – sem a ajuda de um homem. A segunda citação é da Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento (escrita principalmente em hebraico). Esta segunda citação nos dá o nome de Emanuel, com o significado impressionante: Deus vem ao meio do seu povo. No Senhor Jesus, Deus e homem são colocados juntos. O cumprimento desta profecia ocorre 700 anos após sua proclamação. Deus cumpre suas promessas, não importa quanto tempo leve.

José não tem dúvidas sobre o que o Senhor está dizendo para ele. Ele obedece sem questionar – por amor ao Senhor e por amor a Maria. Em vez de repudiar Maria como pretendia originalmente, ele a toma como esposa, mas não tem comunhão com ela até que o filho nasça. É disso que se trata: a chegada do Filho à terra. Em troca, ele renuncia ao que teria permissão para fazer por si mesmo. Pode-se ver em tudo que José tinha relações pessoais com o Senhor. O Senhor podia se dirigir a ele diretamente. Ele dá ao menino o nome de Jesus.

Depois que o Senhor Jesus nasceu, José e Maria tiveram comunhão; Maria não permaneceu virgem. Mais tarde é falado sobre os irmãos do Senhor Jesus (Mar 6:3). O fato de o próprio Deus aparecer neste caso particular não invalida o arranjo geral do Criador (Gên 1:28).

Mateus 2

Mat 2:1-2 | Os sábios do oriente

1 E, tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém, 2 e perguntaram: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos a adorá-lo.

O rei Herodes está no poder. Isso indica em que tempo o Senhor Jesus nasce em Israel. Herodes é o símbolo do homem que busca somente sua própria honra, uma figura do Anticristo que assume o poder. Quando o Senhor Jesus vier pela segunda vez, em Seu retorno, em poder e grande glória, um homem dominador também estará assentado no trono: o Anticristo.

O nascimento de Cristo foi ignorado por todo Israel. O povo de Israel não o esperava. E ainda assim Deus garante que Ele seja adorado, mas Ele usa homens de uma terra distante para isso. Os magos pensaram que Jerusalém seria o lugar onde o rei nasceria. Ele governará lá, mas Ele não nasceu lá. Deus guia os sábios. E ele usa vários meios para isso, pelo que ao mesmo tempo fica claro que tudo está à sua disposição. Ele usa uma estrela, um Herodes ciumento, líderes religiosos insensíveis e as escrituras.

Deus permite que os sábios vejam uma estrela, sua estrela, isto é, a estrela de Cristo, que nascerá de acordo com Números 24 (Núm 24:17). Assim, eles fazem uma longa viagem para homenagear o recém-nascido Rei dos Judeus. Sua sabedoria pode ser vista no que fazem.

Mat 2:3-8 | Reação de Herodes

3 E o rei Herodes, ouvindo isso, perturbou-se, e toda a Jerusalém, com ele. 4 E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. 5 E eles lhe disseram: Em Belém da Judéia, porque assim está escrito pelo profeta: 6 E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá, porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel. 7 Então, Herodes, chamando secretamente

os magos, inquiriu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera. 8 E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino, e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore.

Quando Herodes ouve sobre um rei recém-nascido, ele vê uma ameaça à sua posição. Neste rei sem Deus, pode-se compreender isso. Mas não apenas Herodes ficou perturbado – toda Jerusalém também ficou perturbada com ele. Em vez de aplaudir, a notícia de seu nascimento só causa consternação! Todo o comportamento deles mostra apenas rejeição. Os líderes religiosos também fizeram sua escolha: eles estão do lado de Herodes, não do Senhor. O rei nato é um intruso indesejado e não o cumprimento de uma esperança almejada. O Messias acabou de nascer e não fez nada até então, mas eles sentem que sua chegada irá perturbar sua autocomplacência.

Todos os habitantes de Jerusalém são descendentes daqueles que voltaram da Babilônia para Israel. Eles deveriam ter esperado o Messias! Mas o Salvador já está com eles há mais de um ano, e eles não perceberam porque seus corações não estão centrados Nele.

Herodes pede que os líderes religiosos venham até ele e lhes pergunta sobre o local de nascimento de Cristo (em hebraico: Messias; ambas as palavras significam o ungido). É aqui que encontramos os principais sacerdotes e escribas pela primeira vez neste Evangelho. No momento eles estão bastante indiferentes, mas essa indiferença se transformará em ódio, quanto mais o Senhor for fazendo Seu ministério em Israel.

Os guias podem responder imediatamente e com precisão à pergunta sobre seu local de nascimento. Eles conhecem a escritura, pelo menos pela letra, mas só a usam como fonte de informação. E eles colocam esse conhecimento à disposição do adversário. Usando as escrituras, eles mostram o caminho a Herodes, mas eles mesmos se recusam a dar um passo nesse caminho, apesar de que seu profeta lhes tenha mostrado o caminho: para Belém! Embora os sábios venham adorar o Messias, eles fazem causa comum com Herodes, que planeja assassinar o rei.

Tendo sido guiados pela estrela, os sábios agora são guiados pela palavra de Deus. Os escribas indicam o local de nascimento do Messias citando o profeta Miquéias (Miq 5:1). Miquéias o apresenta lá como um governante

que ao mesmo tempo apascentará seu povo, ou seja, será um pastor. Esses dois aspectos são uma combinação maravilhosa que só se concretiza no Filho de Deus.

Herodes agora sabe o local de nascimento, mas quer mais informações para que possa realizar seus planos de assassinato da forma mais eficiente possível. Ele mentirosamente extrai tudo dos sábios sobre o fato do nascimento, depois os envia a Belém e, involuntariamente, torna-se um guia para a criança. Ele quer que eles voltem para ele depois de encontrarem a criança para relatar a ele. Ele pede isso com a mensagem hipócrita de que também deseja adorar a criança.

Mat 2:9-12 | Os magos com a criança

9 E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. 10 E, vendo eles a estrela, alegraram-se muito com grande júbilo. 11 E, entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra. 12 E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho.

Sem falar mais com Herodes, os sábios seguem seu caminho. Lá fora eles vêem novamente a estrela que viram no momento do nascimento de Jesus. A estrela os fez levantar-se, mas não os guiou ao longo do caminho. Mas agora ela vai adiante deles até o lugar do nascimento do Senhor. O reencontro da estrela lhes dá grande alegria. Deus sempre fornece orientação – para todos que andam de acordo com a luz que receberam, não importa o quão fraca ela seja. A luz existente e a acrescentada sempre leva a Cristo e causa grande alegria.

Entram assim numa casa, não num estábulo (cf. Luc 2:7). Isso também é uma indicação de que um bom tempo já se passou desde o nascimento do Senhor Jesus. Eles vêem “a criança com Maria”, mas adoram a criança, não Maria. Agora, os tesouros que trouxeram são abertos e dados à criança como um presente. Esses presentes combinam com essa criança e indicam simbolicamente sua glória, bem como a extraordinariedade e o fim de sua vida terrena. No ouro é apresentada sua glória divina, no incenso a fra-

grância agradável que emana de sua vida e se eleva a Deus. A mirra fala do sofrimento e da morte que deveria atingi-Lo.

Após essa demonstração de honra para o recém-nascido Rei dos Judeus, eles recebem uma instrução de Deus para não retornar a Herodes. Também agora, eles seguem a voz de Deus e, portanto, não retornam à sua terra via Jerusalém, mas por um caminho diferente.

Mat 2:13-18 | A Fuga para o Egito

13 E, tendo-se eles retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga, porque Herodes há de procurar o menino para o matar. 14 E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito. 15 E esteve lá até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho. 16 Então, Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito e mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos. 17 Então, se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz: 18 Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação, choro e grande pranto; era Raquel chorando os seus filhos e não querendo ser consolada, porque já não existiam.

Em sonho, José novamente recebe a ordem do Senhor, para fugir para o Egito (cf. Mat 1:20). Ele deve ficar lá “até que eu te diga”. Esta é uma declaração importante para todo crente. Isso implica que ele só deve agir quando Deus tiver falado. José é sempre a pessoa que recebe ordens de Deus.

José obedece e imediatamente faz o que Deus lhe diz para fazer. O Senhor Jesus teve que fugir como um bebê. Os anjos anunciaram seu nascimento, mas não formam uma escolta para protegê-lo. Ele está em humildade aqui. Ele nunca usou seu poder para se proteger contra o mal. Ele fugiu ou se escondeu. Nesses casos, Ele não teve um lugar especial entre os filhos dos homens, mas compartilhou sua sorte. Ele suportou todas as humilhações porque não queria que seu povo sofresse nada sem participar disso.

Só depois da morte de Herodes é que José volta. Ele não desafia o perigo. E em seu retorno uma palavra profética é cumprida novamente. Nisso

vemos novamente como Deus usa o inimigo para cumprir sua palavra. Deus sabe combinar a sua própria ação e a dos homens, embora ambas se oponham, para cumprir os seus planos. Este é um forte encorajamento para todos que lhe pertencem.

A palavra profética é uma citação de Oséias, que ele falou com vistas a Israel e a salvação do povo, da escravidão do Egito (Osé 11:1; Êxo 4:22-23). Mateus agora aplica essa palavra ao Senhor Jesus. Isso deixa claro que Cristo deseja que sua história comece na terra onde seu povo começou. Ele se torna um com o povo, embora o jeito deles fosse muito diferente do seu. O povo falhou em seu chamado de filho, mas Cristo responderá a isso perfeitamente. Ele é o verdadeiro Israel.

Em um sentido mais amplo, Ele começa a história do primeiro homem, isto é, de toda a humanidade, de novo – como o segundo homem, o último Adão (1Cor 15:45-47) em conexão com Deus.

Herodes fica furioso ao perceber que foi iludido pelos magos. Reconhecemos nele o dragão que busca o filho do sexo masculino para devorá-lo (Apo 12:3-5). Seu ódio pelo rei recém-nascido é expresso em um terrível assassinato em massa. Crianças inocentes são vítimas desse ódio a Cristo. Vemos aqui que mesmo a menor correspondência com Cristo traz à tona o ódio de Satanás. Os filhos de dois anos ou menos são tão parecidos com Ele que precisam compartilhar a sorte que Lhe é designada. Deus não impede Herodes de se tornar um assassino de crianças. Todas essas crianças são salvas de crescer e mais tarde matar o Senhor Jesus com o povo. Então, elas estão no céu agora.

Com sua orgia de batalha, Herodes cumpre uma palavra do profeta Jeremias (Jer 31:15). A dor da morte dessas crianças é grande. Aqui, essas crianças são contadas como sendo de Raquel, esposa de Jacó, mãe de José e Benjamim. Ela está com o coração partido por causa dessa perda. Tudo parece ter acabado, mas nada escapa da mão de Deus. Ele mantém sua mão protetora sobre Ele, por meio de quem todas as promessas a seu povo serão cumpridas.

Mat 2:19-23 | De volta a Israel

19 *Morto, porém, Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu, num sonho, a José, no Egito, 20 dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a*

terra de Israel, porque já estão mortos os que procuravam a morte do menino. 21 Então, ele se levantou, e tomou o menino e sua mãe, e foi para a terra de Israel. 22 E, ouvindo que Arquelau reinava na Judéia em lugar de Herodes, seu pai, recebeu ir para lá; mas, avisado em sonhos por divina revelação, foi para as regiões da Galiléia. 23 E chegou e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno.

Depois que Herodes, o genocida de crianças, morre, José tem em novo sonho ordem de retornar a Israel. Deus chama a terra de “Israel” porque Ele restabeleceu o relacionamento com ela ao visitá-la. Este nome lembra as promessas feitas por Deus.

Como sempre, José obedeceu imediatamente. No entanto, quando ele ouviu quem é o sucessor de Herodes, ele fica com medo. Mas, em outro sonho, Deus vem ao encontro de seu receio com uma nova instrução. Deus também vem ao nosso encontro em nossas fraquezas quando não estamos no nível de seus pensamentos.

Essa nova instrução serve novamente para cumprir sua palavra, pois José agora vai morar com o Senhor Jesus em Nazaré, que fica na região da Galiléia.

Na verdade, em nenhum lugar dos profetas está dito que Cristo habitaria em Nazaré. No entanto, vários profetas falaram sobre o fato de que Ele seria desprezado – e isso se cumpriu desde o início ao morar em Nazaré. Depois da rejeição do rei (ele teve que fugir!) Ele agora é desprezado, já que sua residência é na cidade mais desprezada, na província mais desprezada (Galiléia) na terra desprezada (João 1:47). Por causa de seu local de residência, Nazaré, Ele seria chamado de “Nazareno”. Este nome é derivado da palavra hebraica “nezer”, que significa “rebento” ou “muda”.

Esta é a palavra que o profeta Isaías usa para o Messias, para anunciar seu nascimento como descendente de Jessé e, portanto, como um verdadeiro Davi (Isa 11:1). Também neste sentido, a sua habitação em Nazaré é o cumprimento das profecias dos profetas.

Mateus 3

Mat 3:1-4 | João Batista

1 E, naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia 2 e dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus. 3 Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. 4 E este João tinha a sua veste de pêlos de camelo e um cinto de couro em torno de seus lombos e alimentava-se de gafanhotos e de mel silvestre.

João Batista agora aparece em cena sem qualquer introdução. Ele vem enquanto já se percebe os passos de seu mestre atrás dele, por assim dizer. João vive e prega no deserto, separado da área habitada dos homens. Isso expressa claramente como Deus pensa sobre Jerusalém, esta “cidade santa” onde os sacerdotes fazem seu ministério. João se retira de tudo isso, ele não tem parte nisso.

A expressão “reino dos céus” vem do Antigo Testamento. No Novo Testamento, este termo ocorre apenas neste Evangelho e é usado por Mateus cerca de trinta vezes. João Batista usa esta expressão sem qualquer explicação, porque seus ouvintes, bem como os leitores deste Evangelho a conhecem desde o livro de Daniel. É o que Daniel fala por ex. com Nabucodonosor sobre o Deus do céu, que estabelecerá um reino que nunca será destruído; este é o reino dos céus (Dan 2:44). Existem também outras expressões, como reino de Deus, reino do Pai, reino do Filho do homem, reino do Filho do seu amor, reino eterno. Todos eles apontam para o governo de Deus, para “os dias dos céus sobre a terra” (Deu 11:21), esses são os dias em que “o céu reina” (Dan 4:26).

Como disse, Mateus é o único dos quatro evangelistas que usa a expressão “reino dos céus”. Os outros evangelistas sempre falam sobre o “Reino de Deus”. Mas é o mesmo reino. A diferença é que no “reino dos céus” a ênfase está no governo sobre a terra de acordo com os princípios celestiais – logo no reino da paz, enquanto no “reino de Deus” não se pensa apenas

em um reino na terra, mas também no senhorio do Senhor Jesus sobre o coração de seus súditos hoje. No reino dos céus o foco está mais no governo externo, no reino de Deus o foco está mais no governo interno.

Portanto, agora João anuncia que “é chegado o Reino dos céus” porque o Rei está entre vós (Luc 17:21). Israel, porém, rejeita seu rei, o que dá ao reino um caráter novo e oculto. É sobre isso que o Senhor fala no capítulo 13 deste evangelho. João anuncia o reino em seu sermão, mas antes que possa realmente vir, deve primeiro haver uma conversão a Ele.

Na pessoa de João, foi cumprido o que Isaías predisse (Isa 40:3). João apenas se autodenomina “voz”, o que significa que ele mesmo não é nada. A citação também deixa claro que, na verdade, se trata de outra pessoa que fará a obra. A profecia de Isaías é sobre Yahweh. Mateus aplica isso ao Senhor Jesus. Esta é uma das muitas evidências de que o Senhor Jesus é Yahweh, o Deus da antiga aliança.

A aparência exterior, as roupas e o alimento de João combinam perfeitamente com o conteúdo de seu sermão.

Mat 3:5-6 | O batismo de João

5 Então, ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão; 6 e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.

João prega fora de Jerusalém, o centro religioso daqueles dias. Mas o poder de Deus é tão impressionante do lado de João, que as pessoas se dirigem a ele de todos os lados em grandes bandos. Elas são atraídas por seu sermão radical. Procuram o sentido da vida, que não encontraram nem no centro religioso de Jerusalém, nem fora dele. Mas a mensagem de João lhes dá esperança.

O batismo que João exerce não é o batismo cristão. O batismo cristão adiciona um discípulo a um Cristo morto. E após o batismo, ele segue um Cristo rejeitado. No entanto, o batismo de João adiciona as pessoas ao Messias terreno. O batismo de João está associado à vinda do Messias, que ascenderá ao trono e estabelecerá seu reino. O Senhor Jesus se junta a esta sociedade também sendo batizado (verso 13).

Mat 3:7-10 | O sermão de João

7 E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? 8 Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento 9 e não presumais de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. 10 E também, agora, está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo.

Os líderes religiosos, os fariseus e saduceus, também vem a João no Jordão. Os fariseus são ortodoxos, eles acrescentam algo à Palavra de Deus. Eles têm uma influência enorme e desejam impor energeticamente o que acreditam ser a verdade.

Os saduceus são liberais. Eles subtraem da palavra de Deus e só acreditam no que é evidente para suas mentes. João rejeita ambos os grupos, chamando-os de raça de víboras.

Os líderes religiosos veem o tremendo poder da pregação de João e como as multidões são atraídas por ela. Eles não querem ficar de lado, mas de alguma forma se beneficiar disso – sem se converter. Para eles, tudo se resume à sua própria posição, à sua influência sobre o povo, que não querem perder.

Por isso João se recusa a batizá-los. Ele reconhece suas intenções astutas. Ao chamá-los de raça de víboras, ele os declara categoricamente como descendentes do diabo. Ele pergunta quem os induziu a fugir da ira vindoura. Esta pergunta deve tocar suas consciências e levá-los à conversão. João não explica como um pecador pode ser salvo ou como Deus perdoa os pecados. Ele apenas aponta que se alguém afirma estar em conexão com Deus, isso deve ser reconhecível por suas ações adequadas a Deus (Tia 2:14).

Ele também os censura por apontarem sua descendência de Abraão, porque isso é completamente inútil. Deus não olha para nossos pais ou ancestrais, mas para nossos corações. Não é nossa linhagem que conta diante de Deus, apenas se chegamos ao Senhor Jesus com arrependimento por nossos pecados. Deus pode suscitar pedras mortas à vida. Espiritualmente, Ele também fez isso, pois os crentes são chamados de “pedras vivas” (1Ped 2:5).

Os líderes religiosos precisam atentar bem, que o julgamento está muito próximo. O machado do juízo em breve cortará a árvore de seu orgulho, na qual não há fruto para Deus. Então esta árvore será lançada no fogo do inferno, por meio do qual eles serão separados para sempre de Deus, com quem nunca tiveram comunhão.

Mat 3:11-12 | João anuncia Cristo

11 E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. 12 Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará.

Em seu anúncio sobre o poderoso, João anuncia que não há comparação entre ele e aquele que vem depois dele. João se rebaixa e exalta Cristo acima de tudo. Em sua presença, João sente-se como nada. Não que ele não se sinta confortável com Cristo, mas a glória de Cristo parece tão grande para ele que ele mesmo desaparece em nada. Também o caminho de Cristo é muito mais sublime do que seu caminho. Ele não ousa comparar seu próprio caminho com o de Cristo. A obra de Cristo também é muito mais sublime do que a dele. Ele batiza com água, mas Cristo os batizará com o Espírito Santo e com fogo. Este batismo com o Espírito Santo e com fogo são dois eventos diferentes, que acontecerão em dois momentos diferentes. O batismo com o Espírito Santo está associado com a primeira vinda do Senhor Jesus à terra, sua obra realizada na cruz e sua glorificação no céu. O batismo com fogo está relacionado à Sua segunda vinda à terra, quando Ele vier para exercer o julgamento. O tempo da graça encontra-se entre as duas vindas.

Ambos os eventos trazem as grandes marcas das duas vindas de Cristo à terra. O batismo com o Espírito Santo é o poder da bênção de Deus em vista do reino dos céus, pois é agora no tempo de provação. O batismo com fogo acompanhará o reino dos céus quando Cristo retornar para estabelecer o reino em majestade na terra. Nesta segunda vinda de Cristo haverá uma divisão entre aqueles que pertencem a Ele (“trigo”) e aqueles que não pertencem a Ele (“joio”).

Para isso, utiliza-se a imagem da debulha: Aqui o grão é separado do joio com a pá, realizando-se uma limpeza completa. O trigo é uma figura dos crentes. Eles aceitaram a Cristo e Ele é sua vida. O joio é uma figura dos incrédulos. Ele batizará o “trigo” com o Espírito Santo, mas a “palha” com fogo. Para Israel, isso encontra seu cumprimento no início do reino de paz. Um pré-cumprimento do batismo com o Espírito Santo ocorreu no dia de Pentecostes, quando a igreja cristã passou a existir.

Mat 3:13-17 | O batismo do Senhor Jesus

13 Então, veio Jesus da Galiléia ter com João junto do Jordão, para ser batizado por ele. 14 Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? 15 Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o permitiu. 16 E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. 17 E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

Aqui encontramos a primeira aparição pública do Senhor Jesus: Ele vem para ser batizado. O Batismo é a porta pela qual Ele entra como Pastor para iniciar o seu ministério (João 10:2). Ele não é de Jerusalém. Como João, ele nunca habitou lá. Agora, Ele quer ser batizado para se juntar àqueles que expressaram por meio do batismo que estão esperando por ele. Por seu próprio batismo, Ele os reconhece como seu povo.

João se sente indigno de batizar Cristo. Ele acha que seria mais apropriado ser batizado por Ele. Mas o Senhor o repreende gentilmente. Deve ser feito assim. João tem que deixá-lo seguir seu caminho. Em sua graça, o Senhor ainda se conecta a João dizendo: “Assim nos convém ...” Com isso, Ele diz: “No cumprimento da vontade de Deus tenho a minha parte e você a sua”.

Se o Senhor é batizado, é para “praticar a justiça”, isto é, para fazer o que é certo. Se o povo é batizado, é apenas confessando sua injustiça. Mas o Senhor Jesus não tem pecado a confessar. Ele pode dizer: “Quem dentre vós me convence de pecado?” (João 8:46). Mas porque Ele agora tomou Seu lugar como homem, é apropriado que Ele se faça um com aqueles que temem a Deus e que assim ocupam o lugar certo diante de Deus. E isso Ele

também faz na graça, como faz tudo na graça. Portanto, Ele cumpre “toda a justiça” – não apenas a justiça exigida pela lei.

Quando Cristo sai da água, ocorre a primeira grande revelação da Trindade. Nunca antes os céus se abriram para expressar o prazer de Deus sobre qualquer coisa na terra. Mas agora acontece.

Também para nós o céu está aberto, o véu está rasgado; somos selados e ungidos como Ele (2Cor 1:21). O Pai também nos reconhece como filhos de Seu prazer. O Senhor Jesus é isso em sua própria força e justificação, mas nós entramos neste relacionamento como filhos do Pai por meio da graça e da redenção.

O céu se abre sobre Ele. Isso não é feito para dar a Ele uma visão do céu, como foi o caso de Estevão (Atos 7:55-57), mas todos os interesses do céu aberto são direcionados a Ele. Quando o céu se abre sobre Ele, é sempre para O revelar e glorificar (Joã 1:51; Apo 19:11).

O maravilhoso testemunho de Deus Pai é o resultado direto de Cristo ter cumprido toda a justiça nas águas do Jordão. Ao mesmo tempo, expressa o zelo de Deus pela honra de seu Filho. Ele não quer que as testemunhas ao redor tenham de forma alguma a ideia equivocada de que o Senhor Jesus é um homem comum como qualquer outro homem que foi batizado aqui. Ele é o unigênito Filho de Deus sem pecado.

Mateus 4

Mat 4:1-2 | Tentação pelo diabo

1 Então, foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. 2 e, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome;

Antes de o Senhor ser tentado, duas coisas são primeiro esclarecidas nos versos anteriores: Ele é o Filho de Deus e é selado com o Espírito Santo como o Filho do homem. Isso também se aplica ao crente. As tentações fazem parte da vida cristã. Mas antes de lidarmos com isso, vamos ver como o Senhor foi antes de nós nisso.

Cristo é tentado de três maneiras diferentes. Na primeira tentação Ele é tentado como homem, na segunda como o Messias e na terceira como Filho do homem. A primeira tentação é sobre dependência de Deus, a segunda sobre confiar em Deus e a terceira sobre adoração e culto.

O espírito que acabara de descer sobre Ele agora o conduz para o deserto, para a presença do diabo. O diabo não é apenas um “princípio do mal”, mas é tanto uma pessoa quanto o Senhor Jesus. Desde Gênesis 3 em diante, ele está acostumado a seduzir os homens tentando-os com luxúria e arrogância. Mas ele não encontra isso no Senhor Jesus.

Deus não colocou nenhuma proteção especial em volta de seu Filho que o protegesse da tentação do diabo. Cristo é tentado pelo diabo durante quarenta dias inteiros, isto é, enquanto Ele está no deserto. Apenas as três últimas tentações são mencionadas na Bíblia. As tentações em que o Senhor entra são de dois tipos. O primeiro tipo não é geral para os homens, mas específico apenas para Ele; essas tentações não são detalhadas porque não contêm nenhum ensinamento para nós. O segundo tipo é aquele que Ele sofre no final dos quarenta dias. Estas são as três tentações descritas a partir do verso 3. Sofremos essas tentações também. O objetivo das tentações de Cristo não era ver se Ele poderia pecar, mas provar que mesmo nas mais extraordinárias circunstâncias, Ele não poderia deixar de obedecer e confiar completamente na Palavra de Deus. Ele vence onde o primeiro humano falhou em circunstâncias muito mais favoráveis. Eva também

trouxe a palavra de Deus ao diabo, mas foi precisamente por isso que o Filho do Homem permaneceu firme. O Senhor jejuou por quarenta dias inteiros. Quando Ele fala sobre o jejum em um dos capítulos seguintes (Mat 6:16-18), então Ele fala por experiência própria. Ele tem plena consciência da tremenda luta que terá de travar para enfrentar as tentações do Diabo e o que está em jogo. Em tudo fica evidente que Ele é verdadeiramente Homem. Ele também não está imune das consequências do jejum – ele fica com fome. Ele se submete a tudo que uma pessoa pode sofrer.

Mat 4:3-4 | A primeira tentação

3 E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães. 4 Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.

A primeira tentação do inimigo está na área das necessidades físicas. A fome é uma necessidade física. O diabo propõe que o Senhor Jesus supra suas necessidades físicas usando seu poder de transformar as pedras em pão. Não é pecado ter fome, comer, e não é pecado o Senhor usar Seu poder. Mas Ele é um homem dependente, e seria um pecado para Ele prover Seu alimento sem que Deus O incumbisse a fazê-lo. Portanto, a tentação aqui é fazer algo independentemente de Deus.

Com as palavras “se você é o Filho de Deus”, o diabo O desafia a provar isso ordenando que as pedras se tornem pães. Mas seu Pai não lhe deu essa tarefa – e por isso que ele não o faz! Isso também se aplica a nós. Se não temos um mandado claro de Deus para fazer algo, devemos sempre esperar até que Ele nos dê um. A fé e a confiança são comprovadas pela espera do anúncio da vontade de Deus.

O Senhor aceitou a posição de servo – e esse não é o lugar de onde as ordens são dadas. Ele tem o poder de fazer pão de pedras. Não temos esse poder. No entanto, nós também podemos fazer pão espiritualmente de pedras. Fazemos isso quando usamos as coisas bonitas e agradáveis que encontramos no deserto para atender às nossas necessidades. Isso naturalmente levanta a questão: com o que preenchemos nossas mentes, que alimento lhe damos?

Em qualquer caso, o Senhor não quer fazer uso de seu poder, independente de Deus, para si mesmo. É sempre uma marca da obra do Espírito Santo nos filhos de Deus que eles não usem poderes milagrosos para si próprios ou para seus amigos. Paulo não usou esses poderes para si mesmo ou para seus amigos.

O poder da ação do Senhor está na Palavra de Deus. Com isso, Ele responde ao diabo sem iniciar uma discussão com ele. Com sua resposta, Ele mostra que a verdadeira vida só pode ser encontrada no que Deus disse (Deu 8:3). Se também aderirmos a ela, estaremos protegidos contra ações arbitrárias e, portanto, prejudiciais.

Mat 4:5-7 | A segunda tentação

5 Então o diabo o transportou à Cidade Santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, 6 e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito, e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra. 7 Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus.

A segunda tentação é dirigida não às necessidades físicas, mas às espirituais. Além disso, o diabo leva o Senhor Jesus consigo para a cidade santa de Jerusalém, ou seja, para o lugar santíssimo desta cidade, o templo. Lá ele o coloca na beirada do telhado do templo. Agora ele está fazendo algo que o Senhor fez: ele está citando algo das Escrituras. Quando o diabo cita a Palavra de Deus, ele sempre o faz para abusar dela e mutilá-la. A passagem citada pelo diabo para seduzir o Senhor a um ato arbitrário (Slm 91:11-12) está relacionada à promessa de Deus de proteger seu Messias.

Com esta citação, o diabo está, em certo sentido, dizendo: “Aqui está uma palavra de Deus para você!” A mutilação da palavra reside no fato de que ele omite as palavras “em todos os teus caminhos”. Mais uma vez, o diabo deseja que Ele faça algo sem Deus.

Mas seu estratagema vai ainda mais longe: Ele quer que Cristo desafie Deus a provar que Ele manterá e protegerá o Messias. A resposta do Senhor, novamente uma citação das Escrituras (Deu 6:16), torna isso claro. Também agora, ele não começa uma discussão com o diabo. Ele diz que

confia em Deus incondicionalmente e que é pecado pedir uma prova a Deus, sem fé, se Ele é digno dessa confiança.

Essas duas primeiras tentações nos mostram dois princípios que levam à superação. A primeira é a obediência simplória e absoluta. A segunda é a confiança total neste caminho de obediência. Para ter coragem de obedecer, precisamos de confiança, mas essa confiança só pode ser encontrada no caminho da obediência.

Mat 4:8-10 | A terceira tentação

8 Novamente, o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles. 9 E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. 10 Então, disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás.

Para a terceira tentação, o diabo o leva a um lugar de onde Ele pode ver o mundo inteiro. Quando o diabo mostra ou mesmo oferece algo bonito e impressionante, ele quer subjugar alguém.

Os impérios deste mundo pertencem em certo sentido ao diabo. Adão perdeu o poder sobre ele e entregou o mundo ao diabo. Por meio disso, ele se tornou “o Deus deste século” e “o príncipe deste mundo” (2Cor 4:4; Joã 14:30). Este estado continuará até que o Senhor Jesus volte. Só então começa seu reino (Apo 11:5).

A tentação é que Cristo receba esses reinos sem precisar sofrer por isso. Então o diabo mostra a Ele a herança que o espera e a oferece a Ele com a condição de que Ele se ajoelhe diante dele. Quantas vezes as pessoas se ajoelharam diante de Satanás por muito menos! O diabo se revela como Satanás ao afirmar categoricamente que se Ele simplesmente se prostrasse e o adorasse, Ele poderia obter tudo. Então, ele apresenta ao Senhor algo diferente de adorar a Deus.

Agora o Senhor o rejeita como “Satanás”, que significa “adversário”. Ele resiste. Nunca devemos permitir que nada ou ninguém se interponha entre nós e Deus. Pedro também ouviu isso quando tenta desviar o Senhor de seu caminho de obediência (Mat 16:22-23).

Todas as escrituras com as quais o Senhor responde ao diabo vêm de Deuteronômio. Neste livro, a responsabilidade de Israel é vista em conexão com sua prerrogativa como povo e com a posse da terra. Todas as bênçãos do povo, – como vemos lá – são baseadas na obediência.

Mat 4:11 | O diabo foi vencido

| *11 Então, o diabo o deixou; e, eis que chegaram os anjos e o serviram.*

Assim o Senhor resistiu ao diabo e o venceu com a palavra de Deus. O diabo é o perdedor e o deixa sem poder registrar nenhum dos resultados que tanto desejava. Ele não pode se apossar do Senhor porque Ele permaneceu dependente, obediente, cheio de confiança e devoção em tudo. Desta forma, o Senhor Jesus manietou o valente. Agora Ele pode vagar pela terra e tirar os bens do forte, ou seja, libertar dele homens que gemem sob o poder do diabo (Mat 12:19).

O lugar do diabo agora é imediatamente tomado pelos anjos. Como eles devem ter assistido, por assim dizer, prendendo a respiração, enquanto seu criador era tentado pelo diabo. Com que desejo eles teriam enfrentado o adversário. Um dia farão guerra contra ele e seus anjos (demônios) (Apo 12:7), mas ainda não chegou a hora. Agora eles vêm ao Senhor para servi-Lo, possivelmente com alimento, que Ele não queria receber das mãos de Satanás.

Mat 4:12-17 | Início do ministério na Galiléia

| *12 Jesus, porém, ouvindo que João estava preso, voltou para a Galiléia. 13 E, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali, 14 para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, que diz: 15 A terra de Zebulom e a terra de Naftali, junto ao caminho do mar, além do Jordão, a Galiléia das nações, 16 o povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam assentados na região e sombra da morte a luz raiou. 17 Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus.*

A prisão de João é o momento para o Senhor começar seu ministério. A rejeição de João lança uma sombra sobre sua própria rejeição. João é o precursor do Senhor, tanto em sua missão quanto em sua rejeição (Mat 17:12).

A área na qual Ele ministra primeiro está fora de Jerusalém e da Judéia. Ele segue para o norte da terra. É uma rota de trânsito para os povos. É aqui que habitam os pobres e desprezados do rebanho, o remanescente que se distingue claramente dos governantes do povo nos capítulos 3 e 4. A área para onde ele vai já foi anunciada por Isaías (Isa 8:23; 9:1). Com sua chegada, uma grande luz começa a brilhar para os homens que vivem em trevas. Com ele, uma esperança brilha em uma situação desesperadora.

É aí que Ele começa a viver e trabalhar. Seu sermão é o mesmo de João (Mat 3:1). A voz de João foi silenciada, mas o Senhor agora assume e continua com mais força.

Mat 4:18-22 | Chamando os primeiros discípulos

18 E Jesus, andando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. 19 E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. 20 Então, eles, deixando logo as redes, seguiram-no. 21 E, adiantando-se dali, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, num barco com Zebedeu, seu pai, consertando as redes; e chamou-os. 22 Eles, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no.

O Senhor chama homens para segui-lo porque devem aprender com Ele. Ele é o único que tem o direito de fazê-lo. Ele os chama para que O sigam plenamente em cada ministério. Isso significa que eles se conectam com Ele e participam de tudo o que é Dele. Para fazer isso, eles precisam desistir de tudo o mais. Quando ele chama, seus direitos são acima de todas as reivindicações naturais. Somente quando sua chamada é ouvida, alguém pode deixar seu trabalho e até mesmo sua família. Tal chamado normalmente é único, pois normalmente uma pessoa serve ao Senhor em suas circunstâncias diárias normais.

É sempre importante agirmos imediatamente, assim que sua vontade for clara. Tanto Pedro e André como Tiago e João o fazem. Quando são chamados, estão ocupados fazendo seu trabalho. O Senhor não chama pessoas preguiçosas, mas pessoas ativas.

O trabalho que estão fazendo quando o Senhor os chama é simbólico para o trabalho que mais tarde farão para o Senhor. Pedro e André estão pres-

tes a lançar uma rede de pesca no mar. Mais tarde, eles são usados como pescadores de homens para conduzir pessoas a Cristo. Tiago e João estão consertando suas redes, o que significa que serão colocados em ordem para a próxima pesca. Mais tarde, eles são usados para consertar relacionamentos entre os crentes. Pedro e André são mais evangelistas, Tiago e João são mais pastores.

Nenhum treinamento humano pode preparar alguém para fazer a obra do Senhor. O Senhor não escolhe homens de alta posição ou homens ricos ou eruditos para percorrer com eles através da terra (cf. Atos 4:13). A qualificação mais importante é se alguém está disposto a depender Dele.

Os homens que Ele reúne representam o remanescente piedoso de Israel. A grande massa do povo não o quer, mas também há aqueles que crêem nele. Existem poucos – um remanescente no meio da multidão descrente. Mas para ele, eles são o verdadeiro Israel, que ele vê nos doze discípulos que ele reúne ao seu redor.

Mat 4:23-25 | O Senhor ensina, prega e cura

23 E percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. 24 E a sua fama correu por toda a Síria; e traziam-lhe todos os que padeciam acometidos de várias enfermidades e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos e os paralíticos, e ele os curava. 25 E seguia-o uma grande multidão da Galiléia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judéia e além do Jordão.

O ministério do Senhor consiste em ensinar, pregar e curar os enfermos. Curar enfermos é o poder que acompanha a pregação. Isso desperta a consciência geral para o seu ministério, que consiste em seu ensino, pregação e obras. Na cura de pessoas está a evidência do poder do reino de Deus que está presente Nele. É o poder de Deus que é revelado em bondade na terra. Ele proclama o reino juntamente com a evidência do poder com o qual Ele estabelece seu reino. Os milagres funcionam como um sino que chama as pessoas para ouvir sua mensagem.

Por causa de Seu ensino e obras, muitos procuram Ele, e Ele os ensinará nos capítulos 5–7 os princípios do reino dos céus.

Mateus 5

Mat 5:1-2 | Na Montanha

1 Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; 2 e, abrindo a boca, os ensinava, dizendo:

No Sermão da Montanha, o Senhor descreve o caráter do reino dos céus e dos homens que dele participam. Ao mesmo tempo, Ele revela o nome do Pai nele. Ele ensina aos sinais do reino porque ama esses sinais. Ele mesmo é visto nele e encontra sua alegria em produzir e reconhecer essas características nos outros.

O Sermão da Montanha descreve como os verdadeiros discípulos do reino dos céus devem se conduzir neste reino. Este reino foi anunciado pelos profetas do Antigo Testamento. É o reino sob o governo do Messias de Deus. O trono desse Messias está em Jerusalém, de onde Ele governará sobre Israel e depois também sobre o mundo inteiro (Dan 2:44; 7:13-14). Mas os profetas também ensinam que o rei nascerá em humildade. Encontramos o cumprimento nos Evangelhos. Ele é um rei, mas não tem súditos nos Evangelhos porque seu reino ainda não foi estabelecido. E, no entanto, o reino já está aí, na pessoa do rei (Luc 17:21).

Então ele começa o chamamento dos discípulos. Um verdadeiro discípulo segue o rei em todos os seus mandamentos. O Senhor os ensina (Mat 5:2). O Sermão da Montanha é o ensinamento do Senhor para seus discípulos, que não só estão dispostos a aprender Dele, mas também querem ser semelhantes a Ele em sua disposição (Mat 10:24-25). Seu ensino é dirigido a seguidores crentes, não àqueles que não têm ligação com Ele. É preciso primeiro se tornar um discípulo, na forma como João Batista descreveu, por meio do arrependimento e da conversão com o batismo como evidência. Antes que os ensinamentos do Sermão da Montanha possam ser praticados, é necessária uma mudança interior. O Sermão da Montanha não é um programa político para as autoridades, mas contém muitas regras de conduta para a vida pessoal dos discípulos e para o relacionamento entre os discípulos. O discípulo deve obedecer a esses ensinamentos sobre

o reino. O Mestre fala a cada crente com autoridade. Ele é o Senhor de cada crente. Portanto, temos que segui-lo.

O coração do discípulo é direcionado para a parte celestial do reino. O reino dos céus tem esse nome porque é governado pelos princípios que governam o céu e porque é governado por um Rei celestial.

O reino dos céus é sempre mencionado no futuro, ou seja, como um reino que ainda está por vir. João Batista e também o Senhor Jesus anunciaram isso como “chegando perto”. Mas porque o rei foi rejeitado, não pôde ser estabelecido naquela época. Seu estabelecimento público foi adiado. No entanto, o reino dos céus começou de forma oculta depois que o Senhor Jesus voltou ao céu. Lá Ele é o Rei, para todos os que se submeteram a Ele pela fé, invisível para o mundo. Somente quando Ele retornar do céu à terra, o reino dos céus visivelmente amanhecerá na terra.

Subdivisão do Sermão da Montanha

Bem-aventuranças (Mateus 5:3-12)

Sal e luz (Mateus 5:13-16)

A virtude da lei e exemplos dela (Mateus 5:17-48)

Justiça prática (Mateus 6:1-18)

Prioridades e preocupações de vida (Mateus 6:19-34)

Princípios do governo de Deus (Mateus 7:1-12)

Discípulos reais e falsos (Mateus 7:13-27)

Quando o Senhor vê a multidão, Ele sobe a montanha. Ele não sobe a montanha para receber a lei – como Moisés uma vez fez – mas para interpretá-la e aprofundá-la. Quando Ele está sentado, os discípulos vão até ele. Então, Ele começa a ensinar Seus discípulos em uma atmosfera de calma. O ensino que Ele lhes dá é para os próprios discípulos. Se eles o levarem a sério, sua conduta será para a glória de seu mestre, mas também para o benefício do povo.

Mat 5:3-6 | Bem-aventurados-O primeiro grupo

3 Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus; 4 bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; 5 bem-aventu-

rados os mansos, porque eles herdarão a terra; 6 bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;

Primeiro, o Senhor fala sobre que tipo de pessoa vai para o reino dos céus. Em um reino humano, tudo se resume a autoconfiança e imposição para ter sucesso. No reino dos céus, que ainda não foi estabelecido em poder e majestade, exatamente o oposto está em jogo. Deve ter sido um choque para os discípulos ouvir sobre sofrimento, perseguição e desvantagem. Eles esperavam que o Messias fosse seu líder para superar tudo que se levantasse contra Ele!

O primeiro grupo que o Senhor chama de bem-aventurados são pessoas que se caracterizam por um certo comportamento para com o mundo que nos rodeia. Em uma palavra: pela justiça.

1. “Os pobres de espírito” são aqueles que estão quebrantados e perturbados no coração e no espírito, que nada mais esperam de si mesmos (Isa 57:15; 66:2). Seu não é o céu, mas o reino dos céus. É a terra sob o governo do céu. O realmente “pobre de espírito” é o Senhor Jesus. Ele nunca tentou ser algo ele mesmo.

2. “Os que choram” ficam tristes com o que devem ver no ambiente em que vivem. Seu conforto vem quando as consequências do pecado não existirem mais. Aquele que chora penetrou mais profundamente no estado de coisas ao seu redor. O Senhor Jesus é o “homem de dores e que sabe o que é padecer” (Isa 53:3). As divisões no Cristianismo também são algo que nos faz sofrer.

3. “Os mansos” preferem sofrer injustiça em um mundo hostil do que defender seus direitos. Em breve, eles governarão com Cristo sobre a terra, onde agora estão sendo provados e sofrendo muita injustiça. O Senhor Jesus é o manso. É assim que Ele se apresenta depois de suspirar no Espírito (Mat 11:20-30). O manso não se irrita com o mal que é testemunhado, mas encontra um lugar de refúgio com Deus, que é o Senhor do céu e da terra. Com isso ele diz que Deus está no controle de tudo.

4. “Os que têm fome e sede de justiça” anseiam pelo mundo que ainda não está aqui – um mundo no qual a justiça reinará quando o Senhor Jesus reinar em justiça. A justiça virá neste mundo, Ele também a pede, ainda

mais do que nós. “Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito” (Isa 53:11).

Mat 5:7-9 | Bem-aventurados-o segundo grupo

7 bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; 8 bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; 9 bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;

O próximo grupo diz respeito a pessoas que são caracterizadas por um certo estado interno. É sobre a atitude, que pode ser reconhecida por traços de caráter. Em uma palavra, eles estão marcados pela graça.

1. “Os misericordiosos” mostram sentimentos que o próprio Deus tem. Deus gosta de ver os discípulos de seu Filho mostrarem misericórdia. Desta forma, o pecador é levado a Deus. Qualquer um que provar isso neste mundo também experimentará a preciosidade disso novamente. O Senhor Jesus é o verdadeiro Misericordioso.

2. “Os limpos de coração” correspondem à santidade de Deus. Só Deus é perfeitamente limpo. Isso é evidente na vida do Senhor Jesus, e Ele é a vida de seus discípulos. Uma pessoa tem um coração limpo quando não há motivos errados nele. Então, não há nada que Deus deva excluir. É por isso que vêm a Deus, porque vivem em comunhão com Ele.

3. “Os pacificadores” são como Deus, o grande pacificador. E o Senhor Jesus é o Príncipe da paz. Aqui temos novamente pessoas que são ativas, assim como no primeiro grupo os últimos diferem em atividade. Os pacificadores trabalham pela paz. Eles revelam os traços de quem nascem e por meio de quem são adotados como filhos. Ele só é chamado de filho que pode ser reconhecido como tal em seu relacionamento com Deus. O Senhor Jesus como o Filho também é o portador da paz. Ser chamado de filho significa revelar os atributos do pai. Um bom filho é semelhante a seu pai.

Mat 5:10-12 | Resumo de ambos os grupos

10 bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus; 11 bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa.

12 Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.

O verso 10 resume o primeiro grupo (versos 6-8) que tratou da justiça. O Senhor aconselha Seus discípulos a não olharem para quem os está perseguindo, mas para procurarem a causa dessa perseguição, que é a justiça prática. Assim como ele mesmo não perde o reino porque é perseguido por causa da justiça, tampouco os seus discípulos o perdem. O reino dos céus é deles.

Os versos 10-12 resumem o segundo grupo (verso 9-10), que trata das características internas de Cristo. A revelação do caráter dele é a revelação da graça que vai para os outros. Onde suas características estão presentes, o resultado é o sofrimento em si mesmo. Aqui os próprios discípulos são endereçados diretamente (“bem-aventurado sois vós”), e a bênção não é mais descrita em geral, mas é dada de forma muito pessoal. Neste caso, a recompensa não está mais conectada com o reino dos céus, mas com o próprio Céu. O vitupério por amor de Cristo traz uma recompensa maior do que o sofrimento por causa da justiça. Quem sofre por amor de Cristo, Deus o tira da cena terrestre para que esteja com Ele no céu.

Mat 5:13-16 | Sal e Luz

13 Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens. 14 Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; 15 nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas, no velador, e dá luz a todos que estão na casa. 16 Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus.

Depois que o Senhor falou sobre as características dos discípulos, Ele agora fala sobre o lugar deles no mundo em que Deus os colocou. Ele os chama de “o sal da terra”. A terra é criação de Deus, que Ele mantém apesar da queda do homem.

Os discípulos do Senhor têm a responsabilidade de mostrar em todos os relacionamentos terrenos estabelecidos por Deus como Ele os quis. Isso

diz respeito a, por ex. casamento, família e mundo do trabalho. Aqui o discípulo tem que ser o sal.

A propriedade do sal é neutralizar a deterioração. Para um discípulo, isso significa que ele não ceda às influências do mundo. Quando os cristãos não são mais sal, nada resta das intenções originais de Deus. E quando os cristãos forem arrebatados da terra, a impiedade prevalecerá.

O Senhor também chama os discípulos de “a luz do mundo”. Embora os discípulos participem das condições terrenas, eles não têm parte no mundo, eles não pertencem a ele. Eles estão nele, mas como luz. A luz está voltada para o mundo e brilha nele. Não deve ser escondido.

Então o sal impede algo, a luz revela algo. Com o sal, existe o risco de ficar impotente. Quando há luz, existe o risco de que ela seja escurecida por um alqueire, ou seja, de que você não seja mais capaz de dar seu testemunho no mundo porque está muito ocupado com os negócios do mundo.

A luz não vem tanto de nossas palavras, mas de nossas ações. As “boas obras” aqui não são obras de caridade para o benefício de outros, mas nobres e honrosas. Não se trata do efeito, mas sim do tipo de obras. Sua origem é o Pai Celestial. Elas espalham luz e O glorificam. Quando as pessoas virem essas boas obras, elas não dirão: “Que pessoa boa”, mas glorificarão o Pai dessa pessoa.

Mat 5:17-20 | A Lei e os Profetas

17 Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir. 18 Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido. 19 Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor no Reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no Reino dos céus. 20 Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus.

O que o Senhor Jesus prega não significa que o velho seja posto de lado. O Senhor completa tudo o que está escrito em sua própria pessoa; Ele cumpriu todos os requisitos da lei. Ele fez ainda mais. Ele revelou o verdadeiro significado de tudo o que está escrito na lei e nos profetas. Ele é o cum-

primimento de tudo isso, pois tudo nele aponta para Ele. E tudo o que está escrito realmente acontecerá. A reverência pela palavra de Deus é expressa na obediência. Depois, outros também podem ser ensinados sobre isso. Mas quem quer que declare que mesmo a menor prescrição de Deus não tem sentido e também instrui outros dessa forma, não tem valor no reino de Deus.

“Vossa justiça”: a justiça dos escribas e fariseus é a sua própria justiça, pela qual já receberam a recompensa na forma de respeito do povo. Mas essa justiça deles não é suficiente para entrar no reino dos céus. A retidão dos fariseus, que consiste em visitas diárias ao templo, longas orações, etc., não tem valor diante de Deus. Pois, com todo esse comportamento exterior, não há consciência do pecado ou da graça diante de Deus. Mas isso é precisamente o que é necessário para entrar no reino de Deus.

A justiça mais excelente é a do julgamento divino sobre o pecado. Quem quer que reconheça que Deus é justo ao exercer esse julgamento assume a posição correta como um pecador convicto diante de Deus e tem permissão para entrar no reino dos céus.

Mat 5:21-26 | Homicídio e Ira

21 Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. 22 Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno. 23 Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, 24 deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem, e apresenta a tua oferta. 25 Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão. 26 Em verdade te digo que, de maneira nenhuma, sairás dali, enquanto não pagares o último centil.

Agora o Senhor explica o significado mais profundo e real da lei com cinco exemplos. Três deles lidam com a natureza do pecado: ato de violência (versos 21-26), desejo (versos 27-32) e mentiras (versos 33-37).

Os dois últimos mostram a natureza de Deus: o amor (versos 38-48). Com esses exemplos, o Senhor ilustra a profundidade da lei e o fato de que os Dez Mandamentos são incorporados a uma lei superior. Ele explica o que não é permitido pela lei e em que consiste a lei superior. Assim, ele contrasta a negativa proibição de matar com o pedido positivo de caridade. Finalmente, Ele aponta o que os fariseus acrescentaram. Quando Ele diz: “Porque eu vos digo”, está visando um aprofundamento, um rigor ou uma refutação.

O Senhor começa com o sexto mandamento dado por Deus: “Não matarás” – com o acréscimo dos fariseus: “mas qualquer que matar será réu de juízo.” Com este acréscimo, os fariseus tornaram o homicídio culposo, um fato, que um tribunal local pode tratar. O Senhor Jesus contrasta esse descuido dos fariseus com uma visão mais séria da lei. Em seu ensinamento, Ele também aplica o matar à repreensão de uma pessoa: a saber, nisso a disposição do coração é revelada. Ele também associa punições mais pesadas à repreensão cada vez mais violenta.

Desta forma, o Senhor deixa claro que nunca se trata apenas do ato externo, mas do estado do coração, que fica evidente. Portanto, na mesma categoria do homicídio, Ele trata todo tipo de violência, seja ela expressa em emoção ou ação, todo desprezo e ódio em que o mal do coração é expresso.

Depois dessas expressões, que revelam a disposição do coração, o Senhor agora fala da oferta de sacrifícios. Deus só pode aceitar um sacrifício de pessoas que vivem em paz com seu próximo. Se uma pessoa fez algo a seu próximo ou disse algo contra ele, e, por isso seu próximo tem algo contra ele, então ele deve primeiro se reconciliar com seu próximo. Somente após a reconciliação Deus pode aceitar sua abordagem e sacrifício. Ao fazer isso, é importante buscar a reconciliação com a outra parte o mais rápido possível. Se alguém pensa que a reconciliação não é importante, mais tarde isso levará à queda. Em um sentido profético, o Senhor também fala sobre o que o povo pode esperar quando não estiver bem disposto para com Ele. Ele é, nomeadamente, a sua contraparte, porque o tratam de forma totalmente desrespeitosa, não o aceitam e até o rejeitam e matam. Portanto, eles não escaparão de sua punição, nem mesmo experimentarão o alívio, mas o sofrerão por completo.

Mat 5:27-32 | Adulterio e Divórcio

27 Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. 28 Eu porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela. 29 Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado no inferno. 30 E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que todo o teu corpo seja lançado no inferno. 31 Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, que lhe dê carta de desquite. 32 Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério; e qualquer que casar com a repudiada comete adultério.

O segundo mandamento que o Senhor menciona e amplia é “não cometerás adultério”. Aqui Ele deixa claro que alguém não é culpado só por ter cometido adultério, mas atentar numa mulher para a cobiçar. Com isso, Ele indica a origem: o coração adúltero. Para evitar o juízo do inferno que se segue a tais atos, um autojulgamento radical é necessário. Nenhum sacrifício pode ser grande demais se ajudar a ser salvo do inferno que o aguarda no final de tal caminho. Não devemos nos submeter à tentação ou nos expor a perigos que possam moralmente causar nossa queda. Qualquer coisa que possa de alguma forma nos levar ao pecado deve ser radicalmente removida de nossas vidas ou lares. O olho é um símbolo do que vemos, a mão do que fazemos. É imperativo que evitemos olhar para coisas que nos levam a pensamentos pecaminosos; da mesma forma todas as situações que podem nos levar a ações erradas.

Com as palavras: “Também foi dito” (verso 31), o Senhor complementa uma frase que foi acrescentada à lei pelos homens. É verdade que a lei fala de uma carta de divórcio (Deu 24:1-4). Nesse caso, significa que não há como voltar atrás, uma vez que uma carta de divórcio foi entregue. A intenção é que alguém pense duas vezes antes de escrever uma carta de divórcio. No entanto, os israelitas conseguiram: “Você pode se separar de você se apenas se der uma carta de divórcio”. Mas isso enfraquece o casamento instituído por Deus.

O Senhor se opõe a esse acréscimo, introduzido pelos homens, com seu “Eu, porém, vos digo”. Com essas palavras recorrentes, o Senhor diz que a ordem dada por Moisés não expressa toda a vontade de Deus. Ao fazer isso, Ele não contradiz Moisés, nem retira nada das instruções de Moisés, mas as acrescenta ao seu significado completo. Ele, portanto, rejeita claramente a questão do divórcio: quem dissolve o casamento incentiva a fornicação. Isso se aplica tanto à mulher rejeitada que se casa novamente quanto ao homem que se casa com uma mulher rejeitada. O casamento é uma aliança indissolúvel para Deus. Ele odeia o divórcio (Mal 2:16).

A única situação em que uma mulher pode ser despedida é se ela cometeu fornicação. Observe que não diz adultério, mas fornicação. O que o Senhor quer dizer com isso é, por ex. a situação de José e Maria (Mat 1:18-19). José e Maria estavam noivos (Mat 1:18). Portanto, o casamento ainda não havia acontecido. No entanto, o Espírito Santo chama José de marido de Maria (Mat 1:19), e o anjo do Senhor fala a José, chamando Maria de sua esposa. Isso mostra que o estado de noivado e casamento é quase o mesmo. Se neste estado um dos dois tem associação sexual com um terceiro, não é adultério, mas fornicação. Nesse caso, o Senhor aqui dá a opção de demissão. José queria fazer o mesmo com Maria (Mat 1:19) e, portanto, não é de forma alguma admoestado pelo anjo do Senhor. Quando José agora ouve o que realmente aconteceu, ele recebe Maria de volta para si.

Mat 5:33-37 | O juramento

33 Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor. 34 Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis nem pelo céu, porque é o trono de Deus, 35 nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei, 36 nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. 37 Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna.

O juramento de que fala o Senhor Jesus relaciona-se com a interação humana na vida cotidiana. Muitos estão acostumados a afirmar suas palavras com um juramento quando suas palavras estão em dúvida. Uma promessa também pode ser fortalecida dessa maneira. No entanto, as pessoas costumam dizer mais do que realmente querem ou podem manter.

Falso juramento é uma promessa consciente ou inconscientemente não cumprida, ou um juramento feito euforicamente, que revela grande falta de autoconhecimento. É assim que resoluções grandiosas são anunciadas, mas na prática nada resultará delas. Suas próprias possibilidades são superestimadas ou exageradas de maneira hipócrita, e outros enfrentam as consequências adversas. É por isso que o Senhor mostra que qualquer autoconfiança é inadequada.

Não se trata de um juramento perante as autoridades. Tal juramento nada mais é do que o reconhecimento da autoridade de Deus, por exemplo, falar a verdade diante dele e com sua ajuda, toda a verdade, e nada mais que a verdade. O Senhor Jesus silencia sobre todas as acusações que o sumo sacerdote apresenta, mas quando ele conjura pelo Deus vivo, Ele responde (Mat 26:63).

Com um “Mas eu te digo”, o Senhor coloca no coração de seus discípulos que é melhor não jurar e abster-se de usar qualquer tipo de confirmação. Quando juram, os judeus apelam a todos os tipos de autoridades superiores. Ao fazer isso, eles afirmam que há uma autoridade superior por trás de suas palavras e que, portanto, suas palavras são confiáveis. Tal afirmação é extremamente inadequada e enganosa. Não temos permissão para trazer Deus e tudo relacionado a Ele para baixo ao nosso nível. Ele espera que sejamos confiáveis. Quando dizemos “sim”, queremos dizer “sim” e agimos de acordo. O mesmo se aplica ao dizer não.

Uma pessoa que confirma quase todas as declarações com um juramento não é confiável – nem mesmo em suas declarações cotidianas. Se você for realmente confiável, não precisa sublinhar isso com várias fórmulas de poder. Esse uso da linguagem não vem de Deus, mas do mal, de Satanás.

Mat 5:38-42 | Vingança

38 Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. 39 Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferecerei-lhe também a outra; 40 e ao que quiser pleitear contigo e tirar-te a vestimenta, larga-lhe também a capa; 41 e, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas. 42 Dá a quem te pedir e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes.

O que a lei exige sempre é justo. É por isso que não há nada de errado com o princípio “olho por olho, dente por dente”; Deve-se apenas salientar que isso deve ser aplicado por um tribunal comum, mas não no contexto de retribuição pessoal. Isso é o que você ouviu. Mas a graça vai muito além disso. O Senhor mostra isso quando agora diz: “Mas eu te digo”. E então Ele mostra com que espírito seus discípulos devem agir, como Ele o faz de maneira perfeita. Isso significa de não nos defendemos de um ser humano mau e que estamos prontos para nos humilhar não apenas um pouco, mas profundamente. Não insistimos em nossos direitos, darmos mais do que nos é pedido. Vamos ainda mais longe do que somos forçados. Também estarmos prontos para entregar e dar emprestado quando solicitado.

Assim como o Senhor revelou o caráter da violência e da corrupção nos versos anteriores, também aqui Ele mostra como apelar à mente e ao coração do cristão. No entanto, deve se tratar de necessidade real, não de ceder a um pedido que supostamente satisfaz os desejos mundanos. O cristão deveria ir além de uma obrigação e não ser conhecido como alguém que sempre guarda o máximo possível para si mesmo.

Mat 5:43-48 | Amor pelos inimigos

43 Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. 44 Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, 45 para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos. 46 Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? 47 E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim? 48 Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.

A primeira parte do que ouviram, “Amarás o teu próximo”, está na lei (Lev 19:19). Na prática, isso significa para os fariseus que eles amam apenas seus companheiros de partido, porque somente consideram estes como seus próximos. Os discípulos do Senhor também correm o risco de restringir a caridade a seus irmãos na fé. A segunda parte, “e aborrecerás o teu inimigo”, é um acréscimo feito por eles mesmos. Com o conhecido “Eu, porém, vos digo” o Senhor agora aprofunda a tradição e lhe dá seu ver-

dadeiro significado e poder. Mostra que o inimigo também é um próximo a quem devemos amar. Na parábola do bom samaritano, ele mesmo é o exemplo (Luc 10:29-37). Sempre que vê necessidade, Ele abre Seu coração independentemente de como é tratado por isso. Qualquer ingratidão recebida, mesmo rejeição e morte, não pode impedi-lo de agir de acordo com sua natureza; e isso consiste em amor perfeito e bondade incondicional. Ele faz isso porque seu Pai é assim e deseja glorificá-lo. É precisamente o próximo que deve ver um reflexo do pai, de que os filhos do pai vivem com dignidade.

Deus não é apresentado aqui como o legislador, mas como o pai. Esta é uma luz totalmente nova em que Deus é visto. Deus como o Pai governa o ensino do Senhor aqui. É adequado sermos filhos de nosso Pai Celestial na prática, pois um Filho é perfeito quando é como o pai.

Então, não se trata mais de como o outro se comporta em relação a mim (“ele me ama?”) ou quem o outro é para mim (“ele é meu irmão?”). Essa seria a perspectiva das pessoas neste mundo. Mas a questão é, que tornamos conhecido a todos os nossos semelhantes, até mesmo aos nossos inimigos, quem é nosso Pai celestial. Todo o comportamento dos discípulos deve apontar para seu Pai Celestial.

Mateus 6

Mat 6:1 | Justiça Prática

1 Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus.

Neste capítulo não se trata mais dos princípios cristãos em comparação à lei, como no capítulo 5, mas sobre nosso Pai, com quem temos que tratar em oculto. A expressão “vosso pai” aparece aqui mais de dez vezes. Os discípulos estão pessoalmente associados ao pai. Ele nos entende, vê tudo o que acontece ao nosso redor, nos ouve e nos aconselha. No geral, fica claro que Ele é de extrema importância para nós.

O capítulo anterior tratou sobre a natureza da justiça. Este capítulo trata sobre o exercício prático da justiça. Ao fazer isso, o Senhor aponta o grande perigo de que pratiquemos justiça diante dos olhos dos homens para receber seu apreço e reconhecimento. Isso nada mais é do que hipocrisia.

O Senhor aborda três formas de justiça que são facilmente realizadas para obter honra dos homens: caridade, oração e jejum. Como isso é visível exteriormente, eles podem causar uma impressão nos homens, mas não a Deus. Deus busca a verdade interior. Recebemos a recompensa que o Pai nos dá no reino da paz. Mas perdemos esta se apenas fizermos o bem aos olhos dos homens.

Mat 6:2-4 | Caridade

2 Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. 3 Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, 4 para que a tua esmola seja dada ocultamente, e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente.

Também neste capítulo, o Senhor ainda usa as palavras “Em verdade vos digo”. Ele fala com autoridade, não como os escribas.

Os fariseus alardeavam sua caridade nas sinagogas, onde ensinavam, mas também em público. O Senhor, portanto, os chama de “hipócritas”. Estes homens não deram atenção a Deus. Eles estavam preocupados apenas com os aplausos e elogios dos outros. Eles também os recebiam e, ao mesmo tempo, recebiam sua recompensa. Eles não tinham mais que esperar qualquer recompensa acumulada ou futura.

Depois desse tipo falso de caridade, o Senhor mostra o tipo bom. Toda doação importa ser dada diante dos olhos do Pai. Mesmo que ninguém saiba – o Pai vê, aprecia e recompensa. A mão esquerda não deve saber o que a direita faz; isso significa que não devemos doar nada para ter uma boa auto estima. Não contamos a ninguém sobre isso, mas temos orgulho de ter dado algo! Portanto, tudo deve acontecer diante do Pai e para Ele, não diante dos homens, nem mesmo por nós mesmos.

O que acontece sem o conhecimento dos homens será recompensado naquele dia futuro.

Mat 6:5-8 | Orações

5 E, quando orares, não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. 6 Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará. 7 E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que, por muito falarem, serão ouvidos. 8 Não vos assemelheis, pois, a eles, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de vós lho pedirdes.

Deus abomina a oração, que nada mais é do que uma exibição diante dos outros. Em tal oração, o orador se dirige à Deus, mas não para que Deus a ouça, e sim para que outros a ouçam.

Deus nem mesmo atenta para isso. Mas porque dá a impressão de que Ele está ouvindo a oração, é hipocrisia.

Essas manifestações ocorrem em edifícios ou em público. Qualquer pessoa que não tenha relacionamento com o próprio Deus admira essas demonstrações. É precisamente esta admiração que recompensa a “oração”. Eles não recebem nenhuma recompensa de Deus. A recompensa de Deus é para

aqueles que não buscam a honra dos homens, mas um tratamento genuíno com Ele. Lidar com Deus, falar com Ele nunca é um show. É um evento muito pessoal e sensível. Deve-se estar sozinho. Qualquer interferência também deve ser evitada o máximo possível: a porta deve ser trancada.

Outro ponto importante é não usar discurso prolixo. O que o Senhor quer dizer com isso é tornar a oração o mais longa possível por meio de repetições sem sentido. É um hábito pagão. A oração do “rosário” na Igreja Romana é um exemplo disso. Isso não significa que não podemos orar por muito tempo; mas ninguém precisa saber a duração e a intensidade de nossas orações. Portanto, é bom orar breve e vigorosamente em público. Não oramos para dizer a Deus coisas que ele ainda não sabe. Ele sabe tudo muito antes de pedirmos. Oramos para nos livrarmos de fardos.

Mat 6:9-15 | O Pai nosso

9 Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. 10 Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu. 11 O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. 12 Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. 13 E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal; porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém! 14 Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. 15 Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas.

Em seu ensino sobre a oração, o Senhor agora apresenta aos discípulos como orar. Com isso, é claro, Ele não quer dar a eles uma oração padrão para que eles repitam continuamente. Então resultaria exatamente no que Ele acabara de reclamar. Em vez disso, Ele indica nesta oração a quem sua oração deve ser dirigida e o que deve conter.

O endereço “Pai Nosso, que estás nos céus” exprime uma distância. O discípulo na Terra fala com o Pai Celestial. Isso já mostra que não se destina principalmente aos cristãos. Um cristão sempre tem livre acesso a Deus, seu Pai no céu. Não existe distância. Há, entretanto, uma lacuna entre o povo terreno de Deus e Deus no céu. Isso faz do “Pai nosso” uma oração que se faz com vistas ao início do reino da paz, enquanto as circunstâncias externas ainda estejam em total contraste com ele. O anúncio deste reino

por João Batista e pelo próprio Senhor suscita o desejo de estabelecer seu reino. Para fazer isso, eles devem tentar superar as dificuldades no mundo hostil ao seu redor e ser poupados das armadilhas do inimigo. Para fazer isso, é necessário fazer a vontade do Pai. Embora esta oração se destine principalmente ao remanescente de Israel, também podemos aprender muito com ela.

A oração contém seis pedos. Primeiro, existem três pedidos relacionados a Deus. Sobre seu nome, seu reino e sua vontade. Em seguida, vêm três pedidos que nos dizem respeito: nosso pão, nossa culpa e nossa proteção contra as tentações e as armadilhas do mal. Portanto, o Pai Celestial e Suas necessidades vêm em primeiro lugar, e nossas necessidades vêm em segundo lugar.

Um verdadeiro discípulo deseja que o nome de seu Pai, agora tantas vezes blasfemado e desonrado, seja santificado em toda a terra. Quando o Senhor Jesus reina, a santidade do nome do Pai é reconhecida e expressa com reverência por todos os homens. Os discípulos encontram sua maior alegria no fato de que seu Pai, que agora ainda está agindo em oculto, é então publicamente louvado e glorificado.

Quando o nome do Pai é santificado em todos os lugares, então a vontade do Pai também será feita em todos os lugares. Esse será o caso quando “o seu reino”, o reino da paz, tiver chegado. Então, haverá também obediência perfeita e “sua vontade” será feita na terra, assim como sempre foi feita no céu.

Mas ainda não chegou a hora. O discípulo ainda depende dos cuidados de seu Pai enquanto estiver cercado de inimigos. Na grande tribulação que precede imediatamente o estabelecimento do reino de paz, certamente haverá uma grande escassez de necessidades diárias. Mas, o Senhor diz aqui, eles podem pedir a seu Pai todos os dias para dar-lhes o que necessitam.

Eles também saberão que as dificuldades em que se encontram são o resultado de seus pecados. Portanto, eles pedem perdão e mostram disposição para perdoar, como já mostraram perante os seus perseguidores. Ao mesmo tempo, eles reconhecem sua fraqueza em permanecer firmes na tentação. O Senhor diz a eles que peçam a seu Pai que os proteja da

tentação, em que possam negá-Lo. E podem até pedir ao pai para livrá-los do mal delas.

No final de seu ensino sobre a oração, o Senhor retorna ao perdão. A palavra “também” no verso 14 faz uma conexão clara com o pensamento anterior. É necessário ter uma mentalidade de perdão para também receber o perdão. Se um discípulo não está disposto a perdoar quando outros pecaram contra ele, o Pai também não pode mostrar essa disposição. A falta de disposição de perdoar é um bloqueio para o acesso ao Pai, em oração.

Mat 6:16-18 | O jejum

16 E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas, porque desfiguram o rosto, para que aos homens pareça que jejuam. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. 17 Porém tu, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, 18 para não pareceres aos homens que jejuas, mas sim a teu Pai, que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará.

O jejum ocorre várias vezes no Antigo Testamento (Isa 58:1-6). Raramente aparece nas cartas do Novo Testamento que descrevem a vida da igreja. Frequentemente, está relacionado à oração (Atos 14:23). Também aqui segue imediatamente a oração. A oração diz respeito ao aspecto espiritual do homem, o jejum diz respeito ao aspecto físico. Jejuando, a pessoa faz participar seu corpo no que diz respeito a sua mente e alma. O jejum faz parte da humilhação e da aflição. Quando alguém jejuar, ele nega a si mesmo os prazeres terrenos, que no entanto, em si são inteiramente permissíveis. Portanto, em prol de um objetivo mais elevado, ele renuncia ao desfrute durante o jejum.

Mas o jejum não é um fim em si mesmo. Esse foi apenas o caso dos fariseus. Com uma expressão triste ou alterando o rosto, eles tentaram ganhar o apreço dos homens. Eles queriam que os homens vissem como eles viviam bem e piedosamente e como estavam tristes com a condição espiritual do povo de Deus. O Senhor Jesus percebe completamente este comportamento, chama-os de hipócritas e afirma que já receberam o seu galardão.

Um jejum verdadeiro não se vê em uma pessoa. Como na oração, é uma questão entre o Pai e o discípulo. Se alguém se sente tão solidário com o

Pai quanto à condição de seu povo, então o jejum é realmente para Ele, não para os outros; e o Pai vai recompensar isso.

Mat 6:19-21 | Tesouros no céu

19 Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. 20 Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam. 21 Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

Na última parte do capítulo (versos 19-34), o Senhor fala sobre as posses terrenas e as coisas necessárias à vida. Por causa da profunda tendência de todos os homens de perseguir tesouros terrenos, o Senhor dá as admoestações necessárias para isso. Existem duas razões para não fixar seu coração nisso. Essas razões estão relacionadas às duas maneiras pelas quais podemos perder nossos tesouros: primeiro, eles podem ser corrompidos por forças da natureza que estão além do nosso controle. Em segundo lugar, pessoas violentas podem roubá-los de nós. Não importa o quanto tentemos nos proteger de ambos, uma data de validade para nossas posses não pode ser garantida.

O Senhor aponta outros tesouros que não podem se deteriorar e que não podem ser roubados de nós. Esses são os tesouros no céu. Esses tesouros estão ligados a Ele, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão escondidos (Col 2:3). O que coletamos dele ao lidar com as coisas que são de acima (Col 3:1-2) é de valor eterno e imortal. Se realmente conhecemos o Pai Celestial, então temos nosso tesouro no Céu e nosso coração também está lá. Temos apenas um coração, e este está com aquilo que nosso coração mais valoriza.

Mat 6:22-23 | A lâmpada do corpo

22 A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz. 23 Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!

Para apreciar o verdadeiro valor do tesouro no céu, precisamos de um olho simples. Nosso olho é uma lâmpada. O olho não é em si uma fonte de luz,

mas capta a luz e a transmite ao corpo. Os membros então sabem o que fazer. Em vista desse tesouro no céu, podemos orar como Paulo fez. Ele pediu olhos iluminados do coração (Efé 1:18) para que pudesse conhecer as riquezas do céu. Meros confessores que afirmam ter uma conexão com o Senhor, afirmam ser iluminados. Mas seu olho é mau. Eles não têm nenhum tesouro no céu, mas um tesouro na terra. A luz que eles asseguram ter é, na verdade, escuridão. Aqueles que presumem ter luz estão nas maiores trevas possíveis. Essa pessoa está completamente fechada à luz de Deus.

Mat 6:24 | Deus ou Mamom

24 Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.

Não é possível coletar tesouros no céu quando nossos olhos vagam entre os tesouros do céu e os da terra. Deus e Mamom são dois senhores que reivindicam serviço. Deus quer que sirvamos a Ele, e Ele tem esse direito. Mamom, o deus do dinheiro e da riqueza, também tenta nos levar a servi-lo. Servir aos dois ao mesmo tempo é impossível.

No entanto, muitos cristãos acreditam que é possível e tentam fazer isso. Mas o Senhor Jesus diz aqui que não é possível. Deus e Mamom são completa e mutuamente exclusivos, eles estão em total oposição um ao outro. Se alguém diz que serve a Deus, mas sua vida prova que vive apenas para a terra, está negando seu relacionamento com Deus. Em sua prática, as coisas terrenas ganharão cada vez mais espaço e a vida para a glória de Deus conseqüentemente perderá cada vez mais importância.

Mat 6:25-34 | Não seja ansioso

25 Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta? 26 Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? 27 E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? 28 E, quanto ao vestuário,

porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam. 29 E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. 30 Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? 31 Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? 32 (Porque todas essas coisas os gentios procuram.) Decerto, vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas; 33 Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. 34 Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.

Nestes versos não se trata dos perigos da riqueza, mas sobre os cuidados da vida. Isso pode tomar conta de nós tanto quanto o acumular tesouros. O perigo de se preocupar, não significa por ex., de não cuidarmos de nossa família, mas preocupando-se e meditando sobre nossa família. Podemos colocar as preocupações comuns da vida em segundo lugar e confiar que o Senhor cuidará delas. Porque mesmo na natureza Ele cuida de tudo que é necessário!

O Senhor nos incentiva a simplesmente olhar para as aves, pois todas elas recebem o que necessitam, porque nosso Pai Celestial as alimenta. Podemos saber que somos muito mais importantes para nosso Pai do que as aves. Quando percebemos isso, a preocupação com comida e bebida desaparecerá por si mesma. O mesmo vale para a duração de nossas vidas e nossas roupas. Para não nos preocuparmos demais, o Senhor nos convida a olhar os lírios e a erva. Quando vemos como Deus os trata e o que acontece com eles quando florescem, o fardo dessas coisas pode ser removido de nós. É assim que o Senhor tranquiliza Seus discípulos: Eles não precisam se preocupar com comida, bebida ou roupas.

As pessoas deste mundo não podem deixar de se preocupar com essas coisas. Eles não têm mais nada! Eles não têm Pai nem tesouro no céu e vivem somente para seu bem-estar terreno. Portanto, dependem do suprimento; ao olhar para o outro mundo, a importância da comida, da bebida e das roupas desaparece. Para fazer a escolha certa, os olhos devem estar dirigidos ao invisível, ao eterno e ao celestial.

Um discípulo do Senhor pode saber que seu Pai celestial sabe que ele precisa e cuidará de todas as coisas visíveis, temporais e terrenas. A primeira preocupação de um discípulo pode, portanto, estar centrada no reino de Deus e em sua justiça – assim deve ser, e esta é a missão do discípulo. Buscar o reino de Deus significa colocar-se totalmente a seu serviço; reconhecer que o Senhor está no controle de todas as áreas da vida. Significa fazer o que Ele diz, dizer o que Ele quer e ir aonde Ele quiser. A busca da justiça de Deus é a busca do caminho certo que Deus nos diz para seguir e no qual Cristo nos precedeu.

Ao servirmos ao Pai Celestial dessa maneira, ficamos sujeitos à Sua vigilância e atenção bondosa. Nosso Pai Celestial conhece e cuida de todas as nossas necessidades. Dessa forma, podemos ficar completamente livres de todas as preocupações ansiosas e ter total confiança em sua preocupação amorosa.

Mais uma vez o Senhor diz que não precisamos nos preocupar, nem mesmo com o dia seguinte. Não adianta pensar no que pode acontecer amanhã. Já nos basta o mal de hoje. Não precisamos nos sobrecarregar hoje com as preocupações do dia seguinte. Chegando o dia seguinte, elas podem não estar mais lá. Mas se elas ainda estão lá, então Deus também está lá.

Mateus 7

Mat 7:1-6 | Juízo temerário

1 Não julgueis, para que não sejais julgados, 2 porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. 3 E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? 4 Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? 5 Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão. 6 Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; para que não as pisem e, voltando-se, vos despedacem.

No capítulo 6, tivemos o ensino do Senhor por meio do qual Ele iniciou Seus discípulos em um relacionamento com o Pai Celestial. Ele quer que o Pai preencha todos os seus pensamentos, seja sobre caridade ou orações, sobre jejum ou sobre sua relação com os bens e todas as necessidades da vida. Agora, neste capítulo, o Senhor ensina seus discípulos sobre o relacionamento com seus irmãos e até mesmo com homens ímpios.

Trata-se do governo de Deus na vida de um discípulo. Isso significa que todos são responsáveis pelo que fazem e que suas ações e palavras sempre têm consequências para si próprios e para os outros.

Quando o Senhor diz: “Não julgueis”, não está se referindo a coisas óbvias, mas a coisas ocultas. É uma advertência contra o espírito de crítica em nós mesmos, a tendência de imputar motivos ruins aos outros, especialmente quando estes não são reconhecíveis. Claro, o Senhor não quer dizer com isso que a santa condenação do mal deve ser suavizada. Se houver mal manifesto na igreja, a igreja deve julgá-lo (1Cor 5:12-13).

Se tivermos a pretensão de julgar, quando não é da nossa conta, enfrentamos o governo de Deus. Deus então nos julgará e nos avaliará de acordo com os padrões que aplicamos aos outros. Ele nos ensina o quanto prejudicamos os outros.

Esse julgamento também se expressa no tamanho do mal que acreditamos ver nos outros enquanto estamos cegos para nossos próprios erros, mui-

to maiores. Fazemos um celeuma com o cisco no olho do nosso irmão, o cisco torna-se muito grande, enquanto a trave nos nossos próprios olhos é banalizada. Ficamos na espreita quando alguém deixa de ver uma pequena parte da verdade e, ao mesmo tempo, falhamos em perceber que nós mesmos estamos negligenciando grande parte da verdade.

Quando houver preocupação genuína de um pelo outro, ficaremos felizes em ajudar o outro a remover um cisco em seu olho. Para isso, somos membros do mesmo corpo. Mas isso tem que ser feito de uma boa maneira. Mateus 7, por outro lado, trata sobre julgamento hipócrita, julgamento sem autojulgamento, de alguém permitir que uma coisa má em si fique sem julgamento e então condenar exatamente isso em outra pessoa.

O verso 6 parece tocar em um tópico muito diferente dos versos anteriores. Mas existe uma conexão. Nos primeiros cinco versos, o Senhor adverte contra julgar ou condenar os motivos do coração de nossos discípulos porque eles estão ocultos de nós. Mas o verso 6 trata de julgar as pessoas que afirmam ser crentes, mas cujas palavras e ações mostram que pisam nas coisas preciosas do Senhor Jesus. Disto, o Senhor diz expressamente, devemos nos distanciar e condenar.

Cães e porcos são pessoas no Cristianismo para quem as coisas preciosas da verdade de Deus são sem sentido e sem valor. Devemos condenar fortemente essas pessoas. Não podemos oferecer a eles nada que Deus reservou para seu povo, que também aprecia o que há de precioso. Essas pessoas pisam o que é valioso, que lhes oferecemos e também nos seduzirão e nos dilacerarão (cf. 2Ped 2:22). Cães e porcos não significam pecadores em geral, e o sagrado e as pérolas não significam o evangelho. Aquele que anuncia o evangelho não usa pérolas ante os porcos. O evangelho está lá para todos os pecadores, incluindo o mais parecido com um porco entre eles.

Mat 7:7-12 | Pedi, buscai, batei

7 Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. 8 Porque aquele que pede recebe; e o que busca encontra; e, ao que bate, se abre. 9 E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? 10 E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? 11 Se, vós, pois, sendo maus,

sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem? 12 Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.

Aqui o Senhor oferece um incentivo importante para colocar em prática todos os ensinamentos que Ele deu. Depois de ouvir os ensinamentos, nos sentimos muito fracos para segui-los. Mas aqui o Senhor nos dá os recursos: pedir, buscar, bater. Ele nos incentiva a fazer uso ilimitado e sustentado deles. Se realmente fizermos isso, podemos ter a certeza de uma resposta. O Senhor nos dá essa garantia com as palavras “porque aquele que pede recebe” e assim por diante.

“Pedir” é expressar um desejo. “Buscar” indica que o que é necessário não está disponível, mas que temos de fazer um esforço para obtê-lo. No “bater” enfatiza-se a urgência de pedir a Deus e também que uma porta deve ser aberta; isso pode ser aplicado à remoção de um obstáculo.

O limite da dádiva divina é determinado por nossa fé. Deus dá de boa vontade e abundantemente. Sua abundância é inesgotável. Sua capacidade de nos presentear é ilimitada. Ele diz: “Abre bem a tua boca, e ta encherei” (Slm 81:11). No entanto, Deus não nos dá tudo o que pedimos para ele. Porque ele só dá o que é bom. Se pedirmos alguma coisa ao Pai, Ele não nos dará nada que seja inútil como uma pedra ou perigoso como uma cobra. Seu padrão não é inferior ao de um pai terreno.

O verso 12 é um resumo dos versos 1-11, na verdade todo o Antigo Testamento, na medida em que fala sobre relacionamentos entre as pessoas. Independente do que uma pessoa faça, minha preocupação é fazer-lhe o que eu quero que ela faça a mim. Assim estarei agindo como um filho do Pai Celestial. Não diz: “O que você não quer que alguém faça a você, não faça aos outros”. Isso seria uma abordagem negativa ao outro. O Senhor diz isso positivamente. Isso combina bem com o anterior. Se o Pai nos dá tão abundantemente, devemos dar abundantemente também aos outros.

Mat 7:13-14 | Duas portas, dois caminhos

13 Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; 14 E porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.

Aqui o Senhor fala às multidões e não aos discípulos. Oferece-lhes a escolha entre a porta estreita e a larga, entre entrar na vida e perder-se. A porta é estreita porque alguém só pode entrar por ela se não quiser levar nada de si mesmo. Mas não é muito estreita para quem se humilha diante de Deus e se torna pequeno. Mas a porta provavelmente é estreita demais para alguém que pensa que pode entrar por causa de suas próprias boas obras. São essas obras que tornam as pessoas grandes. Pessoas com obras de sua própria justiça entram pela porta larga. Muitos escolhem esta porta confortável e o caminho largo igualmente confortável para levar uma vida confortável. O fim deste caminho, entretanto, é a perdição.

Apenas alguns descobrem e usam a porta estreita. Isso não significa que a graça de Deus seja limitada. A graça de Deus é rica, gratuita e disponível para todos. No entanto, existem apenas alguns que apelam para a graça. Somente aqueles que reconhecem, que não podem permanecer diante de Deus, e confessam seus pecados para Ele entram. Eles escolhem o modo de vida. Mas esse é um caminho estreito. A multidão não pode ser encontrada lá. Mas esse caminho leva à vida eterna com Deus.

Mat 7:15-20 | Falsos profetas

15 Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. 16 Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? 17 Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus. 18 Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons. 19 Toda árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. 20 Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.

O Senhor agora está alertando sobre os falsos profetas. Eles alargam a porta estreita e alargam o caminho estreito. Eles se apresentam como discípulos, mas na realidade eles só trazem danos. Eles estão dispostos a corromper os verdadeiros discípulos. A diferença entre profetas verdadeiros e falsos pode ser vista no fruto. O fruto não consiste exclusivamente de maldade grosseira. Os falsos profetas nem sempre trazem ensinamentos visivelmente malignos. Os efeitos desses ensinamentos – a saber, seus frutos – mostram com que tipo de profetas estamos lidando. Portanto, é sobre

o que um ensino faz na vida do discípulo. Se o torna um seguidor mais fiel do Senhor ou o afasta do Senhor?

Assim também é com uma árvore. A saúde da árvore pode ser reconhecida pelos frutos que produz. Você não pode ser enganado nisso. Também é claro o que acontece com uma árvore que não dá bons frutos. Você não a deixa crescer, porque se alguém acidentalmente comer dela, pode ser prejudicial ou até fatal. Portanto, tal árvore deve ser cortada e jogada no fogo.

O mesmo é verdade para homens cujos ensinamentos desviam o povo de Deus. O povo de Deus é chamado para produzir bons frutos para ele. Mas se a atividade dos falsos profetas não produz bons frutos, então os falsos profetas devem ser rigorosamente julgados. Portanto, vamos dar atenção para os frutos de uma determinada doutrina para que possamos ver com que tipo de profetas estamos lidando!

Mat 7:21-23 | O Julgamento do Senhor sobre Falsos profetas

21 Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. 22 Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? 23 E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.

O que importa não é tanto o que alguém diz, mas o que ele faz. Não importa o quão enfaticamente uma pessoa possa confessar que o Senhor Jesus é “Senhor” e até mesmo dizer a palavra “Senhor” duas vezes, mas se ela não fizer a vontade de Deus e não se submeter às Escrituras, O Senhor a rejeitará. Esses o Senhor diz “que cometem impiedade”, são pessoas que não reconhecem nenhuma autoridade, nem mesmo Deus.

Os falsos profetas reconhecem a autoridade do Senhor com a boca, mas na prática não agem de acordo com isso. Judas é um exemplo terrível dessas pessoas. Ele sem dúvida falou grandes palavras, fez obras impressionantes em nome do Senhor, mas não havia devoção interior ao Senhor nele. Ele nunca foi convertido e, conseqüentemente, não teve uma nova vida.

De todos esses homens que O conheceram apenas com os lábios, o Senhor dirá publicamente que Ele nunca os conheceu. Claro, Ele os conhecia

plenamente. Por isso Ele vem a esta condenação perfeitamente justa. O fato de que Ele nunca os conheceu significa apenas que nunca houve um relacionamento entre Ele e eles, que Ele reconhecesse, porque eles nunca foram convertidos.

Mat 7:24-27 | Dois tipos de fundamento

24 Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. 25 E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. 26 E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. 27 E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.

Nestes versos, o Senhor Jesus explica a diferença entre o homem prudente e o insensato. Essas são as palavras finais do Sermão da Montanha. É claro que essas palavras de conclusão e resumo se aplicam não apenas ao que Ele disse no Sermão da Montanha, mas a toda a Palavra de Deus.

Quem é prudente e quem é insensato? Aquele que ouve as palavras do Senhor Jesus e as pratica é prudente. Aquele que ouve as palavras do Senhor Jesus e não as pratica é insensato. Portanto, a diferença não está em ouvir ou não ouvir. Tanto o prudente como o insensato ouvem a palavra de Deus. A grande diferença é: fazer ou não fazer. O Senhor compara essa diferença com a construção de uma casa. A diferença não está nas casas. Ambas são provavelmente construídas com material adequado. A grande diferença está no fundamento sobre o qual a casa foi construída.

Ao fazer essa comparação, o Senhor mostra que um teste mostrará se alguém é prudente ou insensato. Este teste mostra se alguém ouve e age de acordo – isto é, é prudente – ou se escuta e não age – isto é, é insensato. O teste é feito de várias maneiras. Por um lado, chove torrencialmente. Nisto podemos ver provações repentinas, como por ex. na vida de Jó. Uma chuva forte ainda não acabou, então a próxima já está vindo e fazendo sua obra devastadora (Jó 1:13-19). Mas a casa da vida de Jó permaneceu de pé. Ele não desistiu de sua confiança em Deus (Jó 2:10).

Também pode haver correntes de água. Isso fala de uma pressão contínua e crescente. Davi descobriu, por ex. no longo tempo de sua perseguição por Saul, que queria matá-lo. Às vezes, isso se tornava tão difícil para ele que quase perdeu a confiança (Slm 69:1-4,16). Mas mesmo ele, não desistiu de sua confiança em Deus (Slm 69:31-37).

E, finalmente, há ventos. Eles nos fazem pensar em “ventos de doutrina” (Efé 4:14). Timóteo é avisado sobre “espíritos enganadores e ensinos de demônios” (1Tim 4:1) que fazem o possível para entrar na vida das pessoas, minam e devastam sua fé. Infelizmente, isso acontece muito no cristianismo. Mas Paulo mostra a ele a confiabilidade da palavra e que ele deve concentrar sua esperança no Deus vivo (1Tim 4:9-10).

Todos esses elementos atacam a casa da vida e comprovarão em que tipo de alicerce ela foi construída: na rocha ou na areia. Ninguém que alega ouvir escapa desta prova.

No caso do homem prudente, o Senhor usa a palavra “combateram” para provar a casa. Nisso sentimos a enorme veemência dos esforços do inimigo, que, com todas as suas forças, quer levar a casa ao colapso. Mas qual é o resultado? Não caiu!

No caso do homem insensato, o Senhor usa a palavra um pouco mais fraca [versão Darby] “bateram”, como se o inimigo tivesse que reunir menos força ali. O insensato também ouviu as palavras do Senhor. Só que ele não obedeceu. Ele não estava construindo na rocha, mas em outra coisa. Seja o que for, chama-se areia e não dá estabilidade. É por isso que o homem é insensato. A prova traz isso à luz. A casa não apenas desaba, mas sua queda é grande.

Sobre o que é construída a nossa casa da vida? Somos prudentes ou insensatos? Ninguém se considerará insensato. Mas a prova está chegando e revelará claramente quem somos. Tudo se resume a acreditarmos, reconhecermos e obedecermos a palavra de Deus. Menos não é suficiente. Descobrimos que a construção é freqüentemente executada em fundamentos errados. Muitos ouvem a palavra de Deus, mas fazem o que querem com ela. Isso é exatamente o que é construir na areia, o que inevitavelmente leva a uma grande queda.

Mat 7:28-29 | As multidões estão maravilhadas

28 E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, 29 porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas.

Embora seu ensino fosse dirigido a seus discípulos, as multidões o ouviam. E o que ouvem os surpreende. Não é de admirar, porque a voz do Senhor é como a de outro mundo. O Senhor ensina a Palavra – isso dá a Ele autoridade. Ele é o que diz. Em si mesmo, seu ensino se torna claro. Ele foi o Mestre perfeito que deu instruções aos seus discípulos, isto é, aos seus seguidores. E eles honraram seu Mestre e queriam se tornar como ele. Eles não apenas O ouviram, mas também O imitaram.

A autoridade com que Ele proclamou essas coisas surpreende a multidão. Eles vêem a diferença entre a maneira como ele ensina e a maneira como seus escribas ensinam. Os escribas eram pessoas que não faziam o que diziam (Mat 23:4).

Mateus 8

Mat 8:1 | Grande multidão o segue

| *1 E, descendo ele do monte, seguiu-o uma grande multidão.*

Nos capítulos anteriores, o Senhor pregou os princípios ou a lei básica do reino vindouro. Isso surpreendeu tanto as multidões que agora elas O seguem. Nos próximos dois capítulos, vemos os sinais do rei ou reino com os quais o Senhor mostra as obras de seu poder.

Os eventos nestes capítulos não estão em ordem cronológica; encontramos isso em Marcos. Existem eventos aqui que provam a presença do Messias prometido. O povo poderia tê-lo reconhecido por isso. Ele é o Emanuel, “Deus conosco”, que faz o bem ao seu povo. Nele, um Deus de graça e misericórdia é revelado. Em todos esses eventos, aprendemos cada vez mais sobre o próprio Senhor Jesus, a glória de sua pessoa sempre resplandece.

Pela ordem dos três primeiros incidentes podemos reconhecer o plano básico de Deus com seu povo. A purificação do leproso (versos 2-4) apresenta o remanescente do povo que crê nele enquanto está na terra – por mais fraca que seja essa fé. No centurião romano, vemos que quando o povo O rejeita, o caminho está livre para a introdução dos gentios (versos 5-13). Na cura da sogra de Pedro, nós O vemos retornado a Israel (a casa) e o povo em condições de servi-lo (versos 14-15).

Mat 8:2-4 | Purificação do leproso

| *2 E eis que veio um leproso e o adorou, dizendo: Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo. 3 E Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero; sê limpo. E logo ficou purificado da lepra. 4 Disse-lhe, então, Jesus: Olha, não digas a alguém, mas vai, mostra-te ao sacerdote e apresenta a oferta que Moisés determinou, para lhes servir de testemunho.*

A primeira obra de seu poder descrita por Mateus é curar um leproso. Onde outras pessoas teriam recuado de horror com a chegada desse homem, o Senhor não recua com nojo. O homem estava convencido do poder do Senhor Jesus, mas não tanto de sua graça. Mas o Senhor o recebe com

graça. Ele age imediatamente, estendendo a mão, tocando-o e pronunciando a palavra de poder para purificação. O leproso é então purificado. Normalmente, qualquer pessoa que tocasse em um leproso ficaria impura. Mas o bendito Redentor chegou tão perto dos homens que foi capaz de remover as contaminações sem se contaminar.

No terceiro livro de Moisés, encontramos cerimônias de purificação (Lev 14:1-20), mas não para cura. A lepra só poderia ser curada por Deus (cf. 2Rei 5:7). Mas o Senhor Jesus é Deus. Ele também é o legislador. Portanto, Ele diz ao purificado que ele deve ir ao sacerdote e seguir as prescrições de purificação descritas por Moisés. O significado mais profundo disso é que daria à classe sacerdotal uma evidência clara da presença de Deus entre eles. O sacerdote que antes o havia declarado impuro veria agora que o homem estava são, e somente Deus poderia ter feito isso. Mas visto que o Senhor Jesus fez a purificação, o sacerdote deveria ter chegado à conclusão de que Deus estava presente Nele, entre seu povo.

A lepra é como o pecado, porque a lepra é uma figura do poder eruptivo e pernicioso do pecado que, além de tudo, tem um efeito contaminante sobre os outros. A lepra torna as pessoas repulsivas e inadequadas para viver para a glória de Deus e bênçãos dos outros. Miriam, Geazi, Uzias ou Azarias tornaram-se leprosos, como uma prova visível de arrogância e ganância em seus corações (Núm 12:10-15; 2Rei 5:27; 15:5; 2Crô 26:16-21).

Ninguém pode eliminar com o pecado, exceto o Filho de Deus (1Joã 3:5). O pecado impede o discipulado fiel. O Senhor deseja remover todos os obstáculos de nós para que possamos segui-Lo.

Mat 8:5-13 | O centurião de Cafarnaum

5 E, entrando Jesus em Cafarnaum, chegou junto dele um centurião, rogando-lhe 6 e dizendo: Senhor, o meu criado jaz em casa paralisado e violentamente atormentado. 7 E Jesus lhe disse: Eu irei e lhe darei saúde. 8 E o centurião, respondendo, disse: Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra, e o meu criado sarará, 9 pois também eu sou homem sob autoridade e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu criado: faze isto, e ele o faz. 10 E maravilhou-se Jesus, ouvindo isso, e disse aos que o seguiam: Em verdade

vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé. 11 Mas eu vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaac, e Jacó, no Reino dos céus; 12 E os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes. 13 Então, disse Jesus ao centurião: Vai, e como creste te seja feito. E, naquela mesma hora, o seu criado sarou.

O personagem principal desse incidente é um centurião gentio que parece ter uma fé notável no Senhor Jesus. Essa fé se torna evidente por ocasião da doença de um de seus servos, que está paralisado, em casa com muitas dores. O centurião busca o Senhor e implora por seu servo. A situação do servo ilustra como o pecado pode paralisar completamente alguém e causar uma dor tremenda. Como no incidente anterior, não há ninguém aqui que possa oferecer uma saída. O centurião percebe que somente o Senhor Jesus pode ajudar. O próprio servo não pode fazer nada. Dessa forma, também podemos ir ao Senhor e implorar a Ele em favor de outras pessoas que não podem fazer isso por si mesmas.

O Senhor respondeu com benevolência ao pedido do centurião. Ele quer ir e curar o servo. Isso revela a avaliação realista do centurião, de si mesmo e do Senhor. Ele se sente muito indigno do Senhor para que o Senhor entre em sua casa. Ao mesmo tempo, ele reconhece o grande poder da palavra do Senhor. Ele se refere a isso agora. O Senhor não precisa ir, mas também pode curar por meio de sua palavra de poder (Slm 107:20). Ele não precisa estar fisicamente presente em nenhum lugar para isso, porque Ele é onipresente. Enquanto ele está falando com o centurião, Ele também está junto ao seu servo ao mesmo tempo.

Das palavras do centurião sobre si mesmo, segue-se, por um lado, que ele está sujeito aos outros e, por outro lado, há outros que estão sujeitos a ele. Ele pode dar ordem com uma palavra e eles obedecem. Ele vê a mesma coisa com o Senhor Jesus. Ele também está sujeito à autoridade de outro, a saber, Deus. Ele também pode dar ordem e é obedecido.

O que o centurião diz impressiona o Senhor Jesus. Este é um mistério que só faz a glória de sua pessoa parecer ainda maior. Por um lado, é Ele mesmo quem realiza a fé no centurião. Mas, assim que esta fé é expressa, Ele a avalia como algo do próprio centurião. Ele se espanta acima de tudo

porque o centurião é um gentio e não um membro de seu próprio povo. Ele ainda tem que declarar que não encontrou uma fé tão grande em Israel.

A fé do centurião gentio é característica de todos os crentes que não pertencem a Israel. Israel só chegará a crer quando o Messias vier e Ele os tocar. Esse contato havia acontecido com o leproso (verso 3) e também na história seguinte, com a sogra de Pedro (verso 15). A fé gentia é caracterizada por confiar em Sua palavra sem sua presença física. Por meio dessa fé, muitos dos confins da terra participarão das gloriosas bênçãos do reino dos céus, junto com Abraão, Isaque e Jacó. O Senhor pessoalmente garante isso com suas palavras “Eu vos digo”.

O “eu vos digo” também se aplica ao outro lado. Tão certo quanto os crentes gentios receberão uma parte dele, certamente aqueles para quem o reino foi realmente destinado não receberão uma parte dele por causa de sua descrença. Enquanto muitos dos pobres gentios virão para a mesa no reino dos céus, com os pais honrados pelos judeus como os primeiros herdeiros da promessa, os filhos do reino estarão em total escuridão. Em vez de serem introduzidos à luz e às bênçãos, eles são lançados em um lugar totalmente oposto. Eles estarão na escuridão total, chorando de dor e de remorso rangendo os dentes, pelas bênçãos que perderam.

Mat 8:14-15 | Cura da sogra de Pedro

14 E Jesus, entrando na casa de Pedro, viu a sogra deste jazendo com febre. 15 E tocou-lhe na mão, e a febre a deixou; e levantou-se e serviu-os.

O terceiro caso de cura ocorre em uma casa, a casa de Pedro. O Senhor é um convidado lá. Onde Ele está, doença e morte não podem existir. Assim será quando Ele governar a terra (Isa 35:10). O Senhor vê a necessidade. Não lemos que Ele fala uma palavra, mas toca a mão dela. A cura é instantânea e completa. Um tempo de recuperação não é necessário.

Mateus não relata que o Senhor foi pedido para curar. Lemos isso em Marcos (Mar 1:30). Aqui, a cura é simplesmente um ato resultante de Sua presença. Outra prova de que Ele é o Messias, Aquele que “sara todas as tuas enfermidades” (Slm 103:3).

A febre é uma doença que deixa a pessoa agitada. Há atividade, mas é descontrolada e só tem como resultado que a pessoa se torna cada vez

mais fraca. Ela não é mais capaz de ajudar os outros. Mas quando o Senhor a curou, ela pode se levantar e servi-Lo. O Senhor também quer nos libertar de todas as ocupações sem sentido que apenas consomem nossas forças, sem que nada possa ser feito em sua honra. Para fazer isso, como aconteceu com esta mulher, Ele deve tocar nossa mão. A mão é um símbolo de atividade. Se Ele é o poder de nossas atividades, não algum fogo consumidor dentro de nós, então somos capazes de servi-Lo.

Mat 8:16-17 | Muitos são curados

16 E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele, com a sua palavra, expulsou deles os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, 17 para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças.

O Senhor permanece em ação pelos necessitados até a noite. Existem “muitos possuídos” lá – e isso na terra de Deus. Pois o povo deve ter se desviado muito. Com a palavra de seu poder, os espíritos saem. Não há nenhuma resistência. O Senhor cura todos os que sofrem. Além dos sofrimentos espirituais causados por demônios, houve muitas doenças físicas. Tudo isso prova que, em vez de bênçãos como resultado da obediência, o povo trouxe maldição sobre si por meio da desobediência. Mas agora o Senhor Jesus está lá para libertar as pessoas, que vêm a ele com fé, das consequências da maldição.

A citação de Isaías mostra como e com que espírito o Senhor realizou as curas. Ao ajudar as pessoas, Ele sentiu profundamente todas as dificuldades e doenças deles. Em Seu Espírito, Ele carregou os fardos deles, enquanto os carregava em Seu poder. O milagre revelou Seu poder divino, mas ao mesmo tempo houve compaixão divina, que penetrou nas necessidades profundas daqueles a quem Ele veio ajudar.

O fato de que Ele carregou as doenças sobre si, não aponta para a cruz, mas para sua vida terrena. A citação de Isaías não diz que o Senhor carregou nossas doenças na cruz e que um crente, portanto, não precisa mais ficar doente. Assim como o Senhor se compadece das fraquezas, Ele pode se compadecer das doenças. Ele não pode fazer isso com o pecado. Ele faz-se

um com os enfermos e também com os que estão presos por causa do seu nome (Mat 25:36-40).

Mat 8:18-22 | Seguir ao Senhor

18 E Jesus, vendo em torno de si uma grande multidão, ordenou que passassem para a outra margem. 19 E, aproximando-se dele um escriba, disse: Mestre, aonde quer que fores, eu te seguirei. 20 E disse Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. 21 E outro de seus discípulos lhe disse: Senhor, permite-me que, primeiramente, vá sepultar meu pai. 22 Jesus, porém, disse-lhe: Segue-me e deixa aos mortos sepultar os seus mortos.

Uma grande multidão se reúne ao redor do Senhor. Todos são atraídos por seus benefícios. Mas o Senhor conhece seus corações e sabe que eles só querem se beneficiar de sua bondade. A evidência de sua bondade foi dada. Agora é a hora de deixar esta área. Então, Ele ordena a seus discípulos a ir para o outro lado do mar. Ele deve fazer Sua obra lá também. Então, um escriba surge no meio da multidão. Cheio de entusiasmo, ele se reporta ao “Mestre” e confessa que quer segui-lo por onde ele for. Isso mostra que ele tem uma opinião elevada de si mesmo.

O conhecimento das escrituras (afinal ele era um escriba) e o desejo de seguir o Senhor não é suficiente para realmente segui-Lo. O Senhor diz a ele o que importa para segui-lo. Para poder realmente segui-lo, é necessário reconhecer e condenar os próprios interesses e autoconfiança. O Senhor também diz que não há honra, mas vergonha associada ao segui-lo.

O Senhor conhece bem o seu coração. Aqui está um judeu carnal que pensa que pode conseguir uma boa posição com o Messias, seguindo-o. Alguém que se oferece sem ser chamado pode pensar que seguir é algo muito agradável, mas não está firmemente ancorado em sua alma. Em breve, haverá mudanças nas condições que atrairão seu coração em outras direções e, por fim, ele descerá ao seu nível original.

Quem se oferece para seguir o Senhor sem ser chamado vai ouvir o que é sua parte ao segui-lo. Enquanto as raposas e aves do céu obtiveram um lugar de descanso, Ele mesmo, o Filho do homem estava sem lar na terra. Raposas e aves do céu não são exatamente os animais mais agradáveis da

criação. Na Bíblia, eles simbolizam astúcia e maldade. Mas, como criaturas, estão sujeitos aos cuidados de Deus.

Aqui o Senhor chama a si mesmo de “Filho do Homem” pela primeira vez. Este título está associado à sua rejeição ou à sua glória; neste ponto, Ele indica sua rejeição.

O caso do discípulo, que quer fazer outra coisa “primeiro” antes de seguir o Senhor, é um pouco diferente. Acontece que, após o chamado do Senhor, surgem imediatamente as preocupações em segui-lo imediata e completamente. Este discípulo quer fazer primeiro algo que seja perfeitamente bom em si mesmo. Ele mostra respeito por seu pai. Nesse caso – se o Senhor o chamou – suas reivindicações devem preceder a tudo o mais, inclusive os laços familiares. Eles não são de forma alguma ignorados; Deus quer que os honremos. O chamado do Senhor, portanto, não está em contradição com ele, mas é simplesmente de nível superior. A resposta do Senhor mostra, portanto, que esse discípulo usou sua obrigação para com os pais como desculpa para não seguir o Senhor imediatamente. Essa obrigação era um obstáculo entre sua alma e Cristo.

A palavra “deixa aos mortos sepultar os seus mortos” aqui significa que esse discípulo poderia deixar o funeral de seu pai para outras pessoas que não tinham ligação com o Senhor.

Mat 8:23-27 | A tempestade no mar

23 E, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram. 24 E eis que, no mar, se levantou uma tempestade tão grande, que o barco era coberto pelas ondas; ele, porém, estava dormindo. 25 E os seus discípulos, aproximando-se, o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos. 26 E ele disse-lhes: Por que temeis, homens de pequena fé? Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança. 27 E aqueles homens se maravilharam, dizendo: Que homem é este, que até os ventos e o mar lhe obedecem?

Agora temos diante de nós os verdadeiros seguidores do Senhor. Os discípulos que o seguiram a bordo do barco aceitaram suas palavras. Eles deixaram tudo e O seguiram. Agora fica claro que nem tudo corre bem. Afinal, estar com o Senhor não significa que estejamos isentos de todas as provações. O oposto é verdadeiro. Aqueles que seguem o Senhor como

discípulos experimentarão inimizade. As forças da natureza fazem sua parte para nos assustar, e no próximo incidente (versos 28-34) experimentamos a inimizade dos homens. Ambos os eventos servem apenas para dar a nós, como discípulos, uma impressão do poder do Senhor, que Ele está apenas então nos demonstrando.

Experimentamos os mares tempestuosos com bastante frequência. Chegamos a situações na vida, em que parece estarmos nos afogando. Então clamamos: “Senhor, há uma forte tempestade e as ondas estão cobrindo nosso barco. Parece que você está dormindo. Sabemos que não é assim, mas, por favor, venha em nosso auxílio! Senhor, mostra-nos, por favor, que pode nos ver? Senhor, estamos em perigo de morrer! Já não temos forças para suportar as dificuldades, a necessidade e os pecados que se tornaram evidentes!”

E então o Senhor vem em nosso auxílio por sua graça. No entanto, também com uma ligeira reprovação por causa de nossa pequena fé. Se pensarmos nisso, também entendemos isso. Como um barco pode afundar quando o Senhor está a bordo? Ele está sempre no caminho do Pai e é o Senhor de todas as situações. Com ele estamos sempre seguros em toda parte. Mesmo que nossas vidas sejam tiradas de nós, o inimigo não pode prejudicar nossas almas.

Após a reprovação suave, lemos “Então, levantando-se”. Ficamos impressionados. Ele, o Deus Todo-Poderoso, se levanta e entra em ação. Se olharmos apenas para o inimigo, ficamos com medo, mas se olharmos para Ele, a calma e a confiança tomam conta de nós. Esta é a quarta prova de poder (depois da cura do leproso, do servo do centurião e da sogra de Pedro). Vemos nela a majestade de Cristo sobre o poder de Satanás, que leva os homens ao ódio contra ele e seu povo. Esse poder nada significava para o Senhor. Ele dormia! Somente quando os discípulos gritaram, Ele se levantou e submeteu as forças da natureza ao Seu comando. O vento e o mar silenciaram com a palavra de seu Criador.

Mat 8:28-34 | Cura de dois endemoniados

28 E, tendo chegado à outra margem, à província dos gadarenos, saíram-lhe ao encontro dois endemoninhados, vindos dos sepulcros; tão ferozes eram, que

ninguém podia passar por aquele caminho. 29 E eis que clamaram, dizendo: Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo? 30 E andava pastando distante deles uma manada de muitos porcos. 31 E os demônios rogaram-lhe, dizendo: Se nos expulsas, permite-nos que entremos naquela manada de porcos. 32 E ele lhes disse: Ide. E, saindo eles, se introduziram na manada dos porcos; e eis que toda aquela manada de porcos se precipitou no mar por um despenhadeiro, e morreram nas águas. 33 Os porquinhos fugiram e, chegando à cidade, divulgaram tudo o que acontecera aos endemoninhados. 34 E eis que toda aquela cidade saiu ao encontro de Jesus, e, vendo-o, rogaram-lhe que se retirasse do seu território.

O Senhor deu ordens para ir para o outro lado do mar (verso 18). Lá ele chega com seus discípulos. A viagem não foi tranquila. A área em que eles estão entrando também não é calma. Demônios que possuíram duas pessoas aterrorizam a área circundante. O local de habitação dessas pessoas é a área da morte. De lá eles saem agora, atraídos, por assim dizer, pelo poder de Cristo.

Mas eles não podiam ficar encobertos. Sua presença os obriga a se revelarem. Quando outras pessoas passam, eles se revelam também, mas para aterrorizar. Agora o horror sobre com eles. Eles conhecem o Filho de Deus e sabem que Ele tem poder para julgá-los e lançá-los no tormento eterno. Eles estão bem cientes de sua sorte. Mas eles também sabem que o tempo para isso ainda não chegou, assim como Satanás deve saber que um dia lhe restará apenas um pouco de tempo (Apo 12:12).

Para dar um testemunho claro do poder do Senhor sobre o inimigo, é mencionado aqui que havia dois possuídos. Os espíritos malignos impressionam as pessoas fazendo-as temerem seu poder, mas eles não podem fazer nada, se o medo deles não estiver presente. Só a fé pode tirar esse medo das pessoas.

Os demônios conhecem sua vontade. Sem que o Senhor diga uma palavra, eles sabem que Ele os expulsará. Eles são ocupantes ilegítimos dessas pessoas. Os demônios O conhecem e sabem que não têm poder para resistir à Sua Palavra. Não existe um único pensamento de resistir ao Senhor Jesus por parte deles. Durante a tentação no deserto, o Senhor derrotou Satanás.

Então, eles apontam o Senhor para a manada de porcos que pastavam à distância. Assim como a possessão na terra do Senhor, a presença de um rebanho de animais imundos é uma vergonha na terra do Senhor. Se Israel tivesse andado nos caminhos de Deus, o rebanho de animais imundos não estaria lá. Os porcos são uma imagem de Israel.

O Senhor diz apenas uma palavra: “Ide!” Sem qualquer pensamento ou expressão de resistência, os demônios obedecem e saem dos homens e entram nos porcos. Assim, eles mostram o quanto estão procurando por ruína: Todos os porcos descem o abismo para o mar. Assim, os demônios são usados para executar o julgamento de Deus sobre a impureza e para limpar a terra.

Os pastores dos porcos não puderam salvar seu rebanho. Eles tiveram que assistir, impotentes enquanto ele morria. Eles também viram a libertação dos possuídos. Eles agora estão relatando tudo isso na cidade. Como resultado, toda a cidade sai ao encontro do Senhor Jesus. Mas quando O vêem, pedem que deixe sua área. Quando o poder divino controla o poder de Satanás, a presença de Deus revelada é insuportável para o homem. Deus revelado em bondade – o homem não quer isso.

A presença de demônios e porcos era mais confortável para eles do que a presença do Filho de Deus. Não havia aparência ou glória Nele para eles O desejarem (Isa 53:2). Por causa dele, eles perderam sua fonte de renda. Por isso eles queriam se livrar Dele.

Mateus 9

Mat 9:1-8 | Cura de um homem paralítico

1 E, entrando no barco, passou para a outra margem, e chegou à sua cidade. E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado numa cama. 2 E Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralítico: Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados. 3 E eis que alguns dos escribas diziam entre si: Ele blasfema. 4 Mas Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse: Por que pensais mal em vosso coração? 5 Pois o que é mais fácil? Dizer ao paralítico: Perdoados te são os teus pecados, ou: Levanta-te e anda? 6 Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar pecados – disse então ao paralítico: Levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa. 7 E, levantando-se, foi para sua casa. 8 E a multidão, vendo isso, maravilhou-se e glorificou a Deus, que dera tal poder aos homens.

Neste capítulo, vemos mais claramente as características do serviço do Senhor, enquanto o capítulo anterior apresenta mais a dignidade de Sua Pessoa. Além disso, a reação dos líderes religiosos à presença do Senhor e aos Seus feitos fica mais evidente aqui em cada evento.

Depois que os gadarenos O declararam uma pessoa indesejável, Ele deixou seu território. Ele vai de barco para Cafarnaum, onde morava (Mat 4:13). Lá ele era conhecido. Lá Ele realizou muitos de Seus milagres e foi visto ali com mais freqüência do que em qualquer outro lugar. Um desses milagres, a cura do paralítico, é descrito agora. Ao libertar os possuídos, o Senhor demonstrou seu poder sobre o diabo e seus anjos. Na cura do paralítico, vemos o Senhor eliminando o poder do pecado e desfazendo as consequências deste.

São quatro amigos que levam o paralítico ao Senhor. O Senhor vê e recompensa a fé tanto dos quatro amigos quanto do paralítico. As primeiras palavras do Senhor, porém, não se referem ao corpo do paralítico, mas à sua alma. Com o incentivo “Filho, tem bom ânimo” Ele encoraja-o, que talvez já esteja desanimado. As palavras “Tende bom ânimo” aparecem sete

vezes no Novo Testamento (Mat 9:2,22; 14:27; Mar 10:49; 6:50; Joã 16:33; Atos 23:11).

Depois dessas palavras, o Senhor primeiro aborda a causa de todas as doenças e dores: o pecado. O Senhor conhece todos os pecados que pesam sobre o paralítico. Ele tem que ser liberto disso antes de se levantar e sair. Primeiro a consciência tem que ser aliviada, então também há força para viver para a glória de Deus. As palavras “perdoados te são os teus pecados” devem ter sido um tremendo alívio para o paralítico. Um fardo caiu dele. Ele não podia mais viver com esse fardo; ele o pressionou e paralisou. Mas o Senhor o liberta e tira-o dele. Ele vai carregar esse fardo sobre Si mesmo na cruz. Em vista do que Ele faria na cruz, Ele podia perdoar o paralítico de seus pecados.

O que parecia música para o paralítico não passava de blasfêmia para alguns dos líderes religiosos. São precisamente esses líderes que, neste capítulo e nos capítulos seguintes, têm ódio pelas muitas obras graciosas que o Senhor está fazendo. Eles não expressam a blasfêmia em voz alta, mas o Senhor vê seus pensamentos e todo o mal em seus corações. Ele é Deus, diante de quem tudo está descoberto e revelado; Ele perscruta cada homem (Heb 4:12-13; Slm 139:1).

Ele pergunta a esses líderes o que é mais fácil – perdoar pecados ou curar. Eles não respondem. A resposta é que um é tão fácil para Deus quanto o outro, mas ambos são impossíveis para o homem. Portanto, o Senhor não espera pela resposta, mas sim apresenta evidências de que Ele tem poder para perdoar pecados, curando o paralítico. Ele faz isso com uma palavra de poder, sem uma oração a Deus. Ele é o próprio Deus. E ao mesmo tempo, Ele é o Filho do homem. Como tal, Ele perdoa pecados. Como tal, Ele é o mediador entre Deus e o homem, o homem Cristo Jesus (1Tim 2:5). Mas ele só pode fazer isso porque ele é ao mesmo tempo Deus. Além disso, perdoa pecados “na terra”. A terra é o lugar onde os pecados são perdoados. Eles não serão perdoados nem no céu nem no inferno. Enquanto um homem vive na terra, ele deve confessar seus pecados a fim de receber perdão por eles. Tanto pelo perdão dos pecados quanto pela cura, o Senhor Jesus prova que é Yahweh, o Deus da aliança com seu povo, que agora veio a eles como o Messias (Slm 103:3). Pela palavra do Senhor o homem recebe forças para se levantar e ir para casa.

A multidão vê o que aconteceu. Mas ela só vê o milagre externo. Isso os faz glorificar a Deus. Mas também existe temor. O que eles viram, não os fez ajoelhar-se diante do Senhor Jesus e aceitá-Lo como seu Messias com a confissão de seus pecados. Eles vêem que Ele é homem e, ao mesmo tempo, reconhecem Nele como ser humano o poder de Deus. Mas eles não entendem como podem unir esses dois lados em sua pessoa. Eles vêem Nele um instrumento do poder de Deus, nada mais.

Mat 9:9-13 | O chamado de Mateus

9 E Jesus, passando adiante dali, viu assentado na alfândega um homem chamado Mateus e disse-lhe: Segue-me. E ele, levantando-se, o seguiu. 10 E aconteceu que, estando ele em casa sentado à mesa, chegaram muitos publicanos e pecadores e sentaram-se juntamente com Jesus e seus discípulos. 11 E os fariseus, vendo isso, disseram aos seus discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores? 12 Jesus, porém, ouvindo, disse-lhes: Não necessitam de médico os sãos, mas sim, os doentes. 13 Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício. Porque eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento.

À medida que o Senhor segue em frente, Ele passa por uma alfândega. Mateus está sentado lá. Ele é um cobrador de impostos (Luc 5:27), ou seja, um oficial de impostos a serviço dos romanos, a potência dominante. O fato de ele estar sentado na alfândega significa que seu caixa está aberto para que as pessoas possam pagar os impostos com ele. Quando pensamos em cobradores de impostos, geralmente não é com grande simpatia. Para um homem como Mateus, as pessoas também tinham sentimentos negativos, e para ele as coisas iam ainda mais longe. Ele era especialmente odiado porque trabalhava para os dominadores. Ele não esperava a chegada do Messias porque colaborava com o inimigo. No caso dele, vemos como o Senhor também pode livrar uma pessoa de tal situação.

Ele é libertado dessa situação por meio do poderoso chamado do Rei de Deus. Duas palavras são suficientes para mudar completamente a vida de Mateus e dar a ela um objetivo totalmente novo. O poder do chamado do Senhor é tão grande e a atração da pessoa que o chama é tão irresistível que quebra a magia do dinheiro. O poder da palavra do Senhor fez com que o

paralítico se levantasse e fosse para casa (versos 7-8). O mesmo poder de sua palavra agora faz Mateus se levantar e segui-lo.

A primeira consequência do chamado do Senhor na vida de Mateus é que ele recebe o Senhor e seus discípulos como hóspedes em sua própria casa. Como um bom discípulo de seu Senhor, ele convidou muitos coletores de impostos e outros pecadores ao mesmo tempo. Em vez de tirar dinheiro de outros, ele agora gasta seu próprio dinheiro dando-lhes a oportunidade de encontrar o Senhor. Os cobradores de impostos e pecadores vêm com o desejo em seus corações de obter o que Mateus obteve: libertação de seus pecados e descanso para suas consciências.

Mas os fariseus não gostam disso. A conduta do Senhor não se ajusta ao seu entendimento de separação. Se Ele realmente viesse de Deus – pensavam eles – então Ele teria tido o cuidado de não andar com essas pessoas. No entanto, eles não expressaram suas críticas ao Senhor, mas aos discípulos. Não é adequado agir assim. Nós também devemos ter cuidado para não expressar críticas de alguém aos outros, isto é, às costas da pessoa em questão. A crítica freqüentemente prova que não há misericórdia. Foi assim com os fariseus. A misericórdia de Deus presente em Cristo era completamente estranha para eles.

O Senhor não deixa os discípulos responderem à questão dos fariseus. Isso pode tê-los envergonhado. Em todo caso, Ele tinha ouvido o que os fariseus falaram sobre Ele aos Seus discípulos, e agora Ele responde. A questão dos fariseus dá ao Senhor a oportunidade de explicar o propósito de seu ministério. Ele veio para curar os enfermos – aqui: os pecadores – isto é, libertá-los do fardo de seus pecados.

Então, Ele dá uma tarefa aos fariseus. Eles ainda não haviam entendido o que Deus deseja. Se o incidente na casa de Mateus foi um exame, eles foram reprovados completamente. O comentário e comportamento deles deixaram claro que eles não tinham nenhuma idéia sobre Deus. Em sua arrogância, eles pensavam que Deus deveria se contentar com seu estilo de vida estrito. Agora o Senhor está dando-lhes uma nova chance, por assim dizer, pedindo-lhes que examinem o que Deus realmente quer dizer com a palavra de Oséias: “Porque eu quero misericórdia e não sacrifício” (Osé

6:6; cf. 1Sam 15:22). Então, eles descobririam que eles próprios são pecadores perdidos que precisam da misericórdia de Deus.

O Senhor conclui sua resposta a eles no verso 13 referindo-se a si mesmo como o cumprimento de Oséias 6:6. Ele não veio para receber sacrifícios dos justos, mas para mostrar misericórdia aos pecadores. Se Ele tivesse vindo para chamar os justos, os fariseus teriam vindo a Ele em massa. Mas agora Ele veio chamar pecadores; Ele também chamou Mateus como um exemplo disso.

Mat 9:14-15 | Jejum

14 Então, chegaram ao pé dele os discípulos de João, dizendo: Por que jejuamos nós, e os fariseus, muitas vezes, e os teus discípulos não jejuam? 15 E disse-lhes Jesus: Podem, porventura, andar tristes os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles? Dias, porém, virão em que lhes será tirado o esposo, e então jejuarão.

Após o confronto com os fariseus, os discípulos de João Batista vêm ao Senhor com uma pergunta sobre o jejum. Havia horários regulares de jejum (Zac 8:19). Eles aderiram fielmente a ele, assim como os discípulos dos fariseus. Falando de si mesmos em um só fôlego com os discípulos dos fariseus, eles já revelam o espírito pelo qual foram guiados. Pelo fato de ainda serem discípulos de João, não se pode concluir que João fez algum esforço para mantê-los com ele. Vários de seus discípulos tinham acabado de deixá-lo agora, para seguir ao Senhor (Joã 1:35-37) Era assim que João também queria. Mas esses homens se apegam aos ensinamentos de João, embora o Senhor já tivesse vindo. Eles acharam difícil dizer adeus aos hábitos externos; isso é difícil para quem cresceu em um sistema de regras e leis.

Há também outra característica. Os homens legalistas não apenas carregam um jugo desnecessário, mas também querem impô-lo aos outros. Eles julgam os outros e os cobram sobre as liberdades que eles não se permitem devido à sua posição legalista. Essa atitude caracteriza esses discípulos de João. É por isso que eles vêm ao Senhor com suas perguntas. Eles não entendem por que os discípulos do Senhor não jejuam.

Outra causa de sua pergunta é que eles não conhecem o noivo. Quando o Senhor fala sobre o noivo em resposta à sua pergunta, Ele está se referindo a si mesmo e chama seus discípulos de amigos do Noivo. Chegará um tempo, diz o Senhor, em que o Noivo será tirado deles. Chegará o tempo em que Seu povo O rejeitará e Ele ascenderá ao céu.

Mat 9:16-17 | O novo e o velho

16 Ninguém deita remendo de pano novo em veste velha, porque semelhante remendo rompe a veste, e faz-se maior a rotura. 17 Nem se deita vinho novo em odres velhos; aliás, rompem-se os odres, e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; mas deita-se vinho novo em odres novos, e assim ambos se conservam.

Em seguida, o Senhor usa duas figuras para ilustrar a diferença entre o tempo da lei (= o tempo antes de sua chegada) e o tempo da graça (= o tempo depois de sua chegada). Com essas figuras, o Senhor mostra que as prescrições da lei não devem ser misturadas com a graça.

Portanto, o Senhor usa duas figuras diferentes. Com a figura de um vestido, Ele explica a introdução de um novo sistema exteriormente, uma nova ordem de coisas. Para poder entrar nesta nova ordem, que é o seu reino, a pessoa deve aceitar o evangelho que ele pregou. Por isso ele é chamado à conversão (Mat 4:17). É impossível tornar-se parte deste reino observando a lei ou os princípios legais. Foi assim que os fariseus tentaram entrar no reino.

Mas o Senhor deixa claro que a maneira antiga de guardar a lei e a nova maneira não podem ser harmonizadas. Se o novo remendo (= o evangelho) for colocado no vestido velho (= a lei), o resultado será que ambos serão destruídos. Mas é exatamente isso que vemos em grande parte do cristianismo. Têm sido feitas tentativas de inserir o novo no antigo, mantendo muitos rituais judaicos no cristianismo e adicionando algumas verdades cristãs a eles. Vemos isso, por ex. em uma classe especial de sacerdotes, um altar literal, em roupas especiais, em velas e outras aparências externas que são atribuídos a certos significados espirituais. Essas coisas tornam a aparência externa do cristianismo uma representação errônea do que deveria ser.

Além da aparência externa, o conteúdo do novo não pode ser combinado com o conteúdo do antigo. Isso agora é explicado com a figura dos odres. No cristianismo, assim como na mente de Deus, existem novos homens que estão cheios de uma alegria totalmente nova. O velho, o velho homem, não tem lugar nisso.

O Senhor Jesus traz verdadeira alegria, Ele faz do casamento uma festa (Joã 2:1-10). Só podem participar desta alegria aqueles que se renovam, que se tornaram um novo homem em quem o Espírito Santo habita. Tal pessoa experimenta a “alegria no Espírito Santo”, que é uma das marcas do reino de Deus neste tempo (Rom 14:17).

Mat 9:18-19 | Um chefe da sinagoga vem ao Senhor

*18 Dizendo-lhes ele essas coisas, eis que chegou um chefe e o adorou, dizendo: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe-lhe a tua mão, e ela viverá.
19 E Jesus, levantando-se, seguiu-o, e os seus discípulos também.*

As palavras iniciais desta passagem, “enquanto Ele falava isto a eles”, mostram que há uma conexão com o anterior. A história que se segue é, em certo sentido, uma ilustração disso. Na passagem anterior, o Senhor havia falado de si mesmo como o noivo e a lei. Mas Ele não mencionou a noiva. A razão para isso segue neste incidente. A noiva é Israel. Isso está representado na filha do chefe. Mas essa noiva morreu. Então o Senhor vem a um povo morto que não tem mais nenhuma ligação com ele. E ainda há a fé de que o Senhor pode ressuscitar a filha.

Reconhecemos isso a partir do pedido do pai, que é o chefe da sinagoga. Assim, sua filha cresceu sob o incenso da sinagoga e com a lei. Mas tais condições favoráveis não poderiam mantê-los vivos. Ela morreu. Esta menina é uma figura de Israel sob a lei. A lei prometia vida a Israel se eles guardassem a lei (Lev 18:5). Mas eles não tinham guardado a lei, nem podiam. Isso significava morte.

Agora o Senhor é chamado. Ele vai com o chefe da sinagoga para ressuscitá-la. Seus discípulos também o acompanham. Ele poderia ter ressuscitado a filha à distância com uma palavra, como o servo do centurião (Mat 8:8,13). Mas aquele era um centurião romano. Aqui trata-se de alguém do povo de Israel. É significativo que, sempre que, ao ser discutido o relacionamento

do povo com seu Messias, o Messias toca alguém. Sua presença pessoal com seu povo é crucial. Em eventos relacionados com suas relações com outros povos, muitas vezes descobrimos que, à revelia, ele causa mudanças apenas pela palavra de seu poder.

Mat 9:20-22 | A mulher com fluxo de sangue

20 E eis que uma mulher que havia já doze anos padecia de um fluxo de sangue, chegando por detrás dele, tocou a orla da sua veste, 21 porque dizia consigo: Se eu tão-somente tocar a sua veste, ficarei sã. 22 E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem ânimo, filha, a tua fé te salvou. E imediatamente a mulher ficou sã.

Enquanto o Senhor está a caminho para ressuscitar a filha, uma mulher O toca crendo que ficará curada. E será curada. Isso nos dá a seguinte figura: Cristo veio para acordar o povo de Israel morto, o que Ele fará por completo mais tarde. Ele não está presente na terra agora, mas trabalha no meio do seu povo. Nesse sentido, Ele ainda está a caminho de seu povo para despertá-lo. Mas todo aquele que O aceitar com fé nesse ínterim, em que vivemos agora, será curado.

O Senhor Jesus sempre observará uma fé sincera e genuína. O Senhor nunca se aborreceu com tais interrupções em seu caminho. Com fé, ela toca a orla da sua veste. A orla indica sua humilhação. Apesar de sua humilhação, a mulher vê nele o Emanuel, Deus conosco.

Por causa de seu sofrimento, essa mulher sempre foi excluída do sacrifício pacífico porque era impura. Em todo o tempo de seu fluxo de sangue, ela nunca foi capaz de ter comunhão com o povo de Deus em adoração. Mas agora ela vê o Senhor Jesus. Ela sabe pela fé que Ele pode curá-la.

Enquanto o povo realiza exteriormente o serviço no altar e ela fica do lado de fora, no interior dela há fé naquele que é Deus, revelado na carne. Nele ela vê a possibilidade de ser libertada de seu sofrimento. E o Senhor não a envergonha. Ele a encoraja e age de acordo com sua fé. Sempre haverá bênçãos do Senhor para o indivíduo que tem fé entre a multidão.

Mat 9:23-26 | A ressurreição da menina

23 E Jesus, chegando à casa daquele chefe, e vendo os instrumentistas e o povo em alvoroço, 24 disse-lhes: Retirai-vos, que a menina não está morta, mas

dorme. E riram-se dele. 25 E, logo que o povo foi posto fora, entrou Jesus e pegou-lhe na mão, e a menina levantou-se. 26 E espalhou-se aquela notícia por todo aquele país.

O Senhor vem à casa do chefe da sinagoga. Há muitas pessoas expressando o desespero da situação. Com seu “Retirai-vos”, ele termina os rituais de luto judaico. Para ele, a morte nada mais é do que sono. Quando Ele diz isso, o povo ri Dele. Na ausência de fé, o luto exterior rapidamente se transforma em verdadeiro escárnio. O Senhor não reage a isso de forma alguma, mas afasta a multidão. Eles não estão qualificados para testemunhar a ressurreição.

Em seguida, o Senhor entra no quarto da menina e pega sua mão. Da fonte inesgotável que Ele representa, a força de sua vida flui para a menina. Então ela se levanta. Sempre tem um efeito quando Ele toca alguém, assim como cada palavra que fala tem um efeito. Assim Ele chama o jovem de Naim e o homem adulto, Lázaro de volta à vida (Luc 7:14; João 11:43-44).

A ressurreição causa um alvoroço. Em toda parte se houve que a menina foi ressuscitada. Mas não há despertamento entre o povo para vir ao Messias.

O que o Senhor Jesus está fazendo com a menina aqui, Ele fará com Israel após o arrebatamento da igreja, após o período de graça. Por Seu Espírito Ele fará Israel viver. Ezequiel descreve isso de maneira impressionante com a visão do vale com os ossos secos (Eze 37:1-10).

Mat 9:27-31 | Cura de dois cegos

27 E, partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando e dizendo: Tem compaixão de nós, Filho de Davi. 28 E, quando chegou à casa, os cegos se aproximaram dele; e Jesus disse-lhes: Credes vós que eu possa fazer isto? Disseram-lhe eles: Sim, Senhor. 29 Tocou, então, os olhos deles, dizendo: Seja-vos feito segundo a vossa fé. 30 E os olhos se lhes abriram. E Jesus ameaçou-os, dizendo: Olhai que ninguém o saiba. 31 Mas, tendo ele saído, divulgaram a sua fama por toda aquela terra.

O Senhor segue novamente. Dois cegos o seguem. Como havia dois possuídos no capítulo 8:28, aqui há dois cegos. O judeu Mateus, que escreve este Evangelho, deseja dar aos seus concidadãos um testemunho suficiente

sobre os milagres do Salvador (Deu 19:15). Nos milagres relatados por Mateus, é repetidamente expresso como o Senhor Jesus age em graça com seu povo.

Os cegos apelam à Sua misericórdia invocando-O como Filho de Davi. Isso significa que eles O reconhecem como o Messias, que eles sabiam que Ele faria os cegos verem (Isa 35:5; 42:7). Eles nem mesmo estão pedindo para Ele para abrir os olhos. Esse é o desejo deles, mas muito mais eles percebem que precisam da misericórdia do Senhor Jesus para serem libertados de sua condição miserável.

O Senhor não responde ao seu pedido de ajuda enquanto eles ainda estão a caminho. Ele não faz isso até que entre na casa [Israel] e os cegos tenham vindo a ele. Aqui o Senhor pergunta para eles sobre a fé deles, se Ele é capaz de fazê-los ver. Eles respondem com um sonoro “sim”. Ao adicionar “Senhor”, eles reconhecem seu poder. Por causa dessa confissão, o Senhor toca seus olhos. Este toque do Senhor mostra novamente que podemos ver nos dois cegos uma figura de Israel que será restaurada em sua união com Ele por meio da presença do Senhor. Só então Ele fala a palavra de poder para que seus olhos sejam abertos.

O Senhor os proíbe estritamente de dizer a qualquer pessoa o que Ele fez com eles. Ele não quer ser conhecido por seus graciosos milagres. Eles atraem pessoas, mas não mudam corações. Os homens curados, entretanto, não conseguem guardar para si mesmos e, ao contrário do mandamento do Senhor, eles prestam testemunho Dele em todos os lugares.

Mat 9:32-34 | Curando um mudo que está obcecado

32 E, havendo-se eles retirado, trouxeram-lhe um homem mudo e endemoninhado. 33 E, expulso o demônio, falou o mudo; e a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca tal se viu em Israel. 34 Mas os fariseus diziam: Ele expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios.

Depois que os cegos curados saíram, o Senhor se deparou com uma nova emergência. Alguém ou algumas pessoas não citadas pelo nome, mas conhecidas de Deus, trazem um mudo ao Senhor. Sua incapacidade de falar é causada por um demônio. Sem ser questionado, o Senhor expulsa o demônio. Mesmo que não possamos falar quando vamos ao Senhor, Ele

sabe o que nosso coração deseja. Ele também conhece a causa de nossa necessidade e pode removê-la.

Podemos ver três efeitos neste milagre. Primeiro, lemos que o mudo falou. Sem dúvida, ele terá agradecido ao Senhor. Em segundo lugar, lemos sobre o impacto do milagre na multidão. Eles ficaram maravilhados. Eles testificam que viram algo que nunca aconteceu em Israel. Mas para por aí – como sempre. Vemos o terceiro efeito nos fariseus. Eles tinham ciúmes da glória do Senhor revelada entre aqueles, sobre os quais queriam ganhar influência.

Eles têm a perversa arrogância de atribuir esse milagre ao maioral dos demônios, isto é, ao próprio diabo. Eles não podem negar que havia uma força sobrenatural operando aqui, mas não querem atribuir essa força a Deus, como se Deus estando com o Senhor Jesus. Como oponentes declarados do Senhor, recorrem à acusação mais presunçosa possível e acusam o Senhor de ter sido guiado pelo próprio diabo. Um pouco mais tarde o Senhor dirá que eles são culpados de um pecado para o qual não há perdão (Mat 12:31).

Nestes três milagres que o Senhor acabou de fazer – ressuscitar uma menina morta, curar os cegos e o mudo – reside uma bela e importante sequência espiritual. Primeiro, é necessário adquirir a vida. Como resultado, ganhamos uma visão das coisas de Deus. E, finalmente, leva ao nosso testemunho de tudo o que Deus nos revelou.

Mat 9:35-38 | O Senhor é comovido interiormente

35 E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. 36 E, vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes como ovelhas que não têm pastor. 37 Então, disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros. 38 Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara.

A resistência blasfema dos líderes religiosos, como um todo, não pode interromper a carreira de bênçãos do Senhor. Ele não deixa nenhuma cidade ou vila de fora. Aonde quer que vá, Ele ensina, prega e cura, com comoção e compaixão. Pois Ele sabia o quanto as ovelhas de Deus estavam expostas

ao perigo e também o quão implacáveis os líderes eram. Ele vê ovelhas exaustas, sem pastores, entregues a lobos cruéis (Eze 34:1-10). Ao mesmo tempo, Ele também as vê como uma grande colheita. Quem está pronto para ir até essas ovelhas e falar-lhes sobre o verdadeiro pastor? Naquela época eram poucos e hoje não é diferente. Mas há uma saída: a oração.

O Senhor diz aos seus discípulos (e a nós, se professamos ser seus discípulos) que devemos pedir ao Senhor da seara que envie trabalhadores para a sua colheita. O Senhor da seara é o próprio Senhor Jesus, veremos isso imediatamente no próximo capítulo (Mat 10:5). Orar por isso é uma coisa, colocar-nos à disposição para sermos enviados é outra coisa. Se orarmos por isso, há uma boa chance de que Ele nos envie também. Não é necessário, mas só o Senhor determina se devemos ir, para onde devemos ir e o que devemos fazer.

Mateus 10

Mat 10:1-4 | Os doze discípulos

1 E, chamando os seus doze discípulos, deu-lhes poder sobre os espíritos imundos, para os expulsarem e para curarem toda enfermidade e todo mal. 2 Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: O primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; 3 Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Lebeu, apelidado Tadeu; 4 Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, aquele que o traiu.

O Senhor chama “seus” doze discípulos. Eles pertencem a ele. São doze, de acordo com as doze tribos de Israel para as quais são enviados. O Senhor não só tem o poder de fazer milagres, mas também pode dar esse poder aos outros (cf. Atos 8:18-19). Ele lhes dá poder espiritual e físico para que possam prestar testemunho de maneira adequada daquele que veio.

Eles são o poder do século futuro (Heb 6:5) no qual Satanás será preso e o homem será libertado por meio de Cristo. O que o Senhor e seus discípulos alcançaram foi, por assim dizer, pré-libertações, porque o reino da paz ainda não havia amanhecido. No entanto, essas expulsões e curas demonstraram indiscutivelmente a presença daquele que veio para estabelecer este reino.

Os discípulos são chamados aqui de apóstolos, ou seja, mensageiros. No início, eles acompanharam o Senhor como sucessores e discípulos, agora eles precedem o Senhor como seus mensageiros. Eles são arautos do rei que anunciam sua vinda.

Em seguida, os nomes dos discípulos são mencionados. Já sabemos algo sobre alguns deles e aprenderemos muito mais. Ocasionalmente, ouvimos algo dos outros e não ouvimos mais nada de um deles, apenas sabemos o seu nome. Mas o Senhor sabe o que cada um faz. Ele sozinho determina se um serviço se torna mais ou menos conhecido. Tudo o que é feito em Seu nome, Ele recompensará de acordo com a lealdade demonstrada na execução, não de acordo com o grau de notoriedade que alguém alcançou.

Irmãos também são enviados. Os laços naturais não são ignorados. É uma alegria especial servir ao Senhor com um irmão ou uma irmã. Nessa lista, Mateus se autodenomina “o publicano”. Ele não esconde suas origens, mas admite publicamente pelo que era conhecido. Judas também é mencionado. Ele não se assentará em nenhum dos doze tronos, mas também será enviado. O reino da paz ainda não amanheceu, ainda é possível que também existam falsos servos na comunidade de verdadeiros servos. Nas enumerações dos discípulos, porém, o nome de Judas é sempre mencionado por último, e é sempre adicionado “aquele que o traiu”.

Mat 10:5-10 | O envio dos doze

5 Jesus enviou estes doze e lhes ordenou, dizendo: Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos; 6 mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel; 7 e, indo, pregai, dizendo: É chegado o Reino dos céus. 8 Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai. 9 Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos; 10 nem alforjes para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão, porque digno é o operário do seu alimento.

No final do capítulo anterior, o Senhor instruiu os discípulos a orar para que ceifeiros fossem enviados. Aqui é mostrado que eles são a resposta à oração deles. Muitas vezes acontece que pedimos algo e o Senhor diz: Faça você mesmo!

Nos versos 5-15 se trata do envio dos doze discípulos, enquanto o Senhor estava na terra. A missão do Senhor deixa absolutamente claro que Ele se apresenta ao seu povo como o Messias, pois Ele limita a missão de seus discípulos à casa de Israel. Nisto também vemos a graça imutável do Senhor, porque Ele envia seus discípulos depois que Israel o rejeitou! E Ele mesmo os envia, que mostra que Ele é o Senhor da seara a quem devem orar.

O Senhor determina para onde ir e para onde não ir. É Ele quem determina a área do ministério deles. Seu ministério é limitado a Israel; a partir disso, pode-se ver que o evangelho não é pregado com base nesta missão para o nosso tempo. As “ovelhas perdidas” não são as ovelhas de Israel espalhadas entre os povos, nem mesmo os crentes desviados que pertencem à

igreja, mas são as ovelhas espiritualmente perdidas de Israel na terra de Israel. Até onde sabemos, os discípulos nunca saíram de Israel durante a vida do Senhor Jesus.

O Senhor determina não apenas a área do ministério deles, mas também sua mensagem. Isso consiste em poucas palavras. É a mesma mensagem que João pregou (Mat 3:2) e que o próprio Senhor pregou (Mat 4:17). Isso significa que os homens ainda terão a chance de entrar no reino dos céus. Além disso, o Senhor dá aos discípulos o poder de apoiar seu sermão com sinais especiais. É assim que os homens podem ver a proximidade da vinda do Messias. Os discípulos são seus arautos.

Hoje não esperamos a vinda do Senhor Jesus para estabelecer o reino dos céus, mas sim a Sua vinda para receber a Sua igreja (1Tes 4:15-18). Também não pregamos o evangelho do reino, mas da graça de Deus. Nosso sermão também não é acompanhado por sinais milagrosos. Esses sinais faziam parte dos apóstolos e do tempo apostólico.

O mandamento do Senhor de não levar dinheiro ou qualquer recurso com eles é característico para os doze. Os discípulos também devem ser completamente dependentes dAquele que os enviou em relação às suas necessidades. Emmanuel está aqui! Os milagres são uma prova do poder de seu Mestre para o mundo. O fato de que nada lhes faltou deve ser apenas uma evidência de seus próprios corações. Esta ordem foi retirada antes que o novo ministério deles começasse após a morte do Senhor (Luc 22:35-37).

Mat 10:11-15 | O campo de trabalho dos discípulos

11 E, em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, procurai saber quem nela seja digno e hospedai-vos aí até que vos retireis. 12 E, quando entrardes nalguma casa, saudai-a; 13 e, se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se não for digna, torne para vós a vossa paz. 14 E, se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó dos vossos pés. 15 Em verdade vos digo que, no Dia do Juízo, haverá menos rigor para o país de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade.

Aonde quer que os discípulos vão, devem examinar se alguém é digno de recebê-los. Nisso eles podem reconhecer se as marcas do verdadeiro

discipulado estão lá ou não. Digno é aquele que teme a Deus e comprova acolhendo seus servos em sua casa.

Em cada casa que entram, devem adentrar com uma saudação positiva. Todo contato deve ser iniciado com uma atitude de benevolência. Então, quando o discípulo é recebido positivamente, ele deseja à casa a paz da qual ele mesmo desfruta. Mas se o anfitrião mais tarde revelar resistência, por exemplo, sob pressão de sua família, então ele se mostra indigno da presença de um discípulo do Senhor.

Eles não precisam implorar a ninguém para aceitá-los e suas palavras. Se os homens não aceitam sua palavra, tão bem anunciada, então isto se torna um claro testemunho contra eles. A mensagem é apresentada de tal forma que quem a rejeita não tem parte nela e deve ser tachado de inimigo.

Para destacar a seriedade da rejeição de seus servos, o Senhor conclui com um solene “Em verdade vos digo”. Aqueles que rejeitarem seus mensageiros passarão por um julgamento mais rigoroso do que Sodoma e Gomorra. Essas cidades pecaram gravemente contra Deus e receberam o juízo de Deus. Deus havia destruído essas cidades (Gên 19:24-25). Mesmo assim, seus pecados não eram tão graves quanto rejeitar a mensagem pregada ao seu povo em nome do Senhor Jesus. Seu povo tem uma responsabilidade muito maior, porque Deus compartilhou seus pensamentos com eles.

Mat 10:16-20 | Entregues para testemunhar

16 Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e simpleses como as pombas. 17 Acautelai-vos, porém, dos homens, porque eles vos entregarão aos sinédrios e vos açoitarão nas suas sinagogas; 18 e sereis até conduzidos à presença dos governadores e dos reis, por causa de mim, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios. 19 Mas, quando vos entregarem, não vos dê cuidado como ou o que haveis de falar, porque, naquela mesma hora, vos será ministrado o que haveis de dizer. 20 Porque não sois vós quem falará, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós.

Do verso 16 em diante trata sobre o fim dos tempos. Ao descrever essa situação, o Senhor aponta para o remanescente no futuro. No entanto, o mesmo princípio pode ser aplicado a nós. Uma ovelha entre os lobos é a essência do desamparo contra a crueldade.

Portanto, é importante seguir o comportamento correto: ser cuidadoso, ser inteligente, mas ser sincero e sem falsidade.

O Senhor avisa seus servos sobre os perigos de seu ministério. Eles terão a mesma posição que seu mestre e devem exibir as mesmas qualidades nela: cautela e sinceridade. Essas virtudes são encontradas apenas naqueles que, pelo Espírito do Senhor, são sábios para o bem e ignoram o mal (Rom 16:19).

O maior perigo para eles são os homens, não as circunstâncias. Os discípulos do Senhor são alvo de ódio porque expõem o pecado. Principalmente os religiosos se revelarão com toda a crueldade, açoitando os discípulos, mesmo nos lugares (sinagogas) onde a lei de Deus é ensinada (cf. Atos 26:11). Mas mesmo que o homem se revele em toda a sua maldade, no final suas ações se tornarão um testemunho contra ele mesmo (Slm 76:10).

Portanto, este será um instrumento nas mãos de Deus para apresentar o evangelho do reino aos reis e governantes. O evangelho ressoará sem adaptar-se no mínimo ao mundo ou influenciar o povo de Deus por meio dos costumes ou do esplendor do mundo. Desta forma, o testemunho dos discípulos se torna ainda mais surpreendente do que quando eles fazem causa comum com os grandes homens da terra. Os eventos farão com que sua mensagem seja conhecida muito além das fronteiras de Israel.

Tudo isso virá sobre eles “por causa de mim”, ou seja, por causa de sua conexão com Ele. Mas o Senhor também tem uma palavra de encorajamento para eles. Eles não precisam se preocupar com o que responder. As palavras serão dadas para eles. Eles não terão que falar por si próprios, mas em suas palavras o Espírito de seu Pai será revelado.

Como no Sermão da Montanha, a conexão com seu Pai é apresentada aqui como a base da qualificação para seu serviço. Essa consciência dá paz e confiança. O pai está intimamente envolvido em tudo que lhes vem de encontro. Ele também é afetado.

Mat 10:21-23 | Perseverança até o fim

21 E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai, o filho; e os filhos se levantarão contra os pais e os matarão. 22 E odiados de todos sereis por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até ao fim será salvo. 23 Quando, pois, vos

perseguiem nesta cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do Homem.

Sair por amor do Senhor afetará os laços familiares próximos de uma forma que revela a pior inimizade. Irmãos que muitas vezes passaram por bons e maus momentos juntos de repente se opõem um ao outro. Se um dos irmãos opta pelo Senhor Jesus, o que se reflete no fato de ele acolher um de seus discípulos, a conseqüência do outro irmão é que seu amor fraternal se transforma em ódio. Receber um discípulo do Senhor é considerado traição à família. Se um filho escolher o lado dos discípulos, o pai, que deveria proteger seu filho, o entregará à morte. Os filhos também pisarão no amor e no respeito pelos pais e os levarão à morte se se unirem aos discípulos do Senhor Jesus.

Os discípulos são odiados por levarem o nome do Senhor Jesus. Toda essa perseguição e ódio revelarão tanto os verdadeiros discípulos quanto os falsos. Um falso discípulo cairá, um verdadeiro discípulo perseverará até o fim e será salvo. Ele alcançará a salvação, ou seja, ele entrará no reino da paz. O “fim” é a vinda do Filho do Homem (verso 23), ou seja, sua segunda vinda (Mat 24:3,6,13-14) para estabelecer seu reino. João anunciou este reino, e o mesmo fez o Senhor e seus discípulos. Mas ainda não poderia ser estabelecido porque o rei e o reino anunciado com ele foram rejeitados.

Portanto, os discípulos não puderam finalmente cumprir sua missão no tempo do Senhor Jesus. Será cumprido pouco antes da segunda vinda do Senhor, com severas tribulações e perseguições. O Senhor até fala sobre o tempo da Grande Tribulação. Enquanto os então discípulos vivos estarão tão ocupados cumprindo a missão que o Senhor lhes deu durante sua vida na Terra, Ele aparecerá como o Filho do homem. Este termo “Filho do Homem” implica um poder e glória que ultrapassa a do Messias, o Filho de Davi. Como Filho de Davi, Ele governa particularmente sobre Israel, mas como Filho do Homem sobre o mundo inteiro.

O envio dos apóstolos foi assim abruptamente interrompido pela rejeição do Messias (bem como pela subsequente devastação de Jerusalém). O tempo seguinte é o da igreja. Quando a igreja for arrebatada, o envio continuará. O período provisório da igreja é deixado fora de consideração

aqui. O Senhor não menciona o tempo presente da igreja e fala do envio dos apóstolos como uma missão contínua.

Mat 10:24-25 | Discípulo-Mestre; Escravo-Senhor

24 Não é o discípulo mais do que o mestre, nem é o servo mais do que o seu senhor. 25 Basta ao discípulo ser como seu mestre, e ao servo ser como seu senhor. Se chamaram Belzebu ao pai de família, quanto mais aos seus domésticos?

Um discípulo é um aprendiz que aprende com seu mestre como proceder em todas as áreas da vida. Ele se esforça para se tornar como seu mestre, para ser como ele em tudo. É o suficiente para um discípulo do Senhor Jesus se ele puder ser como seu Mestre. Nesta relação discípulo – mestre, tudo se resume a seguir o exemplo do mestre. A relação escravo – senhor é o escravo estar sujeito à autoridade de seu senhor e fazer o que seu senhor diz. Portanto, vemos nessas duas relações o vínculo estreito do discípulo ou escravo com o Senhor Jesus como seu Mestre e Senhor. O Senhor o une a si mesmo em sua graça.

A conseqüência disso é que o discípulo e o escravo também compartilha a sorte de seu Senhor e Mestre. Se formos seguidores fiéis do Senhor Jesus, devemos esperar que o mundo nos trate como tratou o Senhor Jesus (Joã 15:18). Não somos mais elevados do que Ele.

Como o mundo – e especialmente o mundo religioso – lidou com o Senhor Jesus, o Senhor Jesus expressa em uma terceira relação, a de um chefe de família e os membros de sua casa. O Senhor Jesus é o Senhor de sua casa, os discípulos nela são membros de sua casa. Os líderes religiosos chamavam o Senhor Jesus de “Belzebu”, que é um nome para Satanás. Agora o Senhor diz a seus discípulos que eles sofrerão ainda mais com essas blasfêmias.

Mat 10:26-31 | Encorajamento

26 Portanto, não os temais, porque nada há encoberto que não haja de revelar-se, nem oculto que não haja de saber-se. 27 O que vos digo em trevas, dizei-o em luz; e o que escutais ao ouvido, pregai-o sobre os telhados. 28 E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo. 29 Não se vendem dois passarinhos

por um ceitel? E nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai. 30 E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. 31 Não temais, pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos.

Tendo assim advertido Seus discípulos sobre perseguições futuras, o Senhor agora os encoraja. O primeiro incentivo é que todas as blasfêmias que se espalham contra eles serão um dia colocadas em perspectiva. Então, será revelado que não era nada além de blasfêmia. E todos os que participaram de sua disseminação, assim como todos os que neles creram, receberão o justo castigo por isso. Em alguns casos, nós também sofreremos aqui, em breve, as causas ocultas da inimizade humana. Além disso, é também um grande conforto saber que o Senhor foi o primeiro a trilhar o caminho da rejeição.

Não deveria haver espaço em nosso comportamento para blasfemar pelas costas contra as pessoas que resistem a nós. O Senhor nos dá o mandato de anunciar alta e claramente aos outros o que Ele compartilhou conosco pessoalmente.

Um segundo incentivo para não temer é o cuidado de nosso pai. Não precisamos ter medo dos homens. No máximo, eles podem matar nossos corpos; matar a alma está além de seu poder. Só Deus pode destruir corpo e alma no inferno. Ele tem o poder de fazer isso. E não estamos lidando com homens, mas com Deus. Um homem que entendeu isso corretamente foi o homem de Deus, John Knox (1514–1572). Em sua lápide está escrito: “Aqui está alguém que temia tanto a Deus que não temia ninguém”.

Para um fiel seguidor do Senhor Jesus, Deus é um pai. Sua preocupação inclui pequenos animais que quase não interessam aos homens, bem como coisas que os homens nem mesmo pensam, como a quantidade de fios de cabelo em sua cabeça. Se Deus cuida de coisas que são tão insignificantes para nós, quanto mais se estende seu cuidado para aqueles que estão ligados a seu Filho e que compartilham sua sorte terrena. Os pardais não se preocupam e os cabelos ainda menos, mas Deus cuida deles. E os discípulos são muito mais excelentes para Deus do que muitos pardais. Portanto, quando sentem a hostilidade do mundo, não precisam se preocupar, pois Deus está pensando neles.

Mat 10:32-33 | Confessar ou negar

32 Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. 33 Mas qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus

Um terceiro incentivo é a recompensa. Os discípulos do Senhor Jesus O confessam diante dos homens, apesar do ódio e da zombaria que isso acarreta. O Senhor Jesus recompensa isso confessando-os a seu Pai.

Esse reconhecimento do Senhor perante o Pai vale infinitamente mais do que a honra dos homens.

Mas quem nega o Senhor diante dos homens, o Senhor também o negará diante de seu pai. Homens que afirmam conhecê-Lo apenas com a boca, até mesmo dizem “Senhor, Senhor” para Ele (Mat 7:21), também entram em situações em que negam o Senhor. Estes também serão negados pelo Senhor, e as consequências são terríveis. Eles serão negados pelo Senhor por toda a eternidade (Mat 10:33; 7:22-23).

A negação de Pedro era um assunto diferente. Foi um ato vergonhoso: ele negou conhecer o Senhor contra o seu melhor julgamento (Mat 26:69-74). Sabemos com certeza que Pedro era crente porque ele confessou esse pecado e o Senhor o perdoou. Este pecado pode ser cometido por qualquer crente. Mas quando isso acontecer, o Senhor deve negar tal crente como Ele negou Pedro.

A partir do momento em que Pedro negou o Senhor Jesus, o Senhor disse ao Pai que Ele não conhecia Pedro. Isso não significa que Ele não ficou de olho em Pedro e o levou ao arrependimento (Luc 22:61), mas até aquele momento de arrependimento o Senhor negou conhecer Pedro diante do Pai. E essa negação do Senhor também significou uma perda de bênçãos e recompensas para Pedro, que ele teria recebido se não tivesse negado o Senhor. Portanto, a negação do Senhor tem consequências presentes e futuras.

Mat 10:34-39 | Não a paz, mas a espada

34 Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada; 35 porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra

sua mãe, e a nora contra sua sogra. 36 E, assim, os inimigos do homem serão os seus familiares. 37 Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim. 38 E quem não toma a sua cruz e não segue após mim não é digno de mim. 39 Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á.

O Senhor não revela um futuro glorioso na terra para Seus discípulos. Ele não veio para trazer paz à terra, Ele até disse isso duas vezes. Sem dúvida, Ele havia chegado para isso originalmente. Assim foi anunciado quando ele nasceu (Luc 2:14). Mas por causa da resistência do povo, que chegou a rejeitar o Príncipe da Paz, a paz na terra ainda não pôde ser estabelecida. Só pode haver paz para aqueles que confessam seus pecados. Para eles a paz entra no coração, mas ao mesmo tempo há uma clara separação de seu ambiente descrente, que persiste no pecado. A nova vida é odiada pelos incrédulos, assim como o Senhor Jesus era odiado por eles.

A espada que causa a divisão é a causa da separação até mesmo entre parentes e companheiros de casa. Cria situações que revelam quem realmente ama o Senhor Jesus. Pela decisão que alguém toma, fica claro se seu amor pelo Senhor Jesus excede qualquer amor terreno. O Senhor Jesus não pode ficar satisfeito com o segundo lugar. Ele tem precedência sobre tudo e todos. Quem não quiser dar-lhe este lugar, mas antes dar o amor a um familiar, não é digno dele. Cristo deve ser mais precioso para os seus do que o pai, a mãe e até a sua própria vida. O último é ainda mais provável, do que o amor por nossa família, de deslocar Cristo do primado.

Também não somos dignos dele se não quisermos compartilhar a rejeição com ele. Podemos muito bem estar prontos em nossos corações para colocar Cristo em primeiro lugar, mas a confissão pública também faz parte disso. É isso que o Senhor nos apresenta ao tomar a cruz, ou seja, ao estar pronto para ocupar o lugar do desprezo no mundo. A cruz é o lugar onde Cristo morreu como o desprezado. Lá perdemos nossa própria vida, que vivemos para nós mesmos, e encontramos uma nova vida.

Mat 10:40-42 | Recompensas para Seguidores

40 Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou. 41 Quem recebe um profeta na qualidade de profeta receberá

galardão de profeta; e quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá galardão de justo. 42 E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria a um destes pequenos, em nome de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.

Possuir a nova vida nos trouxe a uma nova sociedade. Esta nova sociedade consiste em homens que também têm uma nova vida. Ao recebê-los, nós O recebemos e com Ele o Pai. Uma bênção resulta da outra e, por fim, somos levados à fonte de todas as bênçãos.

Os discípulos são enviados como profetas. Em todo Israel eles levam a palavra de Deus. Quem não os rejeita como mensageiros de Deus, mas os aceita, receberá a mesma recompensa do profeta. O mesmo é verdade para aqueles que recebem um homem justo precisamente porque ele é um homem justo. Um homem justo aqui é aquele que vive de acordo com a palavra de Deus.

O Senhor menciona um terceiro grupo com o qual seus discípulos são comparados: “estes pequeninos”. Seus discípulos pertencem aos poucos vistosos no mundo que não desempenham nenhum papel. Quem quer que dê um fresco a tal mensageiro negligenciado precisamente porque ele é desprezado, o Senhor lhe garante (“Em verdade, vos te digo”) que ele não perderá sua recompensa. Se trata da motivação, não sobre fazer uma boa ação por compaixão ou simplesmente fazer algo bom e acreditar que Deus ficará satisfeito com isso.

Um profeta fala a palavra de Deus, um justo a vive e um pequeno revela o espírito da palavra de Deus. O mundo odeia e despreza todas as três marcas e persegue esses homens. No entanto, todas as três são de suma importância para Deus porque são as características de Seu Filho. Quando Ele vê essas características nos discípulos, Ele se lembra de Seu Filho. Todos esses discípulos serão recompensados por Ele por isso, assim como todos os que se tornarem um com esses discípulos.

Mateus 11

Mat 11:1 | O Senhor continua ensinando e pregando

1 E aconteceu que, acabando Jesus de dar instruções aos seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles.

Este capítulo é uma transição do testemunho à Israel para um novo estado de coisas que o Senhor está prestes a instituir. Essa transição começa com o relato de João Batista na prisão. Assim como João precedeu o Senhor no serviço, agora ele o precede em sua rejeição. O que acontece com João já anuncia o que acontecerá com o Senhor. Mas antes que isso aconteça, o Senhor continua a ensinar e pregar a palavra. Enviar os doze não significa de forma alguma que o Senhor terminou seu próprio ministério.

Mat 11:2-6 | Pergunta de João e a resposta do Senhor

2 E João, ouvindo no cárcere falar dos feitos de Cristo, enviou dois dos seus discípulos 3 a dizer-lhe: És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro? 4 E Jesus, respondendo, disse-lhe: Ide e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: 5 Os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. 6 E bem-aventurado é aquele que se não escandalizar em mim.

Quando João ouve sobre todas as obras do Senhor enquanto estava na prisão, seu coração duvida. Apesar de seus dons proféticos, as expectativas e idéias judaicas ainda existem em seu coração. Portanto, é compreensível que, em vista das muitas ações do Senhor Jesus em favor dos outros, João agora se questione porque o Senhor não usa seu poder milagroso por ele, seu precursor. O Senhor está ali, liberta muitas pessoas indignas de várias doenças e pragas, mas evidentemente não pensa nele. Isso o confunde e o leva a perguntar ao Senhor através de seus discípulos. Esta pergunta ao Senhor nos mostra que ele tem plena confiança no Senhor como um profeta, mas que ele não conhece a pessoa do Senhor.

Sua pergunta revela dúvidas se o Senhor Jesus é o Messias prometido e anunciado por ele mesmo. Esta pergunta decorre de um mal-entendido

sobre a vinda e ministério do Messias. Conosco também, as dúvidas geralmente são o resultado de ideias erradas sobre o Senhor e suas ações. Esperamos um certo padrão de ação e ficamos irritados quando tudo ocorre de maneira diferente. Podemos até pensar que poderíamos dizer a Deus o que fazer, mas não conhecemos seus planos ou não lhe perguntamos sobre eles.

Mas nem uma única reprovação sai dos lábios do Senhor. Com amor e graça, Ele responde à pergunta de seu predecessor. Os discípulos de João deveriam simplesmente dizer a ele o que ouviram (suas palavras) e viram (suas ações). Então Ele lhes relata tudo; e conclui-se que Ele usou seu poder para aliviar a situação difícil do povo, não para expulsar os dominadores romanos.

Ele nunca usou seu poder para si mesmo, mas sempre apenas graciosa e misericordiosamente para os outros. Tudo o que Ele diz e faz é o cumprimento de Isaías 35. Em Suas obras se poderia reconhecer, que Ele era o Messias. Em nenhum lugar do Antigo Testamento os olhos de cegos foram abertos. Isso só aconteceu quando Ele veio.

O Senhor conclui sua resposta a João com uma repreensão gentil, chamando bem-aventurado aquele que não se ofende ou mesmo o rejeita por causa de sua humilhação e da falta de qualquer glória externa. Isso porque era um perigo para João, embora ele certamente não o rejeitasse. O Senhor Jesus, Deus manifestado “em carne” (1Tim 3:16), não veio buscar o esplendor da realeza, mas para libertar os sofredores. João não tinha pensado nisso.

Mat 11:7-11 | Testemunho de João Batista

7 E, partindo eles, começou Jesus a dizer às turbas a respeito de João: Que fostes ver no deserto? Uma cana agitada pelo vento? 8 Sim, que fostes ver? Um homem ricamente vestido? Os que se trajam ricamente estão nas casas dos reis. 9 Mas, então, que fostes ver? Um profeta? Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta; 10 porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo, que preparará diante de ti o teu caminho. 11 Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista; mas aquele que é o menor no Reino dos céus é maior do que ele.

Depois de suas palavras dirigidas a João, o Senhor agora se dirige à multidão e fala sobre João. O Senhor tinha palavras para João que fortaleceram sua fraca fé. Mas para o povo Ele fala de João como de um profeta a quem nenhum outro é igual. Ele apresenta João e diz às multidões, que opinião eles podem ter formado sobre ele. Por causa de sua fraqueza externa, eles podem tê-lo comparado a uma cana agitada pelo vento, confundindo-o com um homem sem força. Talvez João não correspondesse às expectativas de outra maneira, porque era totalmente avesso a qualquer coisa grandiosa e arrogante.

Houve alguém entre o povo quem pensava que João era um profeta? Isso teria chegado mais perto da verdade e, novamente, longe dela. Pois João não era apenas um profeta, ele era um profeta que, como arauto, imediatamente precedeu a vinda do Messias para anunciar Ele como o Messias vindouro. E não apenas o Messias foi anunciado pelos profetas, mas também o próprio João Batista (Mal 3:1). Ele é o mensageiro que Jeová enviou para preparar o caminho do Messias. Esta preparação era de preparar o coração dos homens para receber o Messias. Isto é exatamente o que João fez ao pregar o arrependimento e a conversão. Assim, João teve uma conexão direta com o Messias no sentido de que ele era seu precursor e o anunciava; por isso o Senhor Jesus o chamou de o maior que nasceu de mulher.

Claro, o próprio Senhor Jesus está excluído disso. O Senhor não compara João consigo mesmo, mas com todos os outros homens que nasceram até então. Ao mesmo tempo, o Senhor também diz que “o menor no reino dos céus é maior do que ele”. Isso significa que, depois de João, todo um novo estado de coisas deve começar. Não é uma questão de o que alguém é em si mesmo, mas de que posição ocupa. João anunciou o reino dos céus, mas não pôde entrar nele porque ele só começou depois que o Senhor foi rejeitado e voltou para o céu. Este reino tem sua origem no céu, mas seu campo de atividade é a terra. Este é o caso hoje e será o caso em breve, quando o Senhor governar a terra.

Que o menor neste reino é maior do que João tem a ver com a rejeição do Senhor Jesus e sua obra consumada. Os crentes, na época do Antigo Testamento, não sabiam disso. O menor no reino é dotado de privilégios que nenhum crente do Antigo Testamento jamais teve. Isso por causa do valor inestimável que a obra consumada de seu Filho tem aos olhos de Deus.

Mat 11:12-15 | Os dias de João Batista

12 E, desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao Reino dos céus, e pela força se apoderam dele. 13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos para ouvir ouça.

O reino dos céus foi anunciado por João, mas ainda não podia começar porque o rei deste reino não foi aceito. O sermão de João e do Senhor revelou o coração mau do homem e trouxe seu pecado à luz. O homem, especialmente o religioso, não quer se converter. Como resultado, o reino dos céus agora está assumindo uma forma diferente. Agora que o Senhor não pôde estabelecer o reino publicamente (embora certamente o faça no futuro), será necessário um esforço para entrar nele. Só é possível entrar no reino pela força, ou seja, pelo poder da fé. Quando o reino se tornar manifesto em uma forma externa reconhecível, este esforço da fé não será mais necessário.

Com João chega ao fim um período histórico, a saber, o tempo de todos os profetas e da lei. Em todo esse tempo, o reino dos céus tem sido anunciado repetidamente nas muitas promessas que Deus fez na lei; os profetas mais tarde apontaram para elas repetidamente e assim as confirmaram. Também os princípios básicos deste reino estão estabelecidos na lei.

Agora o Senhor chama João de Elias, que havia de vir. Malaquias anunciou Elias (Mal 4:5). Elias foi o profeta que trouxe o povo de volta à lei e assim abriu o caminho para a bênção. Ele também é o predecessor de Eliseu, o homem da graça. Espiritualmente, portanto, João é Elias. Ele pregou o arrependimento para preparar o povo para receber o Messias. Mas todos os que não reconheceram João como o Elias vindouro também permaneceram cegos para Aquele, a quem João anunciou. Por isso o Senhor também diz: "... se quereis reconhecer". Foi preciso fé para aceitar isso – e o povo como um todo não provou isso. Então Elias tem que voltar. Isso também acontecerá com a chegada das duas testemunhas a Jerusalém no fim dos tempos; um deles será Elias (Apo 11:3-6). Ele não será uma dessas testemunhas como pessoa, mas uma dessas testemunhas mostrará suas características.

A mensagem do Senhor sobre João só poderia ser compreendida por aqueles que tinham ouvidos para ouvir, isto é, o crente que escuta com

devoção. A expressão “aquele que tem ouvidos para ouvir” é usada quando a grande massa se desviou e o crente individual na multidão deve ser chamado. Assim, as palavras do Senhor revelam, por um lado, a incredulidade da multidão e, por outro lado, a fé de um remanescente. As palavras do Senhor ignoram o incrédulo, mas o crente é encorajado por elas.

Mat 11:16-19 | tocando flauta e lamentações

16 Mas a quem assemelharei esta geração? É semelhante aos meninos que se assentam nas praças, e clamam aos seus companheiros, 17 e dizem: Tocamos flauta, e não dançastes; cantamos lamentações, e não chorastes. 18 Porquanto veio João, não comendo, nem bebendo, e dizem: Tem demônio. 19 Veio o Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizem: Eis aí um homem comilão e beerrão, amigo de publicanos e pecadores. Mas a sabedoria é justificada por seus filhos.

Agora o Senhor compara a geração descrente a crianças temperamentais, que não podem ser motivadas a reagir ao que ouvem. Nem a atração da graça, que o Senhor lhes apresentou em tom simpático, nem o exercício iminente de justiça que João anunciou em suas lamentações tiveram qualquer influência sobre eles. A causa dessa passividade foi o erro de julgamento sobre João e do Senhor.

Na opinião deles, João tinha um demônio. Eles fizeram essa declaração por causa de seu estilo de vida abstinente, que, no entanto, correspondia totalmente à sua mensagem. Seu julgamento do Senhor Jesus, que como Filho do homem não jejuava, mas comia e bebia normalmente, foi igualmente tolo. Eles atribuíram motivos repreensíveis a Ele porque eles próprios eram viciados em glotonaria e beberagem. Eles estavam certos, porém, em chamá-lo de amigo de publicanos e pecadores. Em todas as obras que Ele fez, Sua sabedoria perfeita foi expressa. Suas relações com coletores de impostos e pecadores justificavam sua sabedoria, o que significa que a sabedoria é posta em perspectiva pela maneira como é usada.

Mat 11:20-24 | Ai das cidades da Galiléia

20 Então, começou ele a lançar em rosto às cidades onde se operou a maior parte dos seus prodígios o não se haverem arrependido, dizendo: 21 Ai de ti,

Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom fossem feitos os prodígios que em vós se fizeram, há muito que se teriam arrependido com pano de saco grosseiro e com cinza. 22 Por isso, eu vos digo que haverá menos rigor para Tiro e Sidom, no Dia do Juízo, do que para vós. 23 E tu, Cafarnaum, que te ergues até aos céus, serás abatida até aos infernos; porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje. 24 Porém eu vos digo que haverá menos rigor para os de Sodoma, no Dia do Juízo, do que para ti.

Quando o Senhor faz acusações, elas são perfeitamente justas. Cada homem que não foi convertido será reprovado exatamente por isso, que ele não foi convertido. Não converter prova que não se quer. Dependendo do grau de iniquidade, as acusações são mais graves para alguns e menos graves para outros. Um juiz que infringe a lei que deveria aplicar tem uma dívida maior do que alguém que a infringiu por ignorância.

Acontece o mesmo com as cidades onde o Senhor Jesus deixou bem claro quem Ele é. Se essas cidades O rejeitaram apesar da abundância de evidências, então elas são mais culpadas do que outras cidades nas quais Ele não foi igualmente revelado. As cidades pagãs também receberão o julgamento que merecem por sua imoralidade. Mas o julgamento sobre elas será mais leve do que sobre as cidades, às quais o Senhor Jesus deu um testemunho tão claro de si mesmo e que, no entanto, O rejeitaram.

Podemos nos perguntar por que Deus não deu tal testemunho às cidades citadas aqui pelo Senhor. Eles não teriam sido convertidos então? Tiro e Sidom, Sodoma e Gomorra, entretanto, receberam uma revelação perfeita e apropriada de Deus de acordo com a sabedoria de Deus. Eles tiveram o testemunho de Deus na criação (Rom 1:19-20). Mas eles não se curvaram a Deus! Eles viveram sua natureza depravada e não aceitaram a revelação de Deus na criação. Por causa dessa rejeição do testemunho de Deus, eles serão julgados. Da mesma forma, Deus sujeitará todos os povos a este teste de obediência de uma forma que está inteiramente de acordo com sua responsabilidade.

Algo especial é dito sobre Cafarnaum. Esta cidade rejeitou um privilégio ainda maior do que qualquer outra cidade de Israel. Porque o Senhor Jesus morava lá e eles O viam todos os dias. Por sua presença, esta cidade foi

exaltada ao céu, pois o céu veio a eles no Filho de Deus. Na realidade, porém, eles não irão para o céu – pelo contrário, eles serão lançados no Hades. Eles não usaram o tremendo privilégio de que Deus habitou entre eles, isso não teve nenhum efeito sobre eles.

Mat 11:25-27 | Sim, ó Pai

25 Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. 26 Sim, ó Pai, porque assim te aprouve. 27 Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

Depois de dizer “ai” das cidades onde Ele trabalhou assim, podemos pensar que o Senhor ficou desanimado. Isso é o que Ele disse profeticamente em Isaías 49 (Isa 49:4). Parecia que tudo fora em vão. Mas então lemos a resposta de Deus: Não foi em vão; uma bênção ainda maior virá de sua rejeição, não apenas para Israel, mas para todos os povos (Isa 49:5-6). E aqui agora lemos a resposta de Jesus à sua rejeição pelo povo.

Ele louva o Pai como Senhor do céu e da terra. Com isso, ele expressa que tudo no céu e na terra está sujeito ao seu poder. Nada escapa de suas mãos, tudo serve aos seus objetivos. Somente crianças pequenas, crentes que não têm uma opinião elevada sobre si mesmas, percebem isso.

Os sábios e entendidos do mundo não têm absolutamente nenhuma ideia sobre isso, está completamente oculto para eles. Os pensadores profundos, os sábios, nunca têm a idéia de que Deus está fazendo Seus planos dessa maneira. Eles estão procurando soluções no interior dos homens. Se os homens se comportarem de maneira diferente, tudo ficará bem – pensam eles. Pensadores sagazes, os entendidos, buscam a solução no meio ambiente, na natureza. Se eles apenas mudassem o ambiente, tudo ficaria bem. Mas não há lugar para o Pai, muito menos para um “sim, Pai”. Mas essa é precisamente a solução para qualquer decepção. Este “sim, Pai” expressa não só calma, mas total aprovação. Nenhum questionamento seria possível de outra forma, mas a certeza de que está tudo bem. Além disso, há a consciência da boa vontade do Pai. Ele não apenas age bem, Ele age de acordo com seu prazer, sua alegria.

Nesta confiança no Pai e no conhecimento de que o bom prazer do Pai é a origem e o objetivo de suas ações, o Senhor Jesus vê toda a extensão da glória que se seguiria à sua rejeição. O trono de Israel é negado a Ele, os judeus O rejeitam, os líderes O desprezam. Mas o que ele ganha? Todas as coisas – muito mais do que o que foi prometido a Davi e Salomão. Como o Messias, Ele é rejeitado. Em troca, no entanto, torna-se evidente que Ele é o Filho Eterno do Pai. As promessas anteriores não estão sendo cumpridas no momento. Mas o que Ele está fazendo? Ele revela o Pai e, assim, leva os crentes a um conhecimento mais profundo de Deus do que antes.

Mat 11:28-30 | Vinde a mim

28 Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. 29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. 30 Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

O Senhor Jesus quer nos levar à comunhão com seu Pai. Ele quer tirar de nós as dificuldades e fardos que impedem isso. Homens que estão cansados de sua vida miserável e carregados de pecados, para quem o fardo do pecado é um fardo pesado e que também estão cientes disso – todos têm permissão para vir ao Senhor Jesus.

O Senhor dirige esta palavra não apenas aos judeus, mas a “todos”. A alegria deste grande privilégio é para todos os que vem a Ele. O Senhor não estabelece nenhuma condição para isso. Ele dá descanso a todos os que vem a Ele, pois Ele carregou o fardo de seus pecados no Gólgota. Assim, até hoje, Ele tira os pecados de todos, que se tornam discípulos do reino e que são introduzidos na comunhão com seu Pai.

Mas há mais do que isso. Qualquer pessoa que já se tornou discípulo deve aprender a viver uma vida como discípulo. Isso só pode ser aprendido com o Senhor Jesus. Para fazer isso, é preciso assumir o jugo de total submissão ao Pai, como o Senhor Jesus fez. Vemos isso quando Ele continua a louvar o Pai, mesmo quando recebe a maior rejeição. Isso não O deprime, mas Ele o aceita das mãos do Pai. O Senhor é manso e humilde em todas as circunstâncias. Ele nunca levou a menor reclamação ao Pai.

Se achamos difícil suportar o seu jugo, é porque não somos humildes. Se quisermos nos rebelar, não somos mansos. Repetidamente temos que aprender a entregar tudo ao Pai.

A graça não permite ao homem fazer o que ele mesmo quer, mas coloca o coração que aceita a graça em uma posição de também querer fazer a vontade de Deus – e nisso encontra descanso. A paz que o Senhor dá é para o pecador que vem a Ele. A paz que se encontra, é para o crente que segue o Senhor.

Este ensino do Senhor é novo. Aprender com Ele significa olhar para Ele mesmo e para os exemplos que Ele oferece em abundância. Um coração cheio de mansidão e humildade é necessário se alguém deseja assumir e manter uma posição de dependência. Jeremias apresentou o descanso para a alma como resultado de uma caminhada fiel nos caminhos antigos (Jer 6:16). Mas ninguém foi capaz de alcançar essa paz. Mas agora o Filho dá a conhecer o único caminho para essa paz. Aquele que está pronto para suportar o jugo apresentado por Ele, recebe este descanso. Este jugo é suave, não restritivo e seu fardo não é opressor, mas leve. Ele mesmo ajuda a carregá-lo. E seu jugo se opõe ao jugo pesado e opressor da lei.

Mateus 12

Mat 12:1-8 | Colheita de espigas no sábado

1 Naquele tempo, passou Jesus pelas searas, em um sábado; e os seus discípulos, tendo fome, começaram a colher espigas e a comer. 2 E os fariseus, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer num sábado. 3 Ele, porém, lhes disse: Não tendes lido o que fez Davi, quando teve fome, ele e os que com ele estavam? 4 Como entrou na Casa de Deus e comeu os pães da proposição, que não lhe era lícito comer, nem aos que com ele estavam, mas só aos sacerdotes? 5 Ou não tendes lido na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? 6 Pois eu vos digo que está aqui quem é maior do que o templo. 7 Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes. 8 Porque o Filho do Homem até do sábado é Senhor.

O décimo segundo capítulo é um ponto de inflexão em que uma fase chega ao fim. O coração dos líderes é totalmente revelado aqui. O capítulo começa com dois eventos que acontecem no sábado que deixam claro o que os líderes desejam. Eles haviam tornado o mandamento do descanso sabático mais difícil com seus próprios mandamentos e leis especiais. Deus estabeleceu o sábado como um dia de bênção, descanso e recreação. Mas um homem legalista não tem senso por bênçãos. Ele quer proibir os discípulos de desfrutar os dons de Deus.

Os fariseus não estão interessados no fato de os discípulos agirem inteiramente de acordo com a lei (Deu 23:25). Para eles, só importa que tudo esteja externamente correto. E se eles decidiram algo para essa aparência externa, então o povo deve aderir a isso. Portanto, eles confrontam o Senhor sobre a conduta de Seus discípulos. Mas o Senhor cuida do assunto, porque Ele concede a seus discípulos a bênção de Deus.

Em sua resposta, o Senhor não se refere apenas ao que Deus permitiu na lei, e Ele não fez exceção para o sábado. Em vez disso, Ele ensina uma lição importante aos fariseus. Ele perguntou para eles sobre algo que Davi fez quando ele e seus companheiros estavam com fome (1Sam 21:1-6). Nessa

ocasião, Davi fez algo que era realmente proibido, porque apenas os sacerdotes podiam comer os pães da proposição (Lev 24:5-6). Mesmo assim, Davi não recebeu nenhuma reprovação neste caso. Ele era o rei ungido e estava fugindo de Saul. O povo não o reconheceu como rei. Essa era exatamente a situação do Senhor Jesus naquele momento.

Se o ungido Rei Davi teve que fugir de seu próprio povo, o povo de Deus negou seu fundamento e o que os pães da proposição realmente significavam está perdido. Eles então não representam mais o povo de Deus, como Ele pretendia que representassem. Manter um ritual exterior em tal situação, a fim de correr o risco de, o ungido de Deus perecer de fome, nada mais seria do que um “culto de adoração” puramente formal. Deus nunca teve tal coisa em mente ao instituir os pães da proposição. Quando o rei ungido é perseguido por seu próprio povo, os pães da proposição se tornam pães comuns e podem ser consumidos por aqueles que dependem deles.

Com este exemplo, o Senhor mostra o pecado e o declínio total de Israel. O verdadeiro rei, Davi, é desprezado e perseguido em favor do rei que o próprio povo queria. É exatamente assim de novo agora. O pecado de Israel profanou o pão sagrado. Deus não pode aceitar nada como santo de um povo que vive em pecado. E quando os discípulos do verdadeiro Rei estão com fome, como os seguidores de Davi naquela época, eles podem comer com segurança o que Deus lhes oferece, mesmo quando é sábado.

O Senhor dá ainda outro exemplo que finalmente deixa de lado a conversa deles, sobre a profanação do sábado. Ele se refere aos sacerdotes que fazem o trabalho necessário no templo no sábado. Em todo caso, isso dizia respeito ao sacrifício prescrito para o sábado (Núm 28:9-10), bem como ao holocausto diário, que também não devia ser negligenciado no sábado (Êxo 29:38). Esses sacrifícios foram necessários para que Deus pudesse continuar a habitar no meio de um povo pecador. Os sacerdotes tinham que trabalhar ainda mais no sábado do que nos outros dias e não tinham absolutamente nenhum descanso no sábado. Então Deus não agiu de acordo com regras estritas, mas permitiu que os sacerdotes fizessem muito trabalho no sábado porque estava relacionado ao culto de adoração. O sábado era o centro da antiga aliança; nada era tão característico disso quanto o sábado.

A partir desses dois exemplos, fica claro que Israel era um povo de pecadores. Em um caso, isso ficou claro pela perseguição do rei ungido, que tornava os pães da proposição em pão normal; no outro caso, pelos sacrifícios que necessariamente precisavam ser oferecidos no sábado.

Portanto, o Senhor deixou claro que Deus não será limitado por suas regras quando seu povo o abandonar. Além disso, o Senhor aponta para si mesmo, que é ainda maior do que o templo. Ele não é apenas o ungido de Deus a quem eles perseguem – Ele é o próprio Deus que governa todo o ministério do templo. Ele determina como servir a Deus, não os fariseus formalistas. Para eles, importa apenas o exterior, mas a Deus importa o interior.

Os fariseus condenaram os discípulos inocentes porque eles não tinham noção de misericórdia. Os legalistas nunca são misericordiosos. Eles oprimem os pobres e colocam fardos sobre eles. Portanto, os fariseus olhavam apenas para o sacrifício e não para o coração. Mas a misericórdia vem do coração, e Deus a busca.

Assim como o Senhor é maior do que o templo, Ele também é Senhor do sábado, que portanto não tem força obrigatória para Ele. Ele é o mestre e pode dispor dele como achar melhor. Ele estabeleceu o sábado e, portanto, não está sujeito a ele. O sábado é uma ilustração do reino de paz no qual Ele governará toda a terra como o grande Rei. Então, todos verão que, Ele como Filho do homem, é o Senhor de toda a terra.

Mat 12:9-14 | Curando a mão mirrada

9 E, partindo dali, chegou à sinagoga deles. 10 E estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada; e eles, para acusarem Jesus, o interrogaram, dizendo: É lícito curar nos sábados? 11 E ele lhes disse: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, se num sábado ela cair numa cova, não lançará mão dela e a levantará? 12 Pois quanto mais vale um homem do que uma ovelha? É, por consequência, lícito fazer bem nos sábados. 13 Então disse àquele homem: Estende a mão. E ele a estendeu, e ficou sã como a outra. 14 E os fariseus, tendo saído, formaram conselho contra ele, para o matarem.

Depois de caminhar pelos campos, o Senhor vai à sinagoga. Mais uma vez, algo acontece no sábado. O primeiro evento foi sobre ele mesmo e seu

poder sobre o sábadado. A segunda é sobre sua obra de misericórdia, para a qual o sábadado é particularmente adequado. Ao fazer isso, Ele mostra que o sábadado é um dia de bênção.

Agora, há um homem na sinagoga com a mão mirrada. Com aquela mão, o pobre homem não conseguia arrancar espigas e esfregá-las. Portanto, ele ainda não era capaz de desfrutar da bênção do sábadado. O homem não pede cura, mas o Senhor conhece seu desejo não formulado.

Os fariseus também estão presentes na sinagoga e são observadores atentos. Aqui eles vêem alguém com uma doença e alguém que conhecem como o Misericordioso. Em sua astúcia maliciosa, eles presumem corretamente que o Senhor deseja curar o homem. E em sua deliberação tola, eles acreditam que esta seria uma excelente oportunidade para fazer ao Senhor uma pergunta traiçoeira. O Senhor permite que eles façam isso. Então, Ele tem a oportunidade de trazer à luz sua glória, mas também a hipocrisia deles, e eles caem na armadilha que prepararam para Ele.

Eles perguntam para Ele se é lícito fazer o bem e curar no sábadado. Que pergunta! Esta questão por si só revela seu pensamento limitado e legalista. Isso fica ainda mais claro pela comparação que o Senhor faz diante deles, porque deixa claro que eles não teriam nenhum problema de consciência no sábadado se fosse para seu próprio benefício. Para isso, com certeza abririam uma exceção. Mas curar no sábadado estava fora de questão para eles. Tal coisa não constava em suas regras e, portanto, não era permitido!

O Senhor desmascara a loucura de tal pensamento legalista. Sua conclusão deve tê-los acertado agudamente. Mas o Senhor agora se dirige ao enfermo. Ele mesmo tinha que fazer algo. Ele teve que estender a mão para o Senhor e receber a bênção. Ele faz o que o Senhor diz, e bênções vêm ao seu encontro. Mas nem a palavra clara nem o ato de cura do Senhor levam os fariseus à conversão. Pelo contrário: a prova da sua graça é a razão para eles saírem. Eles não podem mais suportar a presença de tanta graça e verdade. Quando eles estão fora, fora da esfera da graça, eles imediatamente começam a traçar planos para matá-Lo. Quem se afasta conscientemente da presença de Cristo, revelará cada vez mais ser seu inimigo. O que os fariseus acabaram de ouvir e ver foi uma derrota. Em vez de aceitar isso, eles sentem ainda mais, como a posição e a reputação deles entre o povo está

cada vez mais ameaçada. Mas eles definitivamente não querem perdê-la. Para se firmar, preferem buscar maneiras de se livrar do Deus revelado na bondade.

Mat 12:15-21 | Eis aqui, meu servo

15 Jesus, sabendo isso, retirou-se dali, e acompanhou-o uma grande multidão de gente, e ele curou a todos. 16 E recomendava-lhes rigorosamente que o não descobrissem, 17 para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: 18 Eis aqui o meu servo que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz; porei sobre ele o meu Espírito, e anunciará aos gentios o juízo. 19 Não contendará, nem clamará, nem alguém ouvirá pelas ruas a sua voz; 20 não esmagará a cana quebrada e não apagará o morrão que fumeja, até que faça triunfar o juízo. 21 E, no seu nome, os gentios esperarão.

As deliberações secretas dos fariseus são bem conhecidas do onisciente. Por isso Ele está se retirando deste lugar. Mas isso não permanece oculto; muitas pessoas o seguem. O Senhor continua agindo em graça com eles e curando todos os que precisam de cura. Ele os adverte para que eles não O divulguem. Ele não quer ganhar popularidade por meio de suas ações, que os fariseus estavam tão ansiosos por realizar.

Mas todas as suas ações aconteceram diante dos olhos de seu Pai, que vê em segredo. Ele não buscava honra dos homens. Desta forma, Ele cumpre a profecia de Isaías que assim o anunciou. Jeová falou para Isaías sobre seu servo escolhido (Isa 42:1-4). Esse foi o Senhor Jesus. Ele até chamou esse servo de “meu amado”. Não havia apenas uma relação de obediência entre Deus e o servo, mas também uma relação de amor.

O Senhor Jesus conhecia o amor do Pai por Ele. Este amor era a razão de seu serviço ser uma pura alegria para Ele – apesar dos planos assassinos dos líderes do povo e da incompreensão da multidão. Ele sabia o prazer que Jeová havia encontrado Nele por causa de sua vida totalmente consagrada. Isso ficou evidente desde o início. É por isso que Deus colocou Seu Espírito sobre Ele (Mat 3:16). Vemos aqui a alegria do Deus trino: o Pai coloca seu Espírito sobre seu Filho. Por causa deste bom prazer e do Espírito que o Pai lhe deu, o Senhor Jesus tem o direito de anunciar o julgamento, não só

sobre Israel, mas sobre todos os povos. Isso indica seu domínio sobre todos os povos. Este foi o resultado, de seu próprio povo rejeitá-lo.

Seu proceder atual, no entanto, parece muito diferente. Ele ainda é o homem humilhado que não quer chamar a atenção. Ele não está clamando por atenção. Pelo contrário – ele próprio dedica toda a sua atenção àqueles que estão prestes a ser destruídos ou apagados. Uma cana torcida não tem valor (Isa 36:6), pensamos em um coração quebrantado, pisoteado e maltratado. O Senhor pode transformar esta cana torcida em um tubo de órgão ou uma cana de medida para a nova Jerusalém (Apo 21:15). É precisamente para aqueles que estão de coração quebrantado que Ele veio (Isa 61:1). Ele não os trata com um cetro de ferro, mas estende o cetro de ouro de sua graça para eles. Ele mesmo foi moído e pisado (Isa 53:5,10; Gên 3:15).

Um pavio fumegante praticamente não libera calor e também não é capaz de inflamar os outros. Frequentemente, o amor arde tão fracamente em nossos corações que somente Ele, o Onisciente, percebe que ainda resta um pouco de amor. Portanto, aqui vemos seu amoroso cuidado por nós, e que isso nos encoraje. Se alguma vez nos sentirmos como uma cana retorcida que só é bom o suficiente para ser quebrada completamente, ou se pensarmos que nossa luz está brilhando muito mal, então podemos pensar em quão grande é o desejo de Ele por nós. Temos permissão para ir a Ele para sermos renovados na graça e receber Dele, uma restauração de nossa força.

Somente quando Ele tiver cumprido plenamente Sua obra com humildade, Ele não apenas proclamará o juízo, mas também o executará. A vitória completa será o resultado glorioso de sua obra em humildade. Os povos que então forem poupados terão esperança em seu nome. Tanto o remanescente de Israel quanto esses povos perceberão que todas as bênçãos dependem apenas Dele e da atitude deles para com Ele. Essa será a situação quando Ele vier à terra pela segunda vez, mas não com humildade como da primeira vez, porém com poder e majestade.

Mat 12:22-27 | O Senhor Jesus e Belzebu

22 Trouxeram-lhe, então, um endemoninhado cego e mudo; e, de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via. 23 E toda a multidão se admirava e

dizia: Não é este o Filho de Davi? 24 Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios. 25 Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. 26 E, se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino? 27 E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam, então, os vossos filhos? Portanto, eles mesmos serão os vossos juízes.

O homem que agora está sendo levado ao Senhor é extremamente pobre. Ele está possuído por um demônio, que o tem tanto em seu poder, que ele não vê nada e não pode dizer nada. Ele não sabe onde está e não pode pedir ajuda. Felizmente, o Senhor está presente com sua misericórdia e há homens para trazê-lo ao Senhor. O Senhor responde à fé deles com cura. Nesse homem, vemos retratado o estado atual de Israel. O povo como um todo estava cego para a glória do Senhor Jesus e não veio a Ele para reconhecê-lo como Seu Messias.

Os homens agora estão profundamente impressionados com a cura. Eles até sugerem que Ele é o filho de Davi. No entanto, eles não vão além; seus corações não são realmente tocados. Os fariseus, porém, que ouvem essa suposição, querem absolutamente impedir que os homens pensem mais nessa direção, querem cortar esse pensamento pela raiz e, portanto, acusam o Senhor com a maior blasfêmia possível.

Uma acusação mais dura e insultuosa, do que esta, não é concebível, de Ele operar seus milagres da graça, no poder do príncipe dos demônios, ou seja, o próprio Satanás. Ao mesmo tempo, é finalmente expresso, que os fariseus não estão prontos para reconhecer nada de Deus no Senhor Jesus.

Que Deus opera em bondade e graça no meio de seu povo por meio de Cristo, não pode ser negado de forma alguma. Os fariseus, portanto, não estão enganados, mas preocupados em negar o inegável. Eles se opõem contra um melhor saber, em plena consciência e com vontade, eles O rejeitam.

O Senhor não respondeu a uma blasfêmia anterior semelhante (Mat 9:34). Mas agora Ele responde a isso. Com um exemplo da vida cotidiana, Ele apela para a mente sóbria e, assim, prova o total absurdo da declaração deles. Então, Ele mostra com seu argumento que eles não têm discerni-

mento. Qualquer pessoa sensata sabe, que nada pode manter-se que esteja dividido em si mesmo – independentemente de ser um império ou uma família. O conflito interno significa queda, não sucesso. A conclusão é clara: é impossível para Ele expulsar demônios por Belzebu.

O Senhor adiciona um segundo argumento contra a afirmação absurda deles. Este é o argumento que Ele apresenta como uma questão para eles. Os filhos deles também estavam empenhados em expulsar demônios. Agora, se eles fossem consistentes, eles teriam que dizer que seus filhos também fizeram isso por meio de Satanás. Mas eles nunca iriam querer admitir isso. Pois bem, diz o Senhor, então seus filhos serão os seus juízes. O proceder de seus filhos exporia sua blasfêmia, seria um testemunho de que eles O blasfemaram.

Mat 12:28-32 | A blasfêmia do espírito

28 Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é consequentemente chegado a vós o Reino de Deus. 29 Ou como pode alguém entrar em casa do homem valente e furtar os seus bens, se primeiro não manietar o valente, saqueando, então, a sua casa? 30 Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha. 31 Portanto, eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. 32 E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.

O Senhor agora está dizendo para eles a verdadeira origem de sua ação: Ele age por meio do Espírito de Deus. Isso significa que o reino de Deus havia chegado a eles. Claro, eles não queriam reconhecer isso, mas era o fato inegável. Em Cristo, Deus estava presente para estabelecer seu reino. Por isso que Ele entrou na casa do forte, ou seja, do diabo, e roubou seus bens, ou seja, os homens que estavam sob seu poder. O Senhor já havia amarrado o forte no deserto quando o derrotou com a palavra de Deus. Então Ele passou pela terra fazendo o bem e curando todos os que eram dominados pelo diabo (Atos 10:38). Finalmente, na cruz, Ele esmagará a cabeça do diabo.

Ao se opor ao reino do mal e roubar sua casa, um homem só pode ser um seguidor ou um opositor. Não existe neutralidade. Qualquer um que não

se posicionou inequivocamente ao seu lado estava contra Ele. O Senhor trabalhou incansavelmente para juntar para o reino dos céus. Os que não trabalharam ao seu lado, trabalharam pelo adversário, pela dispersão, e assim se revelaram inimigos do reino.

A gravidade do pecado dos fariseus é tão grande, porque eles sabem muito bem, que o Senhor é bom e atua por meio do Espírito Santo, mas atribuem isso a Satanás, apesar de todas as evidências. Ao fazer isso, eles são culpados de pecado contra o Espírito Santo que não pode ser perdoado. Este pecado é diferente de qualquer outro pecado. Para todos os outros pecados existe perdão. Mesmo aqueles que se opõem ao Senhor Jesus como o Filho do homem podem contar com o perdão se entenderem e confessarem seus pecados. Todos os outros pecados são dirigidos contra o Deus triúno, ou seja, contra o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Por que a blasfêmia contra o Espírito é algo tão especial? Neste pecado se trata de Cristo na terra, em quem o próprio Espírito Santo é expresso. Está completamente fora de questão atribuir a Satanás, qualquer coisa que Cristo faça. Quem quer que declare que o Espírito Santo, que está totalmente expresso em Cristo, é Satanás, só pode fazê-lo com plena consciência. O que o Cristo sem pecado faz está sempre perfeitamente de acordo com o Espírito. Não há nada de pecado ou carne em toda a sua vida e seu ser. Tudo é exclusivamente do Espírito. Alguém pode ficar cego para a glória do Senhor Jesus. Mas se alguém conscientemente atribui os atos do Senhor Jesus realizados pelo Espírito a Satanás, seu coração se endurece em revolta contra Cristo e nunca, jamais se curvará a Ele.

Que a blasfêmia do Espírito tem a ver especialmente com Cristo na terra é evidente pelas palavras que esse pecado não será perdoado “neste século nem no futuro”. Em ambos os casos, é um período de tempo em que Cristo está na terra, ou seja, em sua primeira e segunda vinda. Portanto, não é possível cometer esse pecado nos dias de hoje porque o Senhor Jesus não está na terra agora.

Mat 12:33-37 | A árvore e seus frutos

33 *Ou dizeis que a árvore é boa e o seu fruto, bom, ou dizeis que a árvore é má e o seu fruto, mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.* 34 *Raça de víboras,*

como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca. 35 O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más. 36 Mas eu vos digo que de toda palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no Dia do Juízo. 37 Porque por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado.

Então o Senhor toma um exemplo da natureza. Todos sabem que uma boa árvore produz bons frutos. Mas quando uma árvore é má, ela não pode produzir bons frutos, apenas frutos ruins. A árvore dá frutos que correspondem à sua essência. Os fariseus são árvores corruptas. Eles são uma “raça de víboras” (Mat 3:7; 23:33), ou seja, incubados por Satanás, descendentes do diabo, e o diabo é seu pai (João 8:44; 1João 3:8). Por isso não lhes é possível dizer nada de bom. Eles produzem frutos podres de acordo com a árvore podre que caracteriza sua natureza. Em seu coração há uma abundância de maldade que sai de sua boca.

O Senhor agora estende este fato geral da árvore e seus frutos ao homem. O homem bom é aquele que recebeu uma nova vida por meio da conversão e da fé e em quem o Espírito Santo habita. Do tesouro da nova vida e do Espírito Santo, esse homem traz coisas boas, como por ex. vida e paz (Rom 8:6). O homem mau contém apenas a si mesmo, ele é carne por completo. Deste tesouro maligno ele tira as obras da carne (Gál 5:19-21).

As palavras, de forma alguma, não são sem valor, porque estão conectadas ao coração. Elas expressam o que está no interior do homem. O Senhor Jesus é o Verbo de Deus, ou seja, a expressão perfeita de Deus. Ele sempre falou apenas o que o Pai lhe disse para fazer (João 12:50). Ele nunca disse uma palavra sem sentido. Os crentes também falam palavras sem sentido, sem qualquer utilidade ou significado. Elas mostram o que se encontra dentro de nós. Devemos então confessar isso.

Os incrédulos nem mesmo perguntam o que Deus quer quando abrem a boca. Eles falam muitas palavras sem valor. No dia do julgamento, eles terão que prestar contas disso, diante do grande trono branco, diante daquele que está assentado no trono, o Senhor Jesus (Apo 20:11-12). Eles não serão capazes de se esquivar, por ex. dizendo que eles queriam dizer coisas

muito diferentes, pois o Senhor tem perfeito conhecimento de todos os motivos que moviam o coração quando as palavras eram ditas.

As palavras da boca revelam o estado da alma. Palavras expressam sentimentos e nos mostram a natureza de quem fala, assim como seu comportamento o faz de outra maneira. As palavras têm tal peso que todos serão justificados ou condenados com base em suas palavras (cf. Rom 10:9-10). O Senhor fará um julgamento perfeito sobre o uso de todas as palavras porque Ele sabe de qual fonte elas vêm.

Mat 12:38-42 | O pedido de um sinal

38 Então, alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: Mestre, quiséramos ver da tua parte algum sinal. 39 Mas ele lhes respondeu e disse: Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém não se lhe dará outro sinal, senão o do profeta Jonas, 40 pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra. 41 Os ninivitas ressurgirão no Juízo com esta geração e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é mais do que Jonas. 42 A Rainha do Sul se levantará no Dia do Juízo com esta geração e a condenará, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é mais do que Salomão.

A malícia incorrigível e o endurecimento dos líderes religiosos tornam-se visíveis na insensibilidade com que exigem dele um sinal precisamente sobre esta admoestação do Senhor. Como se eles fossem acreditar! Mas, em sua resposta, o Senhor levanta um espelho para eles e lhes anuncia um sinal muito especial. Ele os chama de geração “má” e “adúltera”. Interiormente, são “maus” no coração, exteriormente são “adúlteros”, porque todo o seu proceder é mundano (cf. Tia 4:4). O único sinal que recebem Dele é o sinal do profeta Jonas. O que aconteceu com Jonas também aconteceria com Ele. Ele também ficaria na sepultura por três dias, assim como Jonas ficou na sepultura de água por três dias.

Um sinal é mencionado três vezes em conexão com o Senhor Jesus. O primeiro sinal é o do seu nascimento (Luc 2:12). O terceiro sinal é o do Filho do Homem que aparece na sua glória (Mat 24:30). Entre estes dois eventos está agora este sinal de Jonas, que fala da morte e ressurreição do Senhor

Jesus. Esses são os três sinais que devem levar os homens a crer. Se isso não for suficiente para eles, eles também não chegarão à fé por meio de milhares de outros sinais.

O Senhor então se refere aos habitantes de Nínive. Após seu retorno da sepultura na água, Jonas foi a Nínive e pregou ali. Da mesma forma, após sua ressurreição e ascensão, o Senhor Jesus faria o evangelho ser pregado a todos os povos. Isso significa que Israel perdeu sua posição especial como povo de Deus. Os ninivitas pagãos foram convertidos após o sermão de Jonas, enquanto o povo de Deus rejeitou Aquele que é mais do que Jonas.

O Senhor adiciona outro exemplo. Ele aponta para a rainha do sul, que também não pertencia ao povo de Deus, mas às outras nações. Mas ela tinha ouvido falar da sabedoria de Salomão e tinha vindo a ele de longe para experimentar sua sabedoria. Dessa forma, ela estava em total contraste com os líderes religiosos que queriam matar Aquele que era mais do que Salomão. Como os homens de Nínive, ela condenará esta raça que rejeita o Senhor Jesus no dia do juízo.

Mat 12:43-45 | A volta do espírito imundo

43 E, quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. 44 Então, diz: Voltarei para a minha casa, donde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada. 45 Então, vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má.

Agora o Senhor descreve a situação em que um homem foi libertado de um espírito impuro. O espírito imundo busca uma nova morada, mas não a encontra. Na verdade, o Senhor Jesus está falando sobre Israel e seu futuro. Durante a vida do Senhor Jesus, o povo de Israel não se voltou para os ídolos na sua totalidade, não havia idolatria.

Mas também não havia vida de Deus e com Deus. Portanto, a casa, ou seja, a pessoa, permaneceu vazia. Portanto, quando o espírito imundo volta, ele pode entrar novamente. A casa não está cheia de teias de aranha, mas está limpa e decorada. Não é uma ruína, mas bem cuidada. E ainda está vazia. Isso indica o culto vazio, com rituais externos e uma bela aparência,

mas sem a presença da vida de Deus ou para Deus. Não há lugar para o Espírito Santo nesta casa.

Como não há outros habitantes lá, o espírito impuro vê sua chance de convidar outros espíritos para se acomodarem por lá. Um número completo (sete) de espíritos, de um tipo ainda mais maligno, agora acompanha o espírito maligno, e a ruína resultante na casa, a pessoa, é ainda pior do que o estado inicial.

Israel, ainda desprovido de idolatria, não aceitou o Senhor Jesus. Como resultado, permaneceu vazio e se tornou um lugar onde os piores espíritos entram. Isso também acontecerá quando o Anticristo governar “esta geração iníqua” e dominar o serviço do templo. Ali ele levantará o ídolo da besta que surgiu da terra, para que todos possam adorar esta imagem da besta (Apo 13:14-15; 2Tes 2:9-10).

Também é importante na vida de todos que não haja vacância. Caso contrário, o diabo virá e tomará o espaço livre. Em um sentido espiritual, isso também pode ser observado hoje. Pessoas que vivem sem Deus, mas desejam ser espiritualmente ativas de alguma forma, tornam-se presas fáceis de estranhos ensinamentos de demônios.

Mat 12:46-50 | A mãe e os irmãos de Jesus

46 E, falando ele ainda à multidão, eis que estavam fora sua mãe e seus irmãos, pretendendo falar-lhe. 47 E disse-lhe alguém: Eis que estão ali fora tua mãe e teus irmãos, que querem falar-te. 48 Porém ele, respondendo, disse ao que lhe falara: Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? 49 E, estendendo a mão para os seus discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; 50 porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, este é meu irmão, e irmã, e mãe.

Enquanto o Senhor está ocupado no ministério, Sua mãe e irmãos querem falar com ele. Porque? Eles querem dizer para Ele, para não falar palavras tão duras? Pode-se ver pela resposta do Senhor que eles não vieram aplaudir Suas palavras.

Os parentes do Senhor obviamente não podem ir até Ele porque Ele está cercado de muitas pessoas. Assim, eles pedem que seu pedido seja encaminhado até que alguém próximo ao Senhor possa avisá-lo. O Senhor se

dirige a este mensageiro e pergunta, quem são sua mãe e seus irmãos. Com esta resposta, o Senhor indica que o tempo da união natural entre Ele e Seu povo, ou seja, Israel, segundo a carne acabou.

Seus verdadeiros parentes são seus discípulos. Eles se juntaram a Ele, eles O seguem e aprendem com Ele. Os únicos membros da família que Ele pode reconhecer são aqueles que estão fazendo a vontade de Seu Pai Celestial. Para Ele só importa a conexão que é criada pela palavra de Deus quando alguém a recebe em seu coração e a segue.

Mateus 13

Mat 13:1-2 | Saindo de casa para o mar

1 Tendo Jesus saído de casa naquele dia, estava assentado junto ao mar. 2 E ajuntou-se muita gente ao pé dele, de sorte que, entrando num barco, se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia.

Esta é a introdução de um capítulo cheio de ensinamentos sobre a mudança que ocorre como resultado da rejeição do Senhor.

As primeiras palavras “naquele mesmo dia” referem-se ao cúmulo do ódio por parte dos líderes religiosos que naquele dia acusaram o Senhor de forma tão terrível como vimos no capítulo anterior. Neste dia, o Senhor muda seu ambiente: ele sai da casa e se senta à beira do mar. A casa simboliza Israel, que no Antigo Testamento é freqüentemente chamada de “casa de Israel” (Jer 31:27,31,33). O mar nos apresenta aos povos que muitas vezes são comparados a um mar (Isa 17:12; Apo 17:15). A mudança de ambiente mostra que depois de sua rejeição pelo povo de Israel, o Senhor agora se volta para os povos.

Sua rejeição causa outra mudança neste capítulo. Pois o Senhor agora está começando a usar um novo método em seu ensino: Ele fala por parábolas. Por causa de sua rejeição, Ele não estará mais presente na Terra no futuro. O reino não pôde ser estabelecido da maneira que os profetas anunciaram porque o Senhor volta agora para o céu. Como resultado, o reino dos céus deve assumir um caráter inteiramente novo sobre o qual os profetas do Antigo Testamento não poderiam escrever. A novidade é que o reino não pode mais ser estabelecido publicamente na terra, mas agora permanece de forma oculta. O Senhor agora apresenta esse novo caráter do reino, que era desconhecido no Antigo Testamento, em sete parábolas. Sete é o número da perfeição. Nessas sete parábolas, o Senhor dá uma imagem completa do reino em sua forma oculta. As primeiras quatro parábolas formam uma unidade, assim como as três últimas. As quatro primeiras descrevem a forma externa do reino: ele se tornou um enorme sistema no qual o bem e

o mal coexistem. As três últimas descrevem o interior do reino: há muitas almas preciosas nele.

O Senhor está falando aqui a partir do mar para as multidões que estão na margem. Isso expressa uma certa distância entre Ele e os homens. Isso tem um significado simbólico para seu relacionamento atual com seu povo terreno, pois depois de sua rejeição, ele agora assumiu seu lugar no céu. Do céu, o Senhor proclamou o evangelho a todos os povos, sem esquecer o seu próprio povo. Nos primeiros dias do cristianismo, vemos que os judeus sempre ouvem o evangelho primeiro, depois os gregos (veja o ministério de Paulo em Atos dos Apóstolos). Sua conexão com Israel foi quebrada, mas Ele continua a apelar para eles.

Mat 13:3-9 | A parábola do semeador

3 E falou-lhe de muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear. 4 E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves e comeram-na; 5 e outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda. 6 Mas, vindo o sol, queimou-se e secou-se, porque não tinha raiz. 7 E outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram-na. 8 E outra caiu em boa terra e deu fruto: um, a cem, outro, a sessenta, e outro, a trinta. 9 Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.

Agora que Ele foi rejeitado, não apenas seu ensino mudou, mas também seu ministério. Ele veio buscar o fruto de sua vinha em Israel (Isa 5:1-7). Mas, por causa da infidelidade do povo, não havia fruto à vista. Agora, após sua rejeição, Ele não busca mais frutos, mas Ele os produz. Isso é expresso na primeira parábola. Esta primeira parábola é o ponto de partida para todas as parábolas subsequentes. Nela ele expressa que o estabelecimento do reino é o resultado da semente da palavra sobre o reino, não mais da obediência à lei dada por Moisés.

A semente espalhada pelo semeador cai em diferentes solos.

1. Na verdade, o primeiro solo não é um campo, mas um caminho público que percorre o lado do campo. As sementes não podem formar raízes ali e são presas para os pássaros. Portanto, esta semente desaparece completamente.

2. Outra parte da semente cai em solo pedregoso. Lá se formam raízes, mas por causa das muitas pedras quase não há terra, de modo que as sementes não podem crescer bem. Ela cresce rápido demais e não tem oportunidade de desenvolver raízes profundas. Quando o sol nasce, as sementes queimam de forma que nada resta delas.

3. O terceiro solo é realmente bom, mas também existem muitas plantas selvagens que inibem a boa semente. Os espinhos crescem demais e a sufocam. Novamente, nenhum fruto vem.

4. Mas também há sementes que caem em boa terra, onde podem crescer sem ser perturbadas e dar frutos. Alguns carregam cem vezes mais, outros são mais ou menos restritos no crescimento e trazem apenas sessenta ou até trinta vezes a colheita.

O Senhor encerra essa parábola com as conhecidas palavras “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!”. Este é um apelo aos ouvintes para que assumam a responsabilidade de colocar em prática o que ouviram.

Mat 13:10-17 | Por que parábolas?

10 E, acercando-se dele os discípulos, disseram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? 11 Ele, respondendo, disse-lhes: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não lhes é dado; 12 porque àquele que tem se dará, e terá em abundância; mas aquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. 13 Por isso, lhes falo por parábolas, porque eles, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. 14 E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis e, vendo, vereis, mas não percebereis. 15 Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviu de mau grado com seus ouvidos e fechou os olhos, para que não veja com os olhos, e ouça com os ouvidos, e compreenda com o coração, e se converta, e eu o cure. 16 Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. 17 Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes e não o viram, e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram.

Ao fazer a pergunta, os discípulos mostram que são súditos reais do rei. Eles querem saber por que o Senhor está usando essa forma de ensino. Mas essa questão também inclui a questão do conteúdo das parábolas. O

Senhor em sua resposta faz uma distinção crucial entre a massa incrédula do povo e o pequeno número de crentes, também conhecido como o remanescente crente. É a diferença entre quem está fora e quem está dentro. O povo que viu evidências abundantes, de que o Senhor Jesus é o Messias, está sob o julgamento da cegueira que Isaías anunciou. Aqueles que estão do lado de fora não podem e não têm o direito de entender o significado das palavras de Jesus. Eles estão sob julgamento de endurecimento porque endureceram seus próprios corações.

O Senhor usa o plural nos mistérios porque há várias coisas que estão ocultas. Em primeiro lugar, é o próprio rei; segundo, seu governo está oculto, pois seus inimigos ainda não estão publicamente sujeitos a ele. Seu governo ocorre apenas no coração de seus discípulos. Mas por seu governo ainda não ser público, os adversários que não pertencem a seus discípulos ainda podem viver livremente sem a intervenção direta do rei. Todo maligno ainda tem liberdade.

Um terceiro mistério é o fato de que a forma oculta do reino dos céus, que assume por causa da rejeição do Senhor, não foi divulgada nos tempos antigos pelos profetas. Os profetas sempre predisseram um reino que seria estabelecido em poder e majestade. Mas agora ele apareceria nesta forma gloriosa somente após o retorno do Senhor, ou seja, após seu retorno à terra, quando a glória do Messias seria visível para todos os habitantes da terra. Portanto, agora sua glória ainda está oculta do mundo.

Os discípulos O aceitaram. Portanto, o Senhor os conduz cada vez mais fundo na verdade que foi revelada para eles. Por conhecer a verdade, eles receberão uma abundância de bênçãos espirituais. Israel, por outro lado, não aceitou a Cristo. Por causa disso, eles também perderão o que tinham, ou seja, um Cristo vivo em seu meio, junto com as bênçãos que estão associadas a ele.

A principal diferença é se alguém tem o filho ou não. Aquele que tem o Filho tem vida (1Joã 5:12b) e crescerá no conhecimento de sua pessoa e desfrutará de bênçãos em abundância (Joã 10:10). Mas quem não tem o filho (1Joã 5:12b) perderá tudo o que acredita ter em sua presunção.

O Senhor fala com estes últimos em parábolas. Eles vêem o Messias, o ouvem falar, mas estão cegos para ver quem Ele realmente é e não prestam

atenção às Suas palavras. A profecia de Isaías se cumpre naqueles que ouvirão, mas não compreenderão, que verão, mas não perceberão (João 12:40; Atos 28:25-27). Eles podem ouvir as palavras, mas não entendem o conteúdo nem o significado. Seus olhos estão abertos, mas eles não veem nada de especial.

A razão para isso é o estado de seu coração. Seu coração está endurecido, isto é, inchado e complacente. Quando o próprio ego está em primeiro plano e se serve apenas aos seus próprios interesses, não se tem olhos e ouvidos para o Senhor Jesus. Então, essas pessoas fecharam seus corações ao Senhor. Seus ouvidos estão com dificuldade de ouvir, seus olhos ficaram cegos, porque não ouvem, não entendem, não se convertem e não querem ser curados pelo Senhor! Não há nada que o Senhor possa fazer para curar seus corações endurecidos.

Como tudo é diferente com um verdadeiro discípulo! O Senhor o chama de “feliz” porque pela graça ele pode ver o que os incrédulos ao seu redor não podem ver, mas também porque ele vê o que os crentes de outros tempos também não podiam ver. Para o incrédulo, o Senhor não tinha glória alguma, e era completamente desconhecido para os crentes dos tempos antigos, que Ele seria rejeitado. Quantos profetas e justos de outrora ansiavam por ver o que os discípulos viam: Cristo. Eles ansiavam por ouvir sua voz, mas não foi concedido para eles. Este grande privilégio é apenas aquela parte dos discípulos que agora vêem e ouvem o Senhor. O verdadeiro discípulo que está perto do Senhor Jesus vê e ouve um rei rejeitado, mas ao mesmo tempo vê sua glória interior (João 1:14).

Mat 13:18-23 | Interpretação da parábola do semeador

18 Escutai vós, pois, a parábola do semeador. 19 Ouvindo alguém a palavra do Reino e não a entendendo, vem o maligno e arrebatava o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho; 20 porém o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra e logo a recebe com alegria; 21 mas não tem raiz em si mesmo; antes, é de pouca duração; e, chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende; 22 e o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera; 23 mas o que foi semeado em boa

terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro, sessenta, e outro, trinta.

Depois do ensino geral sobre como entender as parábolas, o Senhor agora explica a parábola do semeador aos seus discípulos (“vós, pois”), embora a multidão ainda esteja lá (verso 36). Ele pede expressamente que prestem atenção às suas palavras (“escutai”). O semeador é o Senhor Jesus – mas não no sentido literal, porque a semente é semeada nos campos do mundo (verso 38). O Senhor Jesus nunca deixou o território de Israel em sua vida terrena para ir para outros povos. Somente após sua morte, ressurreição e ascensão é que seus apóstolos começaram a cumprir a missão de missionar todos os povos (Mat 28:19). Espiritualmente, porém, Ele é o semeador, pois semeia por meio de seus apóstolos (cf. Efé 2:17). Ainda hoje todo discípulo participa da semeadura da palavra.

Em sua interpretação, o Senhor Jesus deixa claro que nem todo mundo que ouve a palavra a recebe imediatamente. O fruto só surge realmente em um dos quatro solos que recebem a semente.

1. A interpretação é sempre sobre ouvir a palavra. Mateus chama a semente de “a palavra do reino” e fala de “ouvir” e “compreender” a palavra (versos 19,23). Essa escolha de palavras corresponde ao seu evangelho, que é sobre o reino e sobre a reunião de discípulos que se submetem à autoridade do rei.

O maior obstáculo à compreensão espiritual é o preconceito religioso. Isso ocorre porque esses são solo endurecido. Portanto, “o que foi semeado ao pé do caminho” podemos entender os fariseus. Deles, a palavra do reino é completamente rejeitada. Eles não entram porque não querem se curvar ao Senhor do reino.

O primeiro a impedir a semente de germinar é o diabo. A palavra é semeada no coração, mas o inimigo pode tirá-la de uma vez porque não há nenhum ponto de contato na mente, no sentimento ou na consciência. Nada acontece entre o coração e Deus. Mas isso não diminui a culpa do destinatário, porque o que foi semeado no coração foi perfeitamente adaptado às necessidades daquele coração.

2. Vemos que não é a semente, mas “o” que é semeado no solo pedregoso. Assim, a semente é identificada com o destinatário. “Ele” é aquele que

ouve a palavra e imediatamente a recebe com alegria. Mas isso significa que ele não tem consciência do pecado. Pois a primeira coisa que a palavra faz é pesar na consciência, porque o homem descobre o pecado em si mesmo. Nunca pode haver uma verdadeira obra de Deus sem a consciência do próprio pecado. O solo não é arado e nenhuma raiz é formada. Uma consciência realmente atingida pela Palavra se vê na presença de Deus. Mas se a consciência não é tocada, não há raízes.

A palavra foi recebida porque causou uma certa alegria, mas quando vem a provação, ela é abandonada novamente. O obstáculo para dar fruto aqui é a superficialidade e o egoísmo com que a palavra foi recebida. Qualquer um que apenas aprecia o valor de entretenimento da palavra passa na peneira como um incrédulo assim que surge uma provação em sua vida de prazer.

3. O terceiro obstáculo à frutificação da semente são as coisas do mundo. Isso não significa apenas pecados, mas também circunstâncias terrenas normais. Isso inclui preocupações, bem como riqueza, o que não tem nada de errado. No entanto, tanto as coisas ruins quanto as agradáveis podem fazer com que a pregação da Palavra permaneça infrutífera. Pessoas que estão absortas em suas preocupações ou riquezas são um solo estéril para o evangelho. As condições externas de vida são tão sufocantes que a semente recebida não produz frutos.

4. Só no quarto caso se pode falar de fruto como resultado de semear a semente em boa terra. A boa terra é uma pessoa que não apenas ouve a palavra, mas também a entende. Ele percebe que a palavra o leva à presença de Deus, pois Deus se revela na palavra. Uma nova vida é gerada em todos que ouvem e entendem a palavra. Esta nova vida é o Senhor Jesus. E Ele, a nova vida do crente, produz frutos para Deus.

Mas agora vemos que mesmo que a semente produza frutos, o resultado será diferente. Os fatores que impediram completamente o fruto nos três primeiros casos ainda desempenham um papel em alguns aspectos. Os hábitos religiosos (1.), o desejo pelo prazer da carne (2.) e as exigências das coisas da vida terrena (3.) podem fazer com que o fruto não surja em plenitude.

Mat 13:24-30 | A parábola do joio no trigo

24 Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O Reino dos céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo; 25 mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou o joio no meio do trigo, e retirou-se. 26 E, quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio. 27 E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu no teu campo boa semente? Por que tem, então, joio? 28 E ele lhes disse: Um inimigo é quem fez isso. E os servos lhe disseram: Queres, pois, que vamos arrancá-lo? 29 Porém ele lhes disse: Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. 30 Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo, ajuntai-o no meu celeiro.

Na parábola do joio e nas cinco parábolas seguintes, encontramos representações simbólicas do reino. Elas tratam da época em que o rei é rejeitado e, portanto, ausente. O reino agora tem uma nova forma, um novo personagem, sob o qual não era conhecido anteriormente. Por isso o Senhor Jesus diz: “O Reino dos céus é semelhante ao ...”. A frase “é semelhante” no verso 24 denota a mudança após a forma originalmente pretendida, do reino não poder mais ser realizada devido à rejeição do rei.

As três parábolas a seguir nos apresentam a forma externa que o reino assume no mundo. Estas são dirigidas aos discípulos e à multidão. As últimas três parábolas mostram o valor do reino para o Espírito Santo aos olhos de Deus. Elas contêm os pensamentos e conselhos de Deus. Essas três últimas, junto com a explicação da segunda parábola, são dirigidas apenas aos discípulos.

Como na primeira parábola, o semeador (“um homem”) é o Senhor Jesus. Ele semeia boas sementes no “seu” campo, porque o campo pertence a ele. Essa semeadura só começou depois que o Senhor Jesus foi rejeitado. Aconteceu por meio de seus seguidores, primeiro em Jerusalém, depois em Samaria e finalmente até o fim do mundo (Atos 1:8). O Senhor faz esta obra de semear por meio dos homens.

Mas essas pessoas têm fraquezas ou carecem de cuidados. Isso dá ao inimigo a oportunidade de semear ervas daninhas. Adormecer provavelmente também significa que não se espera mais a vinda do Senhor Jesus (as dez

virgens todas adormeceram quando o noivo se afastou; Mat 25:5; cf. Efé 5:14). A semeadura da semente é feita com formulações que parecem muito evangelísticas ou verdadeiras, mas nas quais se esconde um significado completamente diferente. Mesmo que tudo pareça cristão por fora, Deus conhece o ser interior. Satanás é o grande imitador de Deus (cf. 2Tim 3:8; Apo 13:11). Por meio de falsos mestres e seus seguidores, ele semeou suas falsas doutrinas entre os cristãos.

O joio é uma erva daninha muito semelhante ao trigo. Satanás trabalha com mentiras que podem facilmente ser confundidas com a verdade. É o seu método engenhoso de misturar verdade e mentiras de tal maneira que não podem ou dificilmente podem ser distinguidas uma da outra. E se não estivermos vigilantes, as ervas daninhas podem se espalhar com calma. Mas assim que o fruto sai, os servos percebem que o joio está surgindo entre as plantas boas. Em seguida, perguntam ao dono da casa (uma figura do Senhor Jesus) e ele responde que foi feito por uma pessoa hostil.

Os servos agora sugerem arrancar o joio. Mas essa não é uma boa sugestão. O senhorio, portanto, o rejeita e dá razões para isso. Pois ele sabe que seus servos se enganarão ao julgar o que é trigo e o que é joio. Eles não foram capazes de impedir o trabalho do homem hostil, portanto, também não serão capazes de desfazer os resultados desse trabalho hostil.

A proposta dos servos, na figura, equivale a limpar o cristianismo de todo o joio. Mas isso não pode ser o trabalho dos servos. Isso significaria julgar o que não é de Deus. Mas este julgamento pertence somente a Ele, porque somente Ele pode realizá-lo, de acordo com o conhecimento perfeito que Ele tem de tudo, bem como de acordo com seu poder, do qual ninguém pode escapar. Por isso o Senhor Jesus diz que o reino na terra, uma vez colocado nas mãos dos homens, deve permanecer um sistema misto até a época da colheita.

O “tempo da colheita” indica um determinado período de tempo em que ocorrem os eventos relacionados com a última fase da colheita. Nesta fase, as ervas daninhas se tornam cada vez mais evidentes. O Senhor executa o julgamento com a ajuda dos anjos de seu poder. Depois de amarrar o joio, Ele reúne o trigo que não está amarrado em Seu celeiro. Esse é o fim da aparência externa do reino na terra.

Amarrar os feixes é a preparação para o juízo – no qual talvez possamos ver a união de muitas igrejas e correntes no ecumenismo. O Senhor dá mais informações sobre isso na explicação da parábola. A colheita do trigo (para a qual não há preparação alguma) é a reunião de seu povo – na qual talvez possamos ver o arrebatamento de sua igreja ao céu. O Senhor dá mais detalhes sobre isso na interpretação da parábola.

Crescer juntos até a época da colheita se aplica ao reino dos céus ou ao Cristianismo, mas não à igreja. O mal deve muito bem ser eliminado na igreja (1Cor 5:13); e se a igreja o rejeitar, devemos nos separar dela (2Tim 2:19-22).

Mat 13:31-32 | A parábola do grão de mostarda

31 Outra parábola lhes propôs, dizendo: O Reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem, pegando dele, semeou no seu campo; 32 o qual é realmente a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham nos seus ramos.

O grão de mostarda, uma pequena semente, representa o germe da Igreja Cristã que foi semeado pelo Senhor. Aqui o grão não é a pessoa individual como na parábola anterior, mas o todo. Na próxima parábola do fermento, vemos a mesma coisa, porque aqui também se trata do todo, não do indivíduo. Nunca foi a intenção do Senhor que este pequeno grão de mostarda crescesse além de suas possibilidades. Mas se tornou uma árvore poderosa e impressionante. O assírio e Nabucodonosor foram comparados com ele (Isa 10:18-19; Dan 4:10,11,26).

Desta parábola, pode-se ver que o mal não seria apenas uma mistura com uma falsa doutrina (como na parábola anterior do joio), mas algo completamente diferente se seguiria. O reino dos céus era pequeno e esparsos no mundo no começo, mas cresceria até as maiores proporções, deixaria suas raízes penetrarem profundamente nas instituições dos homens e se elevar a um sistema colossal com poderosa influência na terra. Este desenvolvimento começou na história da igreja quando Constantino adotou o Cristianismo e o mundo se tornou Cristão.

Nesta parábola, vemos o desenvolvimento do império em uma estrutura impressionante aos olhos dos homens. Também se torna um abrigo para forças do mal, pois os pássaros introduzem ferramentas do mal neste capítulo (versos 4,19). Por trás disso está Satanás, que usa as pessoas como ferramentas.

Mat 13:33 | A parábola do fermento

33 Outra parábola lhes disse: O Reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado.

Esta quarta parábola não trata sobre mistura de sementes boas e más, nem sobre um pequeno grão que se torna uma grande árvore, mas ensina que o reino será totalmente corrompido por falsa doutrina. Nas Escrituras, o fermento é invariavelmente uma figura do pecado, nunca uma figura do evangelho que ganhará o mundo para Cristo, como muitos intérpretes querem que acreditemos. O Senhor está falando aqui como um profeta. Ele sabe exatamente como o reino se desenvolverá se for deixado por conta dos homens.

O reino não apenas será um grande poder (um grão de mostarda crescendo sem obstáculos), mas também se tornará um sistema de ensino que se espalhará amplamente e incorporará todos os que entrarem em sua esfera de influência. Fermento não significa fé ou vida, mas erro e doutrina perniciosa que permeou todo o Cristianismo.

Existem seis fenômenos nas Escrituras que são chamados de fermento:

1. O fermento dos fariseus, que é a hipocrisia (Luc 12:1; Mat 16:6).
2. O fermento dos saduceus, que o Senhor liga com o dos fariseus (Mat 16:6). Os saduceus são racionalistas, isto é, pessoas que só acreditam no que entendem intelectualmente e com o qual podem concordar. Eles estão cheios de incredulidade e crítica da Bíblia.
3. O fermento dos herodianos, também ligado pelo Senhor ao dos fariseus (Mat 8:16). Os herodianos eram um partido político que acreditava poder combinar política e vida religiosa. É o fermento do mundanismo.

4. O fermento da fornicção (1Cor 5:1,6-7). Isso é moralidade livre, imoralidade.
5. O fermento do legalismo (Gál 5:9). Esta é uma piedade de realização que sujeita a si mesmo ou a outros a certos mandamentos a fim de ganhar respeito com Deus e com as pessoas.
6. O fermento da idolatria (aqui). Temos isso diante de nós na mulher com as três medidas de farinha.

No Apocalipse, a Igreja Católica Romana é representada como uma mulher, uma prostituta (Apo 17:1-6). Ela é depravada e também faz coisas perversas. Ela reivindica a posição da verdadeira igreja, mas suas intenções são más. Vemos isso em tudo que ela faz. Ela mistura a falsa doutrina com o bom ensino sobre Cristo, que se apresenta nas três medidas de farinha, que correspondem à oferta de manjares como figura de Cristo. Mistura o bem e o mal, o que corrompe o bem. Hoje, no cristianismo, vemos esse desenvolvimento cada vez mais claramente.

Mat 13:34-35 | O Uso de Parábolas

34 Tudo isso disse Jesus por parábolas à multidão e nada lhes falava sem parábolas, 35 para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta, que disse: Abrirei em parábolas a boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo.

O ensino do Senhor à multidão termina com a parábola do fermento. Ele fala por parábolas porque os homens não O aceitam. Assim, Ele cumpre a profecia do profeta Asafe (Slm 78:2). Asafe havia predito que o Senhor falaria por parábolas.

Asafe também disse que o Senhor proclamaria coisas que estavam ocultas desde a fundação do mundo – tais como: por ex., que o reino dos céus assumirá uma forma oculta, em vez de ser estabelecido em poder e majestade públicos. Esta figura oculta é justificada unicamente pela rejeição do rei e pelo fato de que Ele agora ocupa um lugar que é descrito como “escondido com Cristo em Deus” (Col 3:3).

A frase “desde a criação do mundo” sempre se refere a Israel. Em relação à igreja, fala-se de “antes da fundação do mundo” (Efé 1:4).

Mat 13:36-39 | Interpretação da parábola do joio

36 Então, tendo despedido a multidão, foi Jesus para casa. E chegaram ao pé dele os seus discípulos, dizendo: Explica-nos a parábola do joio do campo. 37 Ele ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente é o Filho do Homem, 38 o campo é o mundo, a boa semente são os filhos do Reino, e o joio são os filhos do Maligno. 39 O inimigo que o semeou é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos.

O Senhor despede a multidão e entra na casa. O Senhor dirigiu as primeiras quatro parábolas às multidões. Essas parábolas eram sobre a forma que o reino dos céus teria no mundo, misturando o bem e o mal. Mas agora o Senhor fala apenas aos seus discípulos. As três parábolas a seguir são sobre a verdadeira essência do reino e se referem apenas aos filhos reais do rei.

Na casa, os discípulos do Senhor vão até Ele e pedem que explique a parábola do joio. Antes, eles perguntaram a Ele por que Ele estava usando parábolas (verso 10), mas agora eles querem ouvir a explicação da parábola usada. Esta pergunta prova sua confiança Nele de que Ele também lhes dará a explicação, porque até mesmo os discípulos não podem entender a parábola sem explicação. No interior da casa fechada, o Senhor explica o verdadeiro caráter e propósito do reino dos céus e o que nele é valioso para Ele.

Apenas a pessoa de mente espiritual pode entender esta interpretação. As multidões não podem compreender os pensamentos ocultos de Deus sobre o reino. Por isso o Senhor fala as três parábolas a seguir apenas para seus discípulos. Só eles podem ver o lado interno e oculto do reino dos céus como Deus o vê.

Portanto, essas três parábolas são de particular interesse para o crente seguidor do Senhor Jesus. Eles são segredos de família, por assim dizer, e por isso o Senhor entra na casa com eles. Dentro da estrutura grande e impressionante, há algo de valor especial para Deus. As parábolas do tesouro e da pérola mostram quão alto é esse valor.

O Senhor de boa vontade responde às perguntas de seus discípulos e explica para eles quem semeia a boa semente, o que é o campo, quem é a boa semente, o que significa o joio, quem é o inimigo, o que se entende por

colheita e quem são ceifeiros. Ele também diz para eles o que acontecerá no fim do mundo.

Assim como na parábola do semeador no início do capítulo, a semente aponta para a obra do Senhor, após a falha de Israel, em produzir frutos para o próprio Deus. Ele mesmo, como Filho do Homem, semeia a Palavra no campo do mundo para assim estabelecer o reino dos céus.

Na exposição, o Senhor identifica a semente com os filhos do reino: as boas sementes são os filhos do reino. O que as sementes produzem é essencialmente nada mais do que a própria semente semeada. Ao rejeitar seu rei, os judeus perderam o direito ao reino. A mera descendência natural agora não dava direito a isso. Agora que o Rei está no céu, uma pessoa só pode se tornar um filho do reino se receber uma nova vida por meio da palavra (Joã 3:5).

Mas não só o Filho do Homem aparece como o semeador, mas também o diabo (= o “inimigo”). Seus filhos, os filhos do mal (= o “joio”), são encontrados entre os filhos do reino. O diabo confunde tudo. O reino onde ele faz isso é o mundo. Entre os nascidos da verdade, o inimigo mantém várias pessoas, fruto dos ensinamentos que semeou. A colheita não é o fim dos tempos, mas indica os eventos que Deus terá realizado para cumprir plenamente Seus conselhos.

Seus anjos deverão desempenhar um papel especial nesses eventos. A parábola (versos 28-29) fala dos servos do Senhor trabalhando e cuidando da terra. Eles não podem distinguir o bom do mau. Na interpretação fala dos ceifeiros, que podem muito bem reconhecer essa diferença.

Mat 13:40-43 | Consumação deste século

40 Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo. 41 Mandará o Filho do Homem os seus anjos, e eles colherão do seu Reino tudo o que causa escândalo e os que cometem iniquidade. 42 E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali, haverá pranto e ranger de dentes. 43 Então, os justos resplandecerão como o sol, no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.

Na parábola, o Senhor apenas menciona recolher e amarrar em feixes o joio para queimar e, em seguida, levar o trigo para o celeiro (verso 30). Mas

o Senhor vai além na interpretação. Lá Ele fala sobre os eventos finais na consumação “deste” século, que é o tempo em que o mal pode desenvolver seu efeito, mas que terminará com julgamento. Depois disso, segundo as palavras do Senhor, começará um novo período em que o trigo – agora recolhido em seu celeiro – reaparecerá na forma dos “justos [que] resplandecerão como o sol”.

Os anjos queimam o joio no fogo, na chegada do Filho do Homem. O joio, os filhos do mal, são colhidos “do seu reino”, isto é, não do mundo, mas da área onde o Senhor exerce sua autoridade. A partir daí, “tudo o que causa escândalo e os que cometem iniquidade” são reunidos. Portanto, não são todos incrédulos de todo o mundo, mas os simples confessores externos. Eles são os sedutores que derrubaram outros e cometeram a ilegalidade, isto é, deixou de levar em conta a autoridade do rei, recusando-se a se submeter a ela. Eles serão removidos do reino do Filho do Homem, ou seja, de seu reino na terra. A parte deles é a fornalha ardente, o tormento eterno. Não há mais alegria ali. Só existe choro por causa da agonia física e ranger de dentes por causa da autocensura da consciência. Que coisa terrível!

Essa parte do trigo, os filhos do reino, está em total contraste com a do joio, os filhos do mal. Os filhos do reino são chamados de “justos”. Eles agiram corretamente e realmente se submeteram à autoridade do Filho do Homem. Agora eles brilham como o sol no reino de seu pai. Ambas as expressões, “brilhando como o sol” e “o reino de seu pai” indicam sua posição celestial. Eles brilharão como o próprio Senhor Jesus, o verdadeiro sol da justiça (Mal 4:2) naquele dia de glória da era por vir.

O “reino de seu pai” indica o aspecto celestial do reino. O Filho do Homem está na terra, mas ao mesmo tempo também no céu. Na terra, os crentes terrestres estão conectados a Ele, e no céu os crentes que lá estão, estão conectados a Ele. Os crentes celestiais brilham ao lado do sol no firmamento, e os crentes terrestres se regozijam em sua luz e calor.

Os justos, ou os filhos do reino, são considerados mais de perto nas três parábolas a seguir, a saber, como um tesouro (verso 44), uma pérola (versos 45-46) e como peixes bons que são recolhidos em cestos (verso 48). Assim, eles são apresentados de acordo com seu valor para o coração do Senhor Jesus.

Mat 13:44 | O tesouro no campo

44 Também o Reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido n um campo que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem e compra aquele campo.

Essa parábola nos ensina que algo de grande valor para o Senhor Jesus está escondido no mundo. Em vista dessa coisa preciosa, o Senhor Jesus comprou todo o campo, isto é, o mundo (2Ped 2:1). Com esta compra, Ele tem o direito de propriedade de todo o mundo. Por causa do tesouro, o Senhor Jesus vendeu tudo, desistiu de sua pretensão de governar sobre Israel e o mundo e tornou-se pobre (2Cor 8:9). Portanto, o tesouro não é Cristo. Cristo é o “Homem”, como nas outras parábolas.

Seria totalmente impossível que uma pessoa pudesse ganhar a Cristo desistindo de tudo o mais. Deus não exige que o homem atue para ganhar a Cristo. Se dependesse do homem, ele nunca viria a Cristo, pois por natureza ele não O busca (Rom 3:11). Somente quando alguém se torna um seguidor do Senhor Jesus, o Senhor pede que ele desista de tudo. Paulo também fez isso (Flp 3:8). Paulo queria conhecer melhor a Cristo e em troca desistiu de tudo que o impedia de fazê-lo. Em nenhum lugar é indicado ao homem que ele deva fazer algo para ganhar o reino; como se isso pudesse ser adquirido por meio do desempenho. O jovem rico prova exatamente o contrário (Mar 10:21-22). Como um homem poderia ser capaz de comprar o mundo e assim ganhar a Cristo? Paulo simplesmente desistiu do mundo para ganhar a Cristo.

Muito pode ser dito sobre a visão de que o tesouro significa a “Igreja”. O tesouro é encontrado sem que haja menção de procurá-lo. O Senhor Jesus veio para seu povo Israel. Mas este povo o rejeitou. Depois disso, sem ter pedido, por assim dizer, Ele ganhou a igreja, que se apresenta aqui como uma coisa nova.

Mas Israel não era uma coisa nova – e nem o mundo. Para ser o dono da igreja, o Senhor Jesus desistiu de tudo o que era devido a Ele como pessoa e como Messias na terra.

Alguns presumiram que o tesouro poderia se referir a Israel. É então explicado que Israel estava escondido no campo, que Cristo encontrou o tesouro, mas imediatamente o escondeu novamente quando foi rejeitado.

Não é muito convincente. Israel não faz parte de nenhuma parábola sobre o reino dos céus. Trata-se de algo que antes estava oculto, e não é o caso de Israel, porque todo o Antigo Testamento fala sobre Israel. Nem o Senhor Jesus precisou comprar o mundo para possuir Israel, pois Israel pertence a Ele; era “dele” (Joã 1:11). Da mesma forma, Ele não teve que comprar o mundo para adquirir Israel novamente.

O que tem valor para o Senhor Jesus no reino dos céus são os filhos do reino. Eles são um tesouro para o Senhor. E ele encontra esse tesouro de repente, por assim dizer, sem esperá-lo. Ele não veio por ele, mas ele o considera precioso para seu coração. Quando o Senhor Jesus foi rejeitado, foi muito decepcionante para Ele: os homens por causa dos quais Ele veio O rejeitaram. Sua chegada e todo o seu trabalho pareceu em vão (Isa 49:4). Em vez disso, Deus deu a Ele algo mais: uma congregação de crentes de todos os povos (Isa 49:6). Esses crentes são tão preciosos para Ele que Ele vende tudo para que eles tenham este tesouro. Ele compra o campo inteiro pelo preço de sua vida, apenas por causa deste tesouro. Por meio de seu trabalho na cruz, ele obteve poder sobre toda a carne para poder dar a vida eterna a muitos (Joã 17:3).

Mat 13:45-46 | A pérola muito preciosa

45 Outrossim, o Reino dos céus é semelhante ao homem negociante que busca boas pérolas; 46 e, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha e comprou-a.

O encontro do tesouro na parábola anterior não foi precedido por uma busca. Esse é provavelmente o caso da pérola. O comerciante é novamente o Senhor Jesus. Com a pérola, a unidade é a ideia principal; um tesouro, por outro lado, é uma grande variedade de objetos de valor. Os crentes são todos diferentes e, nesta diversidade, são preciosos para o Senhor Jesus. Mas uma pérola é uma unidade de beleza perfeita.

O comerciante, o Senhor Jesus, estava procurando por esta linda pérola. Ele sabia exatamente o que estava procurando, porque Ele conhecia sua igreja antes da fundação do mundo. Seu valor é tão grande para Ele que deu tudo, até mesmo a si mesmo, para possuí-la. Assim como o tesouro, o

comerciante não é a figura do pecador que vende tudo o que possui para ser o dono do Senhor Jesus (= “a pérola”).

O Senhor Jesus compra a pérola e nada mais além dela. A Igreja nasce nas profundezas do mar dos povos. As pérolas se formam em conchas semelhantes aos da ostra, mariscos de água doce e, às vezes, caracóis. Eles surgem como uma reação de defesa contra objetos estranhos que penetraram entre a casca e a membrana epitelial. Em particular, são parasitas, vermes e outros animais que perfuram a concha ou entram de alguma outra forma e estimulam a formação de pérolas. Pequenos caranguejos também foram encontrados em pérolas.

A membrana epitelial é responsável pelo crescimento da casca do mexilhão e, em alguns crustáceos, também pela fixação da madrepérola. Danos ou ferimentos na bainha podem desencadear a formação de uma pérola. A pele externa da membrana epitelial, que normalmente forma madrepérola na parte interna da concha, também inclui quaisquer corpos estranhos que tenham entrado. A pérola é criada a partir desse encapsulamento. A igreja é a joia do Senhor Jesus, com a qual Ele se enfeitará no reino da paz e por toda a eternidade.

Mat 13:47-50 | A rede de arrasto

47 Igualmente, o Reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar e que apanha toda qualidade de peixes. 48 E, estando cheia, a puxam para a praia e, assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora. 49 Assim será na consumação dos séculos: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos. 50 E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali, haverá pranto e ranger de dentes.

Nesta parábola da rede de arrasto, o Senhor Jesus explica como está reunida a comunidade cristã que Ele apresentou nas parábolas anteriores. Ele deixa claro que isso é feito por meio do compromisso de Seus servos, que ao longo do tempo puxaram a rede do evangelho pelo meio do mar de povos. A palavra sobre o reino é uma rede por meio da qual pessoas de diferentes tipos entram neste reino. Ainda assim, é função dos pescadores separar o bom do mau. Os bons eles reúnem em cestos, os maus eles jogam fora.

O tratamento posterior dos ímpios, na interpretação, é uma questão para os anjos. Os servos só se preocupam com os bons. Em contraste com a parábola do joio, os servos são ativos aqui, enquanto com o joio eles fizeram apenas uma observação e foram proibidos de separar o mau do bom. Não podemos purificar o Cristianismo, mas podemos separar aqueles que pertencem ao tesouro e à pérola, dos demais, e juntá-los. O ensino prático aqui nesta parábola é que o bom deve ser separado do mau e reunido em um ambiente separado. Isso tem acontecido muito. Muitas pessoas boas foram unidas nas igrejas locais, em um único corpo, em muitos lugares.

Aqui a separação já está ocorrendo, enquanto na parábola do joio entre o trigo é adiada para o fim, porque ali tudo deve crescer junto até a colheita. O discernimento final será feito pelos anjos no final dos tempos. Eles se preocupam com os ímpios, a quem separam dos justos e lançam na fornalha ardente (cf. verso 42). Aqui, também, a explicação vai além da própria parábola, acrescentando fatos.

Mat 13:51-52 | Parábola do Senhor da Casa

51 E disse-lhes Jesus: Entendestes todas estas coisas? Disseram-lhe eles: Sim, Senhor. 52 E ele disse-lhes: Por isso, todo escriba instruído acerca do Reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e velhas.

Depois de o Senhor apresentar as sete parábolas e explicar algumas delas, Ele pergunta aos seus discípulos se eles compreenderam “tudo isto”. Como nós, eles têm muitas dificuldades para entender esse ensinamento do Senhor. E ainda assim eles respondem com um sonoro “sim”.

Então o Senhor expõem uma oitava parábola. Mas esta não é uma parábola sobre o reino dos céus, mas sobre um escriba que se tornou um discípulo deste reino. O Senhor compara tal escriba a um chefe de família, ou seja, a alguém que sabe o que tem em sua casa e com isso pode fazer o que quiser, porque tudo é “seu tesouro”. Em um tesouro se tem prazer. Este chefe de família não guarda o tesouro apenas para si, mas também traz algo dele para os outros, para que outros também possam desfrutá-lo.

Este tesouro é feito de coisas novas e velhas. O “novo” é mencionado primeiro, então essa é a ênfase. Este novo aspecto foi discutido em deta-

lhes nas parábolas do reino, porque elas contêm a nova e até então oculta aparência do reino como resultado da rejeição e ascensão do Senhor Jesus. Esses ensinamentos eram inteiramente desconhecidos na época do Velho Testamento. O “velho” significa o que já era conhecido sobre o reino desde o Antigo Testamento.

O escriba agora tinha conhecimento do reino, mas era completamente ignorante do caráter que ele assumiria depois de ter surgido por meio da sementeira da palavra no mundo.

Aqueles que receberam esses ensinamentos e, portanto, se tornaram escribas, agora podem ensinar outros. Mas o escriba que se tornou discípulo do reino conhece o antigo de qualquer maneira e, pelos ensinamentos que agora recebeu do Senhor Jesus como seu discípulo, ele também conhece o novo do reino. Desta forma, ele é capaz de produzir e proclamar a partir desse tesouro.

Mat 13:53-58 | Rejeição do Senhor Jesus em Nazaré

53 E aconteceu que Jesus, concluindo essas parábolas, se retirou dali. 54 E, chegando à sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam e diziam: Donde veio a este a sabedoria e estas maravilhas? 55 Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, e José, e Simão, e Judas? 56 E não estão entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe veio, pois, tudo isso? 57 E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa. 58 E não fez ali muitas maravilhas, por causa da incredulidade deles.

Depois que o Senhor termina de ensinar as parábolas, Ele sai do lugar para ir para Nazaré. Lá ele continua seus ensinamentos, o que surpreende seus ouvintes: eles não podem entender de onde ele recebeu toda a sua sabedoria e poderes. Ele estava com eles há muito tempo, mas eles realmente não O conheciam. Para eles, Ele não é mais do que o filho do carpinteiro. Eles cresceram com ele, mas nunca viram o que havia de especial nele.

Eles sabem exatamente quem são seus parentes. Eles conhecem seu pai (como pensam), sua mãe, irmãos e irmãs, mas não têm ideia de sua origem celestial. Por causa dessa ignorância de sua origem celestial, eles não entendem a origem de seu extraordinário proceder e ensino. Em vez de irem

em busca dessa origem, eles se irritam com Ele, o que os faz cair espiritualmente. Eles O acusam de ser um sonhador, de modo que a questão de onde Ele tirou tudo isso é mudada para: O que Ele pensa que é?!

Em seguida, o Senhor lhes diz as palavras que tantos servos já experimentaram: Um profeta não fica sem honra, exceto em sua cidade natal e em sua casa. O resultado é que as bênçãos do Senhor são repelidas na sua descrença. Se o Senhor não consegue encontrar corações que se abram para Ele, e nada pode fazer.

Mateus 14

Mat 14:1-12 | A morte de João Batista

1 Naquele tempo, ouviu Herodes, o tetrarca, a fama de Jesus. 2 E disse aos seus criados: Este é João Batista; ressuscitou dos mortos, e, por isso, estas maravilhas operam nele. 3 Porque Herodes tinha prendido João e tinha-o manietado e encerrado no cárcere por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe; 4 porque João lhe dissera: Não te é lícito possuí-la. 5 E, querendo matá-lo, temia o povo, porque o tinham como profeta. 6 Festejando-se, porém, o dia natalício de Herodes, dançou a filha de Herodias diante dele e agradou a Herodes, 7 pelo que prometeu, com juramento, dar-lhe tudo o que pedisse. 8 E ela, instruída previamente por sua mãe, disse: Dá-me aqui num prato a cabeça de João Batista. 9 E o rei afligiu-se, mas, por causa do juramento e dos que estavam à mesa com ele, ordenou que se lhe desse. 10 E mandou degolar João no cárcere, 11 e a sua cabeça foi trazida num prato e dada à jovem, e ela a levou a sua mãe. 12 E chegaram os seus discípulos, e levaram o corpo, e o sepultaram, e foram anunciá-lo a Jesus.

Esta passagem trata sobre Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, que governou na época do nascimento de Jesus. Herodes Antipas sucedeu a seu pai como rei sobre a Galiléia. Esta designação, rei de uma parte de Israel, já mostra o triste estado em que Israel se encontrava. Eles não eram um povo livre, e Herodes nada mais era do que um espantalho dos romanos, os verdadeiros governantes de Israel. Portanto, Israel era governado por pagãos, não por um rei de acordo com o coração de Deus.

Este homem, Herodes, agora é responsável por garantir que o precursor do Senhor seja morto. Os homens sobre os quais ele governa em parte como o tetrarca serão totalmente culpados pela morte do Senhor Jesus. Portanto, podemos ver nos traços morais de Herodes um reflexo dos traços de todo o povo.

A fama sobre o Senhor Jesus chegou a Herodes, o que imediatamente deu origem a idéias supersticiosas na mente confusa desse homem, o que ele também deu a conhecer a seus servos. É perceptível que este incrédulo fala

em ressuscitar os mortos, porque pensa que João Batista ressuscitou. Sua consciência está sobrecarregada porque ele assassinou João Batista. Ele é lembrado disso pelas notícias sobre o Senhor Jesus. Não que João jamais tenha feito milagres (Joã 10:41). Ele também declarou claramente que não era o Cristo (Joã 1:20).

Na verdade, não é ruim que tal testemunho seja dado a ele mesmo após a morte de João. Também seria um bom testemunho se as pessoas que ouvem sobre o Senhor Jesus involuntariamente pensassem em nós.

Herodes levou uma vida sem Deus e imoral. João falava com ele com frequência e Herodes gostava de ouvi-lo (Mar 6:20). Isso não significa, logicamente, que João apenas disse coisas boas para ele. A única coisa que as escrituras reproduzem das conversas entre esses dois é: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.” Repetidamente João questionava a Herodes sobre seu relacionamento inadmissível com Herodias.

João não amenizou a mensagem, embora isso lhe valesse o ódio de Herodias. Esta mulher depravada viu que João foi enviado para a prisão. Então ela queria silenciá-lo. Herodes também queria matá-lo. Embora gostasse de ouvir João, ele não queria mudar sua vida pecaminosa. Apenas o respeito pelo povo o impediu de matá-lo.

Mas agora vem uma excelente oportunidade para Herodias finalmente se livrar de João. Sua filha igualmente ímpia, dança na frente de todos os convidados no aniversário de Herodes. Com “os olhos cheios de adultério” (2Ped 2:14), Herodes e os convidados observaram sua apresentação. Admirado por suas habilidades de dança, Herodes jura dar a ela qualquer recompensa que ela desejar. Assim como se permitiu ser guiado ou restringido por seus muitos observadores, agora ele se deixa guiar por seus desejos de dizer coisas das quais não tem consciência.

Tanto a mãe quanto a menina estão tão cheias de ódio contra a testemunha de Deus que a cabeça de João Batista vale mais para elas do que todas as riquezas que poderiam ter desejado. A ímpia senhora Herodias é espiritualmente descendente de Jezabel que queria matar Elias (comparado a João) (1Rei 19:2). E a menina não é melhor do que a mãe.

A tristeza do rei mostra que ele tinha alguma simpatia por João, mas Herodes preferia usar seu poder e glória terrena a se submeter ao testemunho

de Deus. Sua ambição e medo de perder a honra o tornam o assassino da testemunha de Deus. É dito aqui como se Herodes decapitou o próprio João, embora essa sentença de morte tenha sido executada pela espada de seu servo. E assim este homem fiel, que havia apontado o pecado de Herodes e Herodias, é eliminado. Como última lembrança, a cabeça de João reaparece aos olhos desta mulher. Sua alma endurecida está feliz por ela agora ter se livrado dele. Mas na ressurreição, João repetirá seu testemunho contra eles, e ela será lançada no inferno.

Depois que João é morto, seus discípulos pegam seu corpo, enterram-no e vão ao Senhor para Lhe contar tudo. É impressionante que João ainda tivesse discípulos, embora o Senhor Jesus já tivesse vindo. Isso prova como é difícil para nós, humanos, nos livrarmos das tradições.

Mat 14:13-14 | O Senhor busca a solidão

13 E Jesus, ouvindo isso, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, apartado; e, sabendo-o o povo, seguiu-o a pé desde as cidades. 14 E Jesus, saindo, viu uma grande multidão e, possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos.

Quando o Senhor ouve o que aconteceu com João, Ele busca solidão e descanso. Vemos aqui quão verdadeiramente Ele se tornou homem. Como o Deus eterno, claro, Ele sabe exatamente o que aconteceu e poderia ter evitado. Como um verdadeiro homem, entretanto, ele entrega tudo ao seu Deus.

Por isso, ele procura um lugar desolado na solidão para ficar sozinho com seu Deus por causa deste acontecimento. Embora fosse exaltado acima de João, Ele compartilhou um testemunho de Deus com ele no meio do povo de Israel. Em seu coração, ele se sentia conectado a João. Portanto, Ele está se retirando – não para Jerusalém, mas para um lugar desolado.

Porém, o Senhor não pode ficar sozinho por muito tempo com sua dor, porque lá também os homens correm atrás dele. E quando Ele os vê, Ele imediatamente se comove de novo com misericórdia deles. A indiferença em Nazaré e a maldade de Herodes não o mudaram. Seu coração está cheio de compaixão imutável pelas pessoas necessitadas, a fim de fazer-lhes o

bem. Ele não pode deixar de agir de acordo com sua natureza perfeitamente boa. Portanto, na história que se segue, Ele fornece pão ao seu povo.

Mat 14:15-21 | Alimentando cinco mil

15 E, sendo chegada a tarde, os seus discípulos aproximaram-se dele, dizendo: O lugar é deserto, e a hora é já avançada; despede a multidão, para que vão pelas aldeias e comprem comida para si. 16 Jesus, porém, lhes disse: Não é mister que vão; dai-lhes vós de comer. 17 Então, eles lhe disseram: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. 18 E ele disse: Trazei-mos aqui. 19 Tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a erva, tomou os cinco pães e os dois peixes, e, erguendo os olhos ao céu, os abençoou, e, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos, à multidão. 20 E comeram todos e saciaram-se, e levantaram dos pedaços que sobejaram doze cestos cheios. 21 E os que comeram foram quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças.

A noite cai enquanto os homens em grandes bandos buscam alívio para as doenças de que sofrem. Os discípulos, muito práticos, vão ao Senhor com a sugestão de que Ele mande as multidões embora para que eles possam comprar algo para comer nas lojas em tempo hábil. Pensar na prática, entretanto, nem sempre é um bom pensamento. Nesse caso, a sugestão deles significa, que o Senhor deve parar de fazer o bem. Ao fazer isso, eles mostram que não compartilham da misericórdia do Senhor. Eles ainda não o conhecem bem o suficiente. Portanto, eles também estão cegos para o poder de sua graça, que também provê as necessidades diárias. Portanto, o Senhor agora tem uma lição para seus discípulos que devem seguir-Lhe e aprender com seu Mestre para que se tornem semelhantes a Ele.

O Senhor intervém a favor das multidões. Eles não precisam se afastar dAquele que é a fonte de todo o bem. Ele reverte o pedido de mandar as multidões embora, incumbindo seus discípulos de provê-los de alimento. Ele quer torná-los instrumentos pelos quais abençoa as multidões. Ele quer encher as mãos deles de pão para distribuírem ao povo. Por isso, ele quer permitir que seu poder da graça beneficie as multidões com a ajuda deles.

Isso também é verdade hoje, porque o princípio da fé é o mesmo em todos os momentos. O Senhor também quer nos mostrar que a fé em Seu poder nos torna instrumentos de bênção para os outros. Os discípulos queriam

mandar as multidões embora porque não sabiam como usar o poder de Cristo. Muitas vezes também nós não sabemos, mas o Senhor quer nos guiar.

Então o Senhor lhes diz para alimentá-los. Ele os leva a alimentar outros. Quando eles recebem esta ordem, a impotência completa dos discípulos primeiro se torna aparente. Isso porque eles pensam apenas em suas próprias possibilidades e não nas do Senhor. O problema não é que não haja nada, mas que o pouco que existe, segundo os cálculos do homem, é completamente insuficiente.

De acordo com as normas humanas, esse também era o caso. Mas devemos aprender a contar com o poder do Senhor. Um dos problemas que nos tornam maus discípulos é que subestimamos o que está disponível para nós, porque julgamos por nossos próprios meios e não pelas maneiras como o Senhor tem para tirar algo bom disso. Nosso argumento é freqüentemente: "Não temos nada aqui, além de ..." Mas os crentes sempre têm algo, não importa o quão pouco seja aos seus olhos. Então o Senhor ordena que tragam os pães e os peixes para ele. Temos que aprender a colocar tudo em suas mãos. Ele mesmo nos pede para fazer isso. O que então colocamos em Suas mãos, Ele multiplica.

Depois que o Senhor estabelecer a ordem e o descanso, Ele vai trabalhar. Primeiro, Ele ordena a todos que se sentem. Desse modo, Ele atrai todos os olhares para Si. Todos vêem como Ele pega os cinco pães e dois peixes, e todos ouvem como Ele, como homem dependente, ora a seu Deus por bênçãos para este alimento. Então Ele começa a agir com onipotência, dependência e graça, e inclui os discípulos nisso. Ele parte os pães e os dá aos discípulos, que por sua vez os repassam às multidões.

O alimento que a multidão recebe tornou-se alimento de duas maneiras. Primeiro, há o pão, que primeiro passou por um processo de produção. Isso nos mostra que antes de darmos algo ao Senhor para Ele usar, em alguns casos devemos ter trabalhado nisso, nós mesmos. Mas há também os dois peixes, dos quais não contribuimos para a criação. O próprio Senhor os preparou, por assim dizer. Isso nos mostra que também podemos dar o que recebemos diretamente do Senhor, para que Ele multiplique e só então passemos adiante. O que não podemos fazer, que é multiplicar, o Senhor o

faz. Então Ele nos devolve para que possamos fazer o que pudermos com ele, a saber: passá-lo adiante.

Ao fazer isso, o Senhor dá testemunho em Sua própria pessoa de que Ele é o Senhor, que alimenta os pobres com pão (Slm 132:15). Nele está Yahweh, que estabeleceu o trono de Davi, Ele mesmo no meio deles.

Pela bondade do Senhor, todos podem comer até ficarem satisfeitos. O Senhor poderia ter operado seu milagre de tal forma que tudo fosse consumido e nada sobrasse. Ele sabia exatamente quanto era necessário. Mas só o que sobrou nos mostra que o Senhor é um Deus de abundância. Ele não apenas dá o que é necessário, mas muito além disso.

Mas essa abundância não é tratada como algo supérfluo. Mesmo com abundância, o Senhor tem um propósito. Ele faz recolher o restante, para que possa ser distribuído para outras pessoas que não estavam presentes. O que damos ao Senhor se torna uma abundância que muitos são satisfeitos e é suficiente para outros também. É assim que funciona com Deus: o que damos, não perdemos, mas Ele multiplica (Pro 11:24).

O número doze também indica que o Senhor tem uma intenção com o excesso. O Senhor, com plena consciência, multiplicou mais do que o necessário para os presentes. Foi então que Ele satisfaz aqueles que tinham vindo a Ele de suas casas. No futuro, porém, Ele irá satisfazer todas as doze tribos com Suas bênçãos. Ainda resta uma bênção para o povo de Deus, que a seguir Ele precisou mandar embora novamente.

Mat 14:22-27 | Os discípulos na tempestade

22 E logo ordenou Jesus que os seus discípulos entrassem no barco e fossem adiante, para a outra banda, enquanto despedia a multidão. 23 E, despedida a multidão, subiu ao monte para orar à parte. E, chegada já a tarde, estava ali só. 24 E o barco estava já no meio do mar, açoitado pelas ondas, porque o vento era contrário. 25 Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se Jesus para eles, caminhando por cima do mar. 26 E os discípulos, vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasma. E gritaram, com medo. 27 Jesus, porém, lhes falou logo, dizendo: Tende bom ânimo, sou eu; não temais.

Então o Senhor ordena a seus discípulos que subam no barco e vão para o outro lado do mar sem ele. Em seguida, ele próprio se despede da mul-

tidão. Depois de uma prova final de Sua presença benéfica por meio da alimentação, chega inevitavelmente o momento em que Ele deve mandar o povo embora. É uma figura profética do que Deus teve que fazer com seu povo depois que eles rejeitaram o Senhor Jesus. Deus enviou seu povo para cruzar os mares tempestuosos deste mundo sozinho.

Mas embora eles não percebam o Senhor, Ele os vê muito bem. E Ele ora por eles. O Senhor busca comunhão com seu Pai na solidão na montanha. Enquanto Ele está orando, os discípulos estão passando dificuldade. Há um vento contrário – uma figura da vida cotidiana. Ele permite que as tempestades testem nossa fé. Nos discípulos lutando no mar, podemos ver uma figura do remanescente de Israel atormentado no mar de povos na época da grande tribulação.

Os discípulos pensam que o Senhor os esqueceu. É nisso que os judeus crentes acreditarão durante a grande tribulação. Eles expressam isso em vários Salmos (Slm 10:11; 13:1; 77:9). Mas o Senhor não os esquece. Ele só vai ao encontro deles quando a noite está mais escura, durante a quarta vigília noturna. Isso é ao mesmo tempo perto do amanhecer, a hora em que a estrela da manhã nasce. Profeticamente falando, vivemos no fim da noite, que já percorreu um longo caminho (Rom 13:12). Nós também alcançamos a parte mais escura da noite. Mas é precisamente então que podemos experimentar melhor a proximidade do Senhor e experimentar que Ele vem até nós.

No entanto, muitas vezes nos parecemos com os discípulos que pensaram que o Senhor era um fantasma. Isso acontece quando só vemos o diabo em situações desfavoráveis, como se ele nos dificultasse a vida, e então perdemos completamente de vista que todas as nossas circunstâncias estão nas mãos do Senhor que nos ama. Jó viu isso de forma diferente. Ele não disse: “O Senhor deu e Satanás tomou”, mas antes: “O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou” (Jó 1:21). Em todas as nossas circunstâncias, devemos aprender a descobrir o Senhor, que está muito perto de nós e tem poder sobre tudo o que nos diz respeito.

O Senhor caminha sobre a água como se estivesse em solo firme. Ele, que criou os elementos como eles são, pode dispor de suas propriedades como quiser. Embora caminhe sobre as águas, Ele não o faz diante dos olhos das

multidões para satisfazer o sensacionalismo, mas apenas para convencer seus temerosos discípulos de seu poder. Nem acalma as ondas ainda – isso só acontece no final.

Quando os discípulos gritam de medo, o Senhor fala com eles de forma consoladora. Primeiro, ele diz para ter bom ânimo. Ele havia dirigido a mesma palavra encorajadora anteriormente neste Evangelho para homens que estavam em extrema necessidade (Mat 9:2,22). Então ele aponta a si mesmo, porque somente por meio dele pode haver bom ânimo. E, finalmente, Ele diz a eles que não é necessário ter medo, pois isso impede o bom ânimo.

Mat 14:28-33 | Pedro caminha sobre a água

28 E respondeu-lhe Pedro e disse: Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas. 29 E ele disse: Vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus. 30 Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me. 31 E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: Homem de pequena fé, por que duvidaste? 32 E, quando subiram para o barco, acalmou o vento. 33 Então, aproximaram-se os que estavam no barco e adoraram-no, dizendo: És verdadeiramente o Filho de Deus.

Pedro é o primeiro a responder às palavras do Senhor. Ele quer ter certeza de que realmente é o Senhor. Apenas Mateus relata que Pedro deixou o barco. Os outros discípulos também estão com medo, mas ainda estão no barco: enquanto for esse o caso, as coisas estão bem. É isso que torna o ato de fé de Pedro tão grande. Ele também abre mão desta última segurança e se entrega totalmente ao Senhor.

Também conosco, muitas vezes, confiamos no Senhor, mas ao mesmo tempo também nos alegramos quando ainda temos a segurança do nosso “barco”. Um exemplo disso é deixar a segurança do sistema judaico ou a segurança de um sistema cristão tradicional do qual achamos tão difícil nos separar. Isso se aplica a toda forma de comunidade em que o familiar se tornou a norma e o Espírito não pode trabalhar livremente. As formas e tradições humanas transmitem um sentimento de segurança, embora saibamos e confessemos que o Espírito Santo deve nos guiar.

A iniciativa é do Pedro. Ele vê o Senhor e pede sua ordem. Ele não quer aparecer como um herói, mas simplesmente como um crente obediente que, crendo, abandona a segurança do barco para chegar ao Senhor. Com isso, o medo da água também é superado. Ele realmente quer ser como seu mestre. O Senhor ficou muito feliz com esse desejo espontâneo.

O Senhor fala apenas uma palavra e Pedro obedece. Portanto, há um ato de fé (ele sai do barco) e um caminhar na fé (ele anda sobre as águas). Andar sobre as águas é um empreendimento ousado, mas, visto que se baseia na palavra do Senhor (“Vem!”), é também um empreendimento seguro. O fundamento consiste nas palavras “Senhor, se és tu”, ou seja, no próprio Senhor Jesus.

Enquanto Pedro olhar para o Senhor, tudo vai bem. Mas então chega o momento em que seus olhos se desviam do Senhor e ele vê o vento forte. De repente, o medo está lá novamente. Nem mesmo diz que ele viu a água em que caminhava, apenas o vento forte que agitou a água. Seu medo também não é lógico, porque é tão impossível andar em águas calmas quanto em ondas altas. A fé só é forte quando tem apenas o Senhor em mente. Assim que ele olha para as circunstâncias, a fé enfraquece.

Quando se perde Cristo de vista, não há mais apoio ou oportunidade para andar na fé. Tudo depende dele. Um barco é uma ferramenta experimentada e testada para navegar em um mar, mas somente a fé no Senhor pode caminhar sobre as águas. Qualquer um que anda sobre a água como o Senhor está muito melhor do que aqueles que estão sentados em um barco balançando que está prestes a naufragar. Para quem anda sobre as águas com o Senhor, não importa se há tempestade ou calmaria.

Quando Pedro começa a afundar, ele clama ao Senhor por ajuda. O Senhor responde imediatamente e o salva. Graças a Deus! Ele que anda sobre a água com seu próprio poder está lá para sustentar a fé e os passos impotentes do pobre discípulo. De qualquer forma, sua fé havia trazido Pedro tão perto do Senhor que Sua mão estendida pudesse socorrê-lo. Seu clamor por ajuda moveu a mão do Senhor para salvá-lo, enquanto sua fé havia movido anteriormente a mão do Senhor para ajudá-lo. Pedro começou a afundar, mas teve uma experiência que os outros discípulos não conheceram.

O Senhor corretamente pergunta a Pedro por que ele duvidou, pois Pedro só começou a afundar quando parou de olhar para o Senhor. O barco não chegou a Pedro com a força da fé com que ele havia deixado o barco. Ele subiu de volta a bordo do barco com o Senhor. Seu breve fracasso deixa claro que ele alcançou a meta somente pelo poder do Senhor.

O efeito é – e sempre deve ser – que os discípulos adoram o Senhor. O Senhor é honrado por Seu poder diante dos elementos da natureza e por Sua graça que Ele mostrou a Seus amados discípulos.

Mat 14:34-36 | Curas na Galiléia

34 E, tendo passado para a outra banda, chegaram à terra de Genesaré. 35 E, quando os homens daquele lugar o conheceram, mandaram por todas aquelas terras em redor e trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos. 36 E rogavam-lhe que, ao menos, eles pudessem tocar a orla da sua veste; e todos os que a tocavam ficavam sãos.

No verso 22, o Senhor disse a seus discípulos que fossem adiante Dele para o outro lado do mar. Chegou a hora de eles alcançarem segundo a palavra dele a outra margem. Chegando à Galiléia, o Senhor usa seu poder novamente, que no futuro expulsará da terra todo o mal que Satanás fez. Porque quando Ele vier novamente, o mundo O reconhecerá.

Após sua chegada à Galiléia, o Senhor é imediatamente reconhecido. O grande curador também está visitando a área deles! Portanto, aqueles que O conheceram antes e O viram em ação, divulgam em toda a área que Ele está ali. Agora, todos os que sofrem são conduzidos a Ele, e todos os que O tocam, mesmo que seja apenas a orla de Suas vestes, ficam completamente curados.

Tocar na orla de suas vestes já foi o meio de cura para uma mulher com fluxo de sangue (Mat 9:20). A orla de sua veste é a parte de sua roupa que está mais próxima do solo e, portanto, indica humilhação. Quem reconhece a bondade de Deus nesta pessoa humilhada, que graciosamente acolhe todas as pessoas conscientes das suas necessidades, encontrará a salvação completa.

Mateus 15

Mat 15:1-6 | Tradição humana versus mandamento de Deus

1 Então, chegaram ao pé de Jesus uns escribas e fariseus de Jerusalém, dizendo: 2 Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos quando comem pão. 3 Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição? 4 Porque Deus ordenou, dizendo: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser ao pai ou à mãe, que morra de morte. 5 Mas vós dizeis: Qualquer que disser ao pai ou à mãe: É oferta ao Senhor o que poderias aproveitar de mim, esse não precisa honrar nem a seu pai nem a sua mãe, 6 E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus.

À medida que o Senhor mostra misericórdia para com tantos homens, os líderes do povo entram nesta cena adorável e reclamam das aparências externas que eles estabeleceram para seu culto de piedade. As formalidades legalistas cegaram eles completamente para o que estava acontecendo diante de seus olhos. Nós experimentamos tal atitude farisaica hoje em questões de disputa causadas por tradições e costumes que não são baseados em declarações claras da Palavra de Deus. Os fariseus agora se dirigem ao Senhor porque vêem as ações dos discípulos como uma violação de suas tradições. Eles nem mesmo perguntam o que a Palavra de Deus diz sobre isso, mas julgam as ações de acordo com seus próprios padrões, que têm um peso enorme para eles.

Então os fariseus e escribas viram uma transgressão dos discípulos do Senhor: os discípulos comeram pão com as mãos sujas! Esta é uma característica típica da legalidade, que julga uma pessoa apenas de acordo com suas ações externas. O Senhor rejeita essa crítica apontando-lhes o que eles próprios fazem. Porque isso é incomparavelmente pior do que a violação de uma tradição humana. Pois eles quebram um mandamento de Deus – e apenas por causa de sua tradição.

As tradições dos antigos foram originalmente concebidas como uma interpretação das escrituras. Com o tempo, entretanto, elas foram comparadas

com as Escrituras e até mesmo se tornaram regulamentos que contradizem as Escrituras. Assim, as tradições dos antigos degeneraram em tradições que representavam um acréscimo obrigatório e vinculante às escrituras. O espírito desses regulamentos está em contradição com o espírito das Sagradas Escrituras. O Senhor revela esse fato e o denuncia. Ele acusa os fariseus de violarem o mandamento de Deus.

Como exemplo de sua transgressão, o Senhor dá um mandamento muito importante dado por Deus. O mandamento é honrar o pai e a mãe (Êxo 20:2; Deu 5:16), e quem amaldiçoar o pai e a mãe é culpado de morte (Êxo 21:17; Lev 20:9). Todas as bênçãos terrenas dos filhos de Israel dependiam da observância desse mandamento. Aqueles que honram o pai e a mãe devem ter uma vida longa e, assim, desfrutar das bênçãos de Deus por muito tempo (Efé 6:2). Quem fazia o contrário devia morrer e não poderia mais desfrutar da bênção.

Depois de lembrar desse mandamento, o Senhor, precisamente, mostra a maneira engenhosa como os fariseus anularam esses dois mandamentos divinos. Com um artifício habilmente planejado, eles garantiram que o dinheiro que o povo de Deus deveria usar para seus pais necessitados fluísse para seus próprios bolsos. Eles adicionaram um pequeno mandamento. Os judeus deveriam simplesmente dizer ao pai ou à mãe: “Este dinheiro destinei como oferta para o templo”. Com isso, a obrigação de cuidar dos pais foi justificada e o dinheiro fluiu para a arca do tesouro do templo, portanto, para o bolso dos fariseus. Então, quando os pais estivessem com necessidade, eles poderiam simplesmente ser informados de que o dinheiro era uma oferta para Deus; com isso, se ficou justificado quanto ao mandamento de cuidar e honrar os pais.

Desta forma, os fariseus tornaram a palavra de Deus impotente em favor de sua tradição. O significado real e verdadeiro da lei divina foi completamente obscurecido e mal compreendido.

Precisamos ter cuidado para não cair na mesma armadilha. Somos gratos pelos ensinamentos que os servos de Deus nos deixaram. Se fizermos uso adequado deles, eles sempre nos conduzem de volta à fonte, isto é, às próprias Escrituras Sagradas. Pode acontecer muito facilmente, porém, que

transformemos o ensino dos mais fiéis servos em uma espécie de Talmud (= um livro judaico com comentários rabínicos sobre o Antigo Testamento). Então, esse ensino seria como uma névoa atrás da qual a pura Palavra de Deus permanece oculta.

Mat 15:7-9 | O julgamento do Senhor sobre a hipocrisia dos fariseus

7 Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: 8 Este povo honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim. 9 Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.

O Senhor desmascarou os fariseus e os colocou sob o julgamento de Isaías (Isa 29:13) de que honrassem a Deus apenas com os lábios. Eles falam palavras bonitas, mas em seus corações buscam apenas o seu próprio ganho. Eles podem pensar que estão na presença de Deus, mas na realidade estão longe Dele. Os lábios são o exterior, o coração é o interior, a vida interior mais profunda do ser humano. E Deus vê o coração, o homem só vê o que está diante de seus olhos. O coração dos fariseus permanece frio, apesar de toda a piedade com que eles pensam honrar a Deus. No entanto, está vazio, em vão, sem sentido para Deus. É uma piedade que consiste em mandamentos humanos e não contém nada agradável a Deus. Essa piedade é odiosa para Deus.

Mat 15:10-11 | O Senhor adverte contra a hipocrisia dos fariseus

10 E, chamando a si a multidão, disse-lhes: Ouvi e entendei: 11 o que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem.

O que o Senhor disse aos fariseus e escribas é tão importante, que Ele o compartilha com o povo. Por isso Ele chama a multidão e fala com eles. Ele os exorta a ouvir e entender do que se trata, se alguém deseja servir a Deus. Ele explica para eles que a contaminação não é um problema físico externo. Surge no interior, no coração, ou seja, no ser mais profundo do homem, e é de natureza espiritual.

Mat 15:12-14 | Os discípulos não entendem o ensino

12 Então, acercando-se dele os seus discípulos, disseram-lhe: Sabes que os fariseus, ouvindo essas palavras, se escandalizaram? 13 Ele, porém, respondendo, disse: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. 14 Deixai-os; são condutores cegos; ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova.

Após essas respostas do Senhor, os discípulos também se sentem um pouco incomodados. Eles também têm problemas com as palavras do Senhor. Era absolutamente necessário provocar os fariseus dessa maneira? Eles prestam mais atenção ao efeito de suas palavras sobre os fariseus, do que as próprias palavras. O toque na ferida dos líderes religiosos também mostra uma certa sensibilidade entre eles.

O Senhor sabe muito bem que os fariseus naturalmente se ressentem de seu ensino, que condena todas as suas regras cerimoniais em suas raízes. Em sua resposta, que dá aos discípulos, fica claro que também sabe o motivo disso: Não são plantas que o Pai plantou – isso prova sua ira. A palavra implantada não está presente em seus corações (João 1:21). São ervas daninhas que precisam ser arrancadas. Por isso os discípulos não precisam mais se preocupar com eles, Deus fará isso em seus caminhos governamentais. Os fariseus são líderes cegos que lideram um povo de cegos. É claro que tanto os líderes quanto os liderados irão para o poço da perdição.

Mat 15:15-20 | O Senhor explica a parábola

15 E Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Explica-nos essa parábola. 16 Jesus, porém, disse: Até vós mesmos estais ainda sem entender? 17 Ainda não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e é lançado fora? 18 Mas o que sai da boca procede do coração, e isso contamina o homem. 19 Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias. 20 São essas coisas que contaminam o homem; mas comer sem lavar as mãos, isso não contamina o homem.

Os discípulos não entendem o ensino do Senhor, e Pedro pede que ele explique a parábola. A razão de sua falta de compreensão é que eles ainda têm muito respeito pelos ensinamentos dos fariseus. Isso também afeta seus

corações. Também não é nada fácil se libertar do farisaísmo, no qual as formas externas têm uma posição mais elevada do que a pureza interior. Esse farisaísmo está em todos nós.

Em qualquer caso, o Senhor deseja explicar a parábola a eles. Mas primeiro, Ele os repreende, embora de maneira branda. A compreensão de seus pensamentos é sempre retardada por uma atitude legalista. Se faltar apenas discernimento, Ele tem grande paciência conosco. Mas se ainda julgamos certas coisas de forma legalista, embora devêssemos conhecê-las melhor, então Ele deve nos repreender. Uma pessoa legalista só começa a entender lentamente.

Para sua explicação, o Senhor usa o processo natural de comer: o alimento vai da boca para o corpo. As substâncias que não podem ser utilizadas pelo organismo são excretadas no banheiro. Este processo não tem nada a ver com contaminação espiritual. O homem só é realmente contaminado pelo que sai do coração e sai pela boca. “Boca” aqui significa a porta pela qual o homem deixa escapar suas palavras e ações, como o Senhor indica ao enumerar tudo o que sai do coração. A boca indica, portanto, todo o comportamento do homem.

O Senhor sabe exatamente o que está no coração humano. É verdade que nem tudo penetra necessariamente para o exterior através da boca, mas a boca torna-se um meio típico através do qual o pecado atinge o exterior (cf. Tia 3:1-12). A origem são sempre pensamentos pecaminosos e malignos, que então levam a vários atos pecaminosos. O Senhor compreende totalmente o coração humano.

O Senhor conclui sua declaração com a declaração clara de que essas coisas realmente contaminam o homem. Igualmente claro é sua rejeição ao ensino farisaico sobre comer sem lavar as mãos, sobre o qual os líderes questionaram aos discípulos no início do capítulo.

Mat 15:21-28 | A Mulher Cananéia

21 E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidom. 22 E eis que uma mulher cananéia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada. 23 Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discipu-

los, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós. 24 E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. 25 Então, chegou ela e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me. 26 Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. 27 E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. 28 Então, respondeu Jesus e disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé. Seja isso feito para contigo, como tu desejas. E, desde aquela hora, a sua filha ficou sã.

Nos versos anteriores, vimos um povo muito religioso cujo coração na realidade estava longe de Deus. O Senhor deixa o território de Israel para ir aos lugares mais distantes dos privilégios judaicos, às cidades que Ele citou anteriormente como exemplos de indisposição ao arrependimento (Mat 11:21-22). Aqui agora Ele encontra uma mulher pagã que está longe de Deus por fora, mas muito próxima de Deus por dentro. Ela vem de uma raça amaldiçoada, de Canaã. O termo “cananeu” enfatiza mais uma vez que estava sob a maldição, em completo contraste com o povo, a quem foi prometida a bênção de Deus.

Ela está muito aflita. Sua filha está terrivelmente possuída, e por isso ela apela à misericórdia do Senhor, a quem ela chama de “Filho de Davi” – totalmente atípico dessa mulher pagã. Ele é realmente Filho de Davi, não para ela, mas apenas para seu próprio povo. Ela deve, portanto, primeiro aprender a vir a Ele na base apropriada. Ela não pode se dirigir a Ele como um membro do povo de Deus e, portanto, Deus não pode oferecer-lhe nenhuma ajuda dessa forma. O Senhor também não pode nos abençoar em sua qualidade de Messias de Israel.

O Senhor não responde a ela. Parece estranho que o Senhor não atenda ao pedido de ajuda de necessitado. Mas esta mulher o chama de filho de Davi, e como tal, Ele não tem nada a ver com esta mulher pagã. Portanto, Ele não responde para ela, mas também não a manda embora. Mas isso é exatamente o que os discípulos queriam; eles querem que o Senhor mande a mulher embora porque ela está gritando atrás deles. Eles preferem não ter nada a ver com essa mulher e não conseguem entender a compaixão do Senhor. O Senhor responde ao pedido dos discípulos dizendo-lhes o objetivo de sua missão: Ele foi enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de

Israel. Com isso, Ele afirma que Israel está tão perdido quanto esta mulher e que só pode haver esperança para aqueles que reconhecem isso.

A mulher deve ter ouvido essas palavras do Senhor, porque ela não desiste e adere à base da graça indicada pelo Senhor, para a qual não há limite. A mulher mostra uma fé persistente e pede mais uma vez ao Senhor para ajudá-la em sua aflição. A resposta do Senhor parece ainda mais desdenhosa no início. A princípio, Ele deu-lhe a entender que não era israelita e, portanto, não tinha direito a sua atenção; mas agora Ele diz a ela inequivocamente que ela pertence ao povo que Ele iguala a cães desprezados.

E agora vemos que efeito essas palavras do Senhor têm: Por meio de sua aparente aspereza, o Senhor conseguiu que a mulher sinta seu verdadeiro lugar diante de Deus e também o confesse – semelhante a Mefibosete que uma vez assumiu a posição de um cachorro morto (2Sam 1:8). Isso de forma alguma significa que Deus é menos bondoso e misericordioso para com ela. Isso incluiria uma abnegação de Deus, um mal-entendido de seu caráter e natureza, que encontra sua expressão no Senhor Jesus. Ele não podia dizer: Deus não deixou sobrar migalhas para esses homens. As migalhas não são atiradas deliberadamente aos cães, mas caem acidentalmente, e é uma graça que os cães possam comê-las. Ninguém que apela à graça de Deus o faz em vão.

O Senhor responde agora com toda a plenitude de seu coração. Pela segunda vez, Ele reconhece uma grande fé, e novamente com um gentio (cf. Mat 8:10). Ambos se condenam e se consideram indignos, só assim surge esta grande fé, e pela graça a mulher recebe tudo, enquanto reconhece a sua total indignidade. Desta forma e somente desta forma (!) uma alma pode receber a bênção.

Tudo isso não depende apenas de, se a necessidade é genuinamente sentida. Foi assim desde o início, e que conduziu a mulher ao Senhor. Também não é suficiente crer que o Senhor pode livrar em todas as adversidades. Devemos ser levados a ver na presença da única fonte de bênção que, enquanto estivermos lá, não temos o direito de desfrutá-la. Depois de chegar neste ponto, tudo é pura graça. Deus pode então agir de acordo com a sua própria bondade, e Ele corresponde aos desejos do coração, que assim se torna feliz em comunhão com ele.

Mat 15:29-31 | O Senhor cura muitos

29 Partindo Jesus dali, chegou ao pé do mar da Galiléia e, subindo a um monte, assentou-se lá. 30 E veio ter com ele muito povo, que trazia coxos, cegos, mudos, aleijados e outros muitos; e os puseram aos pés de Jesus, e ele os sarou, 31 de tal sorte que a multidão se maravilhou vendo os mudos a falar, os aleijados são, os coxos a andar, e os cegos a ver; e glorificava o Deus de Israel.

Tendo mostrado misericórdia à mulher cananéia, o Senhor vai agora para a Galiléia, onde entra em contato com a parte desprezada do povo judeu. Aqui estão os pobres do rebanho, os homens que estavam em trevas profundas (Isa 9:1-2). O Senhor sobe uma montanha e se senta – uma figura de majestade e tranquilidade. Deus anda nas alturas da terra (Miq 1:3). Ele é o leão da tribo de Judá. E ainda assim Ele aparece agora como um Cordeiro. Não espalha terror, mas inspira confiança. Seu proceder pacífico convida as multidões e lhes dá a oportunidade de vir até ele.

Os homens vêm em massa e trazem consigo todos os problemas para os quais eles próprios não têm solução. Muitos vêm com “coxos, cegos, mudos, aleijados e outros muitos; e os puseram aos pés de Jesus”. Eles colocam todas as suas necessidades diante do Senhor. Da mesma forma todos nós podemos trazer os que são incapazes de andar bem (coxos), que não reconhecem a verdade ou partes dela (cegos), que são deformados por ensinamentos errados (aleijados) e que não honram a Deus (mudos), e trazê-los aos pés do Senhor. E o Senhor cura todos, permanentemente, e não só de aparência.

A multidão trouxe todas essas pessoas enfermas ao Senhor na esperança de que Ele os curasse. E agora que estão curados, ainda se espantam. Deve ter sido uma visão muito surpreendente ver todos aqueles ex-enfermos tão completamente curados. Uma enorme multidão de pessoas saudáveis está agora louvando ao Deus de Israel. E, no entanto, não parece que eles reconheceram o Deus de Israel no Senhor Jesus. Mas embora o Senhor soubesse disso, Ele mostrou-lhes Sua misericórdia por meio de seus milagres.

Mat 15:32-39 | Alimentando os quatro mil

32 E Jesus, chamando os seus discípulos, disse: Tenho compaixão da multidão, porque já está comigo há três dias e não tem o que comer, e não quero despedi-la

em jejum, para que não desfaleça no caminho. 33 E os seus discípulos disseram-lhe: Donde nos viriam num deserto tantos pães, para saciar tal multidão? 34 E Jesus disse-lhes: Quantos pães tendes? E eles disseram: Sete e uns poucos peixinhos. 35 Então, mandou à multidão que se assentasse no chão. 36 E, tomando os sete pães e os peixes e dando graças, partiu-os e deu-os aos seus discípulos, e os discípulos, à multidão. 37 E todos comeram e se saciaram, e levantaram, do que sobejou, sete cestos cheios de pedaços. 38 Ora, os que tinham comido eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças. 39 E, tendo despedido a multidão, entrou no barco e dirigiu-se ao território de Magdala.

Aqui temos outra alimentação, mas desta vez com um caráter diferente. Ao alimentar cinco mil, a responsabilidade é primordial, expressa no número cinco. Também vemos isso nos doze cestos de restos, pois indica o governo exercido sobre as doze tribos de Israel no reino de paz sob a bênção do Senhor. Nesta segunda alimentação, quatro mil homens ficam satisfeitos. Trata-se da graça do Senhor para o benefício de todo o mundo. Isso é indicado pelo número quatro, onde por ex. podemos pensar nos quatro pontos cardeais. Portanto, trata-se de algo geral, algo ilimitado. Isso também se expressa nos sete cestos restantes, porque o número sete representa perfeição ou plenitude.

Em conexão com a história da mulher cananéia, é notável que aqui, como naquele incidente, o pão desempenha um papel importante. O Senhor Jesus é o pão que dá vida ao mundo (Joã 6:33-35). Aqui não são os discípulos que vêm a Ele como no capítulo 14, mas Ele age na graça de acordo com Sua própria perfeição e misericórdia. É por isso que aqui são mencionados sete cestos com fragmentos coletados.

O Senhor vê a multidão de homens saudáveis diante dele, mas também sabe que eles precisam necessariamente de algo para comer. Ele não apenas os curou, mas continua cuidando deles. Ele sabe há quanto tempo estão com Ele e também sabe que sem comida podem perecer no caminho de casa. Por isso o Senhor diz que não quer mandá-los embora com fome. Os discípulos respondem a isso; Ele não havia pedido nada especificamente, mas eles acham que agora Ele espera algo deles. Isso também pode acontecer conosco: lemos a Palavra de Deus e percebemos claramente que o Senhor espera algo de nós. Frequentemente, reagimos como os discípulos.

Reconhecemos a situação, mas pensamos que o Senhor espera o impossível de nós.

A situação aqui é a mesma do capítulo anterior – a alimentação dos cinco mil (Mat 14:13-21). Mas não ouvimos nada sobre a expectativa dos discípulos de que o Senhor agiria daquela forma novamente. Então eles carecem de fé, como muitas vezes nós. Não é difícil lembrar como o Senhor interveio no passado, mas outra coisa bem diferente é contar com Ele hoje, sabendo que Ele é sempre o mesmo.

No entanto, nossa falta de fé não o impede de agir mesmo assim. Mais uma vez, Ele se conecta com o pouco que eles têm a oferecer. O Senhor lhes diz para contar seus pães. Eles terminam rápido: eles tem sete pães e alguns peixes. Sem muitas palavras, o Senhor agora toma a iniciativa e deixa o povo sentar no chão. Deve haver paz para receber as bênçãos que o Senhor deseja dar. Então, Ele pega o que os discípulos tinham em suas mãos e liga com o céu, dando graças por isso. E então Ele começa a partir o pão. Ele passa pelo céu por meio de suas mãos até os discípulos, que o distribuem ao povo. É uma cadeia de bênçãos que tem sua origem no céu e, finalmente, vai para o povo. É o Senhor Jesus quem dá as bênçãos celestiais, mas Ele inclui seus discípulos nela. No final, todos estão satisfeitos e ainda sobraram sete cestos de pedaços. Tão abundantes são as bênçãos que o Senhor dá.

Também aqui é dado o número de homens. Os homens são responsáveis por suas famílias. Eles são os líderes que devem exemplificar e compartilhar a Palavra de Deus e prestar testemunho das obras do Senhor – inclusive o que Ele acabou de realizar.

Só agora, depois de ter saciado tão milagrosamente a multidão, o Senhor os manda para casa. Ele lhes deu pão para que não desfaleçam no caminho. Mas é mais importante que eles também tenham aprendido com Aquele que cuidou deles dessa maneira. Se eles aprenderam, infelizmente é duvidoso. Mas o Senhor segue para outra área a fim de continuar seu trabalho lá também.

Mateus 16

Mat 16:1-4 | O pedido de um sinal

1 E, chegando-se os fariseus e os saduceus para o tentarem, pediram-lhe que lhes mostrasse algum sinal do céu. 2 Mas ele, respondendo, disse-lhes: Quando é chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está rubro. 3 E pela manhã: Hoje haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Hipócritas, sabeis diferenciar a face do céu e não conheceis os sinais dos tempos? 4 Uma geração má e adúltera pede um sinal, e nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas. E, deixando-os, retirou-se.

Quando as pessoas se aproximam do Senhor, elas podem ter motivos muito diferentes. No capítulo 15 (Mat 15:30), pessoas vieram ao Senhor com motivos completamente diferentes do que dos fariseus e saduceus aqui. Lá o Senhor ajudou, mas aqui Ele os abandona e vai embora (verso 4) Os fariseus e saduceus eram inimigos mútuos. Eles, que normalmente eram inimigos, unem-se aqui contra o Senhor e tentam ser fortes juntos e colocar o Senhor à prova. Os saduceus eram os pensadores liberais daquela época, enquanto os fariseus eram os defensores das instituições e da autoridade da lei. Juntos, eles agora vêm ao Senhor e cobram um sinal do céu, visto que o maior sinal já dado por Deus do céu está bem diante deles.

Em sua resposta, o Senhor se refere aos sinais da natureza. Se eles percebessem certos fenômenos naturais, eles saberiam exatamente como interpretá-los. À noite, eles podiam dizer pela cor do céu que um bom tempo estava previsto. Para quem tinha discernimento espiritual, também havia boas perspectivas naquela época. Afinal, o oriente do alto os visitou no Senhor Jesus. Eles também podiam dizer pela cor do céu quando uma tempestade se aproximava. Espiritualmente, porém, eles foram incapazes de reconhecer que uma tempestade estava se formando, isto é, que o julgamento de Deus estava vindo sobre eles como resultado de sua rejeição do sinal dado por Deus do céu.

O Senhor, portanto, os chama de geração má e adúltera. Eles eram maus em seus corações e em suas mentes. Eles eram adúlteros em seus atos, em

seus atos de infidelidade ao Senhor. Então agora Ele mostra a eles como um sinal do que aconteceu com Jonas. É o sinal de um homem que desapareceu da terra, que em certo sentido se tornou invisível para o povo judeu pela morte e foi devolvido a eles depois de certo tempo.

Assim, Ele apresenta a eles em figura, sua morte e sua ressurreição; Isso significa que Ele irá para a morte, e ressuscitará dela, para então levar a mensagem, que Israel tem desconsiderado, aos gentios. Isso é exatamente o que Jonas fez e assim se tornou uma figura, um sinal do que o Senhor Jesus faria.

Mat 16:5-12 | O fermento dos fariseus e saduceus

5 E, passando seus discípulos para a outra banda, tinham-se esquecido de fornecer-se de pão. 6 E Jesus disse-lhes: Adverti e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus. 7 E eles arrazoavam entre si, dizendo: É porque não nos fornecemos de pão. 8 E Jesus, percebendo isso, disse: Por que arrazoais entre vós, homens de pequena fé, sobre o não vos terdes fornecido de pão? 9 Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos levantastes? 10 Nem dos sete pães para quatro mil e de quantos cestos levantastes? 11 Como não compreendestes que não vos falei a respeito do pão, mas que vos guardásseis do fermento dos fariseus e saduceus? 12 Então, compreenderam que não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus.

Quando os discípulos chegam na outra margem, percebem que se esqueceram de levar pão com eles. O Senhor sabe que eles estão preocupados com isso. Mas ele mesmo pensa não apenas em seu bem-estar físico, mas agora em seu bem-estar espiritual. Ele sabe o quanto seus discípulos ainda são suscetíveis ao raciocínio dos fariseus e saduceus e, portanto, os adverte contra isso em uma linguagem figurativa que eles devem realmente entender.

Mas os discípulos estão em uma frequência completamente diferente do Senhor. Quando o Senhor fala sobre o fermento, eles imediatamente se conectam aos pães que esqueceram. Eles só pensam em suas necessidades físicas. Quando o Senhor fala e os cristãos começam a usar sua própria razão, eles nunca entendem o Senhor. A causa é que eles começam no

homem e depois tentam ascender a Deus. A reflexão correta e saudável por parte do cristão começa com Deus e termina com o homem. O Senhor nota como e o que eles pensam um do outro e faz uma pergunta a respeito. Ao tratá-los como “de pouca fé”, Ele os está avisando imediatamente de que seu raciocínio está incorreto. Nós também começamos nossas próprias reflexões quando não pensamos primeiro em Cristo. O Senhor aponta isso em sua resposta. Se eles tivessem pensado Nele imediatamente, eles nunca teriam se preocupado com o pão.

O Senhor os lembra não apenas dos cinco pães para os cinco mil, mas especialmente de quanto sobrou depois. Ele não apenas supre, mas dá abundância. A fim de mostrar isso aos seus discípulos ainda mais claramente, Ele também os lembra dos sete pães para os quatro mil, e aqui novamente especialmente do que sobrou deles. Eles estavam lá! Eles próprios haviam distribuído o pão e até mesmo recolhido os pedaços que sobraram. Eles haviam estado tão diretamente envolvidos em ambos os milagres e, ainda assim, estavam tão preocupados com seus pães esquecidos que apenas aplicaram as palavras do Senhor a eles. Lembrados pelo Senhor no final, devem ter percebido que Ele não tinha falado sobre pão.

Então o Senhor os avisa novamente sobre o fermento dos fariseus. Agora os discípulos entendem o que o Senhor quis dizer: o ensino maligno dos fariseus e saduceus. Nas Escrituras, o fermento é sempre uma imagem de algo errado, pecaminoso. O fermento dos fariseus é, portanto, a hipocrisia religiosa, que depende sobretudo da perfeição externa e cerimonial. O fermento dos saduceus é o orgulho intelectual que coloca a mente no trono do único juiz, mas coloca de lado a revelação e a fé em Deus. Essas atitudes erradas permeiam todo o Cristianismo. Por um lado, vemos ritualismo, por outro lado, racionalismo e às vezes uma mistura de ambos. (Col 2:8; 2:16-22).

A advertência do Senhor sobre esse tipo de fermento precede imediatamente Sua revelação a respeito da igreja, que ouvimos Dele nos versos que se seguem. Isso significa que se ingerirmos um ou outro tipo de fermento, não entenderemos sua revelação a respeito da igreja nos versos seguintes.

Mat 16:13-14 | Quem as pessoas dizem que eu sou?

13 E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem? 14 E eles disseram: Uns, João Batista; outros, Elias, e outros, Jeremias ou um dos profetas.

A pergunta do Senhor se relaciona diretamente a ele mesmo e é, portanto, o cerne de todas as outras perguntas. Ele faz esta pergunta aos seus discípulos. Como homens familiarizados com o pensamento do povo sobre o Senhor, eles deviam ser capazes de responder. O Senhor faz esta pergunta, justamente na região, em que o domínio do povo pelos gentios e, portanto, também o pecado do povo e a disciplina de Deus sobre ele, como nenhum outro traz à mente. Cesareia de Filipe tem o nome de César, o imperador romano, que também subjugou a terra de Israel, mas também de Filipe I da família de Herodes. Nesta área, cujo nome deixa tão claro o quanto o povo de Deus se desviou de Deus, o Senhor começa agora a falar sobre a igreja.

Então, ele primeiro quer saber de seus discípulos o que o povo pensa dele em geral. Os discípulos estão cientes disso. Sua resposta mostra que as pessoas – do ponto de vista humano – realmente fazem comparações bem-intencionadas. Mas eles não chegam nem perto do verdadeiro significado do Senhor Jesus. Tudo o que eles pensavam eram apenas crenças humanas e nada tinha a ver com fé. Isso deixou os homens em completa incerteza. Essa insegurança resulta da indiferença para com o Senhor Jesus; a alma não sente nenhuma necessidade espiritual e nada sabe do fato de que só pode encontrar descanso na verdade, no Salvador.

Esses homens têm altas opiniões sobre o Senhor Jesus, mas estão infinitamente distantes da verdade sobre sua pessoa. Eles formam uma segunda classe de pessoas ao lado dos fariseus, que rejeitam o Salvador em sua arrogância e descrença. Mas há também uma terceira classe da qual Pedro é um exemplo. Esses são os homens a quem Deus revela quem Cristo realmente é, dando-lhes fé.

Mat 16:15-16 | E vós, quem dizeis que eu sou?

15 Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou? 16 E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Mas agora o Senhor pergunta diretamente: Quem dizeis que eu sou? Esta questão é de extrema importância para todo discípulo. Simão Pedro responde primeiro. Ele confessa que o Senhor Jesus é o Cristo, o que significa: o Messias como cumprimento das promessas de Deus, bem como das profecias que anunciaram esse cumprimento. Ele é o Messias prometido por Deus e também, de acordo com o Salmo 2, o Filho de Deus. Esta é a confissão do remanescente judeu (João 1:49).

Além disso, Pedro o confessa como o Filho do Deus vivo, o que ao mesmo tempo expressa que há vida no Senhor Jesus e que Ele tem o poder de dar vida. Ser o Filho do Deus vivo significa que Ele mesmo tem esta vida. O que é edificado sobre Ele não pode ser tocado pela morte e nunca pode ser destruído. Tudo é baseado em sua pessoa.

Mat 16:17-20 | A Igreja e o Reino

17 E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. 18 Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. 19 E eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. 20 Então, mandou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Cristo.

Cristo provou suficientemente quem Ele é. Mas todas essas evidências obviamente não tiveram nenhum efeito no coração de ninguém. Só a revelação do Pai é o caminho de saber quem Ele é, e isso vai muito além de esperar um Messias. O Senhor Jesus agora adiciona uma nova revelação à revelação do Pai a Pedro. Ao dizer “Pois também eu te digo”, Ele se coloca no mesmo nível do Pai. Ele e o Pai são um (João 10:30). O Pai revelou algo, e agora o Senhor Jesus também revelará algo.

Antes desta revelação, no entanto, Ele usa o significado do nome Pedro, dizendo-lhe: “Tu és Pedro”. Pedro significa “pedra”. Com isso o Senhor mostra que Pedro é uma das pedras que são edificadas sobre a rocha (do grego *petra*). Pedro entendeu muito bem essa alusão ao seu nome, como vemos em sua primeira carta; Nela ele descreve os crentes como pedras vivas que formam uma casa espiritual (1Ped 2:5).

A edificação da igreja ainda estava no futuro, pois o Senhor diz: “Eu edificarei”. A propósito, isso também significa que a igreja não existia desde Adão. O Senhor também informa que esta obra de Deus não pode ser perturbada por nenhum poder do inimigo. No entanto, onde se trata de homens envolvidos na edificação da igreja, a destruição é possível (1Cor 3:12-17). A ressurreição do Senhor Jesus é a prova de que Ele é o Filho do Deus vivo (Rom 1:4) e que a morte não tem poder sobre ele. O próprio Senhor Jesus tem as chaves da morte e do Hades (Apo 1:18).

Agora o Senhor Jesus dá a Pedro as chaves do reino dos céus, não as chaves da igreja. O reino é formado por pessoas; a igreja como o Senhor a apresenta aqui é obra somente de Deus. Vemos Pedro usando as chaves em várias ocasiões: em Atos 2 para “libertar” os judeus, ou seja, para libertá-los de seu ambiente judaico (Atos 2:37-40). Em Atos 10, ele usa as chaves para “libertar” os gentios, ou seja, para libertá-los de seu ambiente pagão (Atos 10:44-48). A porta pela qual eles entraram no reino dos céus é o batismo. Em Atos 8, Pedro usou as chaves para “amarrar” o mago Simão, ou seja, para fixar nele seus pecados (Atos 8:20-23). Embora esse feiticeiro Simão tenha sido batizado, ficou claro que ele ainda estava contaminado com seus pecados, o que foi de certa forma reforçado pelo ato de Pedro. A partir dessas situações em que Pedro usa as chaves, vemos que o reino e a igreja são duas áreas distintas.

Após essas comunicações especiais do Senhor, os discípulos podem ter sentido o desejo de torná-lo conhecido como o Cristo. Mas o Senhor não quer isso. O tempo para isso já passou desde que os homens O rejeitaram. Ele agora está preocupado com outra coisa: sua obra na cruz. Isso é o que o Senhor apresenta no verso seguinte.

Mat 16:21-23 | O primeiro anúncio de sofrimento

21 Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia. 22 E Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso. 23 Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens.

Depois que o Senhor revelou que construiria a igreja, Ele agora fala pela primeira vez sobre seus sofrimentos, morte e ressurreição. Ele sabe que isso está à sua frente agora. Se a igreja deve vir a existir, então Ele primeiro terá que realizar a obra de redenção na cruz e suportar todos os sofrimentos que são infligidos a Ele neste contexto. Para sofrer tudo isso, Ele teve que ir para Jerusalém (não para assumir o trono ali). Mas Ele também acrescenta que no terceiro dia Ele será ressuscitado. Sua morte não é o fim. O Senhor deseja que seus discípulos saibam disso.

No entanto, Pedro não quer ouvir nada de um Messias sofredor: Isso não pode ser verdade e não deve acontecer! Para isso ele até apela à graça de Deus. Pedro ainda estava muito ocupado com a edificação do reino aqui e agora. Além disso, ele ignorou o problema dos pecados do povo. Por mais abençoado e honrado que fosse Pedro pela Revelação do Pai, seu coração ainda estava apegado de forma carnal à glória humana do Messias (na verdade, a sua própria). Ele não conseguia se elevar às alturas dos pensamentos de Deus. Pedro não está sozinho nisso. Estar convencido das verdades sublimes e até desfrutá-las sinceramente como verdades é outra coisa do que ter um coração formado por elas, de modo que os sentimentos e a caminhada na terra também concordem com essas verdades.

O Senhor reconhece a fonte da qual Pedro está falando. Pedro se permite ser usado por Satanás, que quer desviar o Senhor de seu caminho de obediência. Satanás pôde usar Pedro para isso porque Pedro não estava preocupado com os caminhos de Deus, mas com os dos homens. Os homens têm receio de sofrer; eles querem a glória sem sofrer por ela. Mas com Deus não há glória terrena sem primeiro sofrer por ela.

Mat 16:24-28 | Seguindo o Cristo rejeitado

24 Então, disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me; 25 porque aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á. 26 Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma? 27 Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e, então, dará a cada um segundo as suas obras. 28 Em verdade vos digo que alguns há, dos

que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu Reino.

Com as referências à sua rejeição, o Senhor combina um ensino para seus discípulos. Ele lhes apresenta os custos ao segui-lo: custa tudo! Aqueles que desejam segui-lo devem negar completamente a si mesmos e todos os seus próprios interesses. Ele também deve estar pronto para suportar o desprezo do mundo. Isso significa “levar sua cruz”. O Senhor apresenta tanto um como o outro aos seus discípulos como uma escolha necessária. Quem quiser segui-lo deve estar pronto – só então ele pode seguir o Senhor. Ninguém é obrigado a fazer isso, mas se alguém quiser segui-lo, esse é o preço.

Quem quer que viva apenas para este mundo e queira salvar sua vida desta forma, no final das contas não será capaz de salvá-la, mas definitivamente a perderá. Mas se alguém entrega sua vida ao Senhor, ele encontrará a verdadeira vida que só pode ser encontrada e desfrutada em comunhão com Ele. O que o Senhor está dizendo aqui é simplesmente a verdade inevitável; quem quiser salvar sua vida, a perderá; mas quem perde sua vida por amor do Senhor a encontrará.

O Senhor dá aos discípulos e a nós algo mais a pensar, que tornar a decisão mais fácil. Ele quer que eles e nós pensemos nisso. Vamos imaginar que ganhamos o mundo inteiro. Por quanto tempo podemos aproveitar isso? Isso pode durar cem anos, no máximo, e apenas até certo ponto. Nós poderíamos, por ex., ter uma abundância de alimentos maravilhosos e joias preciosas, mas nosso estômago tem apenas uma capacidade limitada e nosso corpo ou nossa casa só poderiam conter uma quantidade limitada de joias. E no final haverá morte e eternidade de qualquer maneira. Se a alma for perdida no processo, o breve gozo terreno será seguido por sofrimento eterno. A alma é a coisa mais preciosa que uma pessoa possui. Se ele perder para sempre, não haverá um único meio de troca para libertá-lo do tormento eterno. Com essas palavras, o Senhor indica o valor incomensurável da alma. Com isso as pessoas devem se preocupar, não com o prazer temporal do mundo.

O Senhor coloca a grande importância da alma à luz de sua chegada iminente como o Filho do homem, quando Ele recompensará cada pessoa

de acordo com suas obras. Então ele não virá sozinho, mas seus anjos o acompanharão e a glória de seu pai o cercará. Tudo brilhará em esplendor e majestade. Todo aquele que despreza isso e não se curva com fé diante desta majestade vindoura, está fazendo violência à sua alma.

Após essas palavras solenes, o Senhor encoraja alguns de seus discípulos, a saber, Pedro, Tiago e João. Eles verão com seus próprios olhos o Filho do Homem entrando em seu reino antes de morrerem. Na verdade, isso acontecerá muito em breve, pois com essas palavras o Senhor está apontando para a cena que temos em mente no trecho imediatamente seguinte: a glorificação do Senhor na montanha. O que eles viram ali os encorajará a continuar servindo a Ele, por maior que seja a resistência.

Mateus 17

Mat 17:1-3 | A glorificação na montanha

1 Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte. 2 E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz. 3 E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

O Senhor Jesus agora leva Pedro, Tiago e João com ele até um alto monte. Esses três discípulos são os “alguns” do verso anterior (Mat 16:28), sobre os quais o Senhor havia dito que “não provarão a morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu Reino”. Na cena seguinte, você tem uma impressão de como será quando o Filho do Homem entrar em seu reino.

Este evento é apresentado com as palavras “seis dias depois”. Seis dias são o tempo normal de trabalho do homem na terra (Êxo 20:9). Passado esse tempo de atividade humana, chega o sétimo dia, o dia de descanso. O sábado, o sétimo dia, é uma figura do descanso do reino de paz. A glorificação na montanha dá uma amostra disso que esses três discípulos podem experimentar com antecedência. Neste reino, o Senhor Jesus é o centro brilhante no qual toda a atenção está focada.

Na presença deles, a aparência do Senhor muda. Aquele que exteriormente não diferia em nada de outros homens, que para o olho natural “não tinha parecer nem formosura” (Isa 53:2), agora adquire uma aparência exterior diferente, muito impressionante e maravilhosa. Seu rosto brilha como o sol. O sol é a figura do mais alto governo e está definido para governar o dia (Gên 1:16). Assim, Ele brilhará no Reino da Paz, sobre o qual nascerá como o sol da justiça (Mal 3:20). Então se tornará realidade o que Zacarias profetizou, quando falou do oriente do alto, que porá os pés do povo no caminho da paz (Luc 1:78-79). O fato de suas roupas terem se tornado brancas como a luz indica que todas as obras de seu governo serão perfeitamente puras e imaculadas durante todo o seu reinado. Ele exercerá a lei de forma totalmente transparente.

Só mais tarde Pedro entendeu tudo isso. Em sua segunda carta, ele relata que ele e os outros dois discípulos fizeram “saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” como testemunhas, “nós mesmos vimos a sua majestade” (2Ped 1:16).

Enquanto estão com Ele na montanha, Moisés e Elias aparecem para eles. Eles não aparecem ao Senhor Jesus, pois nunca estiveram ocultos dele, mas estão constantemente diante de sua face. Moisés e Elias representam os dois pilares sobre os quais repousa toda a ordem judaica. Moisés é o fundador do povo que introduziu a lei. Elias foi quem restaurou a conexão do povo com Deus com base na lei. Os discípulos não têm dificuldade em reconhecer estes dois. Também vemos aqui que na ressurreição as diferenças entre as pessoas são preservadas, mesmo quando as condições terrenas terminam.

Os dois homens falam com o Senhor Jesus. Sabemos pelo Evangelho de Lucas que falam com Ele sobre o caminho que Ele deve percorrer para estabelecer o reino de paz, do qual os discípulos têm uma impressão preliminar (Luc 9:31).

Mat 17:4-5 | A proposta e a resposta

4 E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés e um para Elias. 5 E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o.

Neste ponto, Pedro não entendeu muito sobre a glória do Senhor Jesus. Em seu entusiasmo, ele sugeriu construir imediatamente três tabernáculos para as três pessoas que ele tanto amava. Mas, ao fazer isso, ele prova que sua avaliação da glória do Senhor Jesus está longe da realidade. Ele nomeia o Senhor Jesus primeiro, mas o coloca no mesmo nível de Moisés e Elias. Ele vê os três como homens por meio dos quais Deus falou sem perceber que o Senhor Jesus é o Deus de Moisés e Elias. Ele também se atribui uma posição muito elevada ao dizer: “Senhor, bom é estarmos aqui”. Por mais compreensível que seja que ele queira se apegar a essa experiência presente, isso também mostra que ele está pensando apenas em si mesmo

e não nos outros discípulos. Acima de tudo, deixa claro que ele ainda não entendeu a obra que o Senhor Jesus ainda precisa realizar. O Senhor havia falado sobre isso, mas Pedro ainda não o internalizou.

Naquele momento eles ouvem a voz do pai, o que põe fim a todos os mal-entendidos de Pedro. O Pai testifica que o Senhor Jesus é Seu Filho amado e que tem todo prazer nele. Deus também tem prazer nas pessoas que fazem sua vontade. No entanto, os homens sempre permanecem devendo. Mas o Filho é a única pessoa em quem Ele sempre se agradou. O Filho é a revelação perfeita do Pai, que expressa perfeitamente, de quem o Pai é, em tudo o que faz e fala. Por isso Ele é o único a ser ouvido. A única razão para ouvir Moisés e Elias, é porque eles compartilham as palavras do Filho.

A voz do Pai vem da “nuvem luminosa” que os cobre. Esta nuvem luminosa é a mesma que sempre esteve acima do tabernáculo. É a nuvem da glória de Deus, que os rabinos chamavam de “Shekhina” – o símbolo da morada de Deus. A graça pode trazer Moisés e Elias para a mesma glória do Filho de Deus e, assim, conectá-los a ele. Mas se o homem ignorante em sua incompreensão da realidade deseja juntá-los como se eles tivessem igual direito ao coração do crente em si mesmos, então o Pai deve se levantar diretamente pelos direitos de seu Filho.

Mat 17:6-8 | A ninguém viram, senão a Jesus

6 E os discípulos, ouvindo isso, caíram sobre seu rosto e tiveram grande medo.

7 E, aproximando-se Jesus, tocou-lhes e disse: Levantai-vos e não tendes medo.

8 E, erguendo eles os olhos, ninguém viram, senão a Jesus.

Quando os três discípulos ouvem a voz do Pai expressando prazer em seu Filho, eles caem de rosto no chão – mais por medo do que por adoração. Eles ainda estão intimamente ligados à glória terrena para serem capazes de apreciar adequadamente a glória celestial. Então o Senhor vem a eles. Ele, que conhecia tão bem esta voz, os incentiva, como sempre fazia quando estava na terra: “Não tendes medo!” O Filho, que é todo o prazer do Pai, está com eles. Por que eles ainda deveriam temer?

Quando os discípulos abriram os olhos novamente, Moisés e Elias não estavam mais lá. Eles não vêem mais ninguém além de Jesus. Esse é o objetivo que Deus também tem com nossas vidas. Ele quer retirar todo

apoio humano e toda estima das pessoas entre nós, para que tenhamos o suficiente somente no Senhor Jesus. A honra que pertence a seu Filho não pode ser compartilhada com outros. O Senhor Jesus tem o direito de nossa admiração sem reserva e disposição para servi-lo. Podemos pedir a Ele que nos dê um coração não dividido (Slm 86:11).

Mat 17:9-13 | A vinda de Elias

9 E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão até que o Filho do Homem seja ressuscitado dos mortos. 10 E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem, então, os escribas que é mister que Elias venha primeiro? 11 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro e restaurará todas as coisas. 12 Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do Homem. 13 Então, entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista.

Depois de descerem do monte, o Senhor ordena que não contem a ninguém a “visão” que viram na montanha até depois de sua ressurreição. Então, eles receberão o Espírito Santo e somente então compreenderão o conteúdo e o escopo do evento. Não haveria sentido em contar aos outros sobre isso agora; eles não podiam entender.

Surge agora uma dificuldade para a compreensão dos discípulos sobre o aparecimento da glória futura do Messias que acabaram de ver. Essa dificuldade surge do ensino dos escribas sobre Elias. Eles afirmam que ele deve vir primeiro, antes do Messias – um pensamento tirado de uma profecia do profeta Malaquias (Mal 4:5). Os discípulos perguntam ao Senhor, porque os escribas dizem que Elias deve vir primeiro, isto é, antes da revelação do Messias, embora agora tenhamos visto que Tu és o Messias sem que Elias viesse primeiro? O Senhor responde a essa pergunta. Ele faz o mesmo quando temos dúvidas.

O Senhor responde que Elias definitivamente vem primeiro; os escribas estão certos a esse respeito. Ele também confirma as palavras do Profeta, mas ao mesmo tempo acrescenta que Elias restaurará todas as coisas. O efeito da chegada de Elias é a restauração de todas as coisas. Mas o Filho do Homem ainda está para vir também, e em glória, e o Senhor fala sobre

essa vinda em glória. Antes que pudesse vir dessa forma, Ele teve que ser apresentado ao povo como o Messias prometido para ver se o povo O aceitaria. Então agora Ele tinha vindo ao seu povo com humildade para prová-lo. O resultado foi que Ele foi rejeitado como Deus predisse pelos profetas. O Senhor Jesus podia dizer que Elias já tinha vindo, porque João Batista veio no espírito e poder de Elias (Luc 1:17). Mas também João Batista como seu precursor foi rejeitado (Isa 40:3-5; Mal 3:1; e não: Mal 3:23-24). Depois dessa explicação do Senhor, os discípulos entendem que Elias já veio em João Batista, mas que o povo como um todo não deu ouvidos à sua mensagem e, portanto, não estava pronto para receber o Messias.

Mat 17:14-18 | Cura de um menino lunático

14 E, quando chegaram à multidão, aproximou-se-lhe um homem, pondo-se de joelhos diante dele e dizendo: 15 Senhor, tem misericórdia de meu filho, que é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo e, muitas vezes, na água; 16 e trouxe-o aos teus discípulos e não puderam curá-lo. 17 E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei eu convosco e até quando vos sofrerei? Trazei-mo aqui. 18 E repreendeu Jesus o demônio, que saiu dele; e, desde aquela hora, o menino sarou.

Após o auge na montanha da glorificação, o Senhor e os três discípulos descem da montanha novamente. Agora, alguém em necessidade se aproxima do Senhor e se ajoelha diante Dele. Portanto, a experiência da glória foi apenas um evento passageiro; a realidade da vida se impõe novamente. É sempre assim na vida dos cristãos. Eles experimentam momentos especiais na proximidade do Senhor, por ex. em reuniões. Mas quando isso acabar, os crentes serão confrontados com a realidade da vida cotidiana novamente.

O homem pede ao Senhor que tenha misericórdia de seu filho. Ele sofre de uma doença semelhante à epilepsia, uma doença na qual alguém desmaia repentinamente. Esse menino sofre muito dessa doença porque muitas vezes cai no fogo ou na água, ou seja, em situações muito diferentes. Por o Senhor estar ausente, o homem veio aos discípulos com seu filho. Ele esperava a ajuda deles porque acreditava que, como discípulos do Senhor, eles poderiam fazer o mesmo. Mas os discípulos falharam. Isso mostra outra

marca de incredulidade que pode aparecer até mesmo entre os crentes, a saber, a incapacidade de fazer uso confiável do poder que está, por assim dizer, disponível no Senhor. O homem que veio ao Senhor com seu filho tinha mais fé do que os discípulos, pois a consciência da necessidade o trouxe para onde a salvação poderia ser encontrada.

Quando o Senhor se aproxima, tudo muda para melhor. Antes de o Senhor ajudar o Pai, Ele primeiro fala aos discípulos sobre sua incredulidade. No mesmo momento, porém, Ele dá sua bênção ao pai aflito e diz para ele trazer seu filho. Para podermos usar o poder do Senhor Jesus, devemos estar em comunhão com Ele por meio do uso ativo da fé. Mostramos essa fé quando realmente vamos a Ele com nossas necessidades. Então, veremos o Senhor destruir o poder do inimigo e acabar com nossa miséria. Enquanto esta dispensação da fé continuar, o Senhor Jesus nunca deixará de responder à fé pessoal (neste caso, do Pai) com sua bênção, mesmo que seus discípulos sejam incapazes de glorificá-Lo por falta de fé.

Mat 17:19-21 | Causa da falha

19 Então, os discípulos, aproximando-se de Jesus em particular, disseram: Porque não podemos nós expulsá-lo? 20 E Jesus lhes disse: Por causa da vossa pequena fé; porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá – e há de passar; e nada vos será impossível. 21 Mas esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum.

Os discípulos vêm ao Senhor para perguntar pelo motivo da sua incapacidade de curar o menino lunático. Isso é bom. Assim, um dia estaremos todos perante o trono do juízo. Então, o Senhor nos mostrará como, em certas ocasiões de nossa vida, falhamos em ter fé para agir em Seu nome. Mas é melhor se já tomarmos este lugar diante do Senhor hoje, para que Ele possa nos mostrar onde está o erro em nós.

A resposta do Senhor aos seus discípulos mostra claramente qual era o problema aqui. Tratou-se de fé, ou seja, confiar em Deus. Nada é impossível para Ele. Eu acredito nisso? Mesmo uma leve eficácia da fé no coração é suficiente para as dificuldades atuais. Pela fé, todo poder que enfrentamos

neste mundo desaparece, aqui representado pelo Senhor através de uma “montanha”.

Mat 17:22-23 | Segundo anúncio da morte e ressurreição

22 Ora, achando-se eles na Galiléia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, 23 e matá-lo-ão, e, ao terceiro dia, ressuscitará. E eles se entristeceram muito.

A grande fama do Senhor garante uma grande multidão de curiosos que agora estão se amontoando ao redor dele novamente. O Senhor não quer ser honrado por causa de seus milagres, mas por si mesmo. Portanto, Ele fala pela segunda vez sobre seus sofrimentos, sua morte e sua ressurreição. No primeiro anúncio, Ele falou sobre o que os líderes judeus fariam com Ele (Mat 16:21). Agora Ele fala sobre o que os homens (as nações) farão com Ele, o Filho do Homem.

Este anúncio aflige os discípulos, o que mostra seu amor por ele. Mas essa tristeza também mostra que eles só pensam em sua morte, não em sua ressurreição. Eles não conseguem entender a ressurreição de forma alguma e a ignoram completamente em seus pensamentos.

Mat 17:24-27 | O imposto do templo

24 E, chegando eles a Cafarnaum, aproximaram-se de Pedro os que cobravam as didracmas e disseram: O vosso mestre não paga as didracmas? 25 Disse ele: Sim. E, entrando em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Que te parece, Simão? De quem cobram os reis da terra os tributos ou os impostos? Dos seus filhos ou dos alheios? 26 Disse-lhe Pedro: Dos alheios. Disse-lhe Jesus: Logo, estão livres os filhos. 27 Mas, para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir e, abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter; toma-o e dá-o por mim e por ti.

Quando eles chegam a Cafarnaum, Pedro é surpreendido pelos cobradores da dracma dupla, ou seja, o imposto anual do templo. Eles perguntam a ele se seu mestre vai pagar isso. Pedro confirma isso sem perguntar ao Senhor de antemão, porque o conhece como um bom judeu. Pedro agora esqueceu a glória que viu na montanha e a revelação que o Pai havia lhe dado antes e voltou ao nível diário de seus próprios pensamentos. No entanto, o Senhor

sabe exatamente o que Pedro disse aos cobradores de impostos. Ele é o onisciente.

Pedro entra na casa onde o Senhor estava e parece querer perguntar ao Senhor sobre isso, mas o Senhor se antecipa fazendo-lhe uma pergunta. Trata-se da cobrança de impostos pelos reis da terra – uma questão do cotidiano: de quem os reis cobram impostos, de seus próprios filhos ou de estranhos que não pertencem à família? Com esta pergunta, o Senhor diz que Ele mesmo é o Rei da terra e que, portanto, considera seus discípulos como filhos de seu reino.

Pedro dá a resposta correta: os reis da terra cobram impostos dos estranhos; e o Senhor responde que, conseqüentemente, os filhos dos reis estão realmente isentos do pagamento de impostos. O Senhor Jesus como Rei de seu reino e os discípulos como filhos de seu reino são, portanto, isentos de impostos. Mas porque o tempo para o estabelecimento deste reino ainda não chegou, Ele paga de qualquer maneira para evitar qualquer possível incômodo. Embora Ele seja o Filho de Deus, Ele continuará a pacientemente e com benevolência ocupar Seu lugar humilde como um judeu fiel e se submeter às regras de seu tempo.

Por um milagre incrível, o Senhor também proveu a quantia certa de dinheiro. Mas Pedro tem que ajudar com isso. Ele deve correr para o mar e lançar um anzol. O primeiro peixe a subir terá um estáter na boca. Por não poder ser visto imediatamente, Pedro primeiro tem que abrir a boca do peixe. O estáter é exatamente o valor necessário para pagar o imposto do templo. O Senhor Jesus não é apenas o Onisciente, mas também o Todo-Poderoso, que dirige tudo. Aqui, Ele faz com que um peixe forneça a quantia certa de dinheiro.

Agora Pedro recebe a ordem do Senhor para dar este estáter aos cobradores do imposto do templo – “para mim e para ti”. Ao pagar o imposto, ou seja, ao reconhecer as relações atuais entre o povo de Deus, Ele mesmo se cita em primeiro lugar, mas conecta Pedro consigo. Vemos assim a maneira como os filhos do reino estão ligados a Ele neste momento.

Mateus 18

Mat 18:1-5 | Tornar-se como uma criança

1 Naquela mesma hora, chegaram os discípulos ao pé de Jesus, dizendo: Quem é o maior no Reino dos céus? 2 E Jesus, chamando uma criança, a pôs no meio deles 3 e disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos céus. 4 Portanto, aquele que se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no Reino dos céus. 5 E qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta a mim me recebe.

O Senhor agora está falando sobre dois assuntos que encontramos no capítulo 16: o reino e a igreja. Assim, este capítulo segue a partir do capítulo 16. Aqui agora aprendemos a importância do reino e da igreja na prática.

O Senhor acabara de declarar a seus discípulos que eles eram filhos do reino. Aparentemente, isso ainda os preocupa porque fazem uma pergunta ao Senhor sobre isso. Mas, embora a preocupação deles seja quem é o maior, o Senhor deixa claro para eles que apenas conta o que é pequeno no reino.

A primeira qualidade que conta no reino é a de uma criança. As crianças são fracas e não podem fazer valer seus direitos em um mundo que as desconsidera, aos olhos do qual não contam. Em vez disso, vemos uma atitude de dependência e humildade nas crianças. Então o Senhor chama agora uma criança para si. Sem medo, a criança vem ao Senhor e aos homens que estão com ele. Mas a criança só olha para o Senhor, que a coloca no meio dos homens para que todos vejam com clareza.

Enquanto a criança está entre eles e eles olham para ela, ouvem as palavras do Senhor, de que devem mudar e se tornar como uma criança. Se eles não mudarem e se tornarem como uma criança, é certo que não entrarão no reino dos céus. Enquanto seu mestre rejeitado não estiver presente, é a mentalidade de uma criança que convém a seus seguidores.

Tornar-se como uma criança tem consequências em sua posição no reino de acordo com o julgamento do Senhor. O grande exemplo de humilhação

é o próprio Senhor, de quem lemos em Filipenses 2, que se humilhou (Flp 2:8). Ele é, portanto, o maior no reino dos céus. Com esse exemplo em mente, o Senhor diz a Seus discípulos que façam o melhor para serem o maior. Claro, apenas um pode ser o maior, mas, como Paulo diz, é como ganhar a coroa em uma competição. Apenas um dos competidores pode receber este prêmio: o vencedor. Do que Paulo fala nessa comparação, entretanto, ouvimos em suas palavras de incentivo que todos devem correr de forma que ele alcance esse preço (1Cor 9:24).

Se alguém se torna como uma criança, é mais do que apenas estar no reino. O Senhor diz que quem recebe apenas uma criança em Seu nome, O recebe. Isto é, o Senhor se torna um com qualquer seguidor, que revele a mente de uma criança, pois essa é a sua própria mente. Ele não defendeu seus direitos. Ele foi dependente e baixo.

Mat 18:6-9 | Os escândalos

6 Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos que crêm em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar. 7 Ai do mundo, por causa dos escândalos. Porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem! 8 Portanto, se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida coxo ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. 9 E, se o teu olho te escandalizar, arranca-o, e atira-o para longe de ti. Melhor te é entrar na vida com um só olho do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno.

Aqui o Senhor adverte seriamente a todos os que abalam a confiança em Cristo e em Deus, em “estes pequeninos”, isto é, em seus seguidores que têm características de crianças. Qualquer coisa que prejudique sua confiança é chamada de escândalo ou armadilha. O tamanho da punição deixa bem claro o quanto esses humildes são queridos ao coração do Senhor e o quão longe de seu coração estão aqueles que querem fazer tropeçar os humildes. Uma pessoa tão má sofre um castigo tão terrível, que também tem o efeito de ser impossível para ela voltar a cometer um ato tão terrível novamente.

Então o Senhor diz “ai” do mundo por causa dos escândalos que virão sobre ele. Esses escândalos são necessários porque revelam o caráter do mundo.

O mundo aqui é o resumo de todo o mal usado para derrubar os humildes. O homem por meio de quem esses escândalos vêm é o Anticristo, o homem do pecado, em quem o pecado do mundo está, por assim dizer, agregado e cujo único propósito é afastar os homens de Deus. O “ai” é pronunciado sobre o mundo inteiro e sobre esses homens. Eles não escaparão do julgamento justo que os encontrará.

O aviso insistente sobre os escândalos também é muito importante para todo discípulo. Ele entrará em contato com ele. Ele pode ser repentinamente tentado a fazer algo (mão) ou ir a algum lugar (pé) porque o tentador o está enganando, acenando com algo bonito. Um ato pecaminoso ou um caminho pecaminoso deve ser evitado a todo custo. Portanto, o discípulo deve cortar sua mão ou pé sem piedade, ou seja, dizer radicalmente “não” à tentação de cometer um ato pecaminoso ou seguir um caminho pecaminoso, por mais alto que seja o preço. Dizer “sim” custaria infinitamente mais.

O mesmo se aplica ao olho. É vital manter os olhos sob controle e não dar a chance de olhar para algo que poderia levar ao pecado. Com Eva, os olhos se tornaram a causa do pecado. O diabo mostrou a ela a árvore, cujos frutos Deus proibiu o homem de comer. Mas o diabo conseguiu fazer Eva olhar para a árvore à sua maneira e fazê-la querer comer dela. Ela “não arrancou o olho”, mas pegou e comeu – com todas as terríveis consequências (Gên 3:1-7). Por isso também devemos considerar cuidadosamente que a perda até mesmo da coisa mais preciosa nesta vida não é nada comparada aos horrores do fogo eterno no outro mundo.

Mat 18:10-14 | Parábola da ovelha perdida

10 Vede, não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre vêem a face de meu Pai que está nos céus. 11 Porque o Filho do Homem veio salvar o que se tinha perdido. 12 Que vos parece? Se algum homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não irá pelos montes, deixando as noventa e nove, em busca da que se desgarrou? 13 E, se,

porventura, a acha, em verdade vos digo que maior prazer tem por aquela do que pelas noventa e nove que se não desgarraram. 14 Assim também não é vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca.

O Senhor usa “estes pequeninos” para descrever seus discípulos, não criancinhas. No verso 6, também, o Senhor não falou sobre crianças, mas sobre os pequeninos. A palavra “pequeno” não se refere à idade ou tamanho do corpo, mas significa “pequeno”, “humilde” e “pequeno para a própria consciência”. Os anjos aqui são os seres celestiais que continuamente representam esses humildes perante o Pai ou que apresentam suas vidas ao Pai.

Essas palavras do Senhor levaram à ideia de que toda criança tem um “anjo da guarda”. Certamente é verdade que as crianças desfrutam da atenção especial do Senhor Jesus. De Mateus 2, pode-se até concluir que o próprio Senhor Jesus desfrutou da proteção de um anjo quando criança (Mat 2:13,19). No entanto, essa atenção em particular não significa que toda criança ou pessoa sempre tem um anjo especial com ela para sua proteção pessoal. Quando fala de proteção neste texto, se refere à proteção do Pai e não dos anjos. Se os pequeninos na terra forem desprezados, seus representantes celestiais estão constantemente na presença imediata de Deus Pai. Disto também deriva a autoridade para o serviço dos anjos, que se aplica aos humildes (Heb 1:14).

O Senhor compara a preocupação do Pai com os pequeninos com a preocupação de um pastor por uma ovelha que se afastou do rebanho. Com essa figura, o Senhor quer deixar claro que também deve haver cuidado uns com os outros no reino. Também nos importamos com aqueles que estão perdidos? Estamos procurando por eles? O pastor vai atrás da ovelha até encontrá-la. E quando ele a encontrar, será um grande prazer para Ele. Ele se sacrificou por esta ovelha. As outras ovelhas não precisavam dessa preocupação.

O Senhor conclui esses ensinamentos a Seus discípulos sobre o reino e os humildes com a conclusão de que seu Pai Celestial não quer que nenhum desses pequeninos, que são insignificantes aqui na Terra, se percam. Os discípulos devem aprender a aceitar essa vontade e trabalhar para trazer de volta o que se extraviou.

Mat 18:15-20 | Disciplina na Igreja

15 Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão. 16 Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que, pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra seja confirmada. 17 E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano. 18 Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu. 19 Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. 20 Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.

Até o verso 15 trata sobre um pequeno e o reino dos céus. O trecho a seguir (versos 15-20) trata sobre um irmão e a congregação cristã. Como um pequeno, um irmão também pode se extraviar. E assim como um pequeno extraviado deve ser trazido de volta ao rebanho, um irmão extraviado também deve ser reconquistado. Se um irmão se desvia pecando contra outro irmão, que o irmão contra o qual ele pecou demonstre o mesmo espírito de mansidão que o Senhor pressupõe em um pequeno. Ele não deve apenas esperar que o outro venha até ele com uma confissão de pecado. Ele deveria ir pessoalmente e convencer o outro do erro de sua ação e tentar conquistá-lo. E ele deve fazer isso sozinho, sem que terceiros saibam sobre isso.

Se o irmão o escuta e confessa seu pecado, ele foi ganho. Ninguém tem conhecimento disso, e não é necessário, porque ele confessou seu pecado e está encoberto. Mas também pode acontecer que o irmão não ouça. Então, a parte lesada deve levar um ou dois irmãos com ele e visitar o outro. Durante a conversa renovada, há duas ou três testemunhas para que o irmão seja convencido de seu pecado pela presença deles. Se isso der certo e ele confessar o pecado, o irmão também será ganho.

Mas se ele também não der ouvidos a estes, o assunto deve ser apresentado à congregação. É absolutamente necessário que duas ou três testemunhas estejam presentes, porque só então a informação é aceitável para a congregação. Por causa dessa comunicação, o irmão deve ser visitado uma terceira vez, mas agora por meio de uma delegação da congregação. Se

ele também não der ouvidos a estes, a questão está resolvida para o irmão contra quem o pecado foi cometido. Para ele, o irmão não é mais irmão, mas é como um pagão ou um publicano com quem não pode ter contato.

É claro que a igreja não pode simplesmente deixar esse assunto de lado agora. Talvez mais algumas tentativas possam ser feitas para fazer o irmão errante entender. Mas se este persiste em seu pecado, apesar de todos os esforços amorosos para trazer ao arrependimento, a igreja tem a responsabilidade e também a autoridade de vincular o pecado sobre ele. Ele deve então ser visto como maligno e ser afastado do meio da igreja (1Cor 5:13). Este último ato da igreja sela que toda tentativa de ganhar o irmão pecador falhou.

Com o pecado ligado à pessoa, essa pessoa é entregue ao Senhor sob oração para que o Senhor ainda possa conduzi-lo a um arrependimento. O Senhor também aponta isso dizendo depois que a igreja também pode desligar, ou seja, desligar a pessoa do pecado. Isso acontece quando a pessoa confessa seu pecado, a igreja declara o perdão e traz a pessoa de volta ao seu meio. Esses atos disciplinares da igreja, ligando e desligando, são reconhecidos no céu. A igreja deve, portanto, estar absolutamente certa de que suas ações a esse respeito têm a aprovação do céu. Ela só pode chegar a essa convicção se agir exatamente de acordo com a Palavra de Deus.

Para ter certeza de que um ato de ligar ou desligar será reconhecido pelo céu, qualquer ato disciplinar deve ocorrer por meio da oração unânime da igreja. Toda a igreja deve perguntar ao Senhor qual é a Sua vontade. Então o Pai fará conhecida sua vontade por meio de sua palavra. Por isso uma igreja deve ser capaz de basear cada ato de disciplina na palavra de Deus.

Trata-se apenas de atos disciplinares da igreja, não de qualquer crente individualmente. Claro, todos os crentes pertencem um ao outro; Mas não se trata apenas de pertencer a um grupo, mas de estar realmente junto. O poder da oração e a autoridade de ação de uma igreja não dependem do número de pessoas reunidas, mas unicamente do nome do Senhor Jesus.

É importante ler as palavras do Senhor sobre Sua presença no meio dos dois ou três em seu contexto. Do verso 15 em diante fala sobre o pecado dentro da congregação e como lidar com ele. No final das várias etapas, o pecado deve ser comunicado à igreja. Isso não pode significar a igreja em

toda a terra, mas a igreja em um determinado lugar. Assim a Bíblia fala por ex., sobre a igreja de Deus que está em Corinto (1Cor 1:1). Isso significa que os crentes ali também representam a igreja de Deus. Por isso, eles se reuniram como uma congregação (1Cor 11:18,20) para celebrar a Ceia do Senhor, para encorajar uns aos outros e edificar na fé (Mat 14:23,26). Portanto, há muitos privilégios associados à reunião da igreja.

Como dito, a responsabilidade também está associada de várias maneiras. Um deles é encontrado neste trecho: a prática da disciplina. Portanto, a partir do contexto, fica claro que se trata da igreja, e é neste contexto que o Senhor Jesus fala sobre a reunião em seu nome. A partir disso, podemos ver que o Senhor Jesus conecta sua presença de uma maneira especial quando os crentes se reúnem como uma congregação. De qualquer forma, Ele está com cada um dos seus o tempo todo. De acordo com sua promessa, isso será assim até o final desta dispensação (Mat 28:20). Mas aqui diz que Ele está no meio dos dois ou três que estão reunidos em torno de Seu nome. Isso é diferente de sua proximidade, que todo crente pode experimentar a qualquer hora e em qualquer lugar (e que tremendo encorajamento isso é!).

Portanto, antes que o Senhor diga: “Aí estou eu no meio deles”, Ele primeiro fala de ajuntamento em Seu nome. Portanto, o Senhor conecta sua presença pessoal com a condição de reunião em seu nome. Ele fala do menor número possível (“dois ou três”) para poder reunir os crentes. Mas o Senhor diz mais. Não é apenas uma reunião de dois ou três crentes. Os crentes podem se reunir em qualquer lugar e com diferentes intenções, mas isso não significa que, onde quer que os crentes se reúnam, haja uma reunião que o Senhor diz estar “reunida em meu nome”. Então, o que significa estar reunido em nome do Senhor Jesus? Isso significa que todos os reunidos vieram porque sabem que esta reunião tem tudo a ver com o Senhor Jesus. Seu nome é o foco.

Estar junto em Seu nome, portanto, também significa dar a Ele autoridade completa na reunião. Ele exerce essa autoridade por meio de sua palavra e espírito. Todos que estão juntos assim querem reconhecer isso.

Ninguém que deseja estar com o Senhor Jesus pode ser rejeitado lá. Todo aquele que pertence à Igreja do Senhor, é puro na doutrina e no modo

de vida e rejeita qualquer conexão com o mal, tem acesso a ela. Isso não quer dizer que qualquer um que diga que é crente tenha que ser aceito na congregação. Esta passagem mostra o quão cuidadoso alguém deve ser quando o pecado é revelado na igreja. Portanto, está claro que qualquer um que vier deve estar determinado a não ter nenhuma conexão com o pecado.

Um ponto de vista importante aqui é que ninguém tem permissão para intervir nos direitos do Senhor e fazer suas próprias condições sobre aqueles que serão adicionados. E todos os que vêm não devem pedir para ser admitidos com base nas suas próprias condições. Também é importante que tal reunião congregacional não siga regras autoimpostas. Tudo está nas mãos do Senhor e a Palavra é a pedra de toque imutável. Quando os crentes se reúnem dessa forma, percebendo sua fraqueza em realizar todos esses princípios, o Senhor tem a promessa de estar no meio.

Mat 18:21-22 | A questão sobre o perdão

21 Então, Pedro, aproximando-se dele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete? 22 Jesus lhe disse: Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete.

Depois que o Senhor falou de alguém que pecou contra outro (verso 15), passamos agora para a outra pessoa que pecou e qual deve ser sua atitude e disposição. O Senhor recebe uma pergunta de Pedro como uma ocasião para seus ensinamentos. A resposta do Senhor deixa claro que devemos ser caracterizados pela disposição de perdoar.

O próprio Pedro faz uma sugestão que sem dúvida pensa que vai longe: ele deveria perdoar seu irmão até sete vezes? Mas o Senhor responde que isso definitivamente não é suficiente. Ao falar de “setenta vezes sete vezes”, Ele enfatiza que a disposição de perdoar nunca deve acabar. O perdão simplesmente faz parte do coração do cristão.

Mat 18:23-35 | Parábola do Perdão

23 Por isso, o Reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos; 24 e, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos. 25 E, não tendo ele com que pagar, o seu

senhor mandou que ele, e sua mulher, e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse. 26 Então, aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. 27 Então, o senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. 28 Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem dinheiros e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me deves. 29 Então, o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. 30 Ele, porém, não quis; antes, foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. 31 Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara. 32 Então, o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. 33 Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti? 34 E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia. 35 Assim vos fará também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas.

Com uma parábola, o Senhor agora ilustra a atitude e disposição com respeito ao perdão que deve caracterizar os súditos no reino. Ele descreve a situação quando um rei acerta contas com seus servos. Um servo é levado ao rei, que lhe deve uma enorme soma. Se o convertermos para as condições atuais, chegaremos a um montante de 3 bilhões de euros. Nós o calculamos da seguinte maneira: Naquela época, um denário era o salário de um diarista (Mat 20:2). Em 1 de Janeiro de 2008, o salário mínimo bruto diário para um trabalhador com 23 anos ou mais era de 61,62 euros, ou seja, pouco mais de 50 euros líquidos. Por uma questão de simplicidade, assumimos 50 euros. Um talento consistia em 6.000 denários, o que equivale a 300.000 euros. O servo devia a seu mestre 10.000 talentos, o equivalente a 3.000.000.000 de euros ou 3 bilhões de euros.

O homem não podia pagar, no entanto. Ele não pôde nem pagar uma parcela, porque não tinha nada. Para poder receber pelo menos um pouco desta enorme dívida, seu senhor ordenou que fosse vendido, assim como sua esposa, seus filhos e tudo o mais que possuía.

Quando o servo ouviu isso, ele se jogou diante de seu senhor e implorou-lhe que seja paciente com ele até que pague tudo. Essas palavras por si só

provam que o homem não tem absolutamente nenhuma idéia do tamanho de sua dívida e quão impossível é para ele saldá-la. Se realmente quisesse pagar esta dívida, teria de trabalhar 164.383,56 anos (3.000.000.000 € / salário anual) sem gastar um cêntimo nas suas próprias necessidades.

Embora o senhor veja através do exagero orgulhoso de seu servo e saiba muito bem que ele nunca será capaz de pagar sua dívida, ele perdoa-lhe toda a dívida. Ele faz isso por pura compaixão pela situação desesperadora de seu servo.

Agora é extremamente decepcionante ver como este servo, a quem foi perdoada uma dívida tão grande, lida com um conservo que lhe deve a quantia comparativamente pequena de 100 denários, ou seja, cerca de 5.000 euros. A crueldade chama sua atenção. Parece que ele saiu em busca desse conservo que lhe devia algo, pois está escrito “ele o encontrou”. A graça mostrada a ele não tem efeito sobre ele. Em vez de contar a seu companheiro servo com profunda gratidão o que lhe aconteceu, que fardo foi tirado dele, ele agarra sua garganta e exige o pagamento da dívida.

O conservo agora faz a mesma coisa que o servo mau fez com seu senhor: ele se prostrava diante dele e implorava por paciência até que pagasse. O servo mau não tem essa paciência, porém, porque não ficou realmente impressionado com a misericórdia que seu senhor lhe mostrou e com a grandeza do perdão que recebeu. Ele não se esqueceu disso, mas isso não teve nenhum efeito sobre ele, não o mudou. Esta é a maior ingratidão que se pode imaginar. Mostra como o coração de uma pessoa é duro.

Quando os outros servos observam tudo isso, eles ficam muito tristes. Eles não entendem como tal coisa é possível. Em vez de eles tentarem fazer justiça, fazem a única coisa certa: relatam tudo o que aconteceu ao seu Senhor. Devemos fazer o mesmo quando observamos que em algum lugar uma ação indiferente e impiedosa é tomada. Então não podemos fazer nada a não ser apresentá-lo ao nosso Senhor, entristecidos em nossos corações pelo comportamento severo de um de nossos conservos.

Quando o senhor fica sabendo disso, seu servo é chamado. Ele é seu servo, e ele pode se livrar dele como bem entender. Ele o chama de “servo malvado”. Esse homem causou isso por seu próprio comportamento. O senhor o lembra de que ele perdoou todas as suas dívidas pelas súplicas

do servo a seu senhor. O senhor também o repreende pelo fato de que a graça demonstrada a ele também deveria ter moldado sua atitude para com o outro servo. Isso também é muito importante para nós. Nós também recebemos grande misericórdia quando Deus nos perdoou nossos pecados. Nós também tínhamos uma dívida enorme com Deus que nunca poderíamos pagar. Agora que Deus nos perdoou esta dívida, Ele espera que mostremos a mesma compaixão por nossos irmãos e irmãs.

Tamanha ingratidão para com o senhor e a conseqüente crueldade para com o conservo deixa o senhor irado. Ele entrega seu servo aos torturadores até que, conforme anunciado, ele tenha pago sua dívida. Isso significa tortura eterna aqui porque o servo nunca poderá pagar sua dívida.

Com essa parábola, o Senhor Jesus conecta a lição séria de que nós também devemos perdoar nosso irmão do fundo de nossos corações, caso contrário, compartilharemos o destino do servo perverso.

Mateus 19

Mat 19:1-2 | O Senhor vai da Galiléia através do Jordão para a Judéia

1 E aconteceu que, concluindo Jesus esses discursos, saiu da Galiléia e dirigiu-se aos confins da Judéia, além do Jordão. 2 E seguiram-no muitas gentes e curou-as ali.

Neste capítulo é dito mais sobre o espírito apropriado ao reino dos céus. O Senhor nos apresenta esse espírito de humildade em três encontros. Esses três encontros tratam dos dons de Deus e daquilo que domina a natureza humana: o casamento, os filhos e o caráter de um jovem. No caso do jovem, o estado do coração humano também se torna evidente. O que Deus deu na velha ou primeira criação foi completamente corrompido pelo pecado do homem, mas ainda permanece válido no reino dos céus. Mas o Senhor descreve como essas coisas devem funcionar ali de acordo com a vontade de Deus.

Em primeiro lugar, o Senhor termina “estes discursos”, ou seja, as palavras sobre perdão, palavras de vida eterna. Ele falou e terminou, mas seu valor permanece e é eterno. Eles também devem ser praticados em nossa vida presente. São palavras de bênção, mas também palavras de advertência.

Isso também encerra seu serviço na Galiléia (sua terceira viagem nesta área). Ele cruza o Jordão, uma figura de sua morte e ressurreição, e chega à região da Judéia. Lá, também, muitas multidões o seguem, e ele revela sua graça a todos os que necessitam.

Mat 19:3-9 | Casamento, uma unidade inseparável

3 Então, chegaram ao pé dele os fariseus, tentando-o e dizendo-lhe: É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? 4 Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea 5 e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne? 6 Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem. 7 Disseram-lhe eles: Então, por que man-

dou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la? 8 Disse-lhes ele: Moisés, por causa da dureza do vosso coração, vos permitiu repudiar vossa mulher; mas, ao princípio, não foi assim. 9 Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de prostituição, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério.

Enquanto o Senhor opera em graça, os fariseus tentam prová-lo para poder acusá-lo. Eles desejam eliminá-lo – a todo custo. Quão endurecido está o coração deles! Então, eles vêm ao Senhor com uma pergunta sobre o divórcio. Sua intenção é clara: eles armam uma cilada para o Senhor. No entanto, essa cilada falha completamente porque eles ousam se medir com a sabedoria divina. O Senhor os direciona diretamente à Palavra de Deus. Eles não leram como Deus planejou isso no início? A Escritura responde a todas as perguntas, incluindo as de incredulidade. Portanto, com cada problema que nos é apresentado, devemos também perguntar: O que dizem as Escrituras? Como sempre, o Senhor é o exemplo perfeito aqui também.

O Senhor não espera uma resposta dos fariseus agora. Ele não os deixa abrir a palavra também; Ele também não espera pela memória deles, para recitar a passagem, mas Ele mesmo cita a Palavra de Deus, e o faz completamente. Ao mesmo tempo, como intérprete perfeito, dá a explicação incontestável desse verso por ele citado, bem como uma conclusão estabelecida daí resultante. Não há dúvida de que o casamento une duas pessoas numa unidade. Foi assim que Deus providenciou, essa é a interpretação clara. E daí a conclusão igualmente clara: o homem nunca deve intencionalmente separar a unidade formada por Deus! Deus odeia o divórcio (Mal 2:16).

Os fariseus não cedem. Quase parece que esperavam a resposta do Senhor. E agora, eles pensam, ele caiu na cilada. Eles se referem triunfantemente a Moisés – e quem ousaria contradizer Moisés? Moisés ordenou que a esposa recebesse uma carta de divórcio e então ela seria dispensada! Não é possível, então, repudiá-la? Complacientemente, eles se colocam diante do Senhor com os braços cruzados: Eles agora foram vitoriosos! Mas eles estão tratando aqui com sabedoria divina, que conhece a dureza do coração humano. Em vista dessa dureza, Moisés havia “permitido” (isto não é, de forma alguma “ordenado”, como eles queriam sugerir) repudiar suas esposas. Então, o Senhor aponta para o início. O que Deus estabeleceu no início, nunca será desfeito pelas ações pecaminosas do homem.

Portanto, o Senhor fala sobre “permissão” e não de um “mandamento” como os fariseus diziam. Moisés havia dado apenas uma concessão. A lei era boa em si mesma, mas não podia transmitir bondade. Era perfeito para o propósito com o qual a lei foi feita, mas não podia produzir perfeição por si só. A dureza do coração humano tornou-se evidente por meio da lei. O homem casado também mostra essa dureza, e somente em vista disso Moisés permitiu que um homem repudiasse sua esposa. Mas, neste caso, ele teve que dar a ela uma carta de divórcio declarando o motivo do repúdio.

O Senhor continua seu ensino sobre o divórcio com as palavras “Eu vos digo”, que ecoam sua autoridade divina. Divórcio ou repúdio é sempre uma coisa ruim. Engana-se quem pensa que pode livrar-se do vínculo matrimonial indissolúvel e também pensa que é livre para estabelecer esse vínculo indissolúvel com outra pessoa. Ele comete adultério. O mesmo se aplica se alguém se casar com uma mulher repudiada, porque ela ainda está indissolúvelmente ligada ao marido.

A única exceção, a “fornicação” diz respeito ao caso em que alguém está noivo e a noiva teve comunhão com outro homem. Essa foi a reflexão de José quando percebeu que Maria estava grávida (Mat 1:18-19). Nesse caso, se o casamento oficial ainda não tivesse ocorrido, o repúdio teria sido permitido. Por isso Deus não se ressentiu com José por esta consideração, mas o deixa saber o que realmente aconteceu; e assim José não a rejeitou.

Mat 19:10-12 | Os solteiros

10 Disseram-lhe seus discípulos: Se assim é a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar. 11 Ele, porém, lhes disse: Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido. 12 Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos céus. Quem pode receber isso, que o receba.

Toda vez, pode-se ver o quanto os discípulos ainda estão sob a influência do pensamento de acordo com os padrões da lei. Eles acham que as palavras do Senhor são bastante radicais. Se o casamento é um negócio tão obrigatório e restritivo, é melhor não casar – essa é a opinião deles. Deve haver um pouco de liberdade para encerrar a questão, se realmente não

der mais certo. É assim que os discípulos pensam e é assim que muitos cristãos pensam hoje, até mesmo cristãos “fiéis à Bíblia”. Eles não dirão isso, mas a cláusula de exceção é um alívio para eles, da exigência muito alta da inviolabilidade do casamento.

Também é realmente uma palavra que não é fácil de entender. Nem todo mundo pode entender. Somente aqueles que já lidaram com isso entendem o que o Senhor quer dizer. O Senhor apresenta três situações em que uma pessoa não se casa. Alguém pode ser inadequado para se casar desde o nascimento; por ex., devido a uma deficiência física ou mental. Alguém também pode ser impedido por homens, por ex., castrado ou esterilizado. E um terceiro grupo permanece solteiro por escolher servir ao Senhor de forma mais exclusiva.

Mat 19:13-15 | O Senhor abençoa as crianças

13 Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam. 14 Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim, porque dos tais é o Reino dos céus. 15 E, tendo-lhes imposto as mãos, partiu dali.

Após os ensinamentos do Senhor sobre o casamento, os filhos são levados a Ele para abençoá-los. Casamento e filhos pertencem um ao outro. As crianças são uma bênção. Agora elas são trazidas a Ele para que Ele possa impor as mãos sobre elas e orar. As mães o procuraram porque viram nele o grande amigo de crianças que ele realmente é. Mas os discípulos não têm os mesmos sentimentos para com as crianças como o Senhor. Eles repreendem as mães como se estivessem fazendo algo errado ou mesmo ruim.

Quão distantes estão os discípulos do coração do Senhor! Eles acham que têm coisas mais importantes a fazer e vêem as crianças como um elemento perturbador em sua importante obra para o Senhor. Ao fazer isso, eles revelam o espírito do mundo ao querer mandar os filhos embora como seres sem importância. Portanto, eles ainda não entenderam a lição do Senhor no capítulo 18 (Mat 18:1). Também hoje os casais cristãos pensam que os filhos são um obstáculo para servir ao Senhor e tomam medidas anticoncepcionais para evitar ter filhos. Ao rejeitar a bênção da criança,

no entanto, eles estão inconscientemente (como supomos) agindo contra o Espírito de Cristo.

O Senhor corrige os discípulos por isso. Mais uma vez, Ele enfatiza a importância das crianças, pois são elas que estarão no reino dos céus, onde Ele governa. Na seção anterior, vimos os fariseus guiados pela maldade e pelo ódio. Aqui agora vemos os discípulos; eles foram guiados pela ignorância e interesses pessoais.

O Senhor abençoa as crianças. Certamente elas não devem ter-se conscientizado disso, mas o quanto sua vida terá sido afetada por essa bênção! A eternidade o tornará evidente.

Mat 19:16-22 | Pergunta sobre a vida eterna

16 E eis que, aproximando-se dele um jovem, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna? 17 E ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom, senão um só que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. 18 Disse-lhe ele: Quais? E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; 19 honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo. 20 Disse-lhe o jovem: Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda? 21 Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me. 22 E o jovem, ouvindo essa palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades.

No terceiro incidente deste capítulo, vemos um jovem sincero. Um caráter justo é algo que podemos apreciar como um bom presente de Deus, mesmo que esse jovem seja naturalmente um pecador. O jovem se dirige ao Senhor com uma pergunta, a quem se dirige como “mestre” porque vê nEle alguém de quem espera aprender alguma coisa. Mas embora ele perceba que o Senhor está acima dele, ele apenas o vê como homem. Se Ele nada mais é do que um mestre, o jovem está subestimando o Senhor. O Senhor, portanto, não fica lisonjeado com este tratamento! Ele recusa o tratamento e diz para ele que apenas um é bom, a saber, Deus – e esse é Ele mesmo.

A pergunta do jovem mostra que ele acha que pode ganhar a vida eterna fazendo algo. Para ele, a vida eterna é o que é dito no Antigo Testamento:

vida na terra para sempre (Slm 133:3; Dan 12:2). Ele precisa aprender, no entanto, que isso só é possível por meio da fé. O Senhor lhe dá a resposta apropriada, Ele o encaminha para os mandamentos do Antigo Testamento. Depois disso, a vida eterna pode de fato ser conquistada ao se guardar os mandamentos. O resumo da lei diz: Faça isso e você viverá (Lev 18:5; Luc 10:25-28). Se o jovem fizesse isso, ele entraria na vida eterna, ou seja, entraria na esfera onde se pode desfrutar a vida eterna.

O jovem pergunta quais mandamentos ele deve guardar. Ele mostra que não entende a lei corretamente porque pensa que existem mandamentos importantes e menos importantes. Mas Tiago diz que quem transgride um mandamento é culpado de todos os mandamentos (Tia 2:10). Para ir ao encontro do jovem, o Senhor enumera alguns mandamentos. Ao fazer isso, Ele nomeia precisamente os mandamentos que uma pessoa pode guardar por natureza, a saber, aqueles que se relacionam com o relacionamento com o próximo. Embora a caridade deva realmente ser uma questão de coração, ela ainda pode ser observada na prática sem que o interior esteja envolvido.

O rapaz responde sinceramente que guardou todos os mandamentos dados pelo Senhor. Parece que ele não se mostrou melhor do que era, pois o Senhor não nega que o jovem guardou essas coisas. Mesmo assim, o jovem pergunta o que ainda lhe falta. A guarda desses mandamentos provavelmente ainda não deu a ele o que ele realmente está procurando.

O Senhor não responde a isso com outro mandamento da lei, mas com um teste que deixa claro que ele não pode guardar a lei de forma alguma. Relaciona-se com o mandamento: Não cobiçarás. Esse teste, usado pelo Senhor, revelaria o que o jovem realmente sente em seu coração pelo próximo. Este teste se relaciona às posses do jovem.

O Senhor pede que ele venda todos os seus bens, mas não para ficar com o lucro, mas para dar aos pobres. Então, seu relacionamento com os pobres, seu amor pelo próximo, seria exatamente como Deus pretendia que fossem. A questão é se o jovem deseja a vida eterna a qualquer preço e também aceita a sucessão de um Senhor rejeitado. O Senhor promete algo grande em troca. Ele pede para desistir de tudo, mas dá uma quantia incrível em troca. Se o jovem fizesse o que o Senhor lhe disse para fazer, ele

obteria ainda mais do que a vida eterna na terra, ou seja, um tesouro no céu. Quanto à terra, porém, o Senhor o convida a vir a ele e segui-lo.

A condição mencionada pelo Senhor revela agora o estado no coração do jovem. A palavra do Senhor o entristece e mostra o quanto seu coração está preso em suas posses. Uma pessoa rica pode ser honesta, mas ainda assim estar apegada às coisas desta terra. Este jovem também decide por sua riqueza e, portanto, contra o Senhor. Então agora ele se afasta do Senhor depois de descobrir o egoísmo em seu coração. Seu pedido com o qual ele veio ao Senhor era apenas para fazer algo especial, grande, a serviço de seus próprios interesses. Qualquer coisa que esse jovem possuía naturalmente torna-se um motivo para não seguir o Senhor. Sua riqueza é mais importante para ele do que o Senhor.

Mat 19:23-26 | Com Deus tudo é possível

23 Disse, então, Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no Reino dos céus. 24 E outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus. 25 Os seus discípulos, ouvindo isso, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá, pois, salvar-se? 26 E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível.

Agora que o jovem se foi, o Senhor se dirige a seus discípulos e fala sobre as riquezas terrenas. Ele explica a eles que grandes posses são um obstáculo para muitos ricos entrarem no reino dos céus porque é muito difícil para eles se distanciarem das riquezas. Com uma comparação, o Senhor quer deixar este grande problema claro para seus discípulos. Essa comparação mostra que não é apenas muito difícil, mas na verdade impossível por natureza.

Quando os discípulos ouvem isso, eles ficam muito consternados. Para eles, significa que ninguém pode ser salvo. Para eles, a riqueza sempre foi um sinal de que alguém vivia de acordo com a lei de Deus, porque sua riqueza provava que o favor de Deus estava sobre ele. No judaísmo, a riqueza sempre foi uma prova da bênção divina. Portanto, os discípulos não entendem as implicações das palavras do Senhor e não conseguem esconder seu espanto. Repetidamente neste capítulo, sua dificuldade é expressa

nas palavras do Senhor (versos 10,13,25). Essa dificuldade surge do fato de que, o Senhor coloca a visão judaica dos discípulos sobre o casamento, sobre os filhos e agora sobre a riqueza sob uma luz completamente nova, ou seja, à luz do reino, mas cujo rei é rejeitado.

O Senhor não responde a sua pergunta sobre quem pode ser salvo dizendo que é difícil para aos homens serem salvos, mas que é até impossível para os homens obterem sua própria salvação. No entanto, sua situação não é desesperadora, porque para Deus é muito possível. Para fazer isso, no entanto, uma obra de Deus deve ocorrer. O homem só pode revelar sua constituição natural e não pode mudar nada nela, assim como um etíope não pode mudar o fato de ser negro ou o leopardo ser manchado (Jer 13:23). É sua natureza. Mas Deus é poderoso para realizar essa mudança.

Mat 19:27-30 | A parte dos discípulos

27 Então, Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que receberemos? 28 E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. 29 E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto e herdará a vida eterna. 30 Porém muitos primeiros serão derradeiros, e muitos derradeiros serão primeiros.

Com a história do jovem, Pedro lembra que eles tinham deixado tudo e seguido o Senhor. Agora ele gostaria de saber que recompensa eles receberão por isso e pergunta ao Senhor a respeito. O Senhor garante a Seus discípulos que sua determinação de segui-Lo será ricamente recompensada. No momento, eles só veem rejeição em todos os lugares, mas logo o Senhor governará e então eles também poderão governar com Ele. Esse é o significado do trono e dos doze tronos. Este é o trono de sua glória que será estabelecido na terra na glória de seu reino de paz. Então sua glória cobrirá toda a terra como as águas cobrem o fundo dos oceanos (Isa 11:9).

Os tronos nos quais eles se sentarão indicam seu governo ou administração sobre Israel. Eles então distribuirão as bênçãos do Senhor sobre Israel. O Senhor chama o tempo de seu reinado e co-governo “a regeneração”.

Isso significa o renascimento da terra. Quando a criação for libertada da maldição do pecado (Rom 8:19-21), então a terra será renovada, renascida (Slm 104:30).

Portanto, quem renuncia de qualquer coisa para seguir ao Senhor receberá de volta cem vezes mais. Não se trata de indenização, de reembolso de despesas, mas de abundância de riquezas como recompensa pelo pouco que aqui foi deixado. Os discípulos desfrutarão disso na esfera da vida eterna. Essa será a vida deles então; a vida que o jovem rico também desejava, mas para a qual voltou as costas porque não queria seguir a Cristo.

Com isso, o Senhor vincula a lição de que aqueles que reivindicam essas bênçãos com base em privilégios externos não receberão essas bênçãos por causa de sua atitude para com o Senhor. Pelo contrário, é dado àqueles que não têm direito a ele. Pela graça soberana, eles herdarão a bênção. O Senhor expande essa lição na parábola a seguir.

Mateus 20

Mat 20:1-7 | Trabalhadores para a vinha

1 Porque o Reino dos céus é semelhante a um homem, pai de família, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha. 2 E, ajustando com os trabalhadores a um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha. 3 E, saindo perto da hora terceira, viu outros que estavam ociosos na praça. 4 E disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e dar-vos-ei o que for justo. E eles foram. 5 Saindo outra vez, perto da hora sexta e nona, fez o mesmo. 6 E, saindo perto da hora undécima, encontrou outros que estavam ociosos e perguntou-lhes: Por que estais ociosos todo o dia? 7 Disseram-lhe eles: Porque ninguém nos assalariou. Diz-lhes ele: Ide vós também para a vinha e recebereis o que for justo.

Esta parábola do Senhor segue a pergunta de Pedro sobre qual recompensa os discípulos receberão por seguirem o Senhor. Isso é evidente pela palavra “então” com a qual a parábola começa. Mas também resulta de uma comparação entre o verso 30 do anterior com o verso 16 deste capítulo (Mat 19:30; 20:16). Em sua resposta, o Senhor indicou que muitos primeiros serão últimos e últimos serão primeiros (Mat 19:20). O Senhor explica isso com mais detalhes nesta parábola do reino dos céus, que o Senhor fecha no verso 16 com as palavras: “Assim [isto é, desta forma], os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros, porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos.”

Com isso, o Senhor estabelece o princípio de que Deus é misericordioso e soberano para com aqueles a quem chamou. Ao mesmo tempo, declara que depende unicamente da sua graça e do chamado, o que dá como recompensa àqueles que envia para a sua vinha. A lição crucial desta parábola é a confiança na graça do Senhor da Vinha; esta graça é o ponto de partida para tratar quem trabalha na vinha.

Nesta parábola do reino dos céus fica claro o que acontece neste reino. Mostra como os pecadores são convertidos. Trata sobre aqueles que se relacionam com o Senhor Jesus e são chamados por Ele para servir. Ele é totalmente soberano nisso, como é o caso da recompensa dos trabalhadores.

Sem exceção, o Senhor reconhecerá todo serviço realizado e todo sacrifício feito por Sua causa, ao mesmo tempo em que afirma Seus próprios direitos de expressar esse reconhecimento como Ele deseja. Ele tem o direito de recompensar aqueles que, em nossa opinião, podem não ter feito nada.

O senhor aparece aqui como um dono da casa, pelo que a ideia de uma casa está ligada ao reino. Este senhor inicia o seu trabalho pela madrugada e vai à procura de trabalhadores para a sua vinha. Ele negocia com o primeiro grupo de trabalhadores que vai para a vinha após acordo fechado. Os trabalhadores também concordam com o salário combinado.

Mas o senhor da casa pode precisar ainda mais trabalhadores. Ele vê pessoas que não têm nada para fazer, vai até elas, pede que elas também irem à vinha e promete uma recompensa adequada. Portanto, esse grupo vai para a vinha sem um acordo específico, simplesmente confiando na promessa do Senhor. Depois disso, o Senhor sai novamente para angariar um terceiro e um quarto grupo com os quais Ele trata da mesma maneira. Ele está constantemente ocupado chamando pessoas para trabalharem em sua vinha; e toda vez Ele sai da casa para isso.

Mesmo na décima primeira hora, quando o dia está quase acabando, Ele sai novamente. E novamente Ele encontra pessoas ociosas. Mas antes de enviá-los para trabalhar em Sua vinha, Ele lhes pergunta por que ficam ociosas o dia todo. Isso mostra que Ele conhece o passado deles. A resposta deles mostra passividade. Eles não são como a Rute, que foi ela mesma procurar trabalho em algum lugar e contou com o favorecimento senhor do campo (Rut 2:2). Mesmo assim, o Senhor os enviou para sua vinha. Este último grupo vai para a vinha sem qualquer acordo.

Mat 20:8-15 | O pagamento

8 E, aproximando-se a noite, diz o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga-lhes o salário, começando pelos derradeiros até aos primeiros. 9 E, chegando os que tinham ido perto da hora undécima, receberam um dinheiro cada um; 10 vindo, porém, os primeiros, cuidaram que haviam de receber mais; mas, do mesmo modo, receberam um dinheiro cada um. 11 E, recebendo-o, murmuravam contra o pai de família, 12 dizendo: Estes derradeiros trabalharam só uma hora, e tu os igualaste conosco, que suportamos a

fadiga e a calma do dia. 13 Mas ele, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não ajustaste tu comigo um dinheiro? 14 Toma o que é teu e retira-te; eu quero dar a este derradeiro tanto como a ti. 15 Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?

A hora do acerto de contas chega. Em sua sabedoria, o senhor da Vinha determina como o pagamento deve ser feito. Ele diz a seu administrador para começar a pagar os últimos. Os outros veem isso, principalmente aqueles que foram primeiro para a vinha. A maneira de fazer as coisas do senhor agora revela o que está em seus corações. Para sua surpresa, os trabalhadores que começaram a trabalhar por último recebem um denário cada. Por causa de sua graça, aqueles que trabalharam apenas uma hora recebem o salário de um dia inteiro.

No final, vêm os primeiros. Eles viram que quem trabalhava apenas uma hora ganhava um denário. Parece-lhes lógico que, então, recebam doze denários. Afinal, eles trabalharam o dia inteiro, doze horas por dia. Eles são bons em cálculo. Talvez fosse um pouco menos, mas com certeza contam com mais de um denário. Mas eles têm toda a razão em receber o salário acordado de um denário. Eles acham isso injusto e reclamam com o dono da vinha sobre o que consideram um tratamento injusto. Eles acham que estão recebendo muito pouco, pois são igualados aos que trabalharam apenas uma hora, enquanto eles suportaram o trabalho do dia inteiro e o calor. Com esta reclamação eles criticam as ações do dono da vinha, por serem colocados no mesmo nível que os últimos, enquanto eles próprios tiveram que exercer muito mais esforço.

O dono responde apenas a um deles. Talvez tenha sido aquele que foi primeiro à vinha. Ele se dirige a ele como um “amigo” e ressalta que ele não fez nada de errado ao lembrá-lo do acordo. Se ele lhe paga o que o trabalhador mesmo aceitou, o que há de errado em fazer isso? Deixe o trabalhador pegar seu dinheiro e ir embora. O dinheiro agora é dele; o dono chama de “teu”. Ele realmente merece e pode dispor dele à vontade. Mas o dono em sua graça deu tanto aos últimos quanto aos primeiros.

O Senhor fala “este derradeiro”, isto é, de uma única pessoa, que provavelmente quer dizer aquele que realmente foi para a vinha por último. O que ele dá a este último não é uma questão deste obreiro da primeira hora, mas

apenas uma questão do senhor. Quem é o trabalhador para poder dizer ao Senhor o que deve fazer com seu dinheiro? O senhor não tem direito para nisso? Ou é mais que a bondade demonstrada para com os outros, que revela a maldade do coração de quem pensa ter mais direitos?

Mat 20:16 | A lição

16 Assim, os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros, porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos.

Agora o Senhor Jesus tira a conclusão para seus discípulos, porque para eles Ele falou a parábola após o incidente anterior. Lá (Mat 19:30) a ordem era: os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros; porque lá era sobre o fracasso do homem. Aqui a ordem é inversa: os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque se trata da soberania de Deus.

A lição que devemos aprender (e é tão difícil para nós!) é que o Senhor não deixa nenhuma obra sem recompensa e que Ele valoriza a simples confiança Nele acima do maior esforço realizado por Ele. É a fé que se põe a caminho para Ele, mesmo quando o dia está quase acabando; que não pensa na recompensa, mas vai trabalhar porque é Ele quem manda. Esta fé e amor por Ele como motivos de serviço são mais importantes para Ele do que o trabalho real que está sendo feito.

Mat 20:17-19 | Terceiro anúncio de sofrimento

17 E, subindo Jesus a Jerusalém, chamou à parte os seus doze discípulos e, no caminho, disse-lhes: 18 Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, e condená-lo-ão à morte. 19 E o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem, e crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará.

Depois da parábola dos trabalhadores da vinha, o Senhor agora pensa na obra que Ele mesmo deve realizar, por causa da qual agora deve subir a Jerusalém. Ao pensar nisso, Ele deseja compartilhar seus pensamentos com seus doze discípulos, somente com eles. Ele quer incluí-los naquilo que tanto o preocupa. Ele fala com eles sobre isso quando já está a caminho. Ele diz a eles para onde vão e o que os líderes religiosos farão com

Ele, o Filho do Homem, em Jerusalém. Ele será entregue (por Judas, cujo nome o Senhor não revela) aos falsos líderes, e eles O condenarão à morte. Em seguida, eles o entregarão às nações, representadas por Pilatos e seus soldados. Por fim, Ele será debochado, açoitado e crucificado. Mas isso não será o fim. No terceiro dia Ele será ressuscitado. Ele é o vencedor da morte.

Mat 20:20-24 | Um lugar no reino

20 Então, se aproximou dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, adorando-o e fazendo-lhe um pedido. 21 E ele diz-lhe: Que queres? Ela respondeu: Dize que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu Reino. 22 Jesus, porém, respondendo, disse: Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu hei de beber e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado? Dizem-lhe eles: Podemos. 23 E diz-lhes ele: Na verdade bebereis o meu cálice, mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence dá-lo, mas é para aqueles para quem meu Pai o tem preparado. 24 E, quando os dez ouviram isso, indignaram-se contra os dois irmãos.

Depois de suas palavras impressionantes sobre seu sofrimento, morte e ressurreição, a mãe de João e Tiago vem até Ele. Antes de lhe fazer uma pergunta, ela o homenageia, ou seja, tem consciência de sua sublimidade. Então ela não sai imediatamente com seu pedido, mas primeiro pergunta ao Senhor se ela pode fazer-lhe um pedido. Embora o Senhor saiba o que a preocupa, Ele a incentiva a perguntar o que ela deseja. Agora ela apresenta seu pedido: se seus filhos podem ter um lugar nobre em seu reino. Este pedido mostra que ela vê o futuro rei no Senhor.

O Senhor responde à mãe que ela não sabe o que está pedindo. É claro que isso é uma censura. Ela não deveria ter feito tal pergunta. Os filhos devem ter pedido à mãe, para que pedisse ao Senhor a posição cobiçada em seu reino. O Senhor traz à luz o motivo desse pedido, agora fazendo uma pergunta aos filhos.

O Senhor responde com uma pergunta sobre beber o cálice. Isso significa que se trata de algum tipo de sofrimento. Os filhos respondem que podem beber o cálice do Senhor. Isso é petulância? O Senhor não responde se eles podem beber o cálice, mas que o beberão. O Senhor não fala absolutamente

te sobre a posição deles em Seu reino. Depende apenas do Pai, que criou um lugar para todos.

O que a mãe pede ao Senhor para o benefício dos filhos, ela não recebe. Esta é a única vez em que um pai orará por seus filhos e não encontrará uma resposta do Senhor. Isso é por causa do que está sendo pedido. Um pedido de ajuda em caso de emergência é sempre atendido. Aqui, porém, é pedida uma recompensa, um lugar de honra para os filhos, e o Senhor não pode aceitar isso.

Quando os outros dez discípulos ouviram tudo isso, ficaram muito ressentidos com os dois irmãos. Mas por que os dez se ressentem de João e Tiago? Eles não estavam livres de desejos conflitantes?

Mat 20:25-28 | Não governar, mas servir

25 Então, Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados e que os grandes exercem autoridade sobre eles. 26 Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal; 27 e qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo, 28 bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos.

O Senhor agora chama todos os seus discípulos para si. Todos estão tão preocupados com sua posição no reino vindouro, que o Senhor tem algo a explicar para eles. Para ensiná-los sobre o serviço, Ele primeiro se refere ao que é costume no mundo. Eles conhecem o mundo e sabem exatamente como acontece lá. Busca-se o poder, os grandes e os maiores determinam tudo e os outros nada têm a reclamar.

Mas deve ser completamente diferente entre os crentes e no mundo. O Espírito de Cristo é um espírito de serviço que leva à escolha da posição mais baixa e à entrega total aos outros. Significa renunciar a tudo para ser dependente com confiança na graça do Senhor a quem servimos. Essa disposição de ocupar o lugar mais baixo deve ser tão consistente que nos tornemos servos de todos. Esse deve ser o sentimento daqueles que estão em casa no reino, como agora está sendo estabelecido pelo Senhor rejeitado.

No reino de Deus existem regras que são exatamente o oposto das regras dos reinos deste mundo. No reino de Deus, disposição no serviço leva à verdadeira grandeza. Neste mundo, a grandeza é expressa por meio do domínio e do poder sobre os outros, mas entre os santos por meio do serviço e da preocupação com os outros.

“Querer ser grande” é expresso no modo como alguém se apresenta aos outros. Aqueles que desejam crescer no reino de Deus, conseguem isso se desejam servir aos outros. “Querer ser o primeiro” é uma questão de classificação. Um escravo é alguém que pertence inteiramente a um senhor e não tem direito de autodeterminação. Toda a sua existência é determinada pelo seu Senhor. Como um servo, sua atividade, sua disposição para servir, está em primeiro plano. Como um escravo, tudo depende da vontade de seu senhor, que é o único que tem o controle da vida do escravo.

O próprio Senhor é o grande exemplo de pessoa que vive de acordo com as regras do reino dos céus. É por isso que Ele é o maior e o primeiro ali. Ele também fez uma obra na qual não podemos seguir-Lo, a obra da redenção. Seu serviço foi tão longe que Ele deu sua vida. Somente esta vida perfeita e sua entrega à morte poderiam ser o resgate de “muitos”; isto é, para todos os que crêem nEle.

Mat 20:29-34 | Cura de dois cegos

29 E, saindo eles de Jericó, seguiu-o grande multidão. 30 E eis que dois cegos, assentados junto do caminho, ouvindo que Jesus passava, clamaram, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós. 31 E a multidão os repreendia, para que se calassem; eles, porém, cada vez clamavam mais, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós. 32 E Jesus, parando, chamou-os e disse: Que quereis que vos faça? 33 Disseram-lhe eles: Senhor, que os nossos olhos sejam abertos. 34 Então, Jesus, movido de íntima compaixão, tocou-lhes nos olhos, e logo viram; e eles o seguiram.

Assim, o Senhor fala de sua vida como um resgate. Com isso em mente, Ele agora está iniciando sua jornada final para Jerusalém. O Senhor já visitou Jericó, a cidade da maldição, e trouxe bênçãos para lá. Agora ele vai a Jerusalém com seus discípulos para estabelecer o fundamento para todas as bênçãos que ele trouxe e ainda trará no futuro. Atraídos por esta bênção,

uma grande multidão os segue e deixa Jericó com ele. No entanto, eles não entendem aonde leva seu caminho.

No caminho, dois cegos sentados à beira do caminho apelam à sua misericórdia (cf. Mat 9:27). Quando ouvem que o Senhor está passando, eles O invocam. Eles devem ter ouvido falar dele antes. Seus olhos eram cegos, mas seus corações eram iluminados (cf. Efé 1:18). Agora é a chance deles e eles a estão aproveitando. Mas a multidão quer silenciá-los. Sempre que alguém invoca o Senhor, há pessoas que querem impedir. Os dois cegos, porém, têm grande força de fé. Eles pertencem aos “homens violentos” que se apoderam do reino (Mat 11:12). Em vez de ficarem em silêncio, eles clamavam ainda mais alto pela misericórdia do Senhor.

“E Jesus parou”. Que grande cavalheiro! Enquanto está a caminho de Jerusalém e o pensamento do que o aguarda possa ocupar o seu interior, Ele se deixa deter por um grito de misericórdia. Então Ele toma um tempo para eles e os chama. Aqui, também, vem a pergunta do Senhor o que ele deveria fazer por eles de acordo com a vontade deles (cf. verso 21). Ele sabe, mas quer ouvir deles mesmo.

O Senhor também gostaria de ouvir de nossa boca o que desejamos Dele. Eles dizem para Ele sem rodeios: Seus olhos devem ser abertos!

O Senhor os cura. Ele faz isso não como um benfeitor, mas como alguém que compartilha de suas necessidades. Cheio de compaixão, tocado por sua miséria e comovido interiormente, Ele toca o ponto doente. O resultado pode ser visto imediatamente: os dois o acompanham imediatamente em seu caminho para Jerusalém.

Mateus 21

Mat 21:1-11 | Entrada em Jerusalém

1 E, quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, enviou, então, Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: 2 Ide à aldeia que está defronte de vós e logo encontrareis uma jumenta presa e um jumentinho com ela; desprendei-a e trazei-mos. 3 E, se alguém vos disser alguma coisa, direis que o Senhor precisa deles; e logo os enviará. 4 Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta, que diz: 5 Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei aí te vem, humilde e assentado sobre uma jumenta e sobre um jumentinho, filho de animal de carga. 6 E, indo os discípulos e fazendo como Jesus lhes ordenara, 7 trouxeram a jumenta e o jumentinho, e sobre eles puseram as suas vestes, e fizeram-no assentar em cima. 8 E muitíssima gente estendia as suas vestes pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pelo caminho. 9 E as multidões, tanto as que iam adiante como as que o seguiam, clamavam, dizendo: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas! 10 E, entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, dizendo: Quem é este? 11 E a multidão dizia: Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galiléia.

Agora eles estão se aproximando de Jerusalém. Eles param em Betfagé no Monte das Oliveiras. O Monte das Oliveiras é o monte do Getsêmani e o lugar de onde o Senhor subirá ao céu e onde também descerá do céu em Sua segunda vinda. De lá, Ele envia dois de Seus discípulos e diz a eles exatamente para onde devem ir. Em sua onisciência divina, Ele também lhes diz o que encontrarão e o que fazer com a jumenta e seu jumentinho. Ele também sabe que pode haver um comentário e diz para eles o que responder. Então tudo ficaria claro para o dono e ele não só “cederia” os animais para eles, mas os “enviaria”. Portanto, ele concordará e alegremente entregará para isto. Assim vemos como o Senhor prepara toda a situação e também os corações.

A missão do Senhor deve ocorrer desta forma para cumprir uma profecia feita 500 anos antes (Zac 9:9). No momento certo os animais estão disponíveis para o seu serviço. O proprietário também está pronto para entregá-

-los imediatamente. A jumenta e seu jumentinho devem carregar o Senhor Jesus, que vem como rei ao seu povo. Ele não vem elevado, a cavalo, para exercer juízo, mas com mansidão. É assim que chega a mensagem para a filha de Sião. Sião é o nome de Jerusalém em conexão com a graça de Deus, pois Sião é a montanha que fala da graça (Heb 12:22). O “jumentinho” indica um novo começo.

Os discípulos obedecem, saem e cumprem a comissão de seu Senhor. Quando eles voltam para Ele com os animais, eles colocam suas vestes no jumentinho para prestar homenagem a Ele. Com suas vestes, eles se colocam simbolicamente à disposição do Senhor para carregá-lo. E o Senhor aceita esta homenagem.

Sob a ação do Espírito de Deus, toda a multidão agora também é posta em movimento. Eles também dão suas vestes ao Senhor, agora não para sentar, mas para passar por cima delas. Os galhos cortados das árvores são galhos de palmeiras, indicando simbolicamente a superação. Assim eles recebem seu rei. Mas é apenas uma onda exterior que não tem profundidade. Porque apenas alguns dias depois, eles vão exigir em voz alta sua morte na cruz. Mas é Deus quem providencia essa honra para seu Filho. O poder de Deus afeta o coração dessa multidão. Ele não permite que seu Filho seja rejeitado sem ter recebido este testemunho de honra. Nesta saudação a multidão aplica o Salmo 118 (Slm 118:26) Lá é cantado o descanso sabático de 1000 anos, que o Messias instituirá quando for reconhecido por seu povo. Infelizmente, suas palavras vão além de seus corações. Eles querem que Ele assuma o reinado agora, porque receberam muitas bênçãos Dele. No entanto, eles estão cegos para o estado pecaminoso em que se encontram.

Quando o Senhor agora entrar na cidade de Jerusalém, as sessenta e nove semanas do ano de Daniel serão cumpridas (Dan 9:25). Depois dessas sessenta e nove semanas, a septuagésima semana do ano poderia ter amanhado, ou seja, o reino de paz de que falava Daniel. Mas o Senhor foi rejeitado, e o resultado é que a septuagésima semana do ano foi suspensa; pois esta profecia também deve ser cumprida.

A presença do Senhor e todo o seu comportamento ao chegar a Jerusalém causam grande sensação e muitas perguntas curiosas sobre ele. Todos

percebem claramente que o Senhor é um profeta, pensando no profeta anunciado por Moisés (Deu 18:15), quem ele realmente é. E ainda assim, há também descrença sobre sua pessoa ao mesmo tempo. Para eles, ele não é mais do que “Jesus de Nazaré da Galiléia”, uma pessoa que vem de Nazaré. Eles não têm olhos para Aquele “cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Miq 5:2). Mas se Ele não é mais do que um profeta, então sua fé permanece perigosa e muito pouca, pois tal fé não os leva ao conhecimento de seus pecados e seu desvio do Senhor.

Mat 21:12-17 | A limpeza do templo

12 E entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. 13 E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração. Mas vós a tendes convertido em covil de ladrões. 14 E foram ter com ele ao templo cegos e coxos, e curou-os. 15 Vendo, então, os principais dos sacerdotes e os escribas as maravilhas que fazia e os meninos clamando no templo: Hosana ao Filho de Davi, indignaram-se 16 e disseram-lhe: Ouves o que estes dizem? E Jesus lhes disse: Sim; nunca lestes: Pela boca dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor? 17 E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia e ali passou a noite.

Em Jerusalém, o Senhor entra no templo, o centro da adoração judaica. Ele prova seu poder real purificando-o. Sem qualquer restrição, Ele expulsa tudo e todos para fora do templo, sua casa. O Senhor limpou o templo duas vezes. Ele fez isso pela primeira vez antes de começar seu ministério público (Joã 2:13-17). Então, o zelo pela honra da casa de seu Pai o havia estimulado. Lá também era prova de que Ele rejeitou os judeus porque eles O rejeitaram; pois ali, no evangelho segundo João, estava claro desde o início: Ele veio para o que era seu e os seus não o receberam (Joã 1:11).

Agora que o Senhor está perto do fim de Sua carreira terrestre, Ele limpa o templo uma segunda vez. Agora Ele está agindo segundo a Palavra, pois Ele vê a casa de Deus sendo abusada. Na verdade, as pessoas necessitadas deveriam vir até lá e buscar a ajuda de Deus. Mas os judeus a transformaram em uma loja de departamentos e só queriam se beneficiar dela. Dessa forma, eles transformaram o templo em um covil de ladrões. Eles roubaram a Deus o que era devido. Mas, por meio da presença do Senhor,

depois que Ele o purificou, o templo se torna novamente uma casa de misericórdia, onde os homens vem para Ele com sua miséria. E Ele os ajuda. Mas isso não é de forma alguma no sentido dos sumos sacerdotes e escribas, que tinham suas próprias idéias sobre o templo, sobre o Senhor Jesus, sobre seus milagres e também sobre as crianças que cantam os louvores a Deus no templo. Então, mais uma vez, esses homens revelam sua oposição ao Senhor Jesus. Eles só conseguem criticá-lo, eles acham qualquer título honorífico para Ele fora do lugar. Em vez disso, eles mesmos querem receber honra dos homens. Eles ousam perguntar ao Senhor se Ele ouviu o que as crianças estão cantando. O Senhor responde que ouve naturalmente e se refere às escrituras. A passagem que Ele cita deixa claro que Ele é Yahweh (Slm 8:3) Mas o Senhor não espera por sua reação; Ele acabou com eles. Ele não quer passar a noite em Jerusalém, mas com pessoas que gostam de recebê-lo. Marta, Maria e Lázaro moram em Betânia.

Mat 21:18-22 | A figueira é amaldiçoada

18 E, de manhã, voltando para a cidade, teve fome. 19 E, avistando uma figueira perto do caminho, dirigiu-se a ela e não achou nela senão folhas. E disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente. 20 E os discípulos, vendo isso, maravilharam-se, dizendo: Como secou imediatamente a figueira? 21 Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até, se a este monte disserdes: Ergue-te e precipita-te no mar, assim será feito. 22 E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis.

O Senhor retorna a Jerusalém de manhã cedo e está com fome. Ele é completamente humano (embora sem pecado), Ele precisa dormir, comer e beber. Quando Ele viu uma figueira, Ele foi até ela para comer de seus frutos. Mas ele só encontra folhas, nenhuma fruta. Então, Ele pronuncia uma maldição sobre esta árvore, de modo que a árvore murche imediatamente. Essa árvore, que por meio de suas folhas dá a aparência de dar frutos, mas cuja aparência é enganosa, desperta a ira no Senhor.

Esta maldição do Senhor na árvore deve ter um significado simbólico. Nesse único milagre de julgamento que o Senhor faz, vemos o julgamento de Israel segundo a carne. Porque a figueira é um símbolo de Israel. Em

Israel como nação, Deus não conseguia mais encontrar nada aproveitável. Também o homem na carne está representado aqui, que tem todos os privilégios, mas não produz nenhum fruto para o seu Senhor. Israel tinha todas as formas externas de adoração (= folhas). Era zeloso pela lei e seus estatutos, mas não dava frutos para Deus. E na medida em que tinha a responsabilidade de produzir frutos, isto é, na velha aliança, também nunca dará frutos. A maldição da árvore tem um resultado visível imediato, pois não há esperança de restauração.

Os discípulos ficam maravilhados com o efeito imediato das palavras do Senhor. Mesmo tendo visto tantos milagres do Senhor, eles ainda não entendem completamente quem Ele realmente é. Em sua resposta, o Senhor não aponta para sua onipotência divina, mas para a fé deles. Se eles enfrentam uma montanha de dificuldades sem duvidar, eles serão capazes de mover essa montanha. A montanha também é um símbolo de todo o sistema judaico que se diluirá no mar de povos, como aconteceu e como ainda é hoje. A fé vê este sistema para onde Deus o trouxe. E o Senhor também conecta isso com a promessa de que eles receberão tudo o que pedirem na oração com fé. No entanto, as palavras do Senhor devem ser lidas em seu contexto. Trata-se de um sistema que impede o desenvolvimento da graça de Deus. Por meio da oração, também nós podemos superar argumentos humanos, e dessa maneira remover as barreiras, para viver por graça e na graça.

Mat 21:23-27 | Pergunta sobre o direito do Senhor Jesus

23 E, chegando ao templo, acercaram-se dele, estando já ensinando, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo, dizendo: Com que autoridade fazes isso? E quem te deu tal autoridade? 24 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Eu também vos perguntarei uma coisa; se me disserdes, também eu vos direi com que autoridade faço isso. 25 O batismo de João donde era? Do céu ou dos homens? E pensavam entre si, dizendo: Se dissermos: do céu, ele nos dirá: Então, por que não o crestes? 26 E, se dissermos: dos homens, tememos o povo, porque todos consideram João como profeta. 27 E, respondendo a Jesus, disseram: Não sabemos. Ele disse-lhes: Nem eu vos digo com que autoridade faço isso.

Agora os principais sacerdotes e anciãos começam uma discussão com o Senhor. Encontraremos mais desses argumentos a seguir, até o final do ca-

pítulo 22. Os fariseus, herodianos, saduceus e um escriba também opinam sobre questões insidiosas; mas todos eles são silenciados pela resposta do Senhor. No final deste trecho, o Senhor faz uma pergunta referente a ele mesmo.

Aparentemente todos esses diferentes grupos de pessoas vêm a Ele para julgá-lo ou envergonhá-lo. Na realidade, porém, todos vêm um por um para ouvir o julgamento de Deus sobre si mesmos. Ao fazer isso, o Senhor traz à luz sua verdadeira condição.

O templo era sua morada, sua casa. Lá Ele ensinou. Neste lugar, os líderes religiosos vêm a Ele com uma pergunta sobre Sua autoridade. No entanto, esta questão não é honesta, eles pretendem desafiar esta autoridade. Ao fazer essa pergunta, eles estão basicamente assumindo toda autoridade para si mesmos e negando-a ao Senhor. Como é presunçoso perguntar ao Senhor sobre sua legitimidade, que era impossível negar.

Aqueles que deveriam ter liderado o povo querem negar-lhe sua autoridade e bancar os juízes. Sua pergunta: “Com que autoridade fazes isso?” visa sua autoridade. A pergunta: “E quem te deu tal autoridade?” é importante para eles porque eles não Lhe deram este direito; Não foi instituído por eles.

O Senhor faz uma contra-pergunta. Suas perguntas sempre visam trazer à luz o verdadeiro significado de algo e, assim, instruir o questionador sobre sua própria posição, bem como sobre a do Senhor. Se o questionador reconhecer isso, isso significará uma nova vida para ele.

Portanto, o Senhor agora faz do julgamento deles, sobre o ministério de João, e especialmente seu batismo, um teste da consciência deles. Se eles derem uma resposta honesta, eles também julgariam o ministério do Senhor corretamente. Porque João era seu precursor, havia anunciado sua chegada e apontado para ele. Seus oponentes estão cientes disso e agora estão se perguntando que reação cada uma de suas respostas causaria. Novamente, fica evidente aqui que eles não estão sendo honestos.

Com sua pergunta, o Senhor não vincula milagres ou profecias sobre João, mas quer tocar a consciência deles. Não há lugar para Deus em suas reflexões e, portanto, sua resposta é desonesta e errada.

Se Deus não é o foco, então o próprio eu se torna um ídolo. Então eles não querem responder “do céu” porque então eles deveriam ter acreditado em João! Mas se a sua resposta fosse “dos homens”, então estariam comprometendo a sua aceitação por parte do povo – e é a isso que atribuem grande importância!

Portanto, a resposta deles, “não sabemos”, resulta do egoísmo e do medo dos homens. Segue-se que eles não têm o direito de perguntar ao Senhor Jesus sobre sua autoridade para agir. E não faz absolutamente nenhum sentido para o Senhor responder à pergunta deles. Ao responder, eles estão basicamente admitindo que são líderes cegos.

Mat 21:28-32 | Parábola dos dois filhos

28 Mas que vos parece? Um homem tinha dois filhos e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. 29 Ele, porém, respondendo, disse: Não quero. Mas, depois, arrependendo-se, foi. 30 E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: Eu vou, senhor; e não foi. 31 Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram-lhe eles: O primeiro. Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no Reino de Deus. 32 Porque João veio a vós no caminho de justiça, e não o crestes, mas os publicanos e as meretrizes o creram; vós, porém, vendo isso, nem depois vos arrependestes para o crer.

Agora o Senhor toma a iniciativa de fazer uma pergunta em forma de parábola. A vinha é uma figura de Israel sob a lei (Isa 5:7). Com essa parábola, o Senhor deixa claro que os líderes do povo estão mais distantes de Deus do que os mais desprezados do povo. A parábola é sobre um homem com dois filhos que recebem um após o outro ordem para trabalhar na vinha. O primeiro obedece à ordem, ainda que após se recusar inicialmente. Então a ordem vai para o segundo, que a princípio parece disposto, pois confirma que irá. Mas ele faz isso com as palavras “Eu vou, Senhor!” Com isso, ele expressa que vê seu pai como Senhor e não tem nenhuma relação de amor com ele. A sua vontade, então, acaba por ser uma mera aparência, porque no final ele não vai.

O Senhor então pergunta, qual dos dois fez a vontade do Pai, ao que os líderes dão a resposta correta. O Senhor deixa claro para eles que o “pri-

meiro” apresenta homens que inicialmente não fazem a vontade de Deus, mas vivem em pecado. Mas depois esses homens se arrependem de seus pecados e, portanto, encontram a entrada no reino de Deus, em contraste com eles, os líderes. Assim o Senhor os identifica com o segundo filho, que primeiro disse que iria para a vinha, mas não foi.

Agora o Senhor se conecta à sua pergunta sobre João e explica a importância de acreditar em sua mensagem. João tinha vindo a eles “no caminho de justiça”; isto é, ele pregou de acordo com a lei de Deus, mas eles o rejeitaram. Com isso, o Senhor trouxe à luz sua atitude errada e pecaminosa para consigo mesmo, bem como a incapacidade deles de julgar Sua autoridade.

Mat 21:33-39 | Parábola dos lavradores injustos

33 Ouvi, ainda, outra parábola: Houve um homem, pai de família, que plantou uma vinha, e circundou-a de um valado, e construiu nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se para longe. 34 E, chegando o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos. 35 E os lavradores, apoderando-se dos servos, feriram um, mataram outro e apedrejaram outro. 36 Depois, enviou outros servos, em maior número do que os primeiros; e eles fizeram-lhes o mesmo. 37 E, por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho. 38 Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança. 39 E, lançando mão dele, o arrastaram para fora da vinha e o mataram.

O Senhor continua seu ensino. Ele adiciona uma parábola que deve deixar a atitude deles totalmente clara. “Ouvi, ainda, outra parábola!” Ele ordena que continuem a ouvi-Lo. Esta nova parábola não é apenas sobre a atitude deles para com Deus, como a anterior, mas também sobre como Deus os trata. Há três acusações contra Israel nesta parábola: nenhum fruto para Deus, maus tratos e assassinato dos servos de Deus, os profetas, e a rejeição e assassinato do Filho.

A concepção de tudo o que Deus, o dono da casa, fez em benefício de sua vinha se baseia na parábola em que Israel é comparado a uma vinha, pela qual Deus tudo fez para poder esperar frutos dela (Isa 5:1-2). Nisto

vemos o favor especial de Deus para Israel. Eles, como conhecedores da lei, devem ter reconhecido isso imediatamente.

Terminado todo o trabalho com vista à boa produção de frutos, o senhor aluga a sua vinha aos vinhateiros; ele mesmo vai para o exterior. Mas mesmo a partir daí ele continua extremamente interessado em sua vinha. Ele sabe exatamente quando é a época da colheita. Nesse momento, ele envia seus servos para receber “seus” frutos, pois eles pertencem somente a ele.

Os vinhateiros, no entanto, não têm absolutamente nenhuma intenção de entregar a colheita ao senhor. Eles consideram os servos do senhor como intrusos em seu território e os tratam de acordo. Um eles espancam, o outro matam e outro é apedrejado por eles. Mas porque ele gostaria de obter seus frutos, o senhor envia mais servos. Mas quando eles vêm para as vinhas, eles experimentam o mesmo destino.

Sabendo exatamente o que eles fizeram a seus servos, o senhor faz um último esforço para receber seus frutos. Para fazer com que os trabalhadores da vinha os entreguem a ele, ele vê apenas uma possibilidade: enviará seu filho. Certamente eles o respeitarão e o pouparão.

Mas o que acontece? Quando o filho entra em cena, a depravação e o egoísmo eclodem da maneira mais terrível. Os vinhateiros sabem que ele é o herdeiro. Eles negam a ele seus direitos porque querem sua herança para si. Para realizar este plano maligno, eles decidem matar o herdeiro. A palavra se torna ação. Com plena consciência e com toda a intenção, matam o herdeiro, filho do dono da casa e da vinha.

Este é o fim da prova do homem. A pergunta sobre a verdadeira condição do homem foi respondida e as tentativas de Deus de receber os frutos de sua vinha chegaram ao fim. O homem natural demonstrou totalmente seu ódio absoluto a Deus e a tudo que vem dele. Mais provas são inúteis, o estado é desesperador. O que resta agora é apenas julgamento. No final, eles apenas usaram a presença de uma pessoa divina no amor e na bondade, como um homem entre os homens, como uma oportunidade para tocar e ofender a Deus da forma mais maliciosa. Agora se tornou totalmente revelado e provado que o homem está perdido.

Mat 21:40-46 | As consequências da rejeição do herdeiro

40 Quando, pois, vier o Senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? 41 Dizem-lhe eles: Dará afrontosa morte aos maus e arrendará a vinha a outros lavradores, que, a seu tempo, lhe dêem os frutos. 42 Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isso e é maravilhoso aos nossos olhos? 43 Portanto, eu vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que dê os seus frutos. 44 E quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó. 45 E os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, ouvindo essas palavras, entenderam que falava deles; 46 e, pretendendo prendê-lo, recearam o povo, porquanto o tinham por profeta.

No final, o senhor da vinha vem pessoalmente. Então a questão não é mais o que os vinhateiros farão com o Senhor, mas o que o Senhor fará com esses vinhateiros. O Senhor Jesus agora faz esta pergunta aos líderes do povo. Eles também sabem a resposta correta, o que mostra que podem responder moralmente corretamente, mas ao mesmo tempo que estão completamente cegos para o fato de que sua resposta selou sua própria condenação. Eles vão ainda mais longe, dizendo que a vinha agora será dada a outros que produzirão seus frutos no tempo devido. Isso é exatamente o que aconteceu quando a salvação foi oferecida aos povos.

O Senhor aponta as escrituras que eles conhecem tão bem. A conduta dos líderes é claramente revelada em seus próprios escritos. Ele aplica o Salmo 118 diretamente à parábola que acabou de contar (Slm 118:22-23). O Filho é a pedra, os vinhateiros são os construtores. Assim como os vinhateiros rejeitaram o Filho, os construtores rejeitaram a pedra. Mas o Senhor ordenou que a pedra rejeitada se tornasse a pedra mais importante de todo o edifício. Isso é algo em que ninguém poderia pensar; tem sua origem apenas no conselho de Deus. Portanto, é também maravilhoso aos olhos dos crentes do remanescente, que confessarão isso com espanto no fim dos tempos, quando contemplarão Aquele a quem traspassaram (Zac 12:10).

O Senhor continua a explicação da parábola, seguindo o julgamento que eles próprios fizeram em sua resposta à sua pergunta (verso 41). O reino de Deus lhes foi tirado porque estava presente entre eles na pessoa do Senhor Jesus (Luc 17:21). O Senhor não diz que o reino dos céus será tirado

deles porque não o têm. O Senhor se afastaria deles. Ele é a pedra de toque para todo ser humano. Todos os que caem sobre Ele serão esmagados. Essas pessoas eram os líderes. Eles tropeçaram nesta pedra, caíram sobre Ele e caíram sobre Ele porque desprezaram esta pedra. É por isso que no final dos dias esta pedra cairá sobre o povo rebelde e os esmagará. Isso acontecerá quando o Senhor Jesus retornar à terra (Dan 2:34-35).

Os líderes agora percebem que o Senhor pensou neles ao dizer as suas parábolas. Por isso tentam agarrá-lo, mas ao mesmo tempo pensam na benevolência do povo, que não querem perder. Como no verso 26, eles se deixam guiar pelo medo dos homens, pela preocupação com a perda do respeito que acreditam ter com o povo. O medo do povo restringe suas ações, assim como restringiu sua língua no verso 26.

Mateus 22

Mat 22:1-7 | O convite para as bodas

1 Então, Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo: 2 O Reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho. 3 E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; e estes não quiseram vir. 4 Depois, enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas. 5 Porém eles, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, e outro para o seu negócio; 6 e, os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram. 7 E o rei, tendo notícias disso, encolerizou-se, e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.

Com a parábola seguinte, o Senhor “responde” à sua rejeição, que Ele trouxe à consciência na parábola anterior. É aqui que sua graça agora é expressa. Mesmo sendo rejeitado, Ele ainda oferece Sua graça com o convite para as bodas. Quando homens aceitam o convite do evangelho, eles ficam sob a lei do céu depois que ocorreu o colapso nacional descrito na parábola anterior.

O Senhor Jesus conta uma parábola, desta vez em conexão com o reino dos céus. Isso é o que distingue esta parábola das duas anteriores. Ali tratava-se das reivindicações legítimas de Israel, baseado no que Ele tinha confiado a eles, bem como a reação deles.

Agora é algo novo, as bodas. Com isso, o Senhor traz novamente à vista o que Ele veio fazer. Como na parábola anterior, está falando de um filho, desta vez o filho do rei.

O Senhor introduz esta parábola com as palavras: “O Reino dos céus é semelhante”. Isso significa que, por causa de sua rejeição, Ele não pode mais anunciar o reino dos céus em sua forma original. Ao falar de um casamento agora, Ele está colocando ênfase na alegria que está conectada, quando alguém aceitar o convite e entrar nele. Nessa parábola havia um convite, e os servos não têm a incumbência de entrar na vinha e trabalhar, mas sim de anunciar: “Vinde às bodas!”

Aqui não se exige, mas se oferece.

Os servos são os discípulos enviados pelo Senhor. Os convidados são, em primeiro lugar, os judeus, o povo de Deus. Mas este povo não quer vir, rejeita o convite. Mas o Senhor, cheio de graça, envia um segundo convite ao mesmo grupo, aos particularmente privilegiados. Os servos têm a incumbência adicional de não só convidar, mas também de apresentar os agradados da festa com o convite. Está tudo pronto para os convidados, basta virem. Então o Senhor faz tudo para que os convidados venham para a festa. O significado espiritual é que, por meio do sacrifício de Cristo, tudo foi preparado. Isso não foi mencionado no primeiro convite.

Vemos a realização deste segundo convite nos primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos. Este segundo convite veio por meio dos apóstolos depois que a obra da redenção foi realizada.

Os convidados não demonstram interesse – por várias razões. Alguns estão muito ocupados com seus bens, outros estão ocupados com seus negócios. Há até um grupo de convidados que ficam irados com o convite porque têm tanto orgulho de sua religião nacional que toda a sua reputação depende disso. Eles responderam ao convite maltratando e assassinando os servos.

Não é surpreendente que o rei não deixe essas reações ao convite sem punição. No ano 70, Deus enviou “seus exércitos” e deixou os romanos devastarem Jerusalém.

Mat 22:8-10 | A festa nupcial fica cheia

8 Então, disse aos servos: As bodas, na verdade, estão preparadas, mas os convidados não eram dignos. 9 Ide, pois, às saídas dos caminhos e convidai para as bodas a todos os que encontrardes. 10 E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial ficou cheia de convidados.

Então o rei agora explica aos seus servos como é a situação: Os convidados não merecem mais ir ao casamento, eles receberam o convite, mas se mostraram indignos de estarem presentes no casamento. Portanto, ele agora quer enviar seus criados, que representam os servos do Senhor, àqueles homens que originalmente não pertenciam aos convidados. Os criados

deviam agora, sem fazer distinção, convocar para o casamento todos que encontrassem nos cruzamentos das estradas. A maioria dos homens sempre pode ser encontrada lá. Depois que os convidados rejeitaram a oferta da graça no evangelho, ela agora vai para todos os homens.

Os servos fazem seu trabalho, sem fazer distinção, reunindo todos os que podem encontrar. Da mesma forma, o evangelho é anunciado a todos os homens. Nenhum evangelista precisa se perguntar se seus ouvintes são escolhidos por Deus. Ele tem que levar a palavra a todos que encontra. Por “maus” podemos entender grandes pecadores e por “bons” pessoas como Nicodemos. O ponto aqui não é a natureza ou o caráter dos homens a quem o evangelho é pregado, mas que o convite vai para todos sem fazer qualquer distinção. Tampouco era procurado por pessoas que usavam vestes de casamento, porque elas iriam receber do rei. É como a parábola do joio e do trigo no capítulo 13. “E a festa nupcial ficou cheia de convidados.”

Mat 22:11-14 | O homem sem veste nupcial

11 E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste nupcial. 12 E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu. 13 Disse, então, o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o e lançai-o nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes. 14 Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos.

Então o rei entra para ver todos esses convidados. Esta parábola não é sobre a responsabilidade do pregador, mas daqueles que responderam ao sermão. O homem sem veste nupcial entrou sem autorização. Ele se misturou com aqueles que foram chamados, mas recusou a veste nupcial que foi entregue. Aparentemente, ele é da opinião que suas próprias roupas deveriam bastar.

É claro que não se trata do céu, porque ninguém pode entrar lá se não estiver revestido de Cristo. Em vez disso, é apresentado em uma parábola que o reino dos céus se tornou uma situação onde o mau e o bom podem estar presentes ao mesmo tempo. Mas chegará o dia em que Deus deixará claro quem realmente pertence a ele e quem não pertence. Quando o homem é confrontado, o rei o chama de “amigo” porque pelo menos ele veio. Quando perguntado como ele entrou não tendo veste nupcial, ele não conseguiu

responder. Sua alta autoavaliação, com a qual ele se achava qualificado para entrar, desapareceu. Isto é o que acontecerá com todas as pessoas que ainda hoje proclamam com plena maturidade como responderão a Deus quando Ele as chamar à responsabilidade.

Embora o julgamento de Jerusalém seja mencionado nesta parábola (verso 7), por se tratar de uma parábola do reino, vemos acima de tudo o julgamento do que acontece dentro do reino. Portanto, é possível que alguém entre neste reino sem envolvimento, apenas professando o cristianismo. Mas se alguém não tiver as vestes necessárias para a festa, isto é, não estiver realmente vestido com Cristo, ele será lançado na escuridão total, onde haverá choro e ranger de dentes. O Senhor apresenta essa terrível sorte para aqueles que pensam estar na luz, embora seus corações estejam em trevas. Eles estarão para sempre onde seu coração sempre esteve.

A prova dupla do povo termina aqui agora. A primeira aconteceu por causa da responsabilidade dos homens perante a lei (Mat 21:33-46). A segunda prova foi por meio da mensagem da graça (Mat 22:1-14).

Mat 22:15-22 | Pergunta sobre o tributo de César

15 Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra. 16 E enviaram-lhe os seus discípulos, com os herodianos, dizendo: Mestre, bem sabemos que és verdadeiro e ensinas o caminho de Deus, segundo a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas à aparência dos homens. 17 Dize-nos, pois, que te parece: é lícito pagar o tributo a César ou não? 18 Jesus, porém, conhecendo a sua malícia, disse: Por que me experimentais, hipócritas? 19 Mostrai-me a moeda do tributo. E eles lhe apresentaram um dinheiro. 20 E ele disse-lhes: De quem é esta efígie e esta inscrição? 21 Disseram-lhe eles: De César. Então, ele lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus. 22 E eles, ouvindo isso, maravilharam-se e, deixando-o, se retiraram.

À medida que o capítulo avança, vários grupos em Israel tentam, um após o outro, enredar o Senhor em suas próprias palavras para condená-lo. Mas todo grupo que aparece diante do Senhor é trazido à luz por Ele, à Sua luz, onde sua verdadeira atitude é revelada. O primeiro grupo são os fariseus.

Eles tentam arrancar dele palavras que possam usar para poderem acusá-lo.

Os fariseus não vêm eles próprios, mas enviam seus discípulos. Eles envolvem os herodianos em seu propósito diabólico. Essa combinação de fariseus e herodianos só é concebível por causa do ódio comum ao Senhor Jesus. Os herodianos são amigos de Roma, mas os fariseus são inimigos de Roma. Mas eles se unem em sua rejeição ao Senhor (cf. Luc 23:12). Eles colocam o que dizer na boca de seus discípulos. As palavras de seus discípulos são suas palavras.

No que fazem seus discípulos dizerem, eles primeiro prestam testemunho da impecabilidade do Senhor. O que eles dizem sobre o Senhor é verdade, mas seus motivos são maus. O Senhor é realmente verdadeiro e ensina o caminho de Deus em verdade. Ele se preocupa com os outros, mas não para cativar simpatia deles. Tudo o que dizem sobre Ele é inexistente neles. Eles não são verdadeiros e não ensinam o caminho de Deus na verdade, mas ensinam, mentindo, o seu próprio caminho. Eles só se preocupam com os outros se eles próprios puderem ganhar algo com isso. Eles são pastores que usam suas ovelhas para seu próprio benefício (Eze 34:2).

A pergunta que eles devem fazer agora ao Senhor é sobre pagar o imposto a César. Isso é permitido ou não? Com essa pergunta, eles esperam induzir o Senhor a fazer uma declaração errada. Se Ele dissesse “sim”, eles poderiam desacreditá-lo perante o povo: então, Ele não poderia ser o Messias em qualquer caso, porque assim reconheceria o governo dos romanos e não se empenharia por Israel. Se Ele dissesse “não”, eles poderiam acusá-lo diante dos romanos por resistir à opressão deles. Claro, o Senhor reconhece seu ardil. Ele conhece sua maldade. Ele os pune publicamente, chamando-os de hipócritas.

Ele soberanamente pede que eles mostrem para Ele uma moeda de imposto. Eles obedecem sem discutir. Agora Ele faz uma pergunta a eles. Ele aponta para a moeda e pergunta de quem é a imagem e inscrição nela, então eles têm que admitir que ambas são de César. Eles ainda não veem aonde o Senhor está querendo chegar. Isso vem agora: em perfeita sabedoria divina, Ele os convida a cumprir suas obrigações tanto para com o César quanto para com Deus. Dar a César inclui o reconhecimento de que

eles estão sob seu poder. Dar a Deus inclui reconhecer que ele veio no Senhor Jesus para eles, para receber frutos.

A imagem na moeda é a representação de quem é retratado. A inscrição indica seu domínio, sua vontade. Ambos apontam para o imperador em Roma. Isso significa: eles ficam parados com o dinheiro na mão (porque provavelmente o Senhor não o pegou), que está em circulação em sua terra e que simboliza sua submissão a um governo estrangeiro. Essa submissão é o resultado direto de sua recusa obstinada em ouvir a Deus. Essa tenacidade de seu pecado culmina na rejeição dAquele que está diante deles, que é a imagem e expressão de Deus (Col 1:15).

Eles só podem se maravilhar com essa resposta do Senhor. Eles ficaram sem palavras; o Senhor os silenciou. Mas em vez de se curvarem à sua majestade e sabedoria, eles o deixam e vão embora. Eles estão derrotados, mas não conseguem admitir.

Mat 22:23-33 | Pergunta sobre a ressurreição

23 No mesmo dia, chegaram junto dele os saduceus, que dizem não haver ressurreição, e o interrogaram, 24 dizendo: Mestre, Moisés disse: Se morrer alguém, não tendo filhos, casará o seu irmão com a mulher dele e suscitará descendência a seu irmão. 25 Ora, houve entre nós sete irmãos; o primeiro, tendo casado, morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão. 26 Da mesma sorte, o segundo, e o terceiro, até ao sétimo; 27 por fim, depois de todos, morreu também a mulher. 28 Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será a mulher, visto que todos a possuíram? 29 Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus. 30 Porque, na ressurreição, nem casam, nem são dados em casamento; mas serão como os anjos no céu. 31 E, acerca da ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou, dizendo: 32 Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos. 33 E, as turbas, ouvindo isso, ficaram maravilhadas da sua doutrina.

Os saduceus eram os pensadores livres daquela época. Eles apenas acreditavam no que podiam justificar com a razão. Por isso eles não acreditavam na ressurreição, nem em anjos e espíritos (Atos 23:8). Eles eram racionalistas assim como os fariseus eram tradicionalistas. Esses saduceus agora

vêm ao Senhor com uma pergunta que, como dos fariseus e herodianos na seção anterior, não é sincera.

Eles aparecem perante o Senhor com reverência fingida, dizendo “Mestre” para ele. Ele também é, mas eles não O reconhecem, assim como não respeitam a Palavra de Deus.

Eles escolhem um trecho dela, aplicam suas considerações humanas e tolas e acreditam que desta forma eles provam sua própria justiça e a injustiça de Deus.

Eles apresentam ao Senhor o caso que inventaram de sete irmãos que se casaram um após o outro com a mesma mulher. A partir de seus próprios pensamentos depravados, eles acrescentam como a situação se desenvolve em seu exemplo ficcional. Eles começam com o primeiro irmão, que se casa com a mulher, morre sem filhos e, portanto, deixa a mulher para seu irmão. Até então, eles não violaram a palavra de Deus, pois foi isso que Moisés ordenou. Isso também se aplica ao segundo que se casa com ela, morre e a deixa com o terceiro irmão. Todas as outras ligações de casamento também estão de acordo com as palavras de Moisés. No final, a mulher também morre. Até agora não há nada de errado com sua descrição do caso, por mais absurda que a história possa parecer.

Mas então, em sua loucura, eles acrescentam uma questão que, de acordo com seu entendimento obscurecido, supostamente prova a impossibilidade da ressurreição. Eles acreditam que enganaram o Senhor e mostraram a loucura da Palavra de Deus. Com a certeza da vitória, eles perguntam triunfantemente ao Senhor quem dos sete a terá como esposa na ressurreição. Afinal, todos eles se casaram legalmente.

O Senhor, sabendo exatamente o que pretendem com esta história, não os interrompe, mas permite que terminem de falar tranquilamente e assim se exponham. Mas então vem sua resposta, na qual Ele não poupa mais eles! Ele revela a origem de seu erro e tolice. As Escrituras são frequentemente citadas erroneamente e sempre mal interpretadas por pessoas que confiam em sua mente. Foi o mesmo aqui. Além disso, com suas deliberações, eles roubaram a Deus seu poder e glória e, em face da ação de Deus, colocaram-se em dificuldades insuperáveis.

Em Sua graça, o Senhor nos explica como será na ressurreição. Na ressurreição, a situação não é mais como na terra. Os ressuscitados, como os anjos, serão assexuados, assim como não há homem nem mulher em Cristo (Gál 3:28). As heresias costumam ser a ocasião para apresentar a verdade em todo o seu esplendor e glória. Os saduceus haviam citado as Escrituras. Mas agora o Senhor os cita e pergunta se eles também leram o que segue. Claro que leram, mas o Senhor pergunta-lhes se leram também o que Deus disse “a vós”, ou seja, aos saduceus. Mas eles ignoraram isso. Eles têm sua própria interpretação. Esta eles ignoram completamente porque não se deixam tocar pessoalmente, mas apenas lidam intelectualmente com as escrituras.

Mesmo assim, o Senhor se dá ao trabalho de iluminar suas mentes obscuras. Ele se refere à escritura onde Deus é citado o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó (Êxo 3:6,15-16). O Senhor cita essa escritura para mostrar que nos dias de Moisés os patriarcas já viviam em outro mundo, embora ainda não tivessem ressuscitado dos mortos. O fato de seus espíritos existirem era a garantia de que eles também acabariam vivendo com corpos ressuscitados. Quando Deus disse isso, Abraão, Isaque e Jacó já haviam morrido. Mas Deus havia dado a eles suas promessas. Ele então não deveria mais ser capaz de cumpri-las? Em qualquer caso, Ele as cumprirá e o fará na ressurreição. Quão diferente era a fé de Abraão da dos saduceus! Ele cria que Deus também tinha o poder de ressuscitar os mortos (Heb 11:18).

Ao se denominar o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, mesmo depois de eles terem morrido, Ele diz que ainda é o Deus deles agora. E isso significa que eles estão vivos para Ele. Ele não está associado aos mortos, mas aos vivos. Desta forma, o Senhor deixa claro que a ressurreição leva os homens a outro mundo onde condições diferentes prevalecem. O ensino do Senhor sobre a ressurreição causa uma grande impressão na multidão.

Mat 22:34-40 | O grande mandamento

34 E os fariseus, ouvindo que ele fizera emudecer os saduceus, reuniram-se no mesmo lugar. 35 E um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar, dizendo: 36 Mestre, qual é o grande mandamento da lei? 37 E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de

todo o teu pensamento. 38 Este é o primeiro e grande mandamento. 39 E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. 40 Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.

Quando os fariseus ouvem sobre a derrota dos saduceus, eles se reúnem para formar uma equipe de crise. Eles estão desesperados para silenciar o Senhor Jesus. Então, eles se atrevem a fazer outro avanço, desta vez por um escriba. Ele também faz uma pergunta ao Senhor com o objetivo de apará-lo. Ele deseja que o Senhor indique entre os dez mandamentos (Êxo 20:1-17) qual deles é o mais importante. Assim, ele quer atrair o Senhor a um pronunciamento que pode usar para acusar o Senhor de apostatar da lei.

O Senhor responde com duas citações da lei (Deu 6:5; Lev 19:18). Ele cita ambas as passagens na íntegra para permitir que toda a sua força atue sobre o doutor da lei. Então, Ele diz que a exigência da lei pode ser resumida em uma palavra: amor (Rom 13:10), primeiro a Deus, depois ao próximo. O mandamento de amar a Deus vem em primeiro lugar, por isso é o maior mandamento. O segundo mandamento, o do amor, é tão importante quanto, mas não vem primeiro. Na verdade, é impossível cumprir o segundo mandamento sem o primeiro. Portanto, o primeiro é o maior mandamento. O segundo decorre do primeiro. O primeiro também não é possível sem o segundo, mas não resulta do segundo.

Com essa resposta, o Senhor resumiu toda a lei e os profetas. Portanto, sua resposta vai muito além da pergunta. O doutor da lei é bastante limitado em seu pensamento. Ele ousou desafiar o Deus eterno. Ele obteve sua resposta.

Isso encerra o questionamento. Tudo foi trazido à luz e o julgamento foi dado, tanto com relação à posição do povo quanto com relação às seitas que existiam entre o povo. O Senhor apresentou a eles os pensamentos perfeitos de Deus sobre sua condição (sujeitos aos romanos, versos 15-22), sobre suas promessas (como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, versos 23-33) e sobre o essencial conteúdo da lei (versos 34-40).

Mat 22:41-46 | Pergunta sobre o filho de Davi

41 E, estando reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus, 42 dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Eles disseram-lhe: De Davi. 43 Disse-lhes

ele: Como é, então, que Davi, em espírito, lhe chama Senhor, dizendo: 44 Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés. 45 Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é seu filho? 46 E ninguém podia responder-lhe uma palavra, nem, desde aquele dia, ousou mais alguém interrogá-lo.

Chegou a hora de o Senhor Jesus tomar a iniciativa e fazer uma pergunta. Ele não perguntou a um único fariseu, mas a todo um grupo deles. Sua pergunta, que coloca sua própria pessoa em evidência, é a pergunta crucial a que cada pessoa deve responder.

Primeiro, o Senhor pergunta de quem Cristo é Filho. Para isso eles ainda sabem a resposta correta: Ele é filho de Davi. Mas o Senhor faz outras perguntas sobre o Cristo: Se Ele é o Filho de Davi, como é possível que Davi possa chamá-lo de “Senhor” no Espírito? Como se pode ser filho de alguém e também ser reverentemente chamado de “Senhor” por ele? Para apoiar essa pergunta, o Senhor cita uma palavra das escrituras que eles acham que conhecem tão bem.

Para isso, ele se baseia em um verso que se relaciona de forma absolutamente inequívoca com o Messias (Slm 110:1). Os fariseus também admitem. Aqui, também, o Senhor cita o verso inteiro para permitir que seu poder atue nos ouvintes. O verso fala da glória do Messias no céu, uma glória que Deus lhe dá.

Depois de citar o verso, o Senhor repete a pergunta. Eles sabiam que o Cristo seria o Filho de Davi. No entanto, eles não sabiam por que Davi O chamou de “Senhor” no Salmo 110. A solução para este problema é dada a nós no início deste Evangelho. No capítulo 1 é chamado “Cristo, o Filho de Davi” (Mat 1:1) e ao mesmo tempo é “Emanuel, Deus conosco” (Mat 1:23). Como homem, Ele é o Filho de Davi, nascido de Maria, da família de Davi. Ao mesmo tempo, Ele é e continua sendo o Senhor, perante o qual Davi se curva.

O Messias, o Senhor Jesus, é Deus revelado em carne (1Tim 3:16). Quem acredita nisso entende tudo isso. Quem não acredita vive nas trevas. Embora fosse o Filho de Davi, Ele teve que ascender ao céu para receber a realeza. E enquanto espera pela realeza, deve sentar-se à direita do trono

de Deus, de acordo com os direitos de sua pessoa gloriosa: Senhor e Filho de Davi ao mesmo tempo.

Os fariseus ficam devendo absolutamente a resposta. Por causa de seu orgulho, eles estão completamente cegos para a glória da pessoa que está diante deles. A derrota dos oponentes está completa. Eles estão no fim. Mas o Senhor ainda não acabou com eles. Chegou a hora de desmascarar esses hipócritas na presença do povo sob sua influência. Ele fará isso no próximo capítulo.

Mateus 23

Mat 23:1-4 | Advertência contra as práticas dos líderes

1 Então, falou Jesus à multidão e aos seus discípulos, 2 dizendo: Na cadeira de Moisés, estão assentados os escribas e fariseus. 3 Observai, pois, e praticai tudo o que vos disserem; mas não procedais em conformidade com as suas obras, porque dizem e não praticam. 4 Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem sobre os ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los.

Os opositores do Senhor estão acabados. Mas, embora seus lábios não sejam mais hipócritas, seu coração ainda está cheio de hipocrisia. Isso é exatamente o que o Senhor deseja tornar evidente. Ele conhece todas as considerações do coração humano, ele é o Deus onisciente. O Senhor Jesus age de acordo com a palavra que certa vez disse a Samuel: “O homem vê o que está diante dos olhos, porém o SENHOR olha para o coração” (1Sam 16:7). No final deste capítulo, Ele profetiza a destruição do povo – não primeiramente dos iníquos e desenfreados, nem mesmo dos saduceus descrentes, mas a destruição daqueles que geralmente eram respeitados por seu conhecimento religioso e santidade.

O Senhor fala à multidão e aos seus discípulos que ainda são vistos aqui juntos. Só depois que o Senhor foi capturado é que se fez uma distinção entre o povo e os discípulos. Ambos os grupos são advertidos juntos contra os fariseus e de forma inequívoca. Ao lermos este trecho, devemos ter cuidado para não pensar que o Senhor está sempre falando aos outros. Ele fala a nós também. Nós também encobertamos algo dos fariseus e escribas. Percebemos isso assim que aplicamos honestamente as palavras do Senhor aos fariseus em nós mesmos.

A primeira coisa que Ele diz sobre eles é a presunção de serem mestres, de ocupar uma posição acima do povo. Eles desprezam o povo e até os amaldiçoam porque, em sua opinião, eles não conhecem a lei (Joã 7:49). É assim que pensam sobre o povo cuja reverência tanto amam. A aplicação

para nós é óbvia. Qualquer pessoa que aprendeu a palavra de Deus está em grande perigo de se considerar numa posição acima do povo de Deus.

Apesar da arrogância desses homens, o Senhor diz que suas palavras devem ser obedecidas – apenas na medida em que realmente ensinam a palavra de Deus, é claro. O Senhor não diz que as tradições desses homens devem ser seguidas. As suas obras não devem ser imitadas, pelo seguinte motivo: Esses falsos líderes falam sobre a lei, mas não agem de acordo com ela. Eles guardam a lei à sua maneira: dizem aos outros como guardar os mandamentos, mas não agem de acordo. Sempre encontramos isso nos fanáticos religiosos, que gostam de dizer aos outros o que devem fazer, enquanto tornam a vida confortável para si mesmos.

Mat 23:5-7 | Para serem vistos pelos homens

5 E fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens, pois trazem largos filactérios, e alargam as franjas das suas vestes, 6 e amam os primeiros lugares nas ceias, e as primeiras cadeiras nas sinagogas, 7 e as saudações nas praças, e o serem chamados pelos homens: – Rabi, Rabi.

Esses líderes religiosos fazem de tudo para serem respeitados pelo povo. Eles buscam respeito entre os homens; eles não estão interessados no que Deus pensa deles. Sua vida de oração, que na verdade deveria acontecer em oculto, eles cultivam de forma particularmente pública. Alargam seus filactérios (literalmente: amuletos) tão largos quanto possível para que eles atraiam a atenção. Filactérios são fitas de pergaminho, inscritas com citações de texto, que são usadas na testa ou na mão (Êxo 13:9; Deu 6:8). Sua vida de oração, portanto, não traz as marcas de uma vida diante de Deus, mas diante dos olhos dos homens. Uma forma particularmente maligna é parecer estar perante a face de Deus, quando a única intenção é ser honrado pelos homens por sua piedade. O mesmo se aplica às suas tentativas evidentes de tornar visível que guardam os mandamentos de Deus. Suas franjas, que são fios nas bainhas de suas vestes externas, tornam-nas particularmente grandes. Essas franjas apontam para observar e obedecer aos mandamentos do Senhor (Núm 15:37-40).

Além disso, disputam os primeiros lugares, porque a seu ver, estão entre os mais nobres. Nas refeições nas casas e nos eventos da sinagoga, tudo

gira em torno deles. Mesmo em público nos mercados, eles andam ansiosos para atrair toda a atenção. Saudações extensas e ruidosas nos mercados devem servir para divulgar o próprio nome e reputação a todos os presentes. O que eles gostam especialmente e os faz andar de peito inchado, é quando os homens os chamam de “Rabi”. Eles tomam isso como prova de honra e como confirmação de sua superioridade acima do povo.

Mat 23:8-12 | Um só é o vosso Mestre

8 Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. 9 E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus. 10 Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo. 11 Porém o maior dentre vós será vosso servo. 12 E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado.

O Senhor agora admoesta seus ouvintes de que entre eles não deveria ser assim. Ser chamado de “Rabi” é impróprio para eles, porque esse título pertence somente ao Senhor Jesus. Todos os outros são irmãos. Eles estão todos no mesmo nível, nenhum é mais elevado que outro. O que o Senhor disse sobre a expressão “Rabi” também se aplica a “Pai”. Só existe um que pode ser corretamente chamado assim, e esse é o Pai Celestial. Um dos pecados do papado é que o Papa se deixa chamar assim, mesmo “santo padre”, o que é uma presunção arrogante.

Nem devemos desejar ser chamados de “mestres” pelos homens, pois isso é devido apenas a Cristo. Todos aqueles a quem o Senhor deu a tarefa de ensinar (Efé 4:11), não são superiores aos outros. Pelo contrário – eles são servos de outros. Cristo é o único grande mestre. Os mestres apenas transmitem o que aprenderam de Cristo. Não se trata de se elevar acima dos outros, de se sentir melhor ou mais importante, mas sim de se curvar e servir aos outros. Aquele que faz isso é realmente o maior. Deus agirá com todos de acordo com as escolhas feitas pela própria pessoa. Exaltar-se é uma decisão sua, assim como humilhar-se. A resposta de Deus depende da escolha do homem. Ele humilhará aquele que se exalta e exaltará aquele que se humilha. A escolha é nossa.

Mat 23:13-14 | Primeiro ai

13 Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que fechais aos homens o Reino dos céus; e nem vós entraís, nem deixais entrar aos que estão entrando.

14 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que devorais as casas das viúvas, sob pretexto de prolongadas orações; por isso, sofrereis mais rigoroso juízo.

Agora o Senhor se dirige aos escribas e fariseus diretamente. Ele pronuncia seu primeiro “ai” sobre eles e os chama de “hipócritas”. Em vez de apontar aos homens o reino dos céus e o que é necessário para entrar nele, eles o estão fechando para os homens. Eles não apontam para os interesses de Deus, mas olham apenas para os seus próprios. Por isso eles mesmos ficam fora, fora do reino dos céus. Mas aos outros que queiram entrar eles impedem de entrar. Por isso eles incitam o povo contra o Senhor Jesus. Mas todos os que o aceitam, entram no reino. Os líderes perderam o poder sobre eles. Eles querem evitar a todo custo a perda de sua reputação e influência sobre os homens.

Mat 23:15 | Segundo ai

15 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós.

O segundo ai vem sobre eles por causa de seu fanatismo de fazer discípulos, e o que farão com eles depois. Os homens que estão sob sua influência são tão doutrinados por eles, que se tornam filhos do inferno e se comportam duas vezes pior do que eles. O termo “filhos do inferno” significa que eles criam seus seguidores, a quem consideram filhos, em harmonia com e para o inferno.

Mat 23:16-22 | Terceiro ai

16 Ai de vós, condutores cegos! Pois que dizeis: Qualquer que jurar pelo templo, isso nada é; mas o que jurar pelo ouro do templo, esse é devedor. 17

Insensatos e cegos! Pois qual é maior: o ouro ou o templo, que santifica o ouro?

18 E aquele que jurar pelo altar, isso nada é; mas aquele que jurar pela oferta que está sobre o altar, esse é devedor. 19 Insensatos e cegos! Pois qual é maior: a

oferta ou o altar, que santifica a oferta? 20 Portanto, o que jurar pelo altar jura

por ele e por tudo o que sobre ele está. 21 E o que jurar pelo templo jura por ele e por aquele que nele habita. 22 E o que jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que está assentado nele.

No terceiro “ai”, o Senhor os chama de “líderes cegos”. Sua cegueira pode ser vista na teoria que desenvolveram sobre jurar. Eles afirmam que não há obrigação se jurar pelo templo, apenas quando se jura pelo ouro do templo.

O Senhor, portanto, os chama de “insensatos e cegos”. Em sua declaração, Ele mostra então que não se trata realmente da forma correta de jurar, mas sobre sua justificativa insensata. Mais uma vez, eles só olham para o exterior, o ouro que significa tanto para eles, não importando em que casa esteja. Poderia muito bem ser um templo de ídolos para eles. O que o templo significa, o que acontece nele, bem como o valor que uma adoração verdadeira tem ali, nisso eles não pensam um momento. Eles só se preocupam com o ouro brilhante. Portanto, eles estão cegos para o fato de que o ouro obtém seu valor apenas no fato de ser usado para adornar o templo. Para Deus, porém, o mais importante não é o ouro, mas o templo, sua habitação.

O Senhor dá outro exemplo, o altar, com o qual tematiza o próprio culto de adoração. O exemplo anterior foi sobre o templo onde o serviço é realizado. O altar em si não significa nada para eles: eles estão apenas interessados na oferta.

Novamente o Senhor os chama de “insensatos e cegos”, e mesmo agora Ele pergunta qual é maior. Ao fazer isso, Ele já está apontando que eles estão fazendo uma diferença errada por olharem apenas para a oferta e não para o altar. Que tipo de altar é, não importa para eles. Poderia até ser um altar de ídolo, se apenas uma oferta impressionante estivesse sobre ele! Então se tem algo em que jurar!

O Senhor agora explica, na ordem inversa, o significado do altar e do templo. Jurar pelo altar é jurar por ele e por tudo que há sobre ele. O altar e a oferta não podem ser vistos separadamente um do outro. Mas os líderes fazem isso em sua loucura e cegueira. O mesmo se aplica a jurar pelo templo, pois isso inclui jurar pelo Senhor que nele habita (não apenas pelo ouro dentro dele).

O Senhor adiciona outro aspecto. Para isso, ele muda da terra para o céu; se pode jurar por ele também. Mas aqui também não se trata do exterior, mas do interior. O trono de Deus está no céu, eles devem considerar isso com cuidado. E neste trono está sentado Deus, também devem considerar isso com cuidado. Se eles permitissem que tudo isso atuasse sobre eles, eles teriam que revisar completamente seus ensinamentos sobre juramentos.

Mat 23:23-24 | Quarto ai

23 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que dais o dízimo da hortalã, do endro e do cominho e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer essas coisas e não omitir aquelas. 24 Condutores cegos! Coais um mosquito e engolis um camelo.

O quarto “ai” do Senhor fala sobre a hipocrisia deles em cumprir o mandamento de pagar o dízimo. Eles cumpriram esse mandamento nos mínimos detalhes, mas negligenciaram no que realmente importava. O dízimo era, na verdade, obrigatório, ao qual eles obedeciam estritamente. Mas eles mudaram em termos de conteúdo de tal forma que eles próprios se colocaram lá como os mais fiéis cumpridores deste mandamento.

O Senhor mostra claramente o que é mais importante sobre a lei, e que eles realmente não se importam com isso, a saber, o julgamento de Deus, os pensamentos que Ele tem sobre algo ou o que é importante para Ele. Mostrar misericórdia era completamente estranho para eles, assim como a lealdade a Deus e seus mandamentos. Eles até pisaram na lei.

Veja bem, o Senhor não está dizendo que o dízimo não deve ser dado. O que Ele abomina é a aplicação injusta dos mandamentos, provando assim que eles eram realmente cegos. Eles cuidaram dos mosquitos, isto é, na execução vaidosa e mesquinha dos regulamentos, enquanto eles ignoravam o grande e realmente importante (o camelo) e o ignoravam generosamente.

Mat 23:25-26 | Quinto ai

25 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade. 26 Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo.

O quinto “ai” refere-se à aparência piedosa externa que contrastava fortemente com sua depravação interior. Tudo o que eles faziam parecia piedoso, separado e puro, mas na realidade seus corações eram predatórios e imoderados. O Senhor tem permissão para pronunciar tal julgamento, porque Ele conhece o ser interior dos homens, que é tão evidente para Ele quanto as obras visíveis para nós (Slm 139:1-4; Heb 4:12-13).

O Senhor agora também mostra para eles como podem ser libertados dessa hipocrisia. Isso só é possível se o interior for purificado primeiro, ou seja, se eles vierem ao arrependimento interior. É somente pela confissão dos pecados que a pessoa é purificada por dentro. Só então suas ações também podem emergir de um interior purificado, ou seja, também ser puras.

Mat 23:27-28 | Sexto ai

27 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia. 28 Assim, também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

Em seu sexto Ai, o Senhor revela o cheiro de morte que é inerente a todas as suas ações. Eles são como caixões ambulantes. Caixões magníficos, mas por mais maravilhosos que pareçam, não há nada de bonito por dentro, tudo é sem vida, sem forma, podre e fedorento.

O Senhor enfatiza o quanto esses líderes mantêm uma falsa aparência que os faz parecer justos aos homens quando não há nada além de desonestidade em seus corações. Essa desonestidade consiste em fingir ser diferente do que são e que apenas fazem a sua própria vontade. E eles estão “cheios” disso, como o Senhor diz. Portanto, não há nada mais nesses hipócritas. A hipocrisia é o oposto da auto expressão honesta e a iniquidade é o oposto de fazer a vontade de Deus.

Mat 23:29-32 | Sétimo ai

29 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos 30 e dizeis: Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o

sangue dos profetas. 31 Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. 32 Enchei vós, pois, a medida de vossos pais.

O sétimo e último “ai” diz respeito à hipocrisia deles em homenagear os profetas e justos que foram mortos anteriormente. Eles fingem ter grande respeito por essas testemunhas que foram mortas nos primeiros séculos por defenderem a verdade. Eles constroem e decoram seus túmulos e até ousam, com grandes palavras e com atitude orgulhosa, distanciar-se de seus pais, que tinham esses crimes na consciência. Eles mesmos nunca teriam participado disso!

Mas esta lança, que apontam para seus pais, o Senhor agora vira contra eles. Eles chamaram aqueles assassinos de “nossos pais”! O Senhor agora declara que eles estão se expondo como os verdadeiros filhos desses assassinos, que também não se curvam à mensagem daqueles profetas assassinados.

Em um futuro próximo, eles provariam ser realmente filhos de seus pais matando o verdadeiro Profeta, o Justo. Assim completariam a medida de seus pais!

Mat 23:33-36 | O Senhor faz o julgamento

33 Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? 34 Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade, 35 para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. 36 Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração.

Afinal, o Senhor condena esses adversários com mais energia do que nunca: Ele os coloca em pé de igualdade com o diabo, a serpente. Como o diabo, esses homens não vão escapar do inferno. Essas palavras representam, sem dúvida, a acusação mais terrível da boca do Senhor sobre a qual as Escrituras nos falam. Ele nunca disse nada parecido a nenhum publicano ou pecador. Ele reservou essas palavras inflamadas para hipócritas religiosos.

Com as palavras “Portanto, eis que eu vos envio ...” o Senhor Jesus se levanta no seu poder divino como juiz sobre eles. O mesmo que eles es-

tavam prestes a matar é Yahweh, o próprio Deus, revestido com todo o poder. Depois que eles O matarem, Ele será ressuscitado. E depois de Sua ressurreição e ascensão ao céu, como o Senhor glorificado e Cristo, Ele enviará profetas, sábios e escribas a eles.

O envio desses servos é mais uma prova de sua grande graça. Mas eles também permaneceriam cegos para esta prova da graça, porque eles nunca se esforçaram por nada além de seus próprios interesses. Matando alguns deles, eles transbordariam novamente toda a medida de sua injustiça que já demonstraram ao rejeitar seu Messias.

Temos um exemplo adequado disso em Estevão. Como essa testemunha apareceu como um profeta que falou aos seus corações e consciências – com uma sabedoria que seus adversários não podiam resistir e com uma interpretação das Escrituras que ninguém poderia refutar (Atos 6:10; 7:53). O resultado, entretanto, foi que eles o apedrejaram até a morte em seu ódio desenfreado (Atos 7:57-60).

Após a rejeição desses servos que o Senhor em sua graça enviaria após sua ascensão, nenhuma salvação seria possível para eles. Sua medida estaria então mais do que completa. Todo o sangue que derramassem viria sobre eles. O sangue derramado de cada justo, Deus exigiria de suas mãos.

O primeiro homem justo cujo sangue foi derramado foi Abel (Gên 4:8) e o último mártir relatado nas escrituras hebraicas foi Zacarias (2Crô 24:20-22), tendo em mente que os livros das Crônicas estão no final da Bíblia Hebraica. Com um solene “Em verdade vos digo”, o Senhor confirma o julgamento sobre esta geração, este tipo de gente.

Mat 23:37-39 | O juízo de Jerusalém até ...

37 Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! 38 Eis que a vossa casa vos ficará deserta. 39 Porque eu vos digo que, desde agora, me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!

Isso atinge o coração do Senhor, que esta cidade privilegiada se afastou Dele. Quanto Ele tem trabalhado para cuidar e proteger todos os seus habitantes. Todo o amor em seu coração era por eles. Mas Jerusalém não ouviu.

O coração desta cidade, o templo que tinha sido sua casa, a casa de Deus no início, seria agora esvaziado e deixado desolado para eles.

Deus rompe os laços com seu povo porque eles rejeitaram seu Messias. A cidade, portanto, não verá mais o seu Messias, ele se retirará para o céu – mas não para sempre: há um anúncio “até que ...” Deus restabeleça a conexão com o seu povo e o Messias voltará. Quando eles O virem, eles o reconhecerão em verdade, a quem agora rejeitam com tanto desprezo (Slm 118:26; Zac 12:10).

Mateus 24

Mat 24:1-2 | O que acontecerá com o templo

1 E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo. 2 Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada.

Os próximos dois capítulos contêm declarações proféticas e, ao mesmo tempo, ensinamentos para os discípulos para guiá-los a encontrar o caminho certo em meio aos eventos que estão por vir. O Senhor deixa o templo definitivamente. Com isso, Ele exerce o julgamento que acaba de pronunciar. Porque o templo se tornou um corpo desalmado; ele agora é “uma casa” (Mat 23:38). O que aconteceu antes em Ezequiel é repetido aqui (Eze 10:18-19; 11:22-23). Foi então que a glória de Jeová se retirou do templo. A mesma glória se retira aqui também, embora na forma do homem humilhado, Jesus Cristo. Mas quem tinha olhos para ver reconheceu Nele a glória do unigênito Filho do Pai (João 1:14).

O coração dos discípulos ainda estava unido ao templo. Eles mostram ao Senhor os edifícios imponentes. Por causa de seus preconceitos profundamente arraigados, eles não conseguem se desvencilhar de sua beleza externa. Mas como o Senhor não está mais lá, eles se ocupam apenas com uma bela aparência externa, com a pompa externa e a pompa exterior nos cultos.

Quando o Senhor lhes diz: “Não vedes tudo isto?” Ele olha na mesma direção, mas de uma maneira muito diferente. Ele vê que esses edifícios se tornaram a essência da adoração teimosa. Por isso Ele pronuncia um julgamento muito radical sobre tudo que eles tanto admiravam. Ele quer libertá-los da vaidade de seus pensamentos, compartilhando seus pensamentos com eles e iluminando o futuro no presente. Mas uma pessoa só pode se interessar por isso se seu coração não estiver apegado às coisas da terra. Como poderia desejar a chegada dele, quando essa chegada frustra tudo que estou tentando construir neste mundo?

Mat 24:3-8 | O princípio das dores

3 E, estando assentado no monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos, em particular, dizendo: Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo? 4 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane, 5 porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. 6 E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. 7 Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. 8 Mas todas essas coisas são o princípio das dores.

O Senhor se senta no Monte das Oliveiras. Ele havia se sentado em uma montanha antes para proferir o Sermão da Montanha (Mat 5:1). Agora Ele se senta no Monte das Oliveiras e faz um discurso aqui também. Ele considera as perguntas de seus discípulos uma ocasião para isso. Eles gostariam de saber Dele quando essas coisas das quais Ele estava falando acontecerão. Eles também querem saber qual é o sinal de sua chegada e da consumação do século, porque perceberam claramente que há uma conexão entre essas coisas. A vinda do Senhor se refere ao tempo em que Ele estará presente com eles na terra. A consumação do século não é o fim do mundo, mas o fim do período da ausência do Senhor, ou o fim do período em que Ele não estará com eles.

O Senhor é o Deus onisciente, para quem o futuro está presente. Só ele pode dizer com certeza, como será o futuro. Mas antes de fazer isso, Ele avisa seus discípulos. Não devemos considerar esses discípulos como representantes de nós cristãos, mas como os dos judeus crentes no futuro. Um verdadeiro cristão dificilmente pode ser enganado por pessoas que vêm a ele “em nome de Cristo”. Um cristão não espera Cristo na terra, mas é arrebatado no ar para encontrá-lo. Mas os judeus crentes do futuro ficarão muito bem expostos a esse perigo. Israel rejeitou o verdadeiro Cristo; portanto, agora estão em perigo de aceitar um falso cristo. A massa incrédula até fará mesmo isso (Joã 5:43). O cristão não é alertado sobre falsos cristos, mas sobre falsos espíritos (1Joã 4:1), porque a característica especial da igreja é que o Espírito Santo habita nela. Portanto, precisamos estar em guarda contra o engano de falsos espíritos, não de pseudo-cristãos.

Além de ser seduzido por falsos cristos, o inimigo tenta criar medo por meio de guerras e rumores de guerra. Essa advertência também não é dada aos cristãos, embora isso não queira dizer que não possamos mais aplicar a advertência do Senhor a nós. Os judeus, entretanto, têm perspectivas terrenas e, portanto, as guerras podem ter um grande impacto sobre o remanescente judeu no futuro. Por isso as palavras do Senhor são tão consoladoras para eles: Eles não precisam ter nenhuma dúvida de que Ele encontrará uma saída e cumprirá Suas promessas de paz.

O inimigo também usará fomes e terremotos para abalar sua confiança nas bênçãos e na segurança estável do reino de seu Messias. Existem muitos meios disponíveis ao inimigo pelos quais tenta destruir a fé dos discípulos. Os verdadeiros crentes permanecerão firmes, mas os meros confessores serão enganados e roubados de tudo em que acreditavam poder confiar.

Os perigos que acabamos de descrever são realmente graves. Mesmo assim, tudo ficará muito pior porque o Senhor apenas apresentou o início das dores a Seus discípulos.

Mat 24:9-14 | Perseverar até o fim

9 Então, vos hão de entregar para serdes atormentados e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as gentes por causa do meu nome. 10 Nesse tempo, muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão. 11 E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. 12 E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará. 13 Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo. 14 E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.

Os discípulos experimentarão em seus próprios corpos quão grande é o ódio contra Cristo, porque os inimigos expressarão seu ódio a Cristo sobre aqueles que O professam. Não haverá homens em toda a terra que irão tratá-los com bondade. Neste tempo, muitos falsos confessores se afastarão do Senhor e então lutarão nas hostes do inimigo contra os verdadeiros discípulos. Mas mesmo entre os inimigos haverá ódio mútuo. Eles aparecem como uma frente unida, mas na verdade não formam uma unidade.

As dificuldades e provas não vêm apenas de fora, mas também de dentro. Os falsos confessores não só serão revelados por ameaças de fora, mas

também se tornarão reconhecíveis pelo fato de seguirem os muitos falsos profetas que então existirão, já que caem completamente cegos à sedução.

Simultaneamente com o afastamento de Deus e de sua verdade, por um lado, aumentará a ilegalidade, ou seja, a rejeição de toda autoridade. Por outro lado, o amor de muitos também esfriará, porque será uma época de puro egoísmo. Nesta época terrível, com todos os seus horrores e tentações, é importante perseverar até o fim.

Há um início das dores, mas também há um fim! Aqueles que perseveram até o fim têm uma conexão viva com o Senhor Jesus, seu Messias. Então, quando o fim chegar, a mensagem do Reino terá sido pregada em todos os lugares. Este é o reino do Senhor, que será estabelecido na terra, como João Batista e o próprio Senhor anunciaram. A revelação do poder de Cristo ascendido ao céu será pregada em todo o mundo, para testar a obediência dos povos. Todo aquele que tem ouvidos, para ouvir, verá o conteúdo de sua fé, Cristo, em sua glória na terra.

Mat 24:15-28 | A grande tribulação

15 Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê, que entenda), 16 então, os que estiverem na Judéia, que fujam para os montes; 17 e quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; 18 e quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes. 19 Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias! 20 E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado, 21 porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais. 22 E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias. 23 Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui ou ali, não lhe deis crédito, 24 porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. 25 Eis que eu vo-lo tenho predito. 26 Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais; ou: Eis que ele está no interior da casa, não acrediteis. 27 Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do Homem. 28 Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias.

Para ressaltar a gravidade da situação naqueles dias que antecedem sua chegada, o Senhor se refere à profecia de Daniel, na qual Daniel fala dos últimos dias (Dan 9:27; 11:31; 12:11) ou do tempo do final (Dan 11:40). O local do evento é a Judéia, ou seja, Jerusalém e seus arredores. O “lugar santo” é o templo em Jerusalém. Ali estará a abominação da desolação. Uma abominação é um ídolo. Portanto, a abominação da desolação é um ídolo que causa desolação. Por causa desse ídolo, Deus trará grande desgraça à terra, por meio do Anticristo, que fez da imagem uma representação de si mesmo, como se ele mesmo fosse Deus (2Tes 2:4). É a imagem da besta, o ditador do Império Romano restaurado (Apo 13:12-15).

Esta palavra do Senhor também é dirigida ao remanescente de Israel, não à comunidade cristã. Os parentes desse remanescente que estão na área devem fugir para as montanhas. Somente lá eles encontrarão um refúgio adequado do Anticristo e seus vassalos. Não haverá tempo a perder também. A perseguição atingirá o deserto como uma tempestade. Qualquer hesitação pode significar morte. Aqueles que estão no telhado não devem entrar em suas casas para tirar algo importante dela. Quem estiver no campo, não deve tentar buscar outra peça de roupa que deixou em algum outro lugar do campo. A palavra de ordem é: fuja para salvar sua vida! Qualquer consideração por qualquer outra coisa resultará em morte.

O Senhor então fala com compaixão sobre as mulheres grávidas que estão para dar à luz uma nova vida, e sobre aquelas que estão amamentando, e que acabaram de dar à luz uma nova vida. Elas são as mais vulneráveis. O Senhor até pensa nas condições meteorológicas e nas obrigações religiosas. Os fugitivos devem orar para que isso não os impeça, porque qualquer obstáculo em sua fuga pode custar suas vidas.

O Senhor diz todas essas coisas porque sabe como será terrível esta época. Será um tempo de tribulação incomparável, como nunca houve antes e nunca mais voltará. Também a abominação será sem precedentes neste tempo. O horror desta época só é agravado pelo consolo, de que Ele encurtará esses dias, pois do contrário ninguém sobreviveria a eles. Este encurtamento é para o benefício dos eleitos. O Senhor conhece todos os que Lhe pertencem e, por eles, zela para que o sofrimento máximo não seja ultrapassado (cf. 1Cor 10:13).

E mais uma vez o Senhor enfatiza que desta vez será especialmente difícil por causa dos falsos cristos. Quando no meio das piores provações aparecerem homens que oferecem ajuda, é enorme a tentação de ouvi-los. Esses falsos cristos e falsos profetas se apresentarão realizando grandes sinais e maravilhas. Tudo parecerá tão legítimo que até os escolhidos correm o risco de sucumbir a essa sedução. Mas eles não devem fazer isso em nenhuma circunstância, por isso o Senhor agora predisse tudo para eles. Um homem avisado é duplamente culpado.

Não devem ser tentados por palavras bonitas a deixar seu abrigo para, por ex., ir para o deserto ou para qualquer edifício porque o Messias estaria lá. O deserto onde João pregou (Mar 1:4) não é o cenário apropriado para a vinda do Messias, nem um aposento. Essas promessas são armadilhas. O verdadeiro Messias, quando Ele aparecer, será como um relâmpago brilhando no leste e brilhando até o oeste. Com isso, o Senhor responde à pergunta que os discípulos fizeram no verso 3. Sua chegada será, portanto, perceptível em todos os lugares. Tudo o que eles precisam fazer é prestar atenção a isso para ver que é Ele e mais ninguém.

Ele virá como o Filho do Homem. Isso significa que Ele governará sobre toda a terra, não apenas sobre Israel. Os primeiros atos de seu governo serão atos judiciais. Onde estiverem as pessoas a serem julgadas, lá Ele aparecerá, assim como as águias se reúnem junto aos cadáveres.

Mat 24:29-31 | A Vinda do Filho do Homem

29 E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. 30 Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. 31 E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus.

As pragas que virão sobre a terra durante a grande tribulação terminarão em total escuridão e caos. Qualquer possibilidade de orientação nos corpos celestes então desapareceu. Por outro lado, também podemos ver imagens de diferentes formas de governo nos corpos celestes (Gên 1:16).

Então, a escuridão e caos absolutos significam que todo exercício de poder na terra se acabou.

O sinal que então aparecerá no céu é o Filho do Homem que reinará. Ele aparecerá completamente inesperado, não como um Messias enfrentando a arrogância mundana das massas descrentes, mas como o Cristo, desprezado por elas, que vem do céu para exercer o julgamento. Portanto, sua chegada causará uma lamentação em todo Israel (Zac 12:10-14). Eles vão olhar para aquele que traspassaram (Apo 1:8). Então o Senhor Jesus aparece na terra pela segunda vez, mas desta vez com poder e majestade. E Ele vem como o Filho do Homem, ou seja, como governante sobre toda a criação, sobre o céu e a terra (Slm 8:7).

Ao enviar seus anjos, o esplendor de sua majestade é dotado de poder. Além disso, uma trombeta forte soará, e seus anjos serão comissionados por ele, para reunir todos os seus eleitos, que estão espalhados por toda a terra. Agora, depois que o Filho do Homem apareceu, finalmente estamos vendo a reunião de Israel.

Mat 24:32-35 | A parábola da figueira

32 Aprendeis, pois, esta parábola da figueira: quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. 33 Iguamente, quando verdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, às portas. 34 Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam. 35 O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar.

Sobre isso, o Senhor dá aos seus discípulos informações da natureza (cf. Mat 16:1-4). Na natureza, eles podem reconhecer por certos sinais que o inverno está chegando ao fim e o verão se aproxima. No inverno podemos pensar no fim da tribulação e no verão no reino de paz que virá depois. Para isso, o Senhor usa a figura de uma figueira, que representa o povo de Israel. Isso mostrará sinais de vida. O amolecimento dos ramos e o aparecimento das folhas podem ser vistos no ressurgimento de Israel como nação, o que é um fato desde 1948. O fruto do verão, entretanto, aponta para a restauração espiritual de Israel, que só é possível quando o povo aceita seu Messias.

Quando os discípulos virem tudo o que Ele acabou de descrever, eles saberão que Sua vinda é iminente. Além disso, todas as suas advertências sobre a abominação da desolação e falsos cristos também são evidências de que sua chegada está próxima. Mas todas essas coisas terríveis devem primeiro cair sobre esta geração que o rejeitou.

A forma atual do céu e da terra passará. Quando isso acontecer, vai confirmar as palavras do Senhor. Ele é a verdade, e tudo o que Ele diz acontecerá como Ele disse que aconteceria.

Mat 24:36-44 | dias e horas são desconhecidos

36 Porém daquele Dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas unicamente meu Pai. 37 E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. 38 Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, 39 e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem. 40 Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; 41 Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra. 42 Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor. 43 Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. 44 Por isso, estai vós apercebidos também, porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis.

O tempo exato para a vinda do Senhor não pode ser dado. Os sinais vão indicar que está próximo, mas quando será exatamente, só o Pai sabe (Atos 1:7). Parece estranho que o Filho também não saiba, porque sabemos que o Filho também é Deus. Esta é uma das maravilhas de sua pessoa insondável. Como ser humano, Ele não sabe o dia nem a hora. Assim como Ele foi guiado pelo Pai em toda a sua vida na terra, Ele é perfeitamente devotado ao Pai na glória.

Portanto, o dia e a hora de sua chegada não são conhecidos, mas as circunstâncias que o acompanham são conhecidas. Será algo como nos dias de Noé: nenhuma nuvem no céu, cada um vivia ali para si, e então veio o fim abrupto com o dilúvio. Este foi o juízo de Deus sobre toda a terra, e assim será na grande tribulação. Quando o Dilúvio começou, a terra estava

cheia de homens, que o Senhor diz aqui, comiam, bebiam, se casavam e se davam em casamento. Não havia nada de errado com isso – mas sua vida não consistia em outra coisa. Eles viveram suas vidas sem um único pensamento em Deus.

O modo de vida desses homens criou cegueira para o julgamento iminente. Por mais vigoroso que Noé pregasse (2Ped 2:5), eles não se deixaram convencer, mas viveram sem preocupações. O horizonte deles alcançava apenas até onde eles podiam ver. Deus não apareceu nele. Nunca ocorreu a eles servi-lo, tanto que estavam cegos pelo vício do prazer. Mas então o juízo veio e levou a todos. No que eles não queriam pensar veio sobre eles de forma irrevogável, e então foi tarde demais para todos, exceto Noé e sua família, que estavam seguros na arca em relação ao juízo.

O próximo juízo separará homens, que por ex., trabalham em um campo, uns dos outros. O trabalho certamente é uma coisa boa, mas quem trabalha somente para uma boa vida vai ser atingido pelo juízo. Mas quem vigia pela chegada do Messias será deixado e poderá entrar no reino da paz. A mesma separação também se aplica a duas mulheres envolvidas em um ato semelhante: uma trabalha apenas para si mesma, a outra vive para o Senhor.

A mensagem do Senhor é que eles devem vigiar porque ninguém sabe exatamente que dia seu Senhor virá. Se estiverem vigilantes todos os dias, estarão prontos para sua chegada todos os dias. O Senhor deseja que eles sejam totalmente preenchidos com a importância de estarem constantemente prontos. Se alguém soubesse exatamente a que horas um ladrão iria invadir, então é claro que não estaria dormindo. Por isso a vigilância ininterrupta é necessária. A expectativa também não deve diminuir. Se fosse esse o caso, um ladrão sempre chegaria em um momento inesperado de qualquer maneira. Mas isso não deveria acontecer. Eles sempre tem que estar prontos sem cochilar.

Mat 24:45-51 | Parábola do servo bom e mau

45 *Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo? 46 Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim. 47 Em verdade vos digo que o porá*

sobre todos os seus bens. 48 Porém, se aquele mau servo disser consigo: O meu senhor tarde virá, 49 e começar a espancar os seus conservos, e a comer, e a beber com os bêbados, 50 virá o senhor daquele servo n um dia em que o não espera e à hora em que ele não sabe, 51 e separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes.

Agora o Senhor começa a dar instruções sobre o comportamento adequado na casa. Ele havia falado sobre vigilância, e agora Ele fala sobre ingestão de alimentos. Nossa atenção total só é possível se nos alimentarmos de maneira adequada. Pois hoje sabemos que a casa é uma figura da igreja (1Tim 3:15), mas nesta parábola vista da perspectiva da responsabilidade humana – não da maneira como Deus edifica a igreja. Essa parábola do Senhor é especialmente importante para os responsáveis pelo ensino na igreja. Nesta parábola, o estado da igreja é visto como um todo.

Aqueles que estão empenhados em nutrir a igreja são chamados de “bem-aventurados” pelo Senhor porque estão provando que pensam no Senhor e nos outros, mas não em si mesmos. O estado prático da igreja responsável depende de se ela está esperando por Cristo ou se pensa em seu coração que Ele não vem. Aqueles que estiveram ocupados servindo a Ele e a Seu povo na expectativa do Senhor, receberão uma rica recompensa. A maneira como um servo administrou os bens de seu Senhor em sua ausência é a base para a transferência dos bens do Senhor quando Ele retornar. A confiabilidade e a lealdade encontrarão sua recompensa. Aqueles que mostraram humildade e lealdade no serviço durante a ausência do Senhor, então se tornarão governantes de tudo que pertence ao Senhor.

No entanto, a situação também pode surgir quando um servo que antes era fiel se torna um servo mau. Aqui se trata sobre “aquele mau servo” – é o mesmo servo que foi fiel no início. Vemos essa mudança também na história da igreja. Depois que ela foi fiel ao Senhor no início, conforme descrito nos Atos dos Apóstolos, ela logo entrou em declínio.

A infidelidade do servo começa em seu coração. Não se trata apenas de esquecimento, mas a vontade também desempenha um papel. A ausência do Senhor causa uma manifestação de vontade carnal. Quando a expectativa da volta do Senhor não está mais viva, o cristão passa a ter uma mentalidade terrena. Ele não apenas pensa em si mesmo, mas também começa a

abusar dos outros. Ele também busca outra companhia além da de seus irmãos na fé. O serviço devocional à casa de Deus, com o coração voltado para a aprovação do Mestre em seu retorno, não existe mais. A expectativa diária foi abandonada. Essa é a causa do declínio.

Se a segunda vinda do Senhor for adiada por muito tempo (cf. Eze 12:27), a verdadeira posição cristã está perdida. Mas não só isso – esquecer a volta do Senhor leva ao desenfreamento e à tirania. Não quer dizer que o próprio servo se embriague, mas que come e bebe com os que estão bêbados. Ele se conecta ao mundo e segue seus hábitos.

Quem perde de vista o retorno do Senhor e não vigia mais ficará totalmente surpreso com sua chegada. O julgamento do mestre sobre este servo se encaixa perfeitamente com seu modo de vida e a bela aparência que ele mantinha. Ele era considerado cristão, mas não era. Ele era um hipócrita. Os hipócritas são hermafroditas. Este servo é um hipócrita e compartilhará a sorte com os hipócritas. Este é também o destino do Cristianismo, que confessa servir a Deus, mas em seu interior pertence ao mundo. É importante lembrar que o que se aplica ao todo também se aplica ao indivíduo.

Mateus 25

Mat 25:1-13 | Parábola das Dez Virgens

1 Então, o Reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo. 2 E cinco delas eram prudentes, e cinco, loucas. 3 As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo. 4 Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas. 5 E, tardando o esposo, tosquenejaram todas e adormeceram. 6 Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo! Sai-lhe ao encontro! 7 Então, todas aquelas virgens se levantaram e prepararam as suas lâmpadas. 8 E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam. 9 Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós; ide, antes, aos que o vendem e comprai-o para vós. 10 E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta. 11 E, depois, chegaram também as outras virgens, dizendo: Senhor, senhor, abre-nos a porta! 12 E ele, respondendo, disse: Em verdade vos digo que vos não conheço. 13 Vigiai, pois, porque não sabeis o Dia nem a hora em que o Filho do Homem há de vir.

A parábola das virgens não pretende mostrar que só quem o espera com plena devoção vai às núpcias com o Senhor. Todo o grupo é formado por confessores que foram ao encontro do noivo. O único objetivo aqui é deixar claro que existe uma diferença entre os confessores. Pois existem confessores falsos e verdadeiros. O Senhor não é o noivo da igreja nesta parábola. Ele nem mesmo é mencionado nesta parábola. Trata-se de responsabilidade pessoal na ausência de Cristo.

É uma parábola sobre o reino dos céus em comparação com dez virgens. O número 10 já indica responsabilidade, e a palavra “virgem” fala da fidelidade que é demonstrada a um ente querido. Todas as dez têm lâmpadas, portanto, elas têm luz. Elas sabem o que está por vir. Todas elas vão ao encontro do noivo.

Então o Senhor fez a diferença, chamando cinco das virgens de loucas e as outras cinco de prudentes. A diferença não pode ser pelo fato de todas

terem saído. E todas elas também estavam equipadas com lâmpadas. A única diferença é se elas tinham ou não azeite no vaso. O que torna as loucas loucas, é que elas não têm azeite. Por azeite entende-se o Espírito Santo. Reis, sacerdotes e profetas foram ungidos com azeite. Da mesma forma, os crentes são ungidos com o Espírito Santo (1Joã 2:20,27; 2Cor 1:21-22). Os vasos representam os corpos (2Cor 4:7).

Como o noivo está demorando muito para chegar, as dez adormecem. A posse do Espírito Santo não impede que as virgens prudentes caiam no sono também. Todos os que professam o cristianismo, incluindo aqueles que têm o Espírito Santo, perderam de vista a volta do Senhor. Nos primeiros dias da igreja, os crentes ainda estavam à espera do Senhor. No entanto, como ele não chegou, essa expectativa se apagou.

Mas quando é meia-noite, quando a noite é mais escura, ouve-se um grande clamor: "Aí vem o noivo!" O chamado do Espírito Santo também é: Aí vem o noivo! A pessoa do noivo acorda os dorminhocos. Não só o despertar, mas também a atividade é esperada. Por isso continua: "Saí-lhe ao encontro!" No verso 1 elas já tinham saído uma vez. Agora, a decisão é que elas façam isso de novo. Sair significa estar separado do mundo, também de sua roupagem cristã exterior; mas também: em direção a Ele. Trata-se de Cristo.

Vemos essa "chamada da meia-noite" na história do Cristianismo quando, no século 19, um novo interesse na volta do Senhor surgiu por meio da ação do Espírito de Deus. Ao pesquisar as escrituras, principalmente as proféticas, a esperança da igreja também foi redescoberta, assim como estava viva nos dias dos apóstolos. Pelo amor a Deus, conexões erradas foram abandonadas. Começou-se a viver novamente de acordo com a verdadeira vocação dos cristãos.

Mas o que pode ser visto na história do cristianismo também se aplica à vida do crente individual. Aqueles que vivem suas vidas na expectativa do retorno iminente de Cristo não vivem para a terra, mas para o céu.

Todas as dez virgens estão acordando agora. Cristãos, tanto verdadeiros quanto falsos, partiram para encontrar o noivo. Todos estão colocando suas lâmpadas em ordem porque querem fazer brilhar a luz que trouxeram. Naquele momento, as loucas descobrem que não têm azeite. Elas per-

cebem que suas lâmpadas não acendem. Elas apenas acenderam o pavio, mas não havia azeite. Uma lâmpada sem azeite representa uma pessoa que não tem o Espírito Santo. A lâmpada do homem natural pode às vezes acender para dar a impressão de que há azeite, mas na realidade essa lâmpada apaga rapidamente.

Há tempo suficiente entre o aviso e a chegada efetiva do noivo para que a condição de cada um seja esclarecida. As loucas agora estão descobrindo que não têm azeite. Elas carecem do essencial em suas lâmpadas. Sua luz é apenas uma ilusão. Elas vêem que as prudentes têm azeite; elas têm um vínculo real com o noivo. Então, elas pedem às prudentes que dêem um pouco de seu azeite. Mas as prudentes sabem que não podem dar azeite e encaminham as loucas aos vendedores de azeite.

Quando as loucas vão comprar azeite, vem o noivo. As prudentes que estão prontas vão com ele ao casamento. Então a porta é fechada. Quando as outras virgens voltam, elas querem entrar também. Não se fala mais em azeite. Elas só querem entrar e imploram ao noivo para abrir para elas. Mas é tarde demais para essas loucas. Elas deveriam estar prontas antes do noivo chegar.

As palavras com que o Senhor as rejeita mostram que não há conexão entre Ele e elas. Ele não as conhece. Ele não finge que não as conhece, ele realmente não as conhece. Elas nunca se renderam a Ele. Nunca houve amor por Ele em seus corações. Elas podem tê-lo achado interessante, mas nunca se curvaram diante dele.

O Senhor termina a parábola com um aviso para ficarmos vigilantes. Esse é o ponto desta parábola. Destina-se a induzir o prudente a manter os olhos abertos e não adormecer. Deve induzir o louco a se tornar prudente e a comprar azeite antes que seja tarde demais.

Mat 25:14-23 | Parábola dos Talentos

14 Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens, 15 e a um deu cinco talentos, e a outro, dois, e a outro, um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. 16 E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles e granjeou outros cinco talentos. 17 Da mesma

sorte, o que recebera dois granjeou também outros dois. 18 Mas o que recebera um foi, e cavou na terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor. 19 E, muito tempo depois, veio o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. 20 Então, aproximou-se o que recebera cinco talentos e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei com eles. 21 E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. 22 E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles ganhei outros dois talentos. 23 Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

Agora o Senhor adiciona outra parábola sobre o reino dos céus. O assunto aqui não é mais o estado da alma (como na parábola anterior), mas o serviço. Os bens confiados não são os dons, que Deus dá em Seus cuidados, como os bens terrenos. Não foram os bens, que o Senhor deu a Seus servos, quando se despediu, mas os dons que os capacitaram a trabalhar para Ele em Sua ausência.

Esta parábola é muito semelhante à das minas confiadas no Evangelho de Lucas (Luc 19:12-27). Mas elas mostram diferenças. Com Lucas, todos recebem uma única mina; aí se trata de responsabilidade, de zelo que nela se demonstra: quem ganhou dez minas ganha poder sobre dez cidades, e quem ganhou cinco minas, poder sobre cinco cidades. No entanto, aqui em Mateus, é sobre a soberania e sabedoria de Deus, segundo a qual cada pessoa recebe um número diferente de talentos. A recompensa para aqueles que demonstraram lealdade ao lidar com esses talentos é a mesma para todos aqui.

Cada um tem sua própria habilidade, um dom natural. Como resultado, todos são qualificados para o serviço para o qual devem ser usados. Mas um dom, chamado talento, também é necessário para o cumprimento do serviço designado pessoalmente. A fidelidade no serviço é tudo o que importa. O que distingue os fiéis dos infiéis é a confiança no Senhor.

O servo com os cinco talentos usou bem seus talentos e ganhou 100 por cento. Da mesma forma o servo com os dois talentos, que também foi capaz de ganhar 100 por cento. O servo com um talento também fez algo com

ele, mas algo diferente do que o mestre o instruiu a fazer: ele enterrou o dinheiro de seu mestre na terra e não quis fazer nada com ele. Então ele foi desobediente e indolente.

Depois de muito tempo, o Senhor volta. Esse “longo tempo” é necessário para testar a perseverança e a lealdade dos servos. O servo com os cinco talentos traz seu lucro e mostra tudo ao seu mestre. Ele honra o seu excelente serviço, com o qual o servo provou que é bom e leal: bom porque fez o bem, fiel porque cumpriu a ordem de seu senhor. Só foi pouco em que ele foi leal, embora talvez muito aos olhos dos outros. Devemos considerar de acordo com as riquezas do Senhor e não de acordo com o que os outros têm. A recompensa é que o Senhor o encarregará de “muito”. Ele encontra este muito na alegria de seu Senhor, na qual pode entrar.

O recebedor dos dois talentos também vai até seu mestre e traz seus ganhos com ele. Por ser tão bom e leal quanto o servo com os cinco talentos, ele recebe a mesma recompensa. Ambos os servos desfrutaram igualmente da alegria de seu senhor a quem serviram. Eles reconheceram seu verdadeiro caráter e podem desfrutar de sua grande alegria.

Mat 25:24-30 | O servo mau e negligente

24 Mas, chegando também o que recebera um talento disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; 25 e, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. 26 Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabes que ceifo onde não semei e ajunto onde não espalhei; 27 devias, então, ter dado o meu dinheiro aos banqueiros, e, quando eu viesse, receberia o que é meu com os juros. 28 Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem os dez talentos. 29 Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado. 30 Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes.

O contraste entre os dois primeiros servos e o servo mau e preguiçoso é grande. Este agora também vem ao seu senhor, mas seu relatório soa completamente diferente. Ele chama seu senhor de homem duro. Ele viu coisas nele e tirou conclusões totalmente inadequadas delas. Ele julgou seu Senhor da perspectiva de seu próprio comportamento desobediente e

preguiçoso. Então ele ficou com medo e desprezou o talento de seu mestre. Ele não tinha aplicação para ele, antes nem agora. Portanto, agora ele o traz de volta ao seu mestre, a fim de devolvê-lo para ele como algo sem valor ou mesmo desprezível.

O Senhor chama esse servo de mau e negligente. Ele é mau porque não fez o que seu senhor lhe disse para fazer. Ele é negligente porque não fez o menor esforço, mas colocou suas próprias preocupações acima das de seu senhor. O senhor lhe diz que se ele conhecia seu senhor tão bem, esse conhecimento o teria levado a uma ação sensata. Então ele não teria enterado o dinheiro no chão, mas levado ao banco e pelo menos recebido juros sobre ele. Mas pessoas más e negligentes tiram conclusões erradas, que por sua vez os levam a ações erradas.

Portanto, o senhor agora determina que o único talento desse servo mau deve ser dado àquele que tem os dez. O Senhor permite que ele fique com o lucro dos cinco talentos e agora ele ganha um adicional porque é melhor ficar com ele. O Senhor sempre age de acordo com esse princípio. Quem age fielmente com o que lhe foi confiado, recebe ainda mais, para que tenha o bastante. Mas se aquele que não tem nada, ser-lhe-á tirado o que ele pensa que tem; pois o que ele tem, ele possui injustamente. Não é sua propriedade, mas pertence a seu mestre, que lhe deu para usar corretamente.

Assim, o servo mau é lançado na escuridão total por causa de sua inadequação. Tão terrível é ser inútil. Talvez nos sentimos inúteis às vezes – mas não somos! Portanto, essa parábola nos incentiva a trabalhar com o que o Senhor nos deu. Se alguém acredita que recebeu “apenas” um talento, cuidado especial deve ser tomado para evitar o risco de ficar mau e negligente. O Senhor é totalmente soberano em dar Seus dons, e é o amor pelo Senhor que nos motiva a trabalhar para Ele com qualquer talento que Ele possa ter dado.

As trevas exteriores é o lugar mais distante de Deus. Deus é luz, Nele não há trevas nenhuma. Nas trevas mais profundas, o homem fica completamente entregue a si mesmo, sem um único raio de luz. Lá ele só pode chorar e ranger os dentes porque sua consciência o acusa de ter sido mau e negligente em sua vida. Essa necessidade de consciência o atormentará para sempre.

Mat 25:31-33 | O Filho do Homem em Seu Trono

31 E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória; 32 e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. 33 E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda.

Este verso segue a partir do capítulo 24, onde já foi anunciada a vinda do Filho do Homem com os seus anjos (Mat 24:31). Ele surge do céu, na terra em sua própria glória conquistada. Então, Ele conectará o céu e a terra, mas para isso a terra deve primeiro ser limpa do pecado e dos pecadores. Para isso, ele assume seu lugar no trono de sua glória em Jerusalém. O julgamento que Ele então exercerá foi delegado a Ele pelo Pai, porque Ele é o Filho do homem (Joã 5:27).

Diante deste trono de sua glória vê-se o resultado que trouxe a proclamação do reino, que os irmãos do Senhor pregaram – estes são os seus discípulos aqui durante o tempo da grande tribulação. Eles cumpriram a ordem do Senhor e foram a todos os povos para pregar o evangelho do reino (Mat 28:19). Agora ficará claro como os povos reagiram a isso.

Todos os povos serão agora reunidos diante dEle. Nenhum povo pode ficar longe daqui. Ele é a autoridade e juiz. Ele faz distinções claras porque Ele não é apenas um juiz, mas também pastor. Ele sabe quem está entre suas ovelhas, mas também quem é um dos bodes, ou seja, quem não é uma das ovelhas. Não se trata de indivíduos, mas de povos. Ele atribui seu lugar aos diferentes povos e, assim, deixa claro qual posição eles ocupam. Os povos se submetem sem contradição. Protestar não ocorre a eles.

Mat 25:34-40 | O julgamento das ovelhas

34 Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; 35 porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; 36 estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. 37 Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? 38 E, quando te vimos estrangeiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? 39 E, quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te?

40 E, respondendo o Rei, lhes dirá: *Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.*

Primeiro, o Senhor dirige sua palavra às ovelhas à sua direita. Ele as chama de “Benditos de meu Pai”. Isso deve soar muito agradável para eles, mas também surpreendente. Agora eles tem permissão para herdar o reino, que sem dúvida irá surpreendê-los. Eles ouvem que são herdeiros e recebem algo que foi preparado para eles desde a fundação do mundo. Esse sempre foi o propósito de Deus para a terra, Ele sempre o teve em mente. Quanto isso vai surpreender eles!

O Senhor agora também dá o motivo dessa bênção. Porque eles fizeram algo por ele. Todos os atos individuais que o Senhor enumera um após o outro têm a ver com sofrimento, miséria e solidão. Ele não resume em uma única palavra, que eles Lhe fizeram bem, mas enumera exatamente o que fizeram por ele. Como Criador, Ele fornece a todos comida, bebida e abrigo, até mesmo para as raposas e aves do céu (Mat 8:20). Como ser humano, entretanto, Ele se tornou dependente dos cuidados de outras pessoas.

Ele estava com fome e sede e era um estranho na terra. Mas essas ovelhas forneceram a Ele alimento e cobertura. Mesmo quando Ele estava nu e doente ou na prisão, eles o vestiam, o visitavam e cuidavam dele. Vestimentas e abrigo oferecem proteção, que Lhe deram quando estava indefeso. A doença e a prisão restringem a liberdade de uma pessoa, para andar e ficar onde quiser. Nessas restrições, as ovelhas iam até Ele.

A propósito, vemos aqui que o Senhor participou das consequências do pecado, que obviamente inclui a doença. Mesmo que ele próprio não estivesse doente, Ele se fez um com os doentes e sentiu a sua doença (cf. Mat 8:17). A doença não é pecado. Se Ele pode dizer que esteve doente assim como, que sofreu com fome e sede, então a doença não é algo que está incluído na salvação e, portanto, deve ser rejeitado. Temos que suportar as consequências do pecado e Ele nos ajuda.

As ovelhas, aqui chamadas de “benditos” por Ele, não se gabam de nenhuma dessas coisas. Pelo contrário. Eles perguntaram ao Senhor com espanto quando o viram com fome e sede e então Lhe deram de comer e beber. Eles não se lembram. Eles repetem todas essas bênçãos citadas pelo Senhor e não podem atestar a nenhum deles que as tivessem feito. Nem sabem que

alguma vez receberam o Senhor em hospitalidade em sua casa, ou que Ele estava nu e o vestiram. Nem conseguem se lembrar de alguma vez ter visto o Senhor doente ou na prisão para depois visitá-Lo.

O Senhor então explica para eles que Ele e Seus irmãos são um. Tudo o que eles fizeram ao menor de seus irmãos, eles fizeram para Ele. Em uma época de grande tribulação, Ele enviou Seus irmãos para pregar o evangelho do reino. Eles cumpriram essa tarefa – sob as mais severas provações e perseguições. Nestes tempos difíceis, estes povos acolheram os seus irmãos e deram-lhes tudo o que necessitavam. Com isso, mostraram-se dispostos a receber o próprio Senhor, que enviou os seus. Ao fazer isso, as ovelhas participaram das provações e tribulações dos servos do Senhor.

Como prova de apreço por Ele e pelo Pai, o Senhor lhes dá o reino como herança. É assim que sabemos o quanto Ele valoriza o seu trabalho; também quão grande é seu amor por seus servos fiéis enviados por ele. Vemos evidência disso no fato de que Ele julga as nações às quais a mensagem deveria ser pregada com base unicamente em como eles receberam seus servos, como se essa recepção tivesse sido para Ele mesmo.

Mat 25:41-46 | A sentença sobre os bodes

41 Então, dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos; 42 porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; 43 sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e estando enfermo e na prisão, não me visitastes. 44 Então, eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão e não te servimos? 45 Então, lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim. 46 E irão estes para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna.

É dito que os bodes estão à sua esquerda. Agora eles ouvirão um julgamento que é o mais oposto possível ao das ovelhas. Diz às ovelhas: “Vinde”, mas aos bodes: “Apartai-vos de mim”. Ele chama as ovelhas de “benditos de meu Pai”, os bodes de “malditos”. As ovelhas herdaram o reino, os bodes são enviados para o fogo eterno, que originalmente era destinado apenas

ao diabo e seus anjos. Mas eles terão a companhia de todos os que rejeitaram o Senhor Jesus, independente de que maneira Ele os tenha encontrado. Os bodes não perceberam a aflição dos mensageiros do Senhor porque desprezaram Ele mesmo. Portanto, eles não davam aos seus servos nada para comer ou beber quando estavam com fome e com sede. Nem viram as terríveis circunstâncias dos servos do Senhor. A compaixão era desconhecida para eles.

Como as ovelhas, agora eles também perguntam quando negaram o que era necessário e desejado. Eles não reconheceram o Senhor. As ovelhas também não tinham reconhecido, mas pelo amor do Senhor elas faziam bem aos irmãos. Portanto, o Senhor dá a ambos os grupos a resposta que corresponde ao seu comportamento. Seus servos, que foram enviados por Ele, são tão importantes para Ele que Ele considera tudo o que aconteceu para eles como sendo feito para Ele.

Os destinos finais para o comportamento na vida terrena são tão distantes um do outro que uma contradição maior é inconcebível: o castigo eterno ou a vida eterna. Nunca haverá uma convergência entre esses dois destinos. O fogo eterno é o castigo eterno para os povos que se uniram ao inimigo contra o Senhor e seus mensageiros. Mas os justos, que se levantaram por Deus, podem entrar no reino, que é chamado de "vida eterna" no verso 34.

Obviamente, isso não significa que entrar na vida eterna se baseia no mérito, em uma conquista. O Senhor Jesus diz em João 3 que uma pessoa só pode entrar no reino de Deus quando nascer de novo ou receber uma nova vida (Joã 3:3-5). Esta nova vida é então revelada na recepção dos irmãos do Senhor. Portanto, o Senhor Jesus pode apresentar aqui de forma que todo aquele que recebe os mensageiros do Senhor entre na vida eterna. Receber o embaixador é, portanto, equivalente a receber a mensagem. Por causa do momento especial em que isso acontece, também é homenageado de maneira especial pelo Senhor.

Mateus 26

Mat 26:1-2 | A traição anunciada

1 E aconteceu que, quando Jesus concluiu todos esses discursos, disse aos seus discípulos: 2 Bem sabeis que, daqui a dois dias, é a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.

Nos últimos dois capítulos, 24 e 25, o Senhor apresentou o objetivo final de toda ação de Deus com Seu povo na terra (tanto Israel quanto a cristandade) e com o mundo. Com isso, Ele concluiu tudo o que tinha para pregar. Até aí, sua missão, que Ele tinha que cumprir aqui na terra, estava concluída.

Agora ainda está à sua frente, que ele próprio se tornará a vítima. Nesta posição, ele se volta para seus discípulos novamente. Ele diz para eles, que eles sabem o que deve acontecer agora: eles conhecem o calendário judaico e, portanto, sabem que a Páscoa deve ser celebrada depois de dois dias.

É terça-feira quando o Senhor fala essas palavras. Portanto, ele celebrará a Páscoa com seus discípulos na quinta-feira à noite. Sem interromper, o Senhor acrescenta que eles também sabiam o que então lhe aconteceria, porque Ele lhes anunciou várias vezes (Mat 16:21; 17:22-23; 20:18-19). A Páscoa e sua entrega para ser crucificado formam uma unidade. No entanto, os discípulos não entenderam essa conexão entre a Páscoa e sua crucificação.

Quão simples são as palavras com que o Senhor anuncia os acontecimentos vindouros! O Senhor nos mostra o terrível pecado do homem ao crucificá-lo. O Senhor prediz este sofrimento, com a calma sublime daquele que veio justamente por causa disso. A Páscoa, todos os conselhos de Deus, seu Pai, bem como seu próprio amor, encontram seu cumprimento Nele mesmo. Ele fala de sua crucificação como algo que foi estabelecido há muito tempo, enquanto as deliberações dos judeus ocorrem apenas nos versos seguintes.

Mat 26:3-5 | O plano para matar o Senhor Jesus

3 Depois, os príncipes dos sacerdotes, e os escribas, e os anciãos do povo reuniram-se na sala do sumo sacerdote, o qual se chamava Caifás, 4 e consultaram-se

mutuamente para prenderem Jesus com dolo e o matarem. 5 Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja alvoroço entre o povo.

Os sumos sacerdotes e os anciãos do povo se reúnem no pátio do sumo sacerdote. Todos eles tinham a tarefa de conectar o povo com Deus e mantê-lo em contato, sendo o sumo sacerdote o representante máximo. Mas o lugar onde a maior reverência a Deus, e a mais elevada santidade para o povo, que virá diante de Deus, deveria ter sido respeitado, exatamente ali acontecem os piores planos que já foram negociados! O próprio Deus, que se revelou em bondade, querem tirá-lo do caminho!

Eles presumem que o Senhor vai apelar para o apoio do povo e, portanto, não querem prendê-Lo durante a festa, quando muitas pessoas se reúnem em Jerusalém nesta ocasião. Eles esperam isso, porque os ímpios não podem pensar além do que sua própria maldade lhes diz e, portanto, sempre esperam encontrar seus próprios padrões de comportamento maligno nos outros também. Mas seus planos malignos são apenas para cumprir o plano de Deus. Eles dizem: não durante a festa – mas Deus diz: exatamente na festa!

Mat 26:6-13 | O Senhor é ungido em Betânia

6 E, estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso, 7 aproximou-se dele uma mulher com um vaso de alabastro, com unguento de grande valor, e derramou-lho sobre a cabeça, quando ele estava assentado à mesa. 8 E os seus discípulos, vendo isso, indignaram-se, dizendo: Por que este desperdício? 9 Pois este unguento podia vender-se por grande preço e dar-se o dinheiro aos pobres. 10 Jesus, porém, conhecendo isso, disse-lhes: Por que afligis esta mulher? Pois praticou uma boa ação para comigo. 11 Porquanto sempre tendes convosco os pobres, mas a mim não me haveis de ter sempre. 12 Ora, derramando ela este unguento sobre o meu corpo, fê-lo preparando-me para o meu sepultamento. 13 Em verdade vos digo que, onde quer que este evangelho for pregado, em todo o mundo, também será referido o que ela fez para memória sua.

Pela última vez o Senhor está em Betânia, onde há um lugar de descanso e paz para Ele. É lá que vivem seus amigos, lá Ele é bem-vindo. Que bênção para esta casa onde – conforme Sua terrível morte se aproxima – o Salvador encontra um lugar de descanso final antes de se entregar para permitir

que tudo isso aconteça com ele. Simão, em cuja casa Ele vem, não é mais um leproso. Mas ele ainda é chamado assim como um lembrete de quem ele era no passado e que o Senhor fez com ele. Raabe, a meretriz, também é mencionada (Tia 2:25) e Rute, a moabita (Rut 4:5,10), a fim de manter viva a memória das condições anteriores.

Nesta casa, Deus oferece um doce consolo ao coração do Senhor antes que Ele sofra. Aqui está uma mulher que vem a Ele e derrama um bálsamo muito precioso em Sua cabeça. Certamente era mais um bálsamo para seu coração do que para seu corpo. Com este ato a mulher expressa o quanto ela compreendeu e aprecia em seu coração a sua preciosidade e graça.

Essa mulher sentiu necessidade de mostrar ao Salvador sua admiração, expressa no bálsamo precioso. Para ela, era exatamente o momento certo para isso. Neste ato toda a adoração de seu coração está para seu Senhor, cuja morte iminente ela bem entende. Enquanto o mundo religioso lá fora clama por Seu sangue, vem a esta casa para honrá-Lo. Para esse bálsamo precioso, ela teve que economizar e trabalhar por muito tempo. A verdadeira adoração é o resultado da ocupação com o Senhor Jesus e sua morte na cruz e com o que Ele fez por meio disso.

Os discípulos não a entendem. Eles até se ressentem do que ela fez por amor a seu Senhor e consideram isso um desperdício. Eles a exortam a prestar contas pelo uso supostamente irresponsável de seu dinheiro. O testemunho de seu amor e devoção traz à luz o egoísmo e a falta de coração dos outros. O coração de Judas é a causa dessa maldade, mas os outros discípulos caíram nessa armadilha porque não estão preocupados com Cristo. Aqui temos evidências tristes de que conhecer o Senhor Jesus não evoca automaticamente sentimentos e afeição apropriados em nossos corações.

Os discípulos também apontaram imediatamente um uso melhor para o bálsamo: ele poderia ter ajudado muitos pobres. Sem dúvida, é um bom trabalho ajudar os pobres. Mas não é uma coisa boa, aplicar algo que se destina ao Senhor Jesus para outro fim. Isso sempre será uma aplicação inferior, enquanto se desonra o Senhor. Podemos pensar que o tempo que dedicamos ao estudo da palavra de Deus é um tempo perdido que deveríamos dedicar melhor à pregação do evangelho ou a orientar nossos

semelhantes a se relacionar melhor com seus vizinhos e as pessoas ao seu redor.

O Senhor sabe como os discípulos falam uns com os outros sobre o ato da mulher (sabemos por outro evangelho que foi Maria). Ele a protege e justifica o que ela fez. Os discípulos a atormentam com suas críticas, mas o Senhor expressa seu reconhecimento e apreço. Quão diferente é o julgamento dos discípulos sobre este incidente, daquele do Senhor! O Senhor não diz que não é bom ajudar os pobres, mas que tudo tem seu tempo.

A mulher não tem conhecimento preciso das coisas que estão à frente do Senhor agora – ela não é uma profetisa. Mas porque seu coração está voltado para o Senhor Jesus, ela sente que a hora das trevas está próxima. A perfeição do Senhor desperta inimizade nos líderes do povo, mas amor na mulher. Desta forma, Ele coloca o verdadeiro caráter de cada pessoa em plena luz.

O ato da mulher tem para o Senhor não apenas um significado para o momento do evento, mas Ele dá a ele um significado muito mais abrangente. A unção foi feita visando seu sepultamento. Essa importância também será enfatizada repetidamente em todas as proclamações futuras do evangelho. O significado mais profundo é adoração, assim como o objetivo do evangelho é que as pessoas se tornem adoradores do Pai. É assim que essa mulher será lembrada em todos os momentos. Ela é o modelo de adoração.

Mat 26:14-16 | A traição de Judas

14 Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes 15 e disse: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E eles lhe pesaram trinta moedas de prata. 16 E, desde então, buscava oportunidade para o entregar.

Que contraste entre a mulher e Judas! Judas também estava presente na unção, viu tudo e se incomodou com isso. Ele ouviu o que o Senhor disse sobre a unção e sua repreensão. Mas ele não aplicou nada disso a si mesmo. Ele só pensa em dinheiro!

Chegou a hora de abandonar a comunhão com o Senhor. Ele, que era um dos doze, busca agora outra companhia: a dos inimigos do Senhor. E não porque ele se sintia mais em casa lá, mas porque há dinheiro para ser ganho

lá. Ele agora se oferece a esta sociedade, para entregar o Senhor Jesus para eles, e negocia com eles. É absolutamente surpreendente: um homem que há tanto tempo acompanha o Senhor, que tanto ouviu e viu dEle, usa o Senhor como objeto de negócio, para se enriquecer.

Para os sumos sacerdotes, essa foi uma oportunidade inesperada. Eles devem ter ficado surpresos ao ver que um dos discípulos do Senhor estava disposto a traí-Lo. Mas esse espanto provavelmente não terá durado muito, mas se transformou em uma alegria diabólica.

Eles chegam a um acordo e pagam o preço combinado. Eles têm certeza de que Judas não fugirá com o dinheiro, mas será seu fantoche no mau negócio. Uma vez de posse do dinheiro (não apenas no sentido de que ele possui o dinheiro, mas muito mais que o dinheiro o possui), Judas agora busca ativamente uma oportunidade de entregar o Senhor.

A quantia em dinheiro paga a ele foi predita por Zacarias (Zac 11:12-13). Era o preço de um escravo (Êxo 21:32). Do ponto de vista dos líderes do povo, isso era uma pechincha, era apenas o preço de um escravo. Do ponto de vista de Deus, porém, foi um preço maravilhoso, tratava-se de seu servo, o escolhido.

Mat 26:17-19 | Prepare-se para a Páscoa

17 E, no primeiro dia da Festa dos Pães Azmos, chegaram os discípulos junto de Jesus, dizendo: Onde queres que preparemos a comida da Páscoa? 18 E ele disse: Ide à cidade a um certo homem e dizei-lhe: O Mestre diz: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos. 19 E os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa.

Chegou o primeiro dia dos pães ázimos, quando toda a casa tinha que ser varrida e limpa de tudo o que segundo a lei podia contaminar alguém, para que a Páscoa pudesse ser celebrada. Isso mostra em figura como nossa vida deveria ser. Nossa vida deve ser sem fermento; não deve conter nenhum pecado que ainda não tenhamos confessado. Só então estaremos em comunhão com o Senhor e podemos participar da ceia. Porque a Páscoa é uma figura de Cristo morto por nós. Nós nos lembramos dele na Ceia do Senhor (1Cor 5:7).

Como judeus fiéis, os discípulos querem preparar tudo para a celebração da Páscoa. É bom ver que eles estão pedindo ao Senhor o lugar certo para fazer isso. Essa também deve ser nossa pergunta quando se trata de onde queremos festejar a ceia.

O Senhor dá suas instruções. Ele conhece um lugar onde celebrará a Páscoa com seus discípulos. Como Mestre, Ele tem o poder de dispor sobre este lugar, e os discípulos também devem comunicar isso ao dono da casa. O Senhor dirige tudo, inclusive o coração das pessoas. Ele sabe que sua hora chegou agora. Ele sabe que a Páscoa é uma figura de seu sofrimento e morte agora iminentes.

Os dois discípulos (cf. Luc 22:8) cumprem obedientemente a ordem do Senhor e preparam tudo para a Páscoa.

Mat 26:20-25 | A Páscoa

20 E, chegada a tarde, assentou-se à mesa com os doze. 21 E, enquanto eles comiam, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair. 22 E eles, entristecendo-se muito, começaram um por um a dizer-lhe: Porventura, sou eu, Senhor? 23 E ele, respondendo, disse: O que mete comigo a mão no prato, esse me há de trair. 24 Em verdade o Filho do Homem vai, como acerca dele está escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído! Bom seria para esse homem se não houvera nascido. 25 E, respondendo Judas, o que o traía, disse: Porventura, sou eu, Rabi? Ele disse: Tu o disseste.

À noite, o Senhor se junta a eles novamente com os outros dez discípulos e se deita à mesa com todos os doze discípulos; Judas também ainda está lá. A Páscoa é uma refeição para os discípulos, para os discípulos de seu Mestre, para os súditos do rei rejeitado.

Comer juntos é uma figura de comunhão. Nesta comunhão há um elemento que não faz parte – aquele um discípulo dos doze que entregará o Senhor. O Senhor não apenas mostra que sabe quem O trairá; Ele já sabia disso quando chamou Judas. Mas Ele diz: “Um de vós”. Foi isso que ocupava seu coração, e Ele queria que os outros também fossem afetados.

Então, os discípulos ficam todos muito tristes. Um por um, eles perguntam ao Senhor: “Porventura, sou eu, Senhor?” É bom ver, que nenhum deles pensa muito alto de si, para fazer isso. Ninguém diz: “Outro talvez, mas

eu não, Senhor!” O Senhor não responde a essa pergunta apontando Judas, mas com um gesto que deve mostrar quem O entregará. Com isso ele desperta sua visão espiritual.

O Senhor aqui apresenta dois lados que são encontrados em toda a Bíblia. Por um lado, Ele diz que, como Filho do homem, cumpre o que Deus ordenou, como está escrito sobre ele. Por outro lado, Ele atribui a responsabilidade total por esse ato ao homem, que se coloca à disposição do mal como um instrumento.

Ninguém sabe melhor do que o Senhor quão terrível é o feito que Judas está prestes a cometer. Como Seu Criador, Ele deu vida a Judas. Como homem dependente, Ele diz que, para Judas, seria melhor se nunca tivesse nascido. Deus dá vida ao homem e deixa ele decidir o que fazer com ela. Uma pessoa nunca será capaz de culpar a Deus de forma alguma pelos atos que ela mesma cometeu.

Quanto o coração de Judas está endurecido é demonstrado por sua reação. Ele também pergunta ao Senhor: “Porventura, sou eu, Rabi?” Mas ele não O chama de “Senhor”, mas de “Rabi”. A partir disso, podemos ver que ele nunca se curvou à autoridade de Jesus como Senhor. O Senhor confirma sua pergunta.

De acordo com o Evangelho de João, Judas sai da sala neste momento (João 13:30). Portanto, Judas não participou da ceia que o Senhor Jesus instituiu depois.

Mat 26:26-30 | A Instituição da Ceia do Senhor

26 Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. 27 E, tomando o cálice e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos. 28 Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados. 29 E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até àquele Dia em que o beba de novo convosco no Reino de meu Pai. 30 E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.

Enquanto eles ainda comem a Páscoa, o Senhor institui a ceia. Ele deseja que seus discípulos pensem em seu Salvador morto no passado. Não se trata mais de um Messias vivo – isso acabou. Nem precisaram pensar na

libertação de Israel da escravidão egípcia no passado. Com Cristo, e com um Cristo morto, uma ordem de coisas completamente nova começa.

O Senhor instituiu a ceia tomando o pão, não um pedaço do cordeiro pascal. O pão indica sua vida como pessoa na terra. Representa seu corpo, que Deus preparou para ele (Heb 10:5-7; Slm 40:6-8). Depois de tomar o pão, Ele louva não o pão, mas a Deus. Ele também precede seus discípulos no louvor a Deus. Em seguida, ele parte o pão, como um ato simbólico da entrega de seu corpo à morte, e assim o entrega aos seus discípulos. Somente Mateus menciona especificamente que Ele o dá aos “discípulos”. Mateus apresenta o Senhor Jesus como o Messias. Este precede como rei, e seus discípulos o seguem.

Mas eles só podem segui-Lo se eles se envolverem com um Messias morto. Vemos isso nas palavras ditas pelo Senhor depois. Ele os exorta a tomar e comer de seu corpo que foi dado à morte. Isso lhes dá uma participação em tudo o que Ele é. Eles não precisam olhar para a sua própria indignidade. Somente Mateus menciona que comendo, nutrindo-se espiritualmente Dele, eles se tornam participantes interiormente Dele e se conformam com Ele.

O cálice também é um símbolo do que vai acontecer com ele agora. Ele sabe o que este cálice significa para ele: ele derramará seu sangue. E ainda assim Ele agradece porque olha para o resultado: Ele derramará seu sangue “por muitos, para remissão dos pecados”. Esta frase indica que esse efeito se estende além de Israel. A nova aliança é feita apenas com Israel, assim como a antiga aliança apenas se referia a Israel (Heb 8:8). A base desta nova aliança é o sangue de Cristo. Mas a eficácia do sangue de Cristo se estende muito além de Israel. Os “muitos” que são perdoados de seus pecados por causa do sangue de Cristo incluem todos os homens de todas as idades que foram convertidos a Deus. Conseqüentemente, também se aplica a todos os que pertencem à igreja. É por isso que o convite do Senhor é: “Bebei dele todos”.

A Ceia do Senhor é a memória de um Jesus morto que, ao morrer, traçou uma linha sob o passado, lançou as bases para uma nova aliança, adquiriu o perdão dos pecados e abriu a porta para os gentios.

Todos podem beber do cálice, mas o próprio Senhor não bebe dele. Pois o cálice indica não só o seu sofrimento, mas também a sua alegria futura como resultado do seu trabalho. Em Mateus, esse resultado é o estabelecimento de seu reino em glória e majestade públicas. Este tempo ainda não chegou. Ele é rejeitado por seu povo e, portanto, separado deles no que diz respeito às bênçãos terrenas.

Mas seu povo pode esperá-lo; dias melhores virão, quando ele participará da alegria que conquistou para eles. Ele voltará e então beberá do fruto da videira com eles de uma nova maneira. Isso será “no reino de meu Pai”, que é a parte celestial desse reino.

Depois dessas promessas, eles encerram a refeição cantando o hino de louvor, que consiste nos Salmos 113-118. Então, quando já está escuro lá fora, eles vão para o Monte das Oliveiras.

Mat 26:31-35 | A negação de Pedro predita

31 Então, Jesus lhes disse: Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão. 32 Mas, depois de eu ressuscitar, irei adiante de vós para a Galiléia. 33 Mas Pedro, respondendo, disse-lhe: Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei. 34 Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás. 35 Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja necessário morrer contigo, não te negarei. E todos os discípulos disseram o mesmo.

O Senhor conhece seus discípulos, tanto seus desejos quanto suas fraquezas. Eles O amam, mas são incapazes de segui-Lo no caminho para a cruz. Nessa noite, quando Ele for capturado, eles fugirão Dele. Eles não podem suportar a resistência com Ele. Na hora da prova, eles mostram como são fracos. Isso é exatamente o que o Senhor predisse para eles; Ele até tinha escrito em sua palavra. Agora eles fogem, não para que as escrituras se cumpram, mas porque estão com medo. Ao mesmo tempo, fica claro que o Senhor os conhece, como sua palavra testifica.

Mas o Senhor também testifica que Ele reunirá as ovelhas dispersas novamente e irá adiante delas para a Galiléia (Mat 28:7,16). Isso acontecerá depois de sua ressurreição, quando ele tiver terminado toda a sua obra,

da qual eles não podem fazer parte. Sua morte não é o fim, assim como a infidelidade dos discípulos não é o fim.

Pedro testifica francamente que não acredita no Senhor. A razão para isso é simplesmente que ele não conhece a si mesmo. Sincero, mas sem autoconhecimento, ele jura lealdade absoluta ao Senhor. Ele confia em permanecer firme em sua própria força independente do Senhor. Mas o oposto é o caso: nós só permanecemos firmes se não confiarmos em nós mesmos, mas somente Nele.

Portanto, o Senhor deve corrigi-lo. Ele prediz a Pedro que o negará três vezes e até lhe dá um sinal: assim que Pedro o negar, o galo cantará. Pedro mantém sua autoconfiança. Ele duvida que o Senhor está certo e continua a acreditar em sua própria fidelidade, como todos os outros discípulos que concordam com ele. O Senhor não vai mais aprofundar nisso agora.

Mat 26:36-46 | Getsêmani

36 Então, chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar. 37 E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. 38 Então, lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e vigiai comigo. 39 E, indo um pouco adiante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. 40 E, voltando para os seus discípulos, achou-os adormecidos; e disse a Pedro: Então, nem uma hora pudeste vigiar comigo? 41 Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca. 42 E, indo segunda vez, orou, dizendo: Meu Pai, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade. 43 E, voltando, achou-os outra vez adormecidos, porque os seus olhos estavam carregados. 44 E, deixando-os de novo, foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras. 45 Então, chegou junto dos seus discípulos e disse-lhes: Dormi, agora, e repousai; eis que é chegada a hora, e o Filho do Homem será entregue nas mãos dos pecadores. 46 Levantai-vos, partamos; eis que é chegado o que me trai.

O lugar para o qual o Senhor está indo agora é explicitamente denominado – Getsêmani, que significa: prensa [ou lagar] de azeite. O Senhor mostra a

seus discípulos um lugar para se sentar. Eles têm permissão para descansar enquanto Ele mesmo segue, travando a luta de oração mais difícil de sua vida.

Ele leva três de seus discípulos consigo para o jardim: Pedro, o discípulo que com frequência se destaca, e os dois filhos de Zebedeu, que são João e Tiago. Os dois últimos não são citados pelo nome, mas referidos como “os dois filhos de Zebedeu”. Também no capítulo 20 eles não são mencionados por seus nomes para enfatizar suas origens ali (Mat 20:20). De acordo com suas origens, eles pedem ali coisas que não são devidas a eles, e agora se verá em um momento que, novamente de acordo com suas origens, eles não conseguem vigiar com o Senhor.

À medida que segue em frente, o Senhor vê, o que está à sua frente, e isso O entristece e assusta. Ele compartilha sua dor com eles, não seu medo, e apela para sua compaixão. Ele pede que vigiem com Ele no lugar onde agora chegaram.

Ele também deixa os três discípulos para trás, dá os últimos passos sozinho e depois cai com o rosto em terra. Ele agora vê todo o horror da cruz diante dele. O que acontece aqui é descrito em Hebreus 5 (Heb 5:7). Ele ainda não tem que beber o cálice que agora está concretamente diante de seus olhos, mas apenas na cruz, quando Ele for feito pecado por nós e Deus o abandonar, o que Ele sentia no fundo de sua alma.

Entrar em contato com o pecado não poderia ser seu desejo, mas era horrível para sua alma. Visto que Ele mesmo é tão perfeito, Ele pede ao Pai que deixe este cálice terrível passar dEle. Mas sua submissão à vontade do Pai é tão perfeita. Se devíamos ser salvos, se Deus devia ser glorificado, nAquele que fez sua, a nossa causa, então este cálice não poderia passar por Ele.

Depois dessa oração, o Senhor se levanta e vai até aqueles a quem pediu que vigiassem com ele. Mas eles haviam adormecido. A oração do Senhor não durou tanto tempo! Mas eles não têm ideia da seriedade do que estava reservado para o Senhor. Eles têm suas próprias idéias sobre tudo, sobre o Senhor. O Senhor, com muito tato, lembra a Pedro de sua autoconfiança e lhe apresenta a sua fraqueza. Mas Pedro está muito ocupado consigo mesmo para aproveitar esta oportunidade. Ele desperta de seu sono, mas

sua autoconfiança ainda não foi abalada. Será necessária uma experiência ainda mais angustiante para curá-lo disso.

Enquanto a alma do Senhor está tão preocupada com a abominação dos pecados que serão suportados por Ele e com o horror do julgamento divino sobre eles, Ele, entretanto, pensa ao mesmo tempo no bem-estar de Seus discípulos. Ele os encoraja a vigiar e orar com respeito a si mesmos. Ele nem mesmo pede que eles pensem mais nele. Claro, Ele sabe muito bem que eles não têm más intenções – suas mentes estão dispostas. Mas eles aprenderam tão pouco o quanto a carne é fraca.

Só podemos olhar para o Senhor aqui com profunda admiração. Ele vê e prova de antemão o cálice que agora deve beber, e vemos como Ele apresenta o temor a seu Pai. Vemos como Ele fala a seus discípulos em perfeita calma, apenas para retornar depois à mesma terrível batalha espiritual que tanto assusta sua alma.

O fato de o Senhor orar mais uma vez é novamente evidência de Sua perfeição e total repugnância ao pecado. Ele não está procurando uma saída para não ter que beber o cálice, mas se submete à vontade de Deus. Tampouco busca a aprovação do Pai, como se não soubesse qual é sua vontade. Nem é sua preocupação pedir que sua missão seja encerrada. Como Homem, ele está simplesmente procurando o apoio total de seu Pai.

Mais uma vez, ele se levanta da oração e vai até seus discípulos, que por sua vez encontra dormindo. Eles são incapazes de vigiar com ele. Desta vez, o Senhor não os acorda, mas deixa. Sua dependência de Deus é perfeita. Então, novamente, pela terceira vez, Ele vai orar. Mesmo agora, ele não está procurando palavras novas, mas mais uma vez coloca todo o peso do que o espera diante do Pai.

Depois de travar a batalha assim, Ele está em completa paz. Ele vai até seus discípulos e diz que eles não precisam mais vigiar, mas podem continuar a dormir. Ele ignora tudo o que está por vir e segue em sua direção com total calma. Ele está pronto para aceitar a grande obra da qual todos os detalhes são perfeitamente conhecidos por Ele. O primeiro passo é iminente. Não é surpresa para Ele que neste momento venha Judas, a quem chama sugestivamente de “o que me trai”.

Mat 26:47-50 | Judas entrega o Senhor Jesus

47 E, estando ele ainda a falar, eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele, grande multidão com espadas e porretes, vinda da parte dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos do povo. 48 E o traidor tinha-lhes dado um sinal, dizendo: O que eu beijar é esse; prendei-o. 49 E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Eu te saúdo, Rabi. E beijou-o. 50 Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste? Então, aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus e o prenderam.

Judas está tão perto que aparece em cena enquanto o Senhor ainda está falando. Com sua chegada, ele interrompe, por assim dizer, o ensino do Senhor a seus discípulos. Mas o Senhor está pronto agora. Judas é especificamente citado “um dos doze”. É uma dor especial para o Senhor, ele pertencer ao grupo que o Senhor reuniu pessoalmente à sua volta e que O vivenciaram tão de perto.

Judas não vem sozinho, mas à frente de uma grande tropa armada com espadas e porretes, que tantas vezes ouviu o Senhor, ficou maravilhado com suas palavras e experimentou suas bênçãos. Agora, todos eles estão vindo porque os principais sacerdotes e os anciãos os trouxeram para cá. A multidão se deixa controlar tão fácil.

Judas, que agora também é dito “o traidor”, deu-lhes um sinal para que soubessem quem prender. Seria possível que depois de tanto tempo lidando com Ele, eles se enganassem sobre Ele? Mas agora estava escuro e o Senhor não era particularmente notável em sua aparência externa. E os outros discípulos eram homens de sua idade.

O sinal acordado é a coisa mais dolorosa que alguém poderia ter imaginado. Judas quer usar um beijo, o sinal do amor, para trair o Senhor. Nada pode detê-lo agora. Ele completa sua obra perversa e hipócrita como traidor. Ele até beija o Senhor com ternura! Quão endurecido deve ter sido o traidor, completamente dominado por Satanás!

A reação do Senhor, como toda a sua aparência neste incidente, tem um peso especial. Ele não se opõe a Judas com repreensões ou violência, mas se dirige a ele pela última vez com amor divino, chamando-o de “amigo” e fazendo-lhe a pergunta reveladora: “Amigo, a que vieste?” Ele oferece a Judas uma última chance de tomar consciência.

A multidão agora dá um passo à frente, põe as mãos sobre o Senhor e o segura com força, como se quisesse impedir sua fuga. Que atos absurdos as pessoas cometem quando estão cegas para a glória de Cristo! É Ele quem lhes dá a força para realizar suas maldades! Ele também dá a esses captores a força para prendê-lo.

Mat 26:51-56 | O Senhor se entrega

51 E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha. 52 Então, Jesus disse-lhe: Mete no seu lugar a tua espada, porque todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão. 53 Ou pensas tu que eu não poderia, agora, orar a meu Pai e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos? 54 Como, pois, se cumpririam as Escrituras, que dizem que assim convém que aconteça? 55 Então, disse Jesus à multidão: Saístes, como para um salteador, com espadas e porretes, para me prender? Todos os dias me assentava junto de vós, ensinando no templo, e não me prendestes. 56 Mas tudo isso aconteceu para que se cumpram as Escrituras dos profetas. Então, todos os discípulos, deixando-o, fugiram.

Um dos discípulos quer defender seu Senhor. Ele também ainda não entendeu quem é o Senhor – como se Ele não tivesse sido capaz de se defender. Portanto, este discípulo na verdade não fornece nenhuma ajuda, mas causa danos ao ferir um dos adversários, o servo do sumo sacerdote. O fato de o sumo sacerdote ter um servo significa que o sumo sacerdote se permite ser servido por alguém a quem ele submeteu. Não era função do sumo sacerdote servir aos outros? Mas o sumo sacerdote havia levado seu servo consigo para ajudá-lo nessa empreitada perversa de prender o Filho de Deus.

Mateus não relata que o Senhor cura a orelha desse servo, apenas que corrige seu discípulo. A espada não deve ser desembainhada, mas deve permanecer em sua bainha. Quem usa a espada perecerá por ela (Apo 13:10). No tempo presente, o sofrimento deve ser suportado; esse é o caminho do Pai. O Senhor poderia ter pedido ao Pai que enviasse anjos para Ele. Os anjos estavam prontos, a um sinal do Pai, para executar o julgamento sobre todos os que haviam agredido o Filho. Eles [os anjos] devem ter prendido a respiração ao ver esse espetáculo em que seu Criador foi capturado por

criaturas vãs! No entanto, agora não era o momento de julgar o mal, mas de cumprir as escrituras.

Depois de se dirigir ao traidor Judas e seus discípulos errantes, o Senhor agora se dirige à multidão. Ele lhes faz uma pergunta que deve mexer com sua consciência: Por que eles vieram prendê-lo como se fosse um ladrão? Ele roubou algo deles? Ele não deu o tempo todo? E por que eles vêm com espadas e paus? Eles já o viram lutar? O comportamento dele alguma vez os assustou? Ele não foi sempre bom e amoroso com eles? E por que eles estão vindo agora? Ele tinha estado com eles todos os dias no templo e eles tinham ouvido e gostado de seus ensinamentos. Então, Ele quer sacudi-los e torná-los conscientes do plano horrível que eles se deixaram seduzir.

O próprio Senhor dá a explicação de suas ações sem diminuir de forma alguma sua responsabilidade. Com tudo isso acontecendo, Ele prova ser o mestre perfeito e soberano da situação. Ele não fica surpreso com nada porque tem as escrituras como um guia. Se conhecermos as escrituras e deixarmos que elas nos guiem, haverá menos coisas em nossa vida que nos tiram do eixo. Por meio das Escrituras, aprendemos que Deus está acima de tudo e que nada escapa de suas mãos. Em todas as circunstâncias da vida, podemos confiar nEle (Rom 15:4).

Mas os discípulos não podem mais suportar esta situação. A ameaça avassaladora os faz fugir. Então, eles deixam o Senhor só, e o abandonam.

Mat 26:57-61 | Acusado por muitas testemunhas falsas

57 E os que prenderam Jesus o conduziram à casa do sumo sacerdote Caifás, onde os escribas e os anciãos estavam reunidos. 58 E Pedro o seguiu de longe até ao pátio do sumo sacerdote e, entrando, assentou-se entre os criados, para ver o fim. 59 Ora, os príncipes dos sacerdotes, e os anciãos, e todo o conselho buscavam falso testemunho contra Jesus, para poderem dar-lhe a morte, 60 e não o achavam, apesar de se apresentarem muitas testemunhas falsas, mas, por fim, chegaram duas 61 e disseram: Este disse: Eu posso derribar o templo de Deus e reedificá-lo em três dias.

Os captores que aprisionaram o Senhor acreditam que O têm nas mãos e podem fazer com Ele o que quiserem. Mas o Senhor se deixa levar como um cordeiro que é levado ao matadouro (Isa 53:7). Eles o levam ao sumo

sacerdote Caifás, onde os escribas e os anciãos também estão reunidos. Então eles decidiram que Ele deveria ser levado perante eles para julgamento. O Filho de Deus seria julgado e condenado por essas pessoas, com o resultado sendo certo de antemão.

Pedro, que fugiu como todos os outros discípulos, agora quer acompanhar de perto o que acontecerá com o Senhor a seguir. Curioso, mas também cheio de amor por seu mestre, ele o segue, embora com grande distância. Sua queda já está indicada aqui. Se não estivermos perto do Senhor, nossa queda está próxima.

Após este breve olhar para Pedro, Mateus nos leva de volta ao julgamento do Senhor. A lei nunca foi tão pisoteada como no julgamento contra o Senhor Jesus. Quando vemos como os “juízes” vão em busca de falsas testemunhas! Não estamos lidando com pessoas que deixam de julgar uma acusação adequadamente ou que são induzidas a erro, mas com pessoas que buscam voluntariamente testemunhas falsas – eles são muito depravados. Que caso começou com os juízes procurando ansiosamente por mentirosos para condenar o acusado? Mas aqui é assim, e o Senhor Jesus está em silêncio. O testemunho das Escrituras sobre isso é breve: Eles não encontraram nenhuma testemunha.

E ao fazer isso, eles não mediram esforços para provar o Senhor, dando falso testemunho, pois deram muitos falsos testemunhos. Todas essas falsas testemunhas não são nomeadas, mas Deus conhece todas elas. Que responsabilidade eles assumiram de testemunhar erroneamente contra o Senhor Jesus! Não eram pessoas ignorantes, mas sim aqueles que distorciam os fatos para dar a falsos juízes bases de condenação. O que eles dizem não precisa ser verdade, apenas tem que soar aceitável. Mas nada foi encontrado.

No final, aparecem duas testemunhas que dizem o que o Senhor quase disse de fato (João 2:19). Eles simplesmente não citam o Senhor corretamente e nem mesmo entendem o que o Senhor disse. Eles afirmam que Ele estava falando sobre a construção do templo quando na verdade estava falando sobre seu corpo. Este era realmente o templo de Deus no verdadeiro significado da palavra. A plenitude da Divindade viveu e ainda vive corporalmente Nele (Col 1:19; 2:9).

Mat 26:62-68 | Condenou o testemunho da verdade

62 E, levantando-se o sumo sacerdote, disse-lhe: Não respondes coisa alguma ao que estes depõem contra ti? 63 E Jesus, porém, guardava silêncio. E, insistindo o sumo sacerdote, disse-lhe: Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. 64 Disse-lhes Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. 65 Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou; para que precisamos ainda de testemunhas? Eis que bem ouvistes, agora, a sua blasfêmia. 66 Que vos parece? E eles, respondendo, disseram: É réu de morte. 67 Então, cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, 68 dizendo: Profetiza-nos, Cristo, quem é o que te bateu?

O Senhor tem se calado diante de todas as acusações falsas, de modo que o sumo sacerdote não tem nada em mãos e agora quer forçar o Senhor a fazer uma declaração. Mas o Senhor não se deixa forçar e, como sempre, está totalmente no controle da situação. Portanto, o sumo sacerdote se refugia em um juramento e faz um juramento ao Deus vivo. Este homem é tão cego e tão distante de Deus que não entende que o Deus vivo está diante dele! Ele agora quer que o Senhor lhe diga se Ele é o Cristo, o Filho de Deus. Se Ele confessasse isso, eles teriam evidências de blasfêmia e, portanto, um motivo para condená-lo.

Agora o Senhor abre Sua boca para falar a verdade sobre si mesmo. Ele professa a glória de si mesmo como o Filho de Deus. Ao mesmo tempo, Ele acrescenta que a partir de agora eles não O veriam mais como o Filho do Homem na mansidão daquele que não quebra a cana trilhada (Isa 42:3), mas como alguém que se senta à direita do poder e que vem com as nuvens do céu. Com isso, Ele indica a posição gloriosa que ocupará no céu, conforme descrito pelo Salmo 110 (Slm 110:1), bem como seu majestoso retorno do céu à terra, de que fala Daniel 7 (Dan 7:13).

Isso é o que o sumo sacerdote queria ouvir. Ele rasga hipocritamente suas vestes como se tivesse ouvido algo terrivelmente mau que o mergulhou em profunda tristeza. Ele anuncia seu julgamento e pede aprovação. Os escribas e anciãos os dão imediatamente e condenam o Senhor à morte.

Portanto, o Senhor é condenado com base na verdade, no testemunho de sua própria pessoa.

Como se eles não tivessem degradado sua dignidade o suficiente, esses grandes senhores continuam a se degradar até o limite. À sua desavergonhada condenação do justo, eles acrescentam o mais grosseiro insulto que pode ser feito a uma pessoa. O sumo sacerdote não intervém; ele parece gostar, talvez ele mesmo tenha participado.

O Senhor não foi poupado de nenhuma humilhação. Eles não apenas infligiram dor física nele, mas também afligiram sua alma por meio de suas perguntas. Eles zombeteiramente o chamam de profeta, e por pura zombaria eles O chamam de “Cristo”. Eles O desafiam a dizer quem O bateu. Ele responderá a essa pergunta um dia – para grande consternação deles, quando tiverem que comparecer diante Dele no grande trono branco.

Mat 26:69-75 | Pedro nega o Senhor

69 Ora, Pedro estava assentado fora, no pátio; e, aproximando-se dele uma criada, disse: Tu também estavas com Jesus, o galileu. 70 Mas ele negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes. 71 E, saindo para o vestibulo, outra criada o viu e disse aos que ali estavam: Este também estava com Jesus, o Nazareno. 72 E ele negou outra vez, com juramento: Não conheço tal homem. 73 E, logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente, também tu és deles, pois a tua fala te denuncia. 74 Então, começou ele a praguejar e a jurar, dizendo: Não conheço esse homem. E imediatamente o galo cantou. 75 E lembrou-se Pedro das palavras de Jesus, que lhe dissera: Antes que o galo cante, três vezes me negarás. E, saindo dali, chorou amargamente.

Pedro, seguindo o Senhor de longe, agora chega ao pátio do sumo sacerdote e toma seu lugar ali entre os inimigos do Senhor que se aquecem na fogueira. Lá ele acredita que pode passar despercebido para observar o que está acontecendo com seu mestre. Agora uma criada se aproxima dele e o reconhece como alguém que estava com “Jesus, o Galileu”. O que deve ter acontecido com Pedro naquele momento em que a criada lhe disse isso! Ele queria permanecer anônimo e esperava que ninguém o reconhecesse no escuro! Agora ele precisa se revelar, mesmo que a criada não tenha perguntado nada, apenas declarou um fato.

Agora, o grande apóstolo, o primeiro dos doze, busca uma fuga. Ele finge não saber do que a criada está falando. Na verdade, isso é uma negação, pois ele nega pertencer ao Senhor Jesus. Todos os presentes o ouvem proferir essa negação.

Como o chão sob seus pés ficou muito quente para ele aqui, Pedro se afasta desse lugar e vai para o saguão de entrada. Mas ali também o reconhece uma mulher, que afirma que ele estava com “Jesus o Nazareno”. No primeiro caso, Pedro foi abordado pessoalmente; aqui agora a mulher dirige seu testemunho a todos os presentes. Novamente Pedro nega conhecer o Senhor, mas desta vez sua negação é mais forte: ele jura não conhecer o Senhor. Ele também O chama de “homem” como se o Senhor não fosse muito mais do que um homem. Mas Pedro ainda não atingiu o ponto baixo de sua negação. Sua queda deve ser completa, assim como o Senhor predisse. Pedro não está em um momento de fraqueza aqui, mas em uma situação em que deliberadamente se colocou. E o Senhor usa essa hora para mostrar a Pedro o que está dentro dele e que ele de forma alguma é melhor do que os outros discípulos. Pela terceira vez, sua ligação ao Senhor Jesus é reconhecida, desta vez por todo um grupo. Eles vem até ele e confirmam a declaração da mulher. Além disso, essas pessoas reconhecem Pedro não apenas por sua aparência, mas também por seu dialeto, que Pedro não consegue esconder e através do qual ele se trai.

Agora, a queda de Pedro atinge seu clímax. Com palavras ainda mais fortes, e até mesmo praguejando, ele repete suas afirmações anteriores e declara com um juramento que não conhece “este homem”.

Imediatamente após essa terceira negação, o galo canta, como o Senhor predisse. Pedro agora se lembra da palavra do Senhor, que agora o atinge profundamente em sua consciência e o convence de seu pecado. Abalado por essa culpa, ele sai e chora amargamente. Este é o resultado da obra do Senhor Jesus como intercessor junto ao Pai (1João 2:1). O Senhor já havia orado por ele para que sua fé não cessasse (Luc 22:32). É por isso que Pedro sai para chorar amargamente – não para se enforcar como Judas (Mat 27:5). Suas lágrimas não enxugam sua culpa, mas provam a retidão de seu coração e testificam da impotência da qual mesmo um coração justo não pode nos curar. Somente uma conexão íntima com o Senhor Jesus, a fé em sua palavra e a rejeição de toda autoconfiança podem nos salvar da queda.

Também pode acontecer comigo que eu negue o Senhor tratando-o praticamente apenas como um “homem”. Se estou apenas enfatizando minha própria visão das coisas sobre um determinado assunto porque não tenho coragem de falar o que o Senhor diz sobre isso em Sua Palavra, então O estou negando; então Ele não é mais para mim do que um “homem”, isto é, não mais importante do que eu. Na verdade, eu então o humilho e não lhe dou os direitos que ele tem sobre a minha vida, como Senhor. Isso é exatamente o que o Senhor quer me alertar em Sua graça. Eu tenho que admitir isso. A restauração pode ocorrer então.

Mateus 27

Mat 27:1-2 | Entregue a Pilatos

1 E, chegando a manhã, todos os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo formavam juntamente conselho contra Jesus, para o matarem. 2 E, manietando-o, o levaram e o entregaram ao governador Pôncio Pilatos.

Durante toda a noite, o Senhor Jesus foi interrogado e ridicularizado pelos líderes religiosos dos judeus, aos quais Ele veio para libertar de seus pecados. Mas eles não o queriam. Além disso também foi traído por Judas, abandonado por seus discípulos e negado por Pedro. Quão solitário o Senhor tem estado em tudo o que veio sobre Ele! E que tratamento vergonhoso e humilhante ainda estava por vir! Mas ele sabia que havia alguém que não o abandonou. Mesmo assim, Ele sabia que se fosse pendurado na cruz, Deus acabaria por abandoná-lo também. Mas Ele aceitou este cálice e o esvaziaria até a última gota.

Os sumos sacerdotes e anciãos decidem cuidadosamente contra Jesus e resolvem matá-lo. Suas reflexões são o resultado de sua superestimação de si mesmo. O ego dos homens religiosos deve finalmente chegar à conclusão, de que o Senhor Jesus, o Filho de Deus, deve ser morto. Mas, como eles não têm permissão para cumprir a sentença de morte, eles entregam o Senhor Jesus ao governador Pôncio Pilatos. Eles provavelmente o teriam matado, mas temiam muito a reação do povo. Por isso, buscam o apoio da autoridade romana para que tudo pareça uma condenação legítima. Para o entregarem a Pilatos, eles colocaram algemas no Deus Todo-Poderoso, que sempre estivera entre eles para abençoar, e assim o conduziram para fora da casa do sumo sacerdote. O Senhor não resiste.

Mat 27:3-10 | A morte de Judas

3 Então, Judas, o que o traíra, vendo que fora condenado, trouxe, arrependido, as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos, 4 dizendo: Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, disseram: Que nos importa? Isso é contigo. 5 E ele, atirando para o templo as moedas de prata, retirou-se e

foi-se enforçar. 6 E os príncipes dos sacerdotes, tomando as moedas de prata, disseram: Não é lícito metê-las no cofre das ofertas, porque são preço de sangue. 7 E, tendo deliberado em conselho, compraram com elas o campo de um oleiro, para sepultura dos estrangeiros. 8 Por isso, foi chamado aquele campo, até ao dia de hoje, Campo de Sangue. 9 Então, se realizou o que vaticinara o profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço do que foi avaliado, que certos filhos de Israel avaliaram. 10 E deram-nas pelo campo do oleiro, segundo o que o Senhor determinou.

Judas também acompanhou esse “processo”. Quando ele agora vê que o Senhor está sendo condenado, ele quer se retirar do complô. Ele nada fez durante o interrogatório e o abuso. Talvez ele esperasse que o Senhor milagrosamente se livrasse de seus inimigos. Mas Judas estava totalmente cego para a pessoa do Senhor e a obra que Ele estava prestes a fazer. O dinheiro o dominou completamente. Todas as suas considerações, portanto, não poderiam produzir nada de útil. Mesmo sua confissão não é um arrependimento por sua má ação, mas apenas pelo curso dos acontecimentos, que ele não esperava.

Ele sabe que o Senhor é inocente. Sua consciência, enganada por Satanás, não o impede de atestar a inocência do Senhor. O endurecimento dos sumos sacerdotes e anciãos é possivelmente ainda pior do que o de Judas. Judas percebe que entregou sangue inocente, mas os líderes do povo são inescrupulosos, homens completamente insensíveis. Eles querem se livrar do Senhor, a qualquer que seja o sacrifício em dinheiro ou pessoas que isso possa lhes custar.

Após esta revelação da insensibilidade dos líderes, Judas mergulha em desespero total. O que parecia ter ganho com sua traição, ele agora joga de volta no templo como algo sem valor para ele. Então, completamente seduzido e oprimido pelo diabo, ele também se descontrola, vai embora e se enforca. Mas isso não dá a sua consciência atormentada qualquer redenção. Na eternidade ele será atormentado nas dores do inferno (Joã 17:2; Mat 18:8-9).

Então os sumos sacerdotes conseguiram a prata de volta em suas mãos. Nesta ocasião, sua hipocrisia é totalmente revelada: o dinheiro que eles próprios gastaram para a traição, eles agora consideram como preço de

sangue. Isso também mostra como eles são cegos. Eles mesmos são a razão pela qual esse é preço de sangue! Assim eles se auto condenam. Então eles julgam e agora discutem o que fazer com esse dinheiro. Seu objetivo é livrar-se do Filho de Deus e manter suas mãos limpas. Como sempre, Deus está acima de tudo e usa o resultado de suas deliberações como um testemunho contra eles. Ao comprar o campo, eles criam um memorial permanente de seu próprio pecado e do sangue que derramaram. Com o assassinato do Filho de Deus, o mundo se tornou um campo de sangue.

O plano de comprar o campo do oleiro com as moedas de prata, também foi predito por Deus em Sua Palavra. A citação é de Zacarias 11 (Zac 11:12-13). O fato de que o texto diz “Jeremias” poderia ser uma inserção posterior; possivelmente apenas “o profeta” originalmente estava escrito lá.

Mat 27:11-14 | O interrogatório de Pilatos

11 E foi Jesus apresentado ao governador, e o governador o interrogou, dizendo: És tu o Rei dos judeus? E disse-lhe Jesus: Tu o dizes. 12 E, sendo acusado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu. 13 Disse-lhe, então, Pilatos: Não ouves quanto testificam contra ti? 14 E nem uma palavra lhe respondeu, de sorte que o governador estava muito maravilhado.

Agora o Senhor Jesus está diante do governador, o representante do poder do estado romano, ao qual Israel está sujeito por causa de sua infidelidade. Que humilhação para ele ser questionado por este homem! Ele, o juiz de toda a terra, está sendo interrogado por uma autoridade corrupta! Pilatos pergunta se ele é o rei dos judeus. Essa é a questão crucial para ele, não se Ele é o Filho de Deus. Porque esta é novamente uma pergunta sobre sua pessoa, o Senhor responde (cf. Mat 26:63-64).

Enquanto o Senhor está diante de Pilatos, os principais sacerdotes e os anciãos fazem o possível para convencê-lo da culpa do Senhor Jesus. Eles buscam incansavelmente fazer avançar o julgamento do Senhor, não apenas para a prisão, mas para a pena de morte. O Senhor não responde a essas acusações de forma alguma. Pilatos acha estranho que o Senhor não reaja a tudo o que é levantado contra ele. Ele não é surdo, não é? Mas mesmo o próprio Pilatos não obteve uma resposta do Senhor, como se Ele

fosse surdo. Pilatos nunca teve um prisioneiro assim diante de si. Ele está muito surpreso com a atitude do Senhor.

Mat 27:15-21 | A escolha: Jesus ou Barrabás

15 Ora, por ocasião da festa, costumava o governador soltar um preso, escolhendo o povo aquele que quisesse. 16 E tinham, então, um preso bem conhecido, chamado Barrabás. 17 Portanto, estando eles reunidos, disse-lhes Pilatos: Qual quereis que vos solte? Barrabás ou Jesus, chamado Cristo? 18 Porque sabia que por inveja o haviam entregado. 19 E, estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer: Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele. 20 Mas os príncipes dos sacerdotes e os anciãos persuadiram à multidão que pedisse Barrabás e matasse Jesus. 21 E, respondendo o governador, disse-lhes: Qual desses dois quereis vós que eu solte? E eles disseram: Barrabás.

O governador busca uma maneira de libertar o Senhor. Então ele se lembra de seu hábito de libertar um prisioneiro da escolha do povo por ocasião de uma festa. Com a Páscoa iminente, como um bom político, ele pode usar esse hábito para libertar o Senhor. O homem natural usa tais desculpas para não ter que decidir por si mesmo, mas para transferir a responsabilidade para os outros.

No exercício de sua soberania legal, Pilatos falha completamente. Mas Deus usa o costume de Pilatos, para tornar a vontade absoluta do povo, de rejeitar o Senhor Jesus, ainda mais clara. O injusto detentor do poder estatal é impotente contra o mal porque só pensa em si mesmo.

Ironicamente, Pilatos tinha Barrabás em mente como um candidato contra o Senhor. A ironia está no significado de seu nome, pois Barrabás significa “filho do pai”. Mas seu pai era o diabo (cf. Joã 8:44). Este “filho do pai” agora é contrastado com o verdadeiro Filho do Pai. Com esta apresentação de Barrabás, Pilatos pensa que fez uma jogada acertada, porque sabe que Barrabás é um terrível criminoso aos olhos dos judeus. Certamente eles prefeririam que ele libertasse Jesus! Ele acha essa conclusão correta porque sabe que o Senhor foi trazido por inveja. Ele não tem ideia do ódio profundo contra o Senhor, como também da corrupção de seu próprio coração.

A fim de dar autoridade à sua proposta, ele agora toma assento na cadeira de juiz. Que teatro! Este homem, fantoche do povo e servo de Roma, é o representante do poder oficial do Estado e deve agir de acordo com a lei! Ele está convencido que o Senhor Jesus é inocente, mas se recusa a expressar isso claramente. Ele até recebe um aviso de sua esposa. Isso permite que ela envie a mensagem que o Senhor lhe deu em um sonho. Ela o chama de “este justo”, por quem ela sofreu muito em sonho. Somente o Espírito de Deus pode ter feito isso. Ela obedece a esta mensagem e quer impedir o marido de cometer a maior injustiça da história. Com isso, ela foi uma ajudadora perfeita para o marido.

Pilatos, no entanto, não será mais convencido por esta advertência de sua esposa; nem mesmo seus esforços para libertar o Senhor mostram qualquer resultado. Assim, ele se curva diante da iniquidade ilimitada e do desejo de assassinar, dos sumos sacerdotes e anciãos. Estes manipulam as multidões para escolherem Barrabás e ao mesmo tempo os incitam a exigir a morte do Senhor.

Em sua fraqueza, Pilatos lhes oferece nova escolha, mas não há mais ponderação entre o povo. A escolha foi feita. Não importa quem é libertado – se apenas Jesus for morto.

Mat 27:22-26 | A sentença de morte

22 Disse-lhes Pilatos: Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Disseram-lhe todos: Seja crucificado! 23 O governador, porém, disse: Mas que mal fez ele? E eles mais clamavam, dizendo: Seja crucificado! 24 Então, Pilatos, vendo que nada aproveitava, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo; considerai isso. 25 E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos. 26 Então, soltou-lhes Barrabás e, tendo mandado açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado.

Depois que a escolha do povo se mostrou irreversível, Pilatos pergunta o que fazer com Jesus. Qual juiz alguma vez perguntou ao povo o que fazer com um preso? Mas isso aconteceu com o Senhor Jesus. Ele não foi poupado de injustiça, nem de humilhação. E Ele se cala diante de todo esse espetáculo, esse processo simulado. Mais uma vez, Pilatos tenta trazê-los

à razão, perguntando que tipo de mal Jesus havia feito. Mas as massas não estão mais acessíveis à razão. Eles querem ver sangue, o sangue Dele.

Pilatos agora percebe que deve parar todos os esforços para libertar o Senhor. Sua principal preocupação é manter o povo calmo. Se houvesse um levante, ele teria problemas com seu superior em Roma. E ele quer evitar isso a todo custo, mesmo que o direito deva ser sacrificado ou a verdade ou Aquele que é a própria verdade. Mas ele também busca a absolvição para si mesmo. Por isso ele toma água para lavar as mãos nela – como um sinal de que ele tem as mãos limpas e é inocente do sangue daquele a quem ele, como sua esposa antes, chamara de “este Justo”. Como se a água natural pudesse tirar o pecado incomensurável que ele cometeu por puro egoísmo! Que tolo! Ele acredita que pode transferir sua própria responsabilidade de si mesmo sobre o povo simplesmente dizendo: “Considerai isso!” Sua culpa é eterna.

Mas o povo também é cem por cento culpado. Ele expressa essas palavras, que se tornaram realidade cruelmente nos séculos seguintes, e que se tornarão realidade da maneira mais horrível na grande tribulação que virá sobre o povo.

Pilatos lavou as mãos, mas isso não muda o fato de que suas mãos estão atadas à vontade do povo. Suas mãos estão e continuarão sujas de sangue. Por um lado, ele liberta o assassino Barrabás. Por outro lado, ele açoita o Senhor. Mesmo que seus soldados realizem a ação, ele ainda é responsável por isso. Ele também é responsável por garantir que o Senhor seja crucificado.

Mat 27:27-31 | Escarnecendo

27 E logo os soldados do governador, conduzindo Jesus à audiência, reuniram junto dele toda a coorte. 28 E, despidendo-o, o cobriram com uma capa escarlate. 29 E, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, em sua mão direita, uma cana; e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos judeus! 30 E, cuspido nele, tiraram-lhe a cana e batiam-lhe com ela na cabeça. 31 E, depois de o haverem escarnecido, tiraram-lhe a capa, vestiram-lhe as suas vestes e o levaram para ser crucificado.

Os soldados do governador, sobre os quais Pilatos estava no comando, agora levam o Senhor com eles para o Pretório, a residência oficial de Pilatos. Lá eles agora chamam todos os seus camaradas “contra ele”. Antes que o Senhor seja crucificado, Ele deve se tornar o alvo do ridículo de toda uma coorte. Tudo o que constitui sua dignidade humana Lhe é tirado. Certamente, não o despiram com cuidado. Em seguida, eles o vestem como um rei, colocando um manto escarlate sobre ele.

Para escarnecer ainda mais de sua confissão de que Ele é um Rei, eles teceram uma coroa de espinhos e colocam em sua cabeça. Ele não é poupado de humilhação. Os espinhos são o resultado da entrada do pecado no mundo (Gên 3:18). Colocando uma coroa de espinhos, eles O declaram, por assim dizer, como a causa do pecado ter vindo ao mundo. Eles também Lhe dão uma cana como cetro, que Ele segura em sua mão direita.

Agora eles caem de joelhos em escárnio e o cumprimentam como Rei dos Judeus. E realmente é! Um dia eles se ajoelharão diante dEle, não para escarnecer dEle, mas para confessá-lo em verdade como Senhor (Flp 2:10).

Seu desprezo não conhece limites. Eles cuspiram nele e cobriram seu rosto com um cuspe vergonhoso. Ele não desviou o rosto deles (Isa 50:6). Existe algo que expressa maior desprezo do que cuspir no rosto? A cana, que Lhe deram como escárnio simbólico de seu governo, agora tiram dele para bater-Lhe na cabeça com uma coroa de espinhos. Essa cana não era um pedaço de pau que se quebrava facilmente, mas sim um pedaço de pau resistente. Uma esponja podia ser colocada nela e erguida, e dada ao Senhor para beber (verso 48). Agora que sua ânsia de ridicularizar foi satisfeita, eles tiram suas roupas de escárnio e colocam suas próprias roupas novamente. Então eles O levam para crucificá-lo.

É comovente que o Senhor permaneça completamente em silêncio durante todo esse abuso e zombaria. Também não se fala de um olhar ameaçador. Isso não significa que o Senhor deixará tudo passar com uma calma estóica, como se fosse um destino inevitável. Ele sentiu profundamente todos os maus-tratos e cada escárnio, tanto física quanto mentalmente. Em alguns Salmos, Ele expressa profeticamente seus sentimentos sobre o que foi feito a Ele (por exemplo, Salmos 69; 102; 109). Ele era realmente completamente humano – também no sentido de que se entregou totalmente a Deus e foi

fortalecido por Deus nos terríveis sofrimentos que os homens infligiram a Ele.

Mat 27:32-38 | A crucificação

32 E, quando saíam, encontraram um homem cireneu, chamado Simão, a quem constrangeram a levar a sua cruz. 33 E, chegando ao lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira, 34 deram-lhe a beber vinho misturado com fel; mas ele, provando-o, não quis beber. 35 E, havendo-o crucificado, repartiram as suas vestes, lançando sortes, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sortes. 36 E, assentados, o guardavam ali. 37 E, por cima da sua cabeça, puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS. 38 E foram crucificados com ele dois salteadores, um, à direita, e outro, à esquerda.

Que o Senhor era verdadeiramente humano também é evidente pelo fato de que quase sucumbiu sob o peso da cruz a caminho do Gólgota. Sua força secou como um caco de barro (Slm 22:15). Ele está tão enfraquecido que sua força é quase insuficiente. Os soldados querem evitar o colapso e forçam Simão de Cirene a carregar a cruz após o Senhor Jesus – uma honra que ele dificilmente sentia como tal naquela hora.

Depois de percorrerem as ruas de Jerusalém e deixarem a cidade, foram com seu prisioneiro ao lugar chamado Gólgota, o lugar da execução. Por causa de seu formato e também por causa das inúmeras execuções que já ocorreram por lá, este lugar recebeu o nome de lugar da caveira, um nome terrível dado pelo povo para permitir que os malfeitores ali morressem uma morte cruel. Mas que bênção indescritível saiu deste lugar abominável por meio da morte do Salvador!

A morte na cruz é uma forma de execução que causa uma dor indescritível. Para aliviar um pouco o sofrimento, os malfeitores receberam para beber uma mistura de vinagre e fel. O Senhor Jesus também recebeu isso, mas depois de experimentar, Ele se recusou a beber porque queria provar a morte completamente.

Mateus não escreve nada sobre a crucificação em si. Deve ter sido terrível para o Senhor ser colocado sobre as vigas de madeira, pregado nelas pelas mãos e pelos pés e pendurado de tal forma, erguido com a cruz! Os sol-

dados certamente não trabalharam com sentimento. Ver homens sofrerem (e especialmente essas pessoas em particular!) não os incomodava. Depois desse tratamento horrível, eles se sentam sob a cruz e jogam os “dados” pelas suas roupas! Qual deles terá vestido as roupas do Senhor Jesus depois? O que eles estão fazendo aqui para se divertir, entretanto, é um cumprimento das Escrituras. Mesmo na malícia do homem, Deus cumpre sua palavra até a última letra. Os soldados guardam o Senhor para evitar que seus discípulos o tirem da cruz, antes de morrer – novamente um ato tolo em face dos conselhos de Deus.

Uma placa pende sobre sua cabeça: “Este é Jesus, o Rei dos Judeus”. Este título pretende ser um escárnio e uma acusação, mas quão verdadeiro é! Ele está pendurado na cruz porque Ele é exatamente isso!

Além do Senhor, dois outros malfeitores são crucificados, Mateus mencionando especificamente que eles são crucificados à direita e à esquerda Dele e que o Senhor está pendurado no meio como se Ele fosse o mais criminoso de todos.

Mat 27:39-44 | Escarnecido na cruz

39 E os que passavam blasfemavam dele, meneando a cabeça 40 e dizendo: Tu, que destróis o templo e, em três dias, o reedificas, salva-te a ti mesmo; se és o Filho de Deus, desce da cruz. 41 E da mesma maneira também os príncipes dos sacerdotes, com os escribas, e anciãos, e fariseus, escarnecendo, diziam: 42 Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se. Se é o Rei de Israel, desça, agora, da cruz, e creremos nele; 43 confiou em Deus; livre-o agora, se o ama; porque disse: Sou Filho de Deus. 44 E o mesmo lhe lançaram também em rosto os salteadores que com ele estavam crucificados.

Mesmo agora que Ele está pendurado na cruz, as blasfêmias contra Ele continuam. O povo, membros de seu povo, o tratam com desprezo e balançam a cabeça e confirmam a sentença de morte que será executada contra ele. Então, eles escarnecem Daquele que trabalhou entre eles apenas para distribuir bênçãos.

O conteúdo de sua blasfêmia é uma distorção do que Ele disse sobre o templo de seu corpo (João 2:19). Como o Senhor também é desonrado de muitas maneiras hoje, mudando-se suas palavras ou interpretando-as de maneira

diferente do que ele queria dizer? Oro para que o Senhor me impeça de cometer o mesmo erro.

Os líderes do povo nem mesmo pensam em parar com a ridicularização. Em sua corrida pela vitória, eles fazem novos discursos caluniosos para Ele, enquanto Ele está pendurado na cruz na mais profunda humilhação e em grande dor. Em sua zombaria, eles falam uma grande verdade. No entanto, Ele salvou outros, mas não pôde salvar a si mesmo apenas porque seu amor pelos perdidos não permitiria que Ele o fizesse. Sua obediência ao Pai também exigia que ele permanecesse na cruz. Em sua grande hipocrisia, eles acrescentam que acreditariam Nele se Ele descesse da cruz. Como se eles não tivessem visto milagres suficientes para acreditar Nele.

Também era absolutamente certo que Ele ainda confiava em Deus e que Ele era o Filho de Deus. Eles até desafiavam Deus a provar que Ele está do lado de seu Cristo. Mas mesmo Deus silencia e não responde matando todos os assassinos e adversários de seu Filho com um raio do céu. Mesmo que as aparências sugiram exatamente o contrário, é precisamente nessas horas que Deus tem o maior prazer em seu Filho, que ali está fazendo perfeitamente sua vontade.

Os assassinos crucificados à direita e à esquerda do Senhor, que também estão em terrível perigo de morte, também se voltam contra o Senhor.

Mat 27:45-50 | Abandonado por Deus

45 E, desde a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até à hora nona. 46 E, perto da hora nona, exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lemá sabactâni, isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? 47 E alguns dos que ali estavam, ouvindo isso, diziam: Este chama por Elias. 48 E logo um deles, correndo, tomou uma esponja, e embebeu-a em vinagre, e, pondo-a numa cana, dava-lhe de beber. 49 Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem livrá-lo. 50 E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito.

Todos os homens se tinham voltado contra o Senhor. A criação segue agora: tudo fica escuro. Toda visão é tirada do Senhor. Na solidão sem limites, Ele paira entre o céu e a terra. A terra não o quis e o levantou, e agora os céus também estão fechados sobre ele. A escuridão não é apenas um fenômeno

completamente anormal, porque é no meio do dia! Esta escuridão também é um sinal particular do que aconteceu nestas horas. Nessas horas também há trevas na alma do Senhor Jesus. Ele será carregado com os pecados de todos os que creram Nele desde Adão e de todos os que crerão Nele até Ele estabelecer os novos céus e a nova terra. Ele também foi feito pecado, a fonte da qual todos os pecados vieram (2Cor 5:21). Desta forma, Deus julga em seu Filho amado, tudo o que entrou na criação de forma contrária à sua vontade. Ele não O poupou (Rom 8:32).

No final dessas horas, que são impenetráveis para nós, o clamor do Senhor Jesus ressoa: “Eli, Eli, lemá sabactâni?” Não podemos compreender a profundidade desse clamor. O Senhor Jesus estava sempre em perfeita comunhão com seu Deus. Nunca houve qualquer interferência entre Ele e Deus. Ele era o “companheiro” de Deus (Zac 13:7). O pai havia testemunhado várias vezes que estava satisfeito com seu Filho (Mat 3:17; 17:5). Durante toda a sua vida na terra, Ele foi totalmente a alegria de seu Deus. Ele foi a única pessoa que obedeceu completamente a todos os mandamentos de Deus. E, além disso, Ele fez muito mais, cumprindo também o que a lei não exigia. E em tudo o Filho realiza esta obediência a Deus por um amor perfeito por seu Pai. É seu alimento fazer a vontade do Pai (Joã 4:34).

E este Filho, que tanto O honrou em tudo, agora foi feito pecado por Deus. Como a coisa mais horrível da terra, Deus se afasta Dele. A espada de sua justiça desperta e O atinge (Zac 13:7). Podemos ler algo sobre o que o Senhor Jesus experimentou nessas três horas no Salmo 22:1-22a. Após as três horas de escuridão em que o Senhor Jesus foi feito pecado, e recebeu o juízo de Deus sobre o pecado, Ele expressa a magnitude e a profundidade de sua dor com as palavras: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Slm 22:1).

Essa é uma das poucas vezes em que o Espírito Santo reproduz uma frase do Senhor Jesus textualmente e depois adiciona a tradução para nós. O fato de a lamentação do Senhor ser reproduzida na mesma língua que Ele mesmo usou aumenta a empatia pelo seu sofrimento. Na linguagem de sua relação confidencial, Ele expressa seus sentimentos mais profundos sobre a rejeição que está experimentando agora. Tudo o que os homens fizeram com ele, ele suportou sem reclamar e em silêncio. Mas agora o seu

Deus, que sempre estava com ele, o abandonou – isso é insuportável! No fundo de sua alma, ele sente que Deus se voltou contra ele.

Ele se dirige a Deus como seu Deus. Deus sempre foi “meu Deus” para ele; aqui agora ele diz isso duas vezes, pelo que é intensificado para expressar o quanto este contato com seu Deus agora lhe falta. Então Ele pergunta a Deus por que Ele o abandonou. Sua perfeição também se expressa nisso. Porque também ao levar nossos pecados, Ele cumpriu a vontade de Deus. Ao mesmo tempo, por causa disso, Deus não poderia ter nenhum contato com Ele, pois o pecado sempre causa separação entre o homem e Deus. Nas horas de trevas, isso afetou o Senhor Jesus com todas as consequências. Nós sabemos porque Deus teve que deixá-lo: foi por causa dos nossos pecados que nos separaram de Deus. O Senhor Jesus aboliu essa separação suportando-a pessoalmente. Que misericórdia!

Os que estão por perto interpretam mal suas palavras deliberadamente. O que Ele clama a Deus em sua maior necessidade é zombeteiramente interpretado como um pedido de ajuda a Elias. E veja só! Alguém realmente sente pena dele. Impressionado com o que ouve e vê, este espectador quer dar de beber ao Senhor para aliviar seus sofrimentos. Ao mesmo tempo, ele cumpre a palavra do Salmo 69 (Slm 69:21). Deus garante que cada detalhe de sua palavra se torne verdade, e o próprio Senhor Jesus é o cumprimento.

Mas os homens maus não têm misericórdia. O homem que tentou dar algo para o Senhor beber é impedido por eles. Eles continuam sua zombaria. Eles agora querem ver se Elias vem para salvá-lo. Eles acabaram de experimentar a escuridão, mas suas impressões assustadoras desaparecem instantaneamente assim que a escuridão passa. É assim que muitos homens reagem em situações de medo. Isso não os aproxima de Deus, mas, ao contrário, eles vivem em sua impiedade assim que sua situação muda para melhor novamente.

Então o Senhor clama novamente, pela última vez, “em alta voz”. Essa voz alta mostra que sua força não foi reduzida. Depois, ele entrega seu espírito – em um ato consciente que ele mesmo quer. Para qualquer outra pessoa seria um pecado, mas para Ele é um ato perfeito. Até a morte, ele faz tudo o que está escrito sobre Ele nas escrituras. Sua morte também é um evento

sobrenatural e é acompanhado por sinais sobrenaturais, que são descritos nos versos a seguir.

Mat 27:51-56 | Consequências da morte do Senhor

51 E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras. 52 E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; 53 E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na Cidade Santa e apareceram a muitos. 54 E o centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e as coisas que haviam sucedido, tiveram grande temor e disseram: Verdadeiramente, este era o Filho de Deus. 55 E estavam ali, olhando de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galiléia, para o servir, 56 entre as quais estavam Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.

A primeira consequência da morte do Senhor é o rompimento do véu do templo. O caminho para o santuário agora está aberto (Heb 9:8)! Sua morte é a base para os homens virem a Deus. Deus, que sempre esteve atrás do véu, agora foi totalmente revelado por meio da morte do Senhor Jesus. Todo o sistema judaico, a união de Deus e do povo neste sistema, o sacerdócio – tudo desmoronou com o rompimento do véu. Todos estão agora na presença imediata de Deus, não há mais um véu separando-os. O Deus santo e os crentes, purificados de seus pecados, foram reunidos por meio da morte de Cristo. O que estava acontecendo lá no templo, como um símbolo do que estava acontecendo no céu, não foi percebido por ninguém. Somente a fé pode notar este resultado glorioso.

Mas a morte do Senhor Jesus também tem consequências para o mundo material. Toda a criação está em movimento e experimentará uma grande mudança por meio de sua morte (Heb 12:26-28). Os sinais descritos aqui são precursores disso.

E há um terceiro episódio, um terceiro sinal, que diz respeito aos santos que adormeceram. A obra da cruz é perfeitamente realizada e reconhecida por Deus. Sua própria ressurreição ainda ocorrerá, mas já podemos ver seus presságios na abertura dos túmulos e na ressurreição dos corpos de muitos santos. Esta é a primeira evidência de que a morte acabou. Até então, a

morte tinha a última palavra para o homem. Mas, por meio da morte do Senhor Jesus, o poder da morte foi quebrado e a vida e a incorruptibilidade foram trazidas à luz (2Tim 1:10).

Os santos, que reviveram com a morte do Senhor Jesus, só emergem dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, porque Ele é as primícias dos que dormem (1Cor 15:20). Eles são os primeiros frutos de sua vitória e O seguem. Porque a palavra “aparecer” é usada para eles, eles podem ter tido um corpo ressurreto como o próprio Senhor Jesus. Eles aparecem para muitos, assim como o Senhor apareceu para muitos (1Cor 15:5-8). Se essa suposição estiver correta, eles não teriam morrido novamente depois (como Lázaro e outros a quem o Senhor ressuscitou), mas foram direto para o céu depois de aparecer a muitos.

Um centurião pagão e seus guardas sabem, pelo que viram em Cristo, que Ele é o Filho de Deus e professam sua fé Nele (1Joã 4:15).

Quando homens carecem de coragem e devoção, muitas vezes vemos isso nas mulheres, como é o caso aqui. Os discípulos sumiram, mas as mulheres, embora distantes, ficam perto da cruz para ver o que acontece com seu Senhor. Três dessas mulheres são mencionadas pelo nome; duas delas são chamadas de Maria, duas são chamadas de mães e de uma também é citado o marido. Todas essas declarações dizem respeito à vida terrena dessas mulheres, que não mudou com a morte do Senhor Jesus. Maria Madalena é a mulher que o ama especialmente porque ele a libertou de sete demônios. Maria de Betânia está faltando nesta lista. Ela não precisa estar presente. Assim como ela ficou em casa para esperar pelo Senhor quando seu irmão Lázaro morreu (Joã 11:20). Por ela conhecer o Senhor, ela ficou em casa agora. Ela já se despediu dele e sabe que ele será ressuscitado (Mat 26:6-7,12). Ela conhece o Senhor por meio de seu trato com Ele, por se sentar aos pés dele, ouvindo suas palavras (Luc 10:39).

Mat 27:57-61 | O sepultamento do Senhor

57 E, vinda já a tarde, chegou um homem rico de Arimatéia, por nome José, que também era discípulo de Jesus. 58 Este foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Então, Pilatos mandou que o corpo lhe fosse dado. 59 E José, tomando o corpo, envolveu-o num fino e limpo lençol, 60 e o pôs no seu sepulcro novo, que

havia aberto em rocha, e, rolando uma grande pedra para a porta do sepulcro, foi-se. 61 E estavam ali Maria Madalena e a outra Maria, assentadas defronte do sepulcro.

Agora aparece um homem que estava oculto até então. Mas agora ele tem a coragem de se unir ao Cristo morto. Assim, ele age para que se cumpra que o Senhor Jesus estaria com um homem rico em sua morte (Isa 53:9). Isso é tudo o que sabemos sobre José de Arimatéia. Deus permite que ele nasça para que sua palavra seja cumprida. Sem dúvida, este homem fez mais pelo Senhor, o que Deus não relata em sua Palavra, mas o que Ele escreveu em seu livro memorial.

Ele não se envergonha de expressar seu desejo em relação ao corpo do Senhor Jesus perante Pilatos. Este último aceita sua proposta, e então José toma o corpo de Jesus em seus braços, como Simeão fez quando o Senhor acabou de nascer (Luc 2:28). Lá o Senhor estava envolto em fraldas, agora José o envolve em um lençol limpo de linho. Em seguida, ele o coloca em sua nova sepultura. Em vez dele, José, ser colocado neste túmulo, ele coloca o Senhor nele – um lindo símbolo do lugar que o Senhor tomou por José para livrá-lo das consequências do pecado. É uma nova sepultura que nunca entrou em contato com a morte. Isso indica o novo estado de todas as coisas, que começou com a morte e sepultamento do Senhor.

Neste túmulo também estão presentes duas Marias que não o deixam só, mas querem estar onde ele está. Seu amor e devoção são comoventes. Certamente, Maria de Betânia também não está lá, mas não porque seu amor e devoção seriam menores; antes, eles são maiores porque ela tem o Senhor em seu coração e está sempre com ele. Mais ainda: ela sabe que Ele está sempre com ela, embora já tenha morrido, porque vive para ela – mesmo depois de sua morte, ela crê.

Mat 27:62-66 | O guarda no túmulo

62 E, no dia seguinte, que é o dia depois da Preparação, reuniram-se os príncipes dos sacerdotes e os fariseus em casa de Pilatos, 63 dizendo: Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias, ressuscitarei. 64 Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia; não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite, e o furetem,

e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e assim o último erro será pior do que o primeiro. 65 E disse-lhes Pilatos: Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes. 66 E, indo eles, seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra.

Os líderes religiosos continuam a odiar o Senhor após sua morte. Em sua loucura, eles querem impedir que seu nome continue vivo. Eles querem erradicar todo pensamento sobre ele. Então eles vão a Pilatos e pedem um guarda para o túmulo do Senhor. Eles até definiram a duração dessa vigília: três dias, porque o Senhor havia falado de tal período em conexão com sua ressurreição. Embora nunca tenham acreditado em suas palavras e nunca reconhecido suas obras, eles agora temem que seu anúncio sobre sua ressurreição possa de alguma forma se tornar realidade. Nesse sentido, sua memória funciona ainda melhor do que a das mulheres e dos discípulos. A incredulidade não confia em nada, nem mesmo em si mesma, mas antes desconfia de tudo porque teme que o que nega com tanta veemência poderia ser verdade de alguma forma. Sua profunda descrença e seu ódio ainda são evidentes no fato de que eles persistente e resolutamente continuam a blasfemar do Senhor e a falar dele como “aquele enganador”.

A idéia que eles apresentaram na loucura de sua incredulidade se revelará numa evidência adicional da ressurreição do Senhor. Pois, se não houvesse guarda, eles poderiam ter espalhado o boato após a ressurreição do Senhor de que seus discípulos o haviam roubado. Mas agora que eles estão protegendo e guardando a sepultura, haverá testemunhas de que, em qualquer caso, não foram os discípulos que vieram, mas que um efeito sobrenatural, ou seja, a ação poderosa de Deus, tirou o Senhor de sua sepultura. Assim, seus planos perecerão e Deus os usará para cumprir Seus planos.

Pilatos também concorda com esta proposta. Ele é um personagem fraco que irá satisfazer a todos se puder evitar que os outros se tornem um fardo para ele. Portanto, como com José, ele também concorda com esta proposta.

A tolice de suas medidas de precaução logo se tornam aparente, pois seus efeitos se tornam uma evidência clara da ressurreição do Senhor Jesus. Qualquer coisa que façam só os torna testemunhas involuntárias e nos dá a garantia do fato histórico que tanto temiam. Eles estão basicamente

testificando contra si mesmos e inadvertidamente confirmando o fato da ressurreição. As medidas de precaução, que Pilatos provavelmente não teria tomado, são realizadas de forma tão consistente que qualquer engano quanto ao fato da ressurreição do Senhor Jesus é excluído.

Mateus 28

Mat 28:1-8 | O Senhor ressuscitou!

1 E, no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. 2 E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela. 3 E o seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste branca como a neve. 4 E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos. 5 Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: Não tendes medo; pois eu sei que buscai a Jesus, que foi crucificado. 6 Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como tinha dito. Vinde e vede o lugar onde o Senhor jazia. 7 Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. Eis que eu vo-lo tenho dito. 8 E, saindo elas pressurosamente do sepulcro, com temor e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos.

As duas Marias querem ficar perto do Senhor. É por isso que vêm ver seu túmulo. Elas fazem isso no final do sábado, que, de acordo com o calendário judaico, terminava às seis horas da tarde. Quando as mulheres vão para o túmulo, tudo parece estar acabado para elas.

Mas na madrugada deste domingo, o grande milagre da ressurreição do Senhor Jesus aconteceu. Este tremendo evento acontece ao mesmo tempo que uma resposta da criação, na forma de um grande terremoto. Um anjo vem do céu à terra, rola a pedra que fechava a abertura do túmulo e senta-se sobre ela como se quisesse impedir que alguém role a pedra de volta.

Foram os poderes terrenos que selaram a tumba, mas um poder celestial incomparavelmente mais alto vence esse selo falso. O próprio anjo se torna, por assim dizer, o novo selo na pedra para confirmar a nova situação ao sentar-se na pedra. Ninguém poderá rolar a pedra de volta até que a ressurreição do Senhor Jesus seja claramente provada. Essa evidência será dada por aqueles que viram o túmulo vazio. O Senhor havia deixado a tumba antes que a pedra rolasse. O rolar da pedra não era para deixar o

Senhor sair, mas para deixar outras pessoas entrarem para que pudessem ver que Ele não estava mais na sepultura.

A aparência exterior do anjo reflete a majestade e pureza do céu. Esse fenômeno faz com que os guardas transformem seu heroísmo em medo da morte. Eles gelam em choque porque o que estão experimentando agora não existe em seu mundo. E ainda assim acontece diante de seus olhos, porque é a realidade! Quem só acredita no que vê, um dia será dominado por esse medo, ao precisar encarar o juiz dos vivos e dos mortos.

As mulheres também estavam com medo, mas o anjo disse-lhes palavras consoladoras: “Não tenhais medo”. Ele sabe muito bem que elas não estão entre os inimigos do Senhor Jesus, mas só vieram procurá-Lo. Ele lhes fala isso e fala de “Jesus, que foi crucificado”, apresentando o Senhor, como O viram pela última vez, e como Ele vive em seus corações. Mas o anjo tem mais uma boa notícia para elas: Ele diz que o Senhor ressuscitou como Ele havia dito a elas. Elas deveriam saber. Então ele pede que olhem dentro do túmulo e vejam o lugar onde o Senhor jazia. Elas estavam lá quando Ele foi colocado ali (Mat 27:59-61).

Então o anjo as instrui a transmitir essas boas novas aos discípulos e também a dizer-lhes que eles se encontrariam com o Senhor na Galiléia porque Ele iria adiante deles para lá. Espera-se que os discípulos O sigam agora, como faziam antes de Sua morte. Seguir é uma condição para vê-lo. O anjo confirma suas palavras com a declaração clara de que Ele, o mensageiro do céu, disse isso para elas; não foi um sonho.

As mulheres reagem imediatamente. Por um lado, ainda temerosas da aparência impressionante do anjo, mas, por outro lado, cheias de alegria, elas saem da sepultura e correm rapidamente para os discípulos do Senhor para transmitir esta mensagem maravilhosa para eles.

Mat 28:9-10 | O Senhor aparece para as mulheres

9 E, indo elas, eis que Jesus lhes sai ao encontro, dizendo: Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram os seus pés e o adoraram. 10 Então, Jesus disse-lhes: Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão a Galiléia e lá me verão.

Enquanto se dirigem para dizer aos discípulos que o Senhor ressuscitou e onde o podem encontrar, o próprio Senhor lhes aparece: é “Jesus”, por-

que ainda é o mesmo de antes da sua morte. Elas também o reconhecem imediatamente, prostram-se diante dele e abraçam seus pés, tão amáveis porque ele é o mensageiro da alegria que proclama a salvação (Isa 52:7). Elas prestam homenagem Àquele que venceu a morte e envergonhou toda a expectativa dos homens que queriam matá-lo.

O Senhor também diz às mulheres: “Não temais”. Então ele repete as palavras do anjo. No entanto, este último havia falado de “seus discípulos”, enquanto o Senhor os chama de “meus irmãos”. Este nome maravilhoso expressa o novo relacionamento que surgiu por meio de sua obra na cruz e por meio de sua ressurreição na graça.

Mat 28:11-15 | O engano dos sumos sacerdotes

11 E, quando iam, eis que alguns da guarda, chegando à cidade, anunciaram aos príncipes dos sacerdotes todas as coisas que haviam acontecido. 12 E, congregados eles com os anciãos e tomando conselho entre si, deram muito dinheiro aos soldados, ordenando: 13 Dizei: Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram. 14 E, se isso chegar a ser ouvido pelo governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança. 15 E eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. E foi divulgado esse dito entre os judeus, até ao dia de hoje.

Não são apenas as mulheres que deixam o túmulo com uma mensagem para os outros sobre o que viram e ouviram. Alguns dos guardas também deixam o túmulo com um relato do que aconteceu ali. No entanto, eles não vão aos discípulos, mas aos sumos sacerdotes em Jerusalém para lhes relatar suas experiências.

Para os sumos sacerdotes e anciãos, no entanto, esse relatório frustrou seus cálculos. Imediatamente discutem como resolver este novo problema. Como tantos negócios obscuros são acobertados com dinheiro, esses senhores se refugiam em subornar as testemunhas também desta vez. Eles deram a Judas apenas 30 moedas de prata por trair o Senhor, mas oferecem a esses guardas “muito dinheiro” para espalhar a mentira sobre sua ressurreição.

Eles até dizem aos soldados exatamente o que dizer quando surgem perguntas. A verdade não deve ser revelada de forma alguma, a mentira

deve prevalecer. É assim que esses senhores depravados agem, eles que deveriam realmente levar a verdade de Deus ao povo de Deus. Eles até garantem aos soldados que vão convencer o governador de que os soldados não falam nada além da verdade. Tal mentira é apresentada aos gentios aqui pelos líderes do povo de Deus! Quão grande é sua responsabilidade por esse testemunho sinistro!

Os guias e os soldados sabem muito bem que tipo de homem Pilatos é – tão à venda quanto eles próprios. Quando os soldados ouvem que não precisam se preocupar com Pilatos, ficam satisfeitos. Eles também são homens sem consciência que fazem qualquer coisa por dinheiro. Eles fazem o que lhes é ordenado e espalham a mentira à qual os homens também estão receptivos. Os judeus também não querem ser confrontados com a verdade, mas preferem persistir acreditando na mentira. Quão grande será sua desilusão ao perceberem que acreditaram nessa mentira, ao enfrentarem Aquele a quem traspassaram e negaram!

Mat 28:16-20 | A ordem missionária

16 E os onze discípulos partiram para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes tinha designado. 17 E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. 18 E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. 19 Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; 20 ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!

As mulheres entregaram sua mensagem. Então os onze (Judas não está mais lá) vão para o monte da Galiléia, do qual o Senhor havia dito que iria diante deles. Com os onze discípulos há uma diferença neste momento: alguns ficam imediatamente convencidos de que têm o Senhor diante de si, mas outros duvidam. A Escritura não dá os nomes daqueles que duvidam, para que possamos examinar a nós mesmos se podemos estar juntos também. Sempre temos o Senhor em mente e sempre O adoramos em nossas vidas?

O Senhor agora não se afasta deles como alguém sublime e inacessível, mas antes os atende em suas necessidades como servo. Então, Ele se descreve

como o governante de todo o universo. No céu e na terra, em ambas as esferas, Ele exerce todo o poder e não há nada que não esteja sujeito a Ele. Desta posição de poder sobre todas as coisas, Ele dá a seus discípulos a ordem de fazer discípulos de todos os povos. Esta ordem não se limita mais às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mat 10:5-6), mas se estende a todas as nações. O “fazer discípulos” acontece por meio do batismo cristão em nome do Deus Triúno. Mas o ensino também é necessário para se tornar um verdadeiro discípulo; eles também devem dá-lo aos batizados.

O Senhor termina a sua comissão (e todo o Evangelho) com a promessa muito encorajadora: “Eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!”. Esta palavra tem sido de tremendo apoio para incontáveis crentes ao longo dos séculos. A confiança nesta promessa fortaleceu incontáveis crentes nos momentos mais difíceis e nas fases mais sombrias da vida. Esta palavra é a conclusão deste Evangelho e acompanha todos os que cumprem fielmente a missão do Senhor, apresentando este Homem que está em jogo neste Evangelho: Jesus Cristo, o Senhor que morreu e ressuscitou dos mortos.

Outras publicações

Em meu site <https://www.kingcomments.com/pt>, todas as publicações traduzidas podem ser lidas digitalmente. Consulte “Informações” no site.

Um aplicativo para Android e Apple pode ser baixado clicando nos emblemas que estão na parte inferior de cada página do site.

No site <https://www.oudesporen.nl/artikelen.php?lang=PT>, todos os comentários disponíveis podem ser baixados gratuitamente.

